

Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira
Doutorado em Educação

A Voz do Ceará

comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube de 1934 a 1948

Edgard Patrício

Fortaleza
Março/2006

Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira
Doutorado em Educação

A Voz do Ceará

comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube de 1934 a 1948

Edgard Patrício

Trabalho apresentado para a
obtenção do grau de doutor em
Educação pela Universidade Federal
do Ceará.

Banca examinadora

Profa. Dra. Juraci Cavalcante (presidente – Universidade Federal do Ceará)

Profa. Dra. Aparecida de Sousa (Universidade Federal do Ceará)

Prof. Dr. Rui Martinho (Universidade Federal do Ceará)

Profa. Dra. Catarina Farias (Universidade Estadual do Ceará)

Profa. Dra. Geisa Mattos (Universidade de Fortaleza)

Resumo

A historiografia mais difundida sobre o início das atividades do rádio no Brasil dissemina sua orientação educativa, compreensível pela atuação de Edgard Roquette-Pinto, um educador da Academia de Ciências da Escola Politécnica, à frente da primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, já em 1923. A partir desse reconhecimento, depreende-se que a relação entre comunicação e educação não é algo novo no cenário brasileiro. Mas essa historiografia mais difundida sobre o rádio nacional foi influenciada pelo centralismo econômico e político dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo –aos ricos, quase sempre cabe contar a história. A atuação dos precursores do rádio em outras regiões e estados é uma história ainda por contar. Aqui e ali se levanta alguma iniciativa que tenta preencher essa lacuna. Esse trabalho é uma tentativa de começar a preencher a lacuna, ainda existente, sobre a história do rádio no Ceará. E tenta compreender como se deu a introdução desse veículo de comunicação no estado a partir exatamente da relação entre comunicação e educação. Para isso, analisa o período que vai de 1934, quando começa a funcionar sua primeira emissora oficial, a Ceará Rádio Club, até 1948, ano de instalação da segunda emissora oficial, a Rádio Iracema de Fortaleza. O elemento básico de análise sobre a relação comunicação e educação no limiar do rádio no Ceará é as grades de programação da Ceará Rádio Clube, acompanhadas através de sua divulgação pelo jornal Correio do Ceará. Ao mesmo tempo, esses registros históricos são complementados pelos depoimentos de um pesquisador do jornalismo cearense e de cinco radialistas que vivenciaram os anos iniciais do funcionamento da primeira emissora radiofônica no estado. A relação com as políticas centrais do governo Vargas (1930-1945), principalmente as relacionadas às áreas de comunicação e educação, é fundamental para se compreender esse processo. É essa história que se quer contar aqui.

Abstract

The most spread historiography about the beginning of the radio activities in Brazil disseminates their educative orientation, standing for Edgard Roquette-Pinto's actuation. He was an educator from Academia de Ciências da Escola Politécnica - Rio de Janeiro - , who managed the first Brazilian radio station, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, in 1923. By knowing that, it sounds that the relation between communication and education is not new on Brazilian scenario. This widely spread historiography about national radio, however, was influenced by the states of Rio de Janeiro and São Paulo's economic and political centralism - the history has nearly always been told by the rich. Former radio's actuation in other regions and states is a said-to-be story. Once in a while, there is a little initiative that tries to fill this empty. This work is a try to fill it, still on, about the radio's history in Ceará state. And it tries to understand how this communication vehicle was introduced in the state exactly from the relation between communication and education. In order to do that, it analyzes the year of 1934, when the very first official radio station began to work, Ceará Rádio Clube, to the year of 1948, when the second official radio station was installed, Rádio Iracema de Fortaleza. The main point that analyzes the relation between communication and education in Ceará radio are the Ceará Rádio Clube programs, which kept pace with their divulgation through the newspaper Correio do Ceará. At the same time, these historic registers are complemented by depoiments of one researcher in journalism history and five broadcasters who lived during the beginning of the first radio station in the state. The relation with Vargas government (1930-1945) central politics, mainly the ones related to communicational and educational basis, is essential to understand this process. This is the history that wants to be told here.

À Lac, por sua intelectualidade serena.

Agradecimentos

A Olívia, Álvaro e Caio, pela incompreensão sobre o uso ininterrupto do computador.

A Juraci, minha orientadora, por acreditar na autonomia criadora.

A Valdemar Caracas, José Júlio Cavalcante, Santiago Freitas, Geraldo Nobre, Narcélio Limaverde e Eduardo Campos, por terem feito parte da história do rádio no Ceará.

A Alê, Carol, Cris, Lívia, Lívio, Lyana, Marcela, Mayra, Tarci, pelo compromisso com o nosso rádio.

A todas e todos que fazem o Catavento Comunicação e Educação, pela possibilidade de desenvolvimento humano.

A Nirez, pelo compromisso com a nossa história.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, pela convivência.

À banca examinadora, pela solicitude.

A todas e todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desse trabalho.

Sumário	
Dedicatória	
Agradecimentos	
Introdução	08
Quem são nossos entrevistados	19
1 As primeiras experiências do rádio no Ceará – o ambiente político do estado	24
2 Outras sociabilidades – a sociedade educadora	46
3 A orientação dos primeiros programas – os princípios da política de comunicação do governo Vargas	58
4 A natureza ‘instrutiva’ da programação – os princípios da política de educação do governo Vargas	84
5 A presença da censura – o controle da informação no governo Vargas	101
6 O alcance do rádio – a interação com os ouvintes	121
7 A aproximação com o cotidiano – a guerra, as radionovelas	140
8 A transferência para os Associados – a profissionalização? E a educação?	159
9 Percepções derradeiras	191
10 Causos que o tempo não levou	220
Referências bibliográficas	225

Introdução

Como cheguei ao tema

O meu interesse pela relação comunicação e educação vem de algum tempo. Entrei na graduação do Curso de Comunicação Social, da Universidade Federal do Ceará, em 1989, depois de ter passado por uma outra graduação, essa em Computação, na mesma Universidade. Uma das preocupações sempre presentes nos estudos comunicacionais, envolvendo especificamente os meios de comunicação, é quanto à efetividade da comunicação, ou seja, o grau de resultados que se consegue alcançar a partir das intenções iniciais declaradas da produção da comunicação.

A minha percepção, na graduação em Comunicação Social, era que a busca dessa efetividade poderia ser válida, desde que significasse ganhos tanto para o produtor como para o receptor da mensagem. Ou seja, que houvesse um processo de mediação que viesse a estabelecer pontes entre os dois pólos. E, pensava à época, uma dessas pontes poderia ser através de uma dimensão educativa da comunicação, de uma comunicação educativa. Tanto que no terceiro semestre do Curso lá estava eu estabelecendo algumas possíveis relações pragmáticas entre as técnicas que Abraham Moles utilizava na construção dos cartazes e as possibilidades dessas mesmas técnicas virem a ser utilizadas em processos de alfabetização de adultos, partindo-se do método desenvolvido a partir da teoria de Paulo Freire e sua educação problematizadora.

Outros aportes vieram a se juntar a essa perspectiva a partir da realização da disciplina, no mesmo Curso, Programa Integrado em Radiojornalismo, com a professora Márcia Vidal. A imaginação criadora, presente no processo de recepção do rádio pelos ouvintes, se afigurava uma oportunidade e tanto para se trabalhar a aproximação entre produtor e receptor da comunicação. A entrada no projeto de extensão do Centro de Produção em Comunicação Alternativa (Cepoca), que prestava assessoria às rádios comunitárias de Fortaleza, à época, abria outras possibilidades. As percepções anteriores mantinham sua validade, mas agora ambientadas na atmosfera comunitária.

Quando me propus, com mais três colegas de Curso, a iniciar uma experiência de radiojornalismo na Rádio Universitária FM, da Universidade Federal do Ceará, o ciclo inicial dessa caminhada em torno da relação comunicação e educação parece ter se completado. Como não havia estrutura de equipamentos para desenvolver nosso projeto inicial, de um radiojornal ágil e dinâmico, aceitamos a indicação do diretor artístico da Rádio, Nonato Lima, de produzirmos um programa sobre meio-ambiente, visto que as discussões sobre a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que iria acontecer no ano seguinte, aqui no Brasil, aglutinava as atenções. Isso foi em 1991, e aceitamos a proposta.

Produzimos o programa Catavento, que permaneceu no ar durante sete anos (1991-1998) e que tomou contornos claros de um projeto de educação ambiental através do rádio. Resultado desse trabalho, ou reflexo dele, em 1995 fundamos a organização não-governamental Catavento Comunicação e Educação Ambiental. E, no mesmo ano, sou aprovado para cursar o mestrado em Educação Brasileira, através da proposta de um projeto que tencionava discutir os elementos que permitiam a construção da credibilidade dos ouvintes no programa Catavento, demonstrada a partir da interação que mantinham com a produção do programa. Oportunidade para novos estudos sobre outras aproximações entre comunicação e educação.

Do resultado desse trabalho é que cheguei a uma definição parcial sobre o princípio educativo do rádio. A partir da compreensão da imaginação criadora, facilitada pela oralidade de que se utiliza o meio, compreendi que o princípio educativo do rádio estava relacionado ao processo de deslocamento de sentidos que a mensagem poderia produzir durante seu processo de recepção pelo ouvinte. Ou seja, quanto mais problematizador o formato e o conteúdo da mensagem, e quanto menos bancária fosse sua intenção, mais possibilidades de deslocamento de sentidos por parte do receptor, a partir da percepção da mensagem, mais a comunicação tomaria contornos de comunicação educativa. Para isso seriam fundamentais os processos interativos que se estabeleceriam na realização da comunicação, potencializados pela credibilidade que o ouvinte emprestava à mensagem.

No ano de 2000, ingresso como professor do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (Unifor). No ano seguinte, já como coordenador do Curso,

elaboro o projeto da disciplina de Comunicação e Educação, que é implantado como uma proposta de disciplina optativa do Curso. É nesse momento que surge a oportunidade de novamente voltarmos à pesquisa sobre comunicação e educação, mais especificamente sobre rádio e educação. Através de uma chamada específica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para a temática produção de conteúdos digitais, elaboramos uma proposta de pesquisa em que um dos produtos seria a recuperação e digitalização de acervos, públicos e particulares, sobre a história do rádio no Ceará. Ao mesmo tempo, nos propúnhamos a realizar uma discussão sobre a interação rádio e sociedade nas primeiras décadas da radiofonia cearense, 1930 e 1940. Essa discussão seria realizada através de algumas temáticas. Entre elas, rádio e educação.

Partíamos da compreensão de que o referencial de documentação sobre o processo de implantação do Rádio no Brasil sofre algumas lacunas. Embora esse referencial seja parcialmente atendido quanto às emissoras localizadas nos centros mais desenvolvidos à época, nos centros menos desenvolvidos essa historiografia é quase que inexistente. A primeira emissora de rádio oficial a ser implantada no Ceará foi a Ceará Rádio Clube, em 1934. Somente 14 anos depois, em 1948, implantou-se uma segunda emissora, a Rádio Iracema de Fortaleza. As referências sobre esse processo de implantação do Rádio no Ceará são escassas. Uma característica une as tentativas que até agora foram feitas na perspectiva dessa documentação, sejam os relatos de época, sejam os estudos mais recentes: a análise quase sempre sentimentalista, orientada por um saudosismo dos tempos iniciais do rádio.

Embora sejam importantes do ponto de vista do subsídio à pesquisa, conquanto apontem para linhas referenciais a serem aprofundadas, distanciam-se de um posicionamento crítico em relação ao momento histórico. Isso acaba por comprometer esses estudos. O distanciamento desses relatos de etapas mais rigorosas da pesquisa científica também causou prejuízos quanto à sistematização das fontes de pesquisa, quer sejam bibliográficas, iconográficas ou sonoras. O que se observa são materiais dispersos, recolhidos acidentalmente, que não constituem referenciais básicos para o desenvolvimento de novas pesquisas.

O projeto de pesquisa, aprovado durante minha atuação na Unifor, foi selecionado para financiamento pelo CNPq. E foi definido com os seguintes objetivos: geral, traçar um panorama da história do rádio cearense nas décadas de 1920 a 1940. E, específicos, perceber o processo de formação da sociedade cearense da época através de seus aspectos políticos, socioeconômicos e culturais; conhecer o processo de implantação do Rádio no Ceará; e identificar o processo de formação dos profissionais que atuavam no Rádio. Com a minha saída da Unifor, e enquanto coordenador do projeto, solicitei, ao CNPq, sua transferência, de entidade executora, para o Catavento Comunicação e Educação Ambiental. Então, o projeto foi integralmente desenvolvido na ONG, através do trabalho de seis bolsistas de iniciação científica, um bolsista de iniciação tecnológica e dois profissionais.

O levantamento dos dados deu-se, entre os anos de 2003 e 2004, nos arquivos do Instituto Histórico, Artístico e Geográfico do Ceará e Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Foram selecionadas do jornal Correio do Ceará, no período de 1928 e 1948, todas as matérias que tivessem alguma relação com a implantação do rádio no estado. Como nossa intenção era fazer uma relação entre rádio e sociedade, também foram selecionadas matérias que poderiam servir de subsídio para se estabelecer essa relação. Assim, matérias que constituíam referenciais sobre a crônica histórica de Fortaleza também foram catalogadas. Chegamos a um total de 946 matérias selecionadas. E fotos digitais foram feitas das matérias que considerávamos mais significativas, incluindo os anúncios de época.

Ao mesmo tempo, foram realizadas entrevistas com seis personagens que vivenciaram a época de implantação do rádio. Cinco desses entrevistados na condição de radialistas (Valdemar Caracas, Eduardo Campos, Narcélio Limaverde, José Júlio Cavalcante, Santiago Freitas) e um entrevistado na condição de pesquisador sobre a história do jornalismo cearense (Geraldo Nobre). As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo. Os roteiros das entrevistas obedeciam duas orientações. A primeira, eram realizadas entrevistas para reconstituição de histórias de vida, em que o rádio entrava como um dos elementos. A segunda orientação do roteiro de entrevista se fixava estritamente no rádio como elemento orientador da conversa. Foram gravadas cerca de 25 horas de entrevistas.

Devido o CNPq ter encurtado o tempo de realização do projeto, de dois para apenas um ano, por conta do atraso no repasse de recursos, as atividades se restringiram ao levantamento do material. As análises que seriam feitas, a partir da produção de artigos científicos e produção de programas de rádio sobre o acervo, não chegaram a ser realizadas.

Minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, âmbito do doutorado, se deu no ano de 2001. Naquele momento, ainda eram relativamente incipientes as discussões sobre a reforma pela qual tinha passado o ensino médio, implementada pelo governo federal em 1996. Fui consultor da Unesco no processo de elaboração do plano de reformulação do ensino médio para o estado do Ceará, Maranhão e Roraima, em 1999. Minha colaboração se deu em torno dos estudos e definição de diretrizes para as ações dos planos que envolvem a participação dos estudantes, como protagonistas, em projetos juvenis. E pude constatar que o conceito de competências, uma das categorias principais da reforma, também resvalava para as competências comunicativas, transversais em relação a todas as áreas curriculares. Daí meu projeto de entrada no doutorado ter sido uma proposta de análise da relação comunicação e educação a partir das competências comunicativas incorporadas pela reforma do ensino médio. Portanto, inclui-me no Núcleo de Currículo do Programa de Pós-Graduação.

No entanto, o término dos créditos teóricos se deu concomitante ao início da pesquisa sobre rádio e sociedade, do Catavento Comunicação e Educação Ambiental. Então, não havia porque trabalhar simultaneamente em duas pesquisas, correndo-se o risco de chegar a resultados insatisfatórios em ambas. Reorientei minha proposta inicial. Continuará a pesquisar sobre as relações comunicação e educação, mas dessa feita sobre as relações entre comunicação e educação que se estabeleceram na trajetória da implantação do rádio no Ceará, através da instalação da Ceará Rádio Clube, em 1934, até o surgimento da segunda emissora, a Rádio Iracema de Fortaleza, em 1948. Ao mesmo tempo, daria minha contribuição à historiografia do rádio cearense. O fato da pesquisa do CNPq não ter chegado a seu final foi um novo fator motivador para que todo o material coletado pudesse ser analisado, pelo menos a partir de um aspecto específico.

Tese que defendo nesse trabalho

Os pressupostos que orientaram à proposta inicial do projeto de pesquisa ao CNPq permaneceram em meu novo projeto ao Doutorado. O principal deles é que não houve avanços em torno de uma produção científica crítica sobre a implantação do rádio no Ceará. A última obra publicada sobre o tema foi de João Dummar Filho, filho de João Dummar, considerado o pioneiro da radiodifusão cearense por ter sido o proprietário da Ceará Rádio Clube quando da sua instalação, em 1934. Na obra, Dummar Filho faz um passeio sentimental pela trajetória de seu pai, enquanto idealizador da Ceará Rádio Clube, e nas relações de família. A publicação saiu em 2004, quando se completavam 70 anos da instalação da emissora.

A historiografia brasileira mais difundida sobre o surgimento do rádio em nosso país faz crer que o meio é implantado dentro de uma atmosfera educativa. Viviam-se os grandes debates em torno da Escola Nova, e as tecnologias eram encaradas com bons olhos pelos pioneiros da nova corrente. Assim, o rádio despontava como uma nova tecnologia que poderia servir à educação. Isso pelo menos estava nos planos de Edgard Roquette-Pinto, quando instalou a primeira emissora de rádio no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com sede justamente na Academia de Ciências da Escola Politécnica, em 1923.

Uma de minhas primeiras interrogações nasce exatamente dessa pretensa orientação educativa do rádio. Partindo-se da compreensão de que realmente essa orientação era verdadeira, no âmbito do Brasil, e aí mais especificamente do Rio de Janeiro, distrito federal à época, essa mesma orientação teria influenciado o aparecimento do rádio no Ceará, onze anos depois? A hipótese é defensável, na medida em que o Ceará também experimentou os debates sobre a Escola Nova, com a reforma educacional de 1922, sendo um de seus protagonistas Lourenço Filho, adepto das novas idéias educacionais; o momento também era propício, pois em 1934 ocorre em Fortaleza a 6ª Conferência Nacional de Educação, evento que mobilizava as atenções dos educadores em torno de suas teses para a educação nacional; e no mesmo ano assume a pasta do Ministério da Educação e Saúde, do governo Vargas, o ministro Gustavo Capanema, com uma forte política de centralização e uma proposta de utilização dos meios de comunicação com o sentido educativo.

Procedimentos metodológicos de pesquisa

Muitos dos procedimentos metodológicos da pesquisa foram explicitados quando da apresentação do projeto de pesquisa Rádio e Sociedade submetido ao CNPq, e de onde derivou a pesquisa atual. A delimitação estava definida, analisaria o período que vai de 1928 a 1948, entendendo que o recuo de seis anos da instalação da Ceará Rádio Clube poderia facilitar a construção dos processos que constituíram as bases de seu surgimento. Além disso, defini como objeto principal de análise as grades de programação da emissora ao longo desse período. A grade de programação de uma emissora de rádio pode ser entendida como o resultado final da orientação que a linha editorial de um meio de comunicação assume. Assim, a grade de programação poderia identificar, ou não, a orientação educativa que teria tomado a Ceará Rádio Clube.

Um outro aspecto fortalece a escolha pela grade de programação como subsídio à primeira análise. Embora tenha tido acesso a matérias do Correio do Ceará, no mesmo período, que descortinavam a trajetória do rádio em nosso estado, as grades de programação estariam imunes à orientação ideológica que as matérias do jornal poderiam trazer, e que faz parte também de sua linha editorial. No caso, as matérias de jornal e os depoimentos de nossos entrevistados entram como um suporte ao que vinha delimitado e ao que permite ser interpretado orientando-se pela grade de programação.

Outro procedimento a ser explicitado é o que se relaciona com a própria construção do formato dos resultados da pesquisa. Resolvi, por conta da identificação da grade de programação como elemento principal de análise, seguir um movimento progressivo no tempo, no intervalo cronológico que vai de 1934 a 1948. Assim, as grades de programação se sucedem no trabalho. As análises, em alguns momentos, oram avançam, ora recuam, tentando estabelecer relações mais significativas dos fatos. O contexto da época vai sendo dado à medida que é requerido para uma melhor compreensão do material empírico. Além disso, e ao mesmo tempo, os momentos históricos de análise são complementados com anúncios de época e passagens significantes da crônica histórica de Fortaleza, retirados das páginas do Correio do Ceará. Os anúncios e as passagens da crônica histórica de Fortaleza constituem-se material valioso de pesquisa. Mas não dessa pesquisa, por conta da dimensão do

trabalho que requerem sua análise. Mas são introduzidos como elementos que complementam o contexto da época, e servem de referência ao leitor como indicadores de uma Fortaleza das décadas de 1920 a 1940. Também são introduzidos com a finalidade de despertar pesquisadores mais ‘ousados’ e que encarem a dimensão do trabalho que requer a análise desse material.

Dificuldades encontradas

A intenção inicial da pesquisa era trabalhar com duas fontes de informação, em relação ao material a ser obtido junto aos jornais. Trabalharíamos com o jornal Correio do Ceará e o jornal O Povo. Quando avançávamos para o término da consulta junto ao Correio do Ceará, o CNPq sinalizou com a diminuição do prazo para o término da pesquisa, o que inviabilizou a ida ao jornal O Povo. Ainda sobre os levantamentos realizados no Correio do Ceará, algumas lacunas foram verificadas no acesso a algumas de suas edições. Mas como trabalhei com a análise de um período longo, acho que essas lacunas não chegam a comprometer os resultados da pesquisa.

Em relação a meus entrevistados, uma ausência sentida é o depoimento de Paulo Cabral de Araújo, que estreou na Ceará Rádio Clube em 1939. Por conta de sua atuação durante tanto tempo na emissora, e no próprio condomínio dos Diários e Rádios Associados, ao qual foi incorporada a emissora em 1944, certamente poderia dar uma valiosa contribuição e enriquecimento ao trabalho. O fato de estar morando em Brasília, e estar passando por problemas de saúde, inviabilizou sua participação. Mas esse é um intento que, pessoalmente, e independente de uma nova pesquisa, pretendo concretizar.

Uma dificuldade que me deixou especialmente triste, principalmente por não ter, imagino, em curto prazo, condições de ultrapassá-la, é a deficiência da minha formação em termos da constituição histórica do Ceará, nos seus mais diversos aspectos. Até mesmo a mais básica, dentro de um conceito, que suponho ultrapassado no ensino de história, que identifica os ‘grandes’ vultos do processo histórico. Nem mesmo essa formação tive em meu itinerário escolar. Ao ler as matérias do Correio do Ceará, os nomes e personagens da história do Ceará desfilavam sob meu olhar. Não com indiferença, mas sob um sentimento de incapacidade frente às relações históricas que aqueles nomes poderiam vir a construir. Tentei utilizar de algumas habilidades que

desenvolvi ao longo da carreira como jornalista para não deixar escapar as relações estruturais para um melhor resultado do trabalho. Assim, tentei explicitar o máximo de informações coletadas nos acervos durante a pesquisa. Certamente outros pesquisadores poderão utilizar, nessa ou em outras temáticas, com mais propriedade o material que tentei disponibilizar.

Ao longo do trabalho, indagações vão surgindo a partir das relações estabelecidas. Algumas são respondidas em capítulos subsequentes. As que não são respondidas, considerem como inquietudes, inadiáveis de explicitar, mas não intransponíveis, por parte do autor. Representam possibilidades de novas investigações, por mim ou por outros. Colocam-se, também, como uma tentativa de diálogo problematizador com o leitor –perspectivas de uma comunicação educativa.

Resumo dos capítulos

O Capítulo 1 do trabalho, ‘As primeiras experiências do rádio no Ceará – o ambiente político do estado’, discute o pioneirismo de João Dummar em torno da radiodifusão cearense. Ao mesmo tempo, tenta-se indicar referências sobre o ambiente político do estado, na perspectiva de compreensão de alguns fatos durante a implantação do rádio no Ceará.

‘Outras sociabilidades – a sociedade educadora’, título do Capítulo 2, investe na compreensão de como o surgimento da tecnologia rádio repercutiu em certos aspectos da convivência social. Também situa essa percepção dentro de um movimento mais amplo, estabelecendo uma discussão sobre como a sociedade se apropria de uma nova tecnologia, o que pode pressupor a compreensão de uma sociedade educadora.

Já no Capítulo 3, ‘A orientação dos primeiros programas – os princípios da política de comunicação de Vargas’, começa-se a perceber como as grades de programação da Ceará Rádio Clube estabelecem uma mediação entre comunicação e educação. Para uma melhor compreensão desse processo, apresento alguns princípios que orientaram a política de comunicação de Vargas para a área de comunicação.

A orientação educativa da programação da Ceará Rádio Clube é discutida com mais ênfase no Capítulo 4, ‘A natureza ‘instrutiva’ da programação – a política de educação do governo Vargas’, que, para isso, aborda as principais vertentes estabelecidas durante a gestão de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde do regime varguista.

‘A presença da censura – o controle da informação no governo Vargas’, título do Capítulo 5, nos remete ao aparelho censor estruturado pelo governo Vargas e que teve suas repercussões na programação da Ceará Rádio Clube. Eventuais momentos de censura interna da Ceará Rádio Clube também vêm à discussão.

Já no Capítulo 6, ‘O alcance do rádio – a interação com os ouvintes’, faz-se uma reflexão sobre o processo interativo que ocorria entre a emissora e seus ouvintes, numa tentativa de aproximação sobre como era explorado o princípio educativo do rádio. Em que pesem as condicionantes técnicas que limitavam essa possibilidade numa tecnologia que dava seus primeiros passos.

No Capítulo 7, ‘A aproximação com o cotidiano – a guerra, as radionovelas’ a interação entre emissora e ouvintes ganha contornos mais nítidos. Especificamente sobre as radionovelas, recai uma discussão sobre a utilização da cultura como elemento de suporte à intencionalidade da comunicação.

O Capítulo 8 retrata um dos momentos marcantes da história da Ceará Rádio Clube. ‘A transferência para os Associados – a profissionalização? E a educação?’ discute a incorporação da emissora pelo condomínio dos Diários e Rádios Associados, de Assis Chateaubriand. E acompanha os reflexos dessa incorporação em sua estrutura, sua programação, sua orientação.

E no Capítulo 9, ‘Percepções derradeiras’, tento apontar algumas conclusões, parciais, e indico algumas questões que possam servir de subsídio para o desenvolvimento de novas pesquisas na área. Parto de uma discussão sobre alguns estudos até agora realizados sobre a relação comunicação e educação, na tentativa de acrescentar algo à compreensão conceitual dessa área de estudo.

A entrada de cada capítulo traz letras de músicas gravadas no período que vai de 1925 a 1948, a partir de pesquisa de Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, Em comum, letras que falam sobre o novo ‘aparelho’ que surgia no ambiente tecnológico do Brasil da década de 1920. E que incitava o imaginário do cancionista popular –referenciais, ainda, da relação entre rádio e sociedade.

Mas não poderíamos deixar de nos deleitar com alguns ‘causos’ que ‘rolaram’ durante as entrevistas que realizamos. São os ‘Causos que o tempo não levou’. Digamos que sejam uma amostra dos ‘bastidores’ da pesquisa. Mas que demonstram a grande história que era fazer rádio nas décadas de 1930 e 1940 no Ceará!

Quem são nossos entrevistados

“Meu nome é Valdemar Cabral Caracas. Nasci em Pacoti, a 9 de novembro de 1907. Portanto, já completei 96 anos de idade. Sou filho de Francisco Caracas Sobrinho e Francisca Cabral Caracas, ambos já falecidos, e sou casado com Anete Brasil Caracas, que está ali. Só me casei uma vez e eu acho que é muito.

Em 1936, eu fui eleito vereador de Fortaleza. Em 12, meu pai desceu a serra e veio morar em Fortaleza. Eu fui ser aluno do Instituto São Luís. Instituto São Luís. Tem o Colégio, mas tem o Instituto que era, era, era dirigido e de propriedade do doutor Francisco de Menezes Pimentel, o maior educador cearense em todos os tempos. Teve gente aí, por exemplo, Austragésimo de Atháide, conheceu? Presidente quase eterno da Academia Brasileira de Letras, foi meu professor. Meu professor de Corografia do Brasil. Sabe o que é Corografia do Brasil? Corografia do Brasil é o estudo do Brasil. Geografia é o estudo do mundo, né? De todas as nações, né? Eu não gostava de Geografia. Tinha aqueles nomes, nome de estrangeiro, mas gostava da Corografia. Eu era um bamba na, na Corografia. Hoje, não, porque eu tô broco.

Meu pai era muito metódico. Nunca me deu menos nem mais de seis bolos [bate na própria mão]. Dava seis. Não dava sete, nem dava cinco. Seis bolos. Morreu cedo, meu pai. Eu ainda era pra tá apanhando.

Eu sei administrar. Eu fui o primeiro presidente do... presidente da União dos Ferroviários do Ceará, o primeiro presidente. Reeleito depois. Eu fui o primeiro presidente da União dos Ferroviários Aposentados do Ceará. Reeleito depois. Eu fui presidente, primeiro presidente. Primeiro, não. Fui presidente da Cooperativa de Consumo dos Ferroviários do Ceará. Reeleito. Nunca perdi uma eleição na classe. Posso ter perdido eleição fora, mas na classe, não. Então eu fui muita coisa.

Eu tive quatro empregos. Foi numa farmácia. Farmácia do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, que o diretor presidente era o doutor Abdenago Rocha Lima, primeiro pediatra pelo Ceará. Era meu patrão. Primeiro pediatra. Segundo, foi, foi... eu me empreguei na firma JR Viana, uma agência. Passei um tempinho. Depois me

empreguei noutra firma... de um alemão, de um americano, Jaime J. Rebec e Cia Ltda. Ali, na Barão do Rio Branco. E depois me empreguei numa loja de moda, a Samaritana. Eu fui pra estrada de ferro, onde eu entrei, em 7 de novembro de 1921 eu entrei na estrada de ferro”.

Valdemar Caracas produz um programa esportivo na Ceará Rádio Clube nos anos de 1938 e 1939.

/ - / - / - / - /

“Bem, meu nome completo é Geraldo da Silva Nobre. Meus pais eram primos legítimos, primos irmãos, como se dizia também naquela época. Ele, Eduardo Nobre, e Puquéria da Silva Nobre. Todos os dois já falecidos. Meu pai faleceu em 1974 e minha mãe em 2002, já perto dos cem anos. Foram pessoas muita dedicadas. Tiveram 15 filhos. Os quatro primeiros lá em Morada Nova, depois aqui em Fortaleza. Lá perto da Casa Borís, aquele grande estabelecimento que havia lá na praia de Iracema. Ali onde tem a praça, chamada Praça da Alfândega”.

Geraldo Nobre é reconhecido como pesquisador da história do jornalismo cearense, falecido em 2005.

/ - / - / - / - /

“[José Júlio Cavalcante] Eu nasci na cidade de Iguatu, no dia 1º de outubro do ano de 1918. Estou, portanto, chegando aos 86 anos. Meus pais: Júlio Cavalcante e Júlia Cavalcante. Irmãos: Adail Barreto, que foi deputado federal, Maria Barreto, Simone Barreto e José Aristides Barreto Cavalcante. Eu passei a infância na cidade de Iguatu. Lá na cidade de Iguatu eu tive a oportunidade de, de ver o velho rio Jaguaribe, barreira a barreira, e tive uma convivência, uma infância muito alegre. A Iguatu ficou... é uma cidade meio famosa porque deu muitos filhos ilustres: Humberto Teixeira, Evaldo Golveia [compositor].”

José Júlio foi locutor da Ceará Rádio Clube a partir de 1944.

/ - / - / - / - /

“Meu nome é Narcélio Sobreira Limaverde, eu nasci [1931] em Fortaleza na Rua 24 de Maio, se eu não me engano 648, meus pais José Limaverde Sobrinho, também radialista e bancário, e minha mãe Leda Sobreira Limaverde, naquele tempo em que as mulheres eram simplesmente, ou e com muita importância, somente donas de casa.”

Narcélio Limaverde é filho de José Limaverde, que trabalhou na Ceará Rádio Clube a partir da década de 1930.

/ - / - / - / - /

“É... nome completo: Francisco Otávio. O nome de registro, de identidade. Seria Francisco Otávio de Freitas. Freitas do meu pai, Santiago da minha mãe. Mas eu nasci no Rio, em Niterói, estado do Rio. E lá tinha meu... fui buscar minha certidão de nascimento. Francisco Otávio. Como é o Roberto Carlos, como é o Francisco José, o Francisco Anísio. Aí ficou só Francisco Otávio. (...) Filho de Antônio Mário de Freitas e Consuelo Santiago de Freitas, falecidos. Meu pai era português, minha mãe cearense. [nasci] no dia quatro de setembro de mil novecentos e vinte e cinco.”

Santiago Freitas foi rádio-ator destacado na programação da Ceará Rádio Clube da década de 1940,

/ - / - / - / - /

“Eu me chamo Manoel Eduardo Pinheiro Campos, nasci em Guaiuba, em 11 de janeiro de 1923. Filho de Jonas Acioli Pinheiro e Maria Dolores Eduardo Pinheiro. Fui dado aos quatro meses de idade a uns tios que me criaram, a minha tia, irmã, portanto, da minha mãe, chamada Isabel Eduardo Campos e meu pai de criação, João Pereira Campos. Eu fui passado em cartório, tem uma escritura de adoção e eu me criei na companhia deles, mas conhecendo minha mãe legítima. A minha mãe legítima morreu quando eu tinha dezoito anos de idade.

Eu nasci em Guaiuba, fui transportado aos quatro meses, logo quando morreu meu pai, para Pacatuba, para a cidade de Pacatuba. Guaiuba, nessa época, era distrito de Pacatuba. Os meus pais que tomaram a minha criação me tomaram sob a sua custódia. Eles eram comerciantes em Pacatuba e depois foram transferidos para Fortaleza quando eu tinha de oito a nove anos. Eu fui morar na Rua do Imperador. A Rua do Imperador é a minha universidade, eu tenho muitos cursos na Rua do Imperador, isso é outra coisa.”

Eduardo Campos, ou Manuelito Campos, como é conhecido, ingressou pela primeira vez na Ceará Rádio Clube em 1942. saiu no mesmo ano e retornou em 1944. É o atual diretor da emissora.

SUSPIRA, NEGA, SUSPIRA
(maxixe - Pedro de Sá Pereira - 1925)

(maxixe feito quando do início do aparecimento do rádio. O 'aparelho' citado nos versos é o rudimentar aparelho radiofônico da época.

A última descoberta que fez sucesso, que fez furor
Que põe todo mundo alerta para solver os casos de amor
Já hoje qualquer marmanjo, sem que tal caso lhe impressione
Cuidando do seu arranjo, diz a pequena no autofone

Refrão
Suspira, nega, suspira
Vai muito por meu conselho
Suspira, nega, suspira ai
Bem na boca do aparelho

Não tenha palpitações, quem tem marido moço e brejeiro
E ponha as instalações mesmo debaixo do travesseiro
E deixa pra qualquer hora
E caso o malandro custe a chegar
Botando o fone pra fora
Forçosamente tem que escutar.

1 As primeiras experiências do rádio no Ceará – o ambiente político do estado

O jornal Correio do Ceará é um periódico, fundado em 1915, que circula diariamente na Fortaleza de 1928. É considerado um órgão de imprensa seguidor da linha editorial de seu antecessor ‘Diário do Estado’, que surgiu com “o propósito de ‘ser a expressão das atividades sociais, (...) deixando de lado as paixões sectárias, os ideais dos partidos – para tornar-se completo e corresponder às necessidades de nossa civilização’” (NOBRE, 1974, p. 132). Em ambos os jornais, a presença, na direção, da figura de Álvaro da Cunha Mendes, que “após algum tempo de residência no sul do país, pretendeu introduzir, em sua terra natal, as técnicas avançadas do jornalismo e da imprensa sulista, conseguindo-o” (idem, p. 133).

A lembrança é necessária principalmente quando observamos que os jornais das primeiras décadas do século XX assumiam um posicionamento claro frente às questões da sociedade, aí incluídos, e com vigor, os debates políticos. Muitas vezes o periódico já nascia com o propósito de defender determinada causa. E influir para que a causa se concretizasse. Cavalcante (2000a) relata bem esse direcionamento da cobertura jornalística realizada pelos jornais cearenses ao analisar alguns episódios que envolveram a reforma educacional de 1922 no estado, conhecida pela historiografia da educação mais difundida de Reforma Lourenço Filho, concedendo ao educador piracicabano (SP) o lugar de protagonista na ação.

Já em sua edição de 20/7/1928, o Correio do Ceará estampa, à página 3, os avanços que vinham ocorrendo com o rádio no Ceará.

“O progresso do Rádio vae colhendo os melhores resultados. Em suas experiências a Rádio Educadora Cearense, installada nesta capital à rua Senador Pompeu, n.202. No dia 16 do corrente, os signaes imittidos pela estação foram ouvidos em S. Luiz do Maranhão, conforma um telegrama que nos foi mostrado, procedente daquela capital. Diz o referido despacho que o padre Gomes, amador de rádio-telephonia, ouviu, nitidamente, as irradiações dos discos ‘columbia’ e o badalar de um relógio, em Fortaleza quando este batia 10 horas da noite. O padre Gomes felicitou à Rádio Educadora Cearense pelos magníficos progressos que vae alcançando, em suas irradiações.”

Na edição de 14/9, do mesmo ano, à página 7, o Correio do Ceará novamente se refere ao inusitado encontro para recepção das ondas hertzianas.

“A Rádio Educadora Cearense avisa aos seus distintos consocios que, amanhã às 20 horas haverá audição especial de rádio-telephonia, em sua sede, á Rua Senador Pompeu, 202. Serão recebidos nesta noite os bellissimos programas das pontentes estações KDKA e WGY da América do Norte.”

"O Passeio Público, amanhã, terá um dos seus dias alegres. (...)E muito concorre para o prestígio do tradicional logradouro, a distinção do sr. Amarílio Normando, proprietário do Bar Caio Prado que, vez por outra, leva a efeito interessantes iniciativas para melhor divertimento das elegantes freqüentadoras do Passeio Público. Para amanhã, por exemplo, o Bar Caio Prado reservou a distribuição de bombons às crianças e brindes às senhorinhas, dentre as quais uma será sorteada. A senhorinha sorteada poderá convidar todas as suas companheiras para servirem-se de uma taça de sorvete oferecida, gentilmente, pelo Bar Caio Prado (...)" (a ortografia foi adaptada aos dias de hoje)

(Correio do Ceará, 5/10/1929)

Atente-se para o termo ‘radiotelegrafia’, que designava o processo de emissão de sinais desenvolvido sem a necessidade de cabos para sua transmissão, ao contrário do que acontecia com o telégrafo. O registro coloca em discussão o pioneirismo da Ceará Rádio Clube quanto à primeira emissora de rádio do estado, em 1934. E lança dúvidas, conseqüentemente, sobre o lugar de João Dummar, fundador da Ceará Rádio Clube, como pioneiro da radiodifusão cearense. Manuel Eduardo Pinheiro Campos, o Manuelito Campos, radialista que trabalhou a partir da década de 40 na emissora e que ocupa, hoje, a sua direção, vai ainda mais longe. E recoloca esse debate.

“A, aqui, aliás, a história do rádio do Ceará precisa ser contada, não é bem essa não. O rádio começou em 1924. Em 1924 já existia uma estação funcionando aqui, uma estação pequena, é, é, havia uma sociedade, Sociedade Cearense de Rádio. Essa é que é a verdade. Isso ai é que precisa ser bem contado depois, eu já andei escrevendo sobre isso e eu [pausa] fico até em dúvida, eu, eu dou a idade da Ceará Rádio Clube 70 anos [Isso em 2004], mas eu tenho a impressão, vai completar agora em maio, eu tenho a impressão de que é preciso rever é, é, esse período, mas eu num não estou muito animado não porque eu estou

primeiro reunindo documentos pra, pra poder ver o que é que eu devo contar.”

Ao largo desse debate, a Rádio Educadora Cearense se posicionava, pelo menos na denominação, às iniciativas nacionais de utilização do novo veículo de comunicação, e que vislumbravam uma orientação educativa para o rádio. Alguns elementos que caracterizam a entrada do rádio no Brasil apontam para uma tentativa de superação da ‘ignorância social’, como afirma Patrício (1999). Assim, a história do que seria a radiodifusão educativa brasileira tenderia a coincidir com a história da própria radiodifusão no país.

O início oficial da radiodifusão no Brasil se deu durante as comemorações do centenário da independência. Um discurso de Epitácio Pessoa, durante a inauguração da Exposição Internacional do Centenário da Independência, foi veiculado graças a um transmissor, ainda de pequena potência, cedido pela Westinghouse e instalado no Corcovado. O discurso foi ouvido em toda a exposição, graças aos auto-falantes espalhados pela área. Outra fonte de recepção eram oitenta aparelhos vindos dos Estados Unidos e instalados em praças públicas de Niterói e Petrópolis. Era a Rádio Corcovado, que funcionou durante alguns meses. Em sua curta programação, uma série de conferências sobre higiene, ‘A saúde pelo alto falante’.

Em 1923, surge a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tida por muitos historiadores como a primeira estação de Radiodifusão do país. O local de fundação da emissora por si só já identificava o caráter educativo que marcaria sua programação. A Rádio Sociedade nasceu na Academia de Ciências da Escola Politécnica, a 20 de abril, sob a coordenação dos professores Edgard Roquette-Pinto e Henrique Morize. Esse caráter educativo é explicitado mais ainda quando da redação de seus estatutos, onde se observa que “A Rádio Sociedade, fundada exclusivamente para fins científicos, técnicos, artísticos e de pura educação popular, não se envolverá jamais em nenhum assunto de natureza profissional, industrial, comercial ou político”. (PATRÍCIO, 1999, p. 20)

Em 1926, a programação da Rádio Sociedade já era essencialmente educativa. Os cursos incluíam Literatura Francesa, Literatura Inglesa, Esperanto, Rádio Telegrafia e Telefonia e Silvicultura Prática; as Lições eram de Português, Francês, Italiano,

Geografia, História Natural, Física e Química. Entre as Palestras Seriadas encontramos uma série dirigida às mães (Escola de Mães) e uma série sobre Atributos da Gente Brasileira. A programação incluía, além disso, um Quarto de Hora Literário e um Quarto de Hora Infantil –um quarto de hora, ou 15 minutos da programação.

Percebe-se, a partir desses fatos, o descompasso entre o desenvolvimento do rádio nas diversas regiões brasileiras, e mais especificamente entre os próprios estados. Enquanto o rádio no Ceará se envolve com recepções de programações de emissoras dos EUA, o nosso vizinho Pernambuco se prepara para dar um salto em relação às suas próprias emissões, como noticia o Correio do Ceará em edição de 9/10/1929.

“O Rádio Club de Pernambuco abriu concorrência de trinta dias para apresentação de propostas sobre fornecimento de um transmissor Broad Casting, com modulação de placa, capacidade de dois Kilowatts de antena e com o raio de ação de mil milhas. Será, assim, a maior rádio transmissora do Brasil.”

A razão da denominação de Rádio Club de Pernambuco descende exatamente das primeiras sociedades que se formavam para realizar experiências de radiotelegrafia. Principalmente de experiências de recepção das transmissões, muitas vezes de emissoras localizadas em países da Europa ou mesmo dos Estados Unidos. Lembremos que na década de 30 Alemanha e Itália estavam em plena ascensão militar, com Hitler e Mussolini. E os dois regimes se utilizavam maciçamente do rádio como meio de comunicação para propagação ideológica de seus projetos de governo. As sociedades brasileiras de radiotelegrafia abrigavam cotistas que disponibilizavam repasses de recursos financeiros para o custeio das atividades.

"Joaquim Nicolau, um carreteiro, é um pau d'água. Outro dia, ele arranhou um casco de viola e, na Praça do Ferreira, em frente à Pensão City, começou a cantar. Trabaia dô Cuma eu Qui gosta muito da 'droga' Incaloca bem o chapéu No alto da sinagoga Me incoloco aqui na praça Defronte daquela pensão Onde as muié faz graça Prus homes de posição Lá prú riba o comércio Deve sê mermo bonzão Pois aos home de apreço As muié chama cá mão Elles num trocem o cara E para lá vão subindo A puliça num repara E vae nisso consentindo Agora eu prueque digo As veis uns palavrão O guarda embirra comigo E me mete na prisão A puliça certa num tá Eu juro inté pulo cão Quem devêra e para lá Era as muié da Pensão Quando istou no meu adevão Num respeito moça nem véia Solto ao vento os palavrão Eu num ligo a rafameia Se passa uma mulata Do cabêlo pinchaim Solto-lhe logo na lata Meu bem... Achou ruim Si achá ruim dê um jeito Neste corpo requebrado Que sou caboco prefeito Mas um cabôco interado Dos guarda eu nem ligo A raiva que tem de mim O que se metê comigo Acaba sempre ruim Guarda civi não é nação De gente bem camarada Só tem mermo arrumação O resto não vale nada"

(Correio do Ceará, 28/10/1929)

Um registro do Correio do Ceará, edição de 6/10/1930, indica que alguém percebe a orientação educativa do rádio, embora reconheça que a nova tecnologia está ao alcance de poucos.

“O radio - já se disse – é a mania mais instructiva e mais deliciosa de quantas o rico possui. Rico, dizemos, porque é mania cara... Na America do Norte e na Inglaterra é quase epidemia. Pois Fortaleza também pode se vangloriar de ter um corpo de amadores que lhe dão o melhor apreço, e dentre estes, o dr. Arthur Watson, é inegavelmente, um dos mais dedicados e esforçados. A cata de novas sensações, vez por outra elle dá um <>, que outros menos pacientes não conseguem alcançar, como as das communicações da expedição Byrde, ao Pólo Sul, etc. Agora mesmo, sexta-feira ultima, em onda de 25,4, conseguiu pegar, e ouvir em alto fallante, das 17 ás 18 ½, Roma, Napoles e Fiume, em excelente programma irradiado pela estação 1RO. É talvez dos nossos amadores o primeiro a escutar a nova estação LUJ (Philips Experimental) de Buenos Ayres, em onda aproximada de 31,5 metros. (...) Das 20,30 ás 22,30, com 100 Kw. Na antena, onda de 49 metros, Saigon dá o ar de sua graça, irradiando a primeira hora em dialecto chinez e execução de musicas exclusivamente chinezas (o que deve ser curiosa barbaridade!) e na segunda hora, em inglez. E assim, temos Fortaleza bem pertinho do mundo occidental e oriental, o que já é digno de nota. Se nossos bisavós viessem hoje ao mundo...”

Piovesan (1986) também afirma que o Rádio no Brasil já nasceu educativo. Mas, complementa, em sintonia com nosso leitor, voltado para uma educação de elite, como

pode ser comprovado pela programação da Rádio Sociedade, pioneira da radiodifusão nacional, também se levando em consideração a historiografia mais difundida, e pela disponibilidade de aparelhos receptores, artigos raros no seu aparecimento.

Há bem mais tempo no cenário comunicacional do país, a imprensa escrita, à época, tem outras preocupações. Ela sofre as consequências do estado de sítio decretado pelo presidente Washington Luiz, às portas de sua queda a partir da atuação da Aliança Liberal, que apresenta como uma de suas lideranças Getúlio Vargas. E o Correio do Ceará, em edição de 20/10/1930, rememora a situação, e alardeia os ares democráticos que certamente seriam trazidos pelo novo governo, em defesa da liberdade de imprensa.

“Quando o Snr. José Peixoto se investiu no encargo de fazer cumprir o estado de sítio ultimamente decretado pelo Snr. Washington Luis, a primeira medida tomada consistiu em arrolhar a imprensa (...) Além disto, para mais rigorosa observancia da ordem presidencial, foi creado um serviço de censura implacavel, que não transigia com a mais liquida verdade desde que ella não servisse aos propositos governamentaes. (...) Por isto, porque não nos deixaram o direito de dizer o que pensavamos e o que convinha, fizemos, no primeiro dia da coacção, versar o nosso artigo-mestre sobre flores. (...) Inda repetimos esse artigo para tornar bem claro que denunciavamos, por uma antithese, a restricção em que abusivamente nos punham. (...) Não há vantagem em dizer ao serpensante – não fales! Porque ninguém poderá jamais impedir que ele pense, e o pensamento possui uma força de expansão tão grande, tão incoercivel que prescinde do papel e da tinta para propagar-se com rapidez e efficacia. Quando o coração referve até os mudos são eloquentes. (...)”

Parece que não era bem isso que pensavam os novos donos do poder. O mesmo Correio do Ceará estampa, apenas uma semana depois, na edição de 27/10/1930, a notícia de uma reunião que estaria bem aquém de suas expectativas quanto ao governo de Getúlio Vargas. A matéria afirmava que os representantes de todos os jornais ‘citatinos’ compareceram ao quartel federal, onde foram ‘aconselhados’ a adotarem a censura de imprensa na parte do noticiário telegráfico. No entanto, o texto informa que “Os jornaes ficam, entretanto, com absoluta liberdade quanto á exposição de suas idéas doutrinarias”.

Mas, a imprensa escrita, ‘compreendendo’ o momento por que vivia o Brasil, teria uma justificativa para o aparelho censor. Justificativa essa que se mostra em sintonia com as causas que o novo regime apontava para que ocorresse a ‘revolução’.

“Acha-se constituído o governo provisório da República o qual será, conforme declaração do presidente Getúlio Vargas, discricionário não ditatorial, isto é – o governo não obedecerá às leis escritas, mas o presidente não enfeixará nas mãos todos os poderes, não será autoridade única. (...) E’ claro, portanto, que para concertar tudo isto, ajuntar as peças desse aparelho desaranjado, só um poder liberto de peias, livre de acção, bem intencionado e capaz; só mesmo um governo discricionário, que não tenha olhos senão para a Verdade e ouvidos senão para o Bem. (...) No Rio de Janeiro, porque é a capital, a fachada do país, as cousas correram com algum interesse, com alguma moralidade, mas fóra dali nada se fez. Aqui, por exemplo, tudo se reduziu a cederem alguns guardas civis ao magistrado, a mandarem uns tantos vadios para uma pocilga em Canafistala e ... a retirarem pouco tempo depois do juiz os guardas que lhe tinham entregue nada mais. (...)” (Correio do Ceará, 5/11/1930)

“Não é só o cearense que nos momentos mais críticos, nas ocasiões mais solenes, nos instantes mais serios de sua vida, tem sempre uma pilheria, uma galhofa, um dito espirituoso para quebrar a monotonia das cerimônias ou situações mais sérias. Não; não somos só os do Norte que possuímos essa jovialidade; lá pelo sul também os povos são como nós, não se deixam empolgar de todo pela circumspecção do ambiente. Agora mesmo, por exemplo, quando o governo que tombou se aprestava em último tranze para aguentar o derradeiro embate das forças revolucionárias; quando o Rio de Janeiro devia ser uma verdadeira praça de guerra; quando se esperava a cada instante o explodir dos petardos e o espoucar das granadas, eis que um destes indivíduos com o nosso gênio que por ali existe aos montões, parodiou a oração do <> da seguinte forma e que os jornais só agora vem de publicar: << Oswaldo Aranha que << estaes no Rio Grande << do Sul, glorificada seja << a vossa vinda, venha << a nós as vossas << forças, victoriosa seja << a vossa causa assim << no Sul como no Norte. << O Pão nosso de cada << dia baixa de preço. << Perdoae a nossa covardia, << assim como nós << perdoamos aos legalistas. << Não nos deixeis << cair em poder de << Washington Luiz e livrae-nos << de Julio Prestes. <>.”

(Correio do Ceará, 18/11/1930)



O Correio do Ceará saúda a ‘revolução’, através de ilustração em sua capa da edição de 27/11/1930. Em torno da “Confraternização do Povo, Exercito e Marinha na victoria dos principios republicanos.”, a luta contra os ‘ódios’, ‘politicagem’ e ‘arranjos’.

Afora os primeiros estremecimentos e recursos da imprensa escrita frente o novo regime, a participação de João Dummar nas experiências com o rádio tem seu primeiro registro no Correio do Ceará na edição de 8/6/1931. O local da audição foi o Clube Iracema. Entre os anos 20 e 40, a sede do Clube Iracema era no Palacete do Ceará, prédio inaugurado em 1914 e símbolo de grandes transformações na fisionomia de Fortaleza. O local foi, durante muito tempo, ponto de encontro da sociedade cearense. Em 1955, o prédio foi posto à venda e adquirido pela Caixa Econômica que já o ocupava desde 1946. O Palacete do Ceará está situado à Rua Guilherme Rocha, 48, Praça do Ferreira, centro da cidade.

A matéria do Correio alude que no dia anterior uma ‘audição’ no Clube Iracema fez muito sucesso. Os encontros se constituíam em ‘reuniões íntimas’ nos elegantes salões do clube. A audição de rádio constituiu uma nota de grande relevo, tendo impressionado muito bem.

“Houve animadas dansas até 11 horas da noite. (...) No próximo dia 12, sexta-feira, haverá outra reunião com o mesmo caráter de intimidade da de ontem. (...) A Casa Dummar, a cargo da qual estão as irradiações do Iracema, vai preparar um programma excelente, dele fazendo parte uma conferência do Leota (Leonardo Mota).”

Um ambiente elegante e propício aos sócios do Clube e suas dignas famílias.

E Valdemar Caracas confirma os acontecimentos.

“Isso era aonde é a Caixa Econômica hoje [na Praça do Ferreira]. É ali. Aquele prédio parece que se chama edifício... [silêncio] Edifício Guarani. É? Pois sim. Aquilo ali foi ser o Clube Iracema. Não durou ali o Clube Iracema. Aí foi ali em baixo um salão de bilhar e tal. E foi indo, foi indo e acabou na Caixa Econômica. Tá ouvindo. Naquele prédio... Ali tinha, eu me lembro, que tinha, me lembro que tinha um... mas não era rádio não. Era... Um alto-falante daqui. Daí a pouco tempo a propaganda política era feita através de alto-falante.”

A família Dummar, como descendente sírio-libanesa, iniciou sua trajetória no Brasil já no século XX. João Demétrio Dummar nasceu na Síria, em 27 de janeiro de 1903. O pai, Demétrio George Dummar, imigrou para o Brasil em 1910 com a esposa Adla Éspér Dummar e seus filhos, estabelecendo-se, a princípio, em Belém do Pará. O clima úmido e quente foi um entrave à adaptação. E vieram para Fortaleza. Adla falece após

um aborto espontâneo, em 1911. Aos 42 anos, e com os cinco filhos (João, Adélia, Jorge, José e Miguel), Demétrio se estabelece no Crato, onde funda a loja comercial Princesa do Norte (DUMMAR FILHO, 2004).

No Crato, João Dummar, além de estudar, era goleiro do Crato Football Club, encenava peças de teatro e ajudava o pai no comércio. Com a ampliação dos negócios, Demétrio Dummar retorna a Fortaleza em 1921, montando um comércio na Rua Floriano Peixoto, 145, no centro da cidade. A essa época, João e José já eram seus sócios. Mas, em 1926 Demétrio falece. Após a morte do pai, é montada a sociedade dos irmãos João e José, denominada Dummar & Cia, em 1928. Os negócios da nova sociedade se transferiram para a Rua Floriano Peixoto, 517, próximo a Praça do Ferreira.

A Casa Dummar, como era conhecida, era representante da Philips do Brasil, da Rádio Brunswick Corporation, da Companhia Brunswick de Bilhares, dos Pianos Essenfelder e do automóvel Skoda, de fabricação tcheca. Na seção de discos, os mais recentes lançamentos estrangeiros, inclusive os de música clássica. Além de apreciador da música, João Dummar também era conhecido pela arte de saber vender. “Se aparecesse um freguês interessado em comprar um bom piano, ele abria o reluzente Essenfelder e tocava como um músico inspirado, mostrando a qualidade do produto” (idem, p. 21).

“Sua habilidade em vender era tanta que, ao receber o intelectual Parsifal Barroso, futuro governador do Estado, começaram a conversar descontraidamente sobre música erudita. Por fim, Parsifal despediu-se e acabou saindo com um pacote de discos de música clássica. Encontrando-se com um amigo comentou: - Ora, comprei discos, mas nem vitrola eu tenho.” (idem, p. 22)

João Dummar “sonhava em implantar a primeira estação de rádio do Ceará”, o que “traria um enorme benefício para a cultura cearense com a democratização do espaço cultural, antes reservado a uma minoria de eruditos” (idem, p. 25).

Seria apenas essa a intenção de João Dummar a perseguir a implantação da estação de rádio? Uma visão de democratização do acesso à cultura? Estaria João Dummar sintonizado com as expectativas das primeiras emissoras de rádio, de uma pretensa orientação educativa? Ou seus instintos de comerciante, em sintonia com as novidades

que já se consolidavam na Europa e nos EUA, o faziam sonhar também com o crescimento de seus negócios?

Um detalhe a ser lembrado é que a Casa Dummar era revendedora de diversas marcas de aparelhos receptores de rádio. Mesmo que não existisse nenhuma emissora oficial no Ceará, os aparelhos podiam captar as produções realizadas por emissoras de outros estados, mesmo outros países. Uma fala de Santiago Freitas revela algumas pistas sobre as experiências do Clube Iracema.

“Eu já ouvi falar. Que era que fazia propaganda da Casa Dummar, do João Dummar. Do João e do José. Eu não me lembro não. Eu devia ter uns oito anos. [risos]”

Talvez o sentimento de João Dummar o tenha levado realmente a pensar em ‘democratizar’ o acesso de um maior número de pessoas aos conteúdos do novo meio, mas também fazendo uma adequação ao gosto popular –a base comercial exigia um alargamento da clientela. Ao mesmo tempo, a aproximação ao popular, nas experiências de radiotelefonía, poderia render bons momentos de recordações aos anos como goleiro do Crato Football Club. Como se deduz pela notícia veiculada pelo Correio do Ceará, edição de 11/7/1931.

“Amanhã, ás 15 ½ horas, será irradiada a partida de foot-ball entre as equipes cearense e potyguar. Assim o povo poderá acompanhar os lances do grande match. O aparelho será postado na Praça do Ferreira.”

Enquanto o Ceará se via na iminência de ter sua primeira emissora de rádio oficial, no Rio de Janeiro já era fundada a Agência Rádio, agência de notícias que se prestava a produzir material para todos os jornais do país.

“Communicam-nos os srs. R. Pereira Guimarães e Victor Hugo Vieira, directores, que acabam de fundar com séde á rua Republica do Perú, n. 17, 1º andar, a Agencia Radio, para o fim de proporcionar (...) irreprehensível e imparcial serviço de noticias e informações, (...) comprehendido toda sorte de reportagens e artigos de interesse geral encarregando-se tambem de tudo quanto se relacionar á publicidade propriamente dita. (...) Por meio de um boletim que publicarão mensalmente a principio, e, depois quinzenalmente, trabalharão com todos os jornaes do paiz. (...)” (Correio do Ceará, edição de 16/7/1931)

Nesse mesmo ano, João Dumar faz um movimento firme em busca da implantação de sua emissora de rádio. Sobre o acontecimento, existe uma dupla interpretação. Para o Correio do Ceará, edição de 2/9/1931, o jornal se refere a uma reunião de amadores de rádio cearenses, havida no dia 28 de agosto, no Salão de Honra do Club Iracema, com o intuito de fundar a ‘Sociedade Rádio Philips do Ceará’. A matéria explicitava os objetivos da Sociedade.

“a) promover mutuas relações entre os amadores e demais interessados em radio telephonia; - b) apoiar as iniciativas officiaes ou particulares que favoreçam o desenvolvimento da radio-cultura no Brasil; - c) manter em sua séde uma estação emissora (Broadcasting) de onda larga devidamente autorizada pelo governo, a propagar ensinamentos civicos, literarios, scientificos, artisticos, esportivos, especialmente, musicaes (...); - d) fazer propaganda de todos os nossos produtos (...). A sessão inicial foi aberta e presidida pelo dr. Elesbão de Castro Velozo, chefe do distrito telegrafico do Ceará. (...) DIRETORIA (...) Presidente, dr. Cesar Cals; vice-presidente, dr. Thomaz Pompeu Sobrinho; 1º secretario, Silvio Augusto de Castro; 2º dito, dr. Clovis Moura; tezoureiro, Diogo de Siqueira; adj. de tezoureiro, J. Dumar; orador, tenente Severino Sombra; diretor tecnico, José Dumar; Diretores: Francisco Riquet, José Carlos Antran, José T. de Melo, dr. W. V. Watson, Francisco Diogo de Siqueira, Armando Paiva, Nazareno Pires e Alberico Moura.”

Algumas passagens da notícia chamam atenção. É claro o interesse do grupo pelo desenvolvimento da radiotelefonia, mais tarde radiodifusão, em solo cearense. Claros também são os interesses contidos na iniciativa. Esses interesses vão desde o sentido cultural que a radiotelefonia deveria assumir, favorecendo o “desenvolvimento da radio-cultura no Brasil”; passando pela sentido educativo, com a propagação de “ensinamentos civicos, literarios, scientificos, artisticos, esportivos, especialmente, musicaes”; indo aos objetivos comerciais, com a intenção de “fazer propaganda de todos os nossos produtos”.

Mas a constituição do grupo que passaria a fazer parte da Sociedade também poderia revelar alguns interesses políticos. É o caso da participação, como orador, do tenente Severino Sombra.

A participação de Severino Sombra na vida política cearense, alcançando inclusive projeção nacional, está alicerçada no movimento integralista, os ‘camisas verdes’, simpatizantes dos movimentos fascistas europeus. Foi uma das lideranças da Legião

Cearense do Trabalho, fundada em 1928, “o mais expressivo [movimento] dos que antecedem à Ação Integralista [de 1935], contando com a adesão de amplas camadas populares no Estado do Ceará”, afirmava Plínio Salgado, liderança da Ação Integralista Brasileira, lançado candidato à presidência da República em 1936 (PARENTE, 1999, p. 36, apud SALGADO, 1958, p. 17).

Ainda segundo Parente, Severino Sombra “tornar-se-á pessoa-chave na organização de um movimento de direita em nível nacional” (PARENTE, 1999, p. 37). Como militante do movimento integralista brasileiro, Severino Sombra poderia ter pressentido no rádio um meio potencial para a propaganda política de seus interesses. Embora o rádio, nesse tempo, tivesse um alcance reduzido, por conta do acesso aos aparelhos receptores, suas irradiações atingiam potencialmente alguns segmentos formadores de opinião pública, porque gente de posse e, por conseguinte, com trânsito facilitado junto aos corredores do poder público. Conhecendo de perto os movimentos fascistas que avançavam na Europa, como a Itália de Mussolini, e percebendo o alcance que tinha o rádio nesse avanço, a Sociedade Rádio Philips do Ceará se encaixaria bem às pretensões do tenente integralista em seus movimentos políticos.

Quais as características que Severino Sombra poderia impingir à orientação da Sociedade? Parente indica que parâmetros identificavam a atuação do movimento integralista. Além do caráter

“nacionalista, antiliberal, anticomunista, antiimperialista e corporativo, o Manifesto de Outubro [de 1932] ainda destaca alguns postulados, como seu lema: Deus, Pátria e Família. ‘Deus destine os destinos dos povos’, é como Plínio Salgado inicia esse manifesto. Dentro desses conceitos está implícita sua ideologia”. (idem, p. 26)

Parente identifica o integralismo como um movimento de Direita, porquanto defende “um Estado forte, corporativo, que exerça controle sobre a economia e a sociedade, sem destruir a estrutura básica da produção nacional” (idem). O que vale dizer, melhores condições de vida para as classes menos favorecidas a partir de um movimento distributivo pelas classes abastadas. Como o integralismo no Ceará envolvia representantes da classe média, que formavam o quadro de suas lideranças principais, embora com o outro pé no movimento operário, não soa estranha a participação de Severino Sombra na Sociedade. Até porque os tenentes saíram prestigiados da

‘revolução’ de 30, elevando seu ‘status’ na sociedade. Embora Sombra tenha sido contrário, por conta de seu antiliberalismo, à ‘revolução’, sendo até preso por esse posicionamento.

A participação de Severino Sombra no cenário político nacional faz parte também das repercussões das transformações que ocorrem na sociedade brasileira na década de 1920 e que têm reflexos no Ceará. E que dá o tom de toda a efervescência política que dominaria o Ceará na década seguinte.

“o movimento ‘tenentista’ que, em nível local, se configura no surgimento de nova oligarquia (os Távoras) a disputar a hegemonia política local; um catolicismo de direita, cujo conteúdo é veiculado através do jornal católico O Nordeste; e, sobretudo após o segundo lustro da década [1920], a ênfase socialista impressa ao Movimento Operário. Esse último dado colabora para que a Igreja e a Maçonaria se unam de forma tácita para o combate ao inimigo comum: o comunismo e seu potencial hegemônico no Movimento Operário. Será perceptível essa aliança na Federação Operária Cearense, fundada em 1925. Nesse período também o mundo já estava radicalizado: Mussolini na Itália e Stalin na União Soviética, com o Capitalismo internacional entrando em crise, sobretudo após a queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929” (PARENTE, 1999, p. 186)

O tenentismo tinha duas divisões bem distintas entre seus líderes, como afirma Aroldo Mota (1989, p. 59). Uma corrente visava à ação ‘política’ e outra à ‘social’. Do primeiro grupo participavam Juarez Távoras e Carneiro de Mendonça, entre outros. Do segundo, Carlos Prestes, Severino Sombra e Siqueira Campos, também dentre outros.

A década de 1920 prepara o ambiente político para a entrada do rádio no Ceará na década seguinte. A revolução de 1930, comandada pela Aliança Liberal, faz entrar no cenário político brasileiro outros atores. Os ‘tenentes’ “passaram a sentir maiores responsabilidades pelo ‘destino do país’”, enquanto a igreja católica, através de seus bispos, lidera uma “restauração católica”, que se caracteriza pelo projeto de aproximação com o Estado para a introdução de ‘valores cristãos’ na própria constituição [lembrando a Constituinte de 1934]”. Nesse momento, a Igreja se apresenta “ostensivamente ao Estado como sua colaboradora, consolidando-se, pois, como um aparelho ideológico na organização da sociedade civil. A Liga Eleitoral Católica foi o movimento político desse projeto e de sua presença no bloco do poder”. (PARENTE, 1999, p. 186).

O Ceará foi um dos estados onde os tenentes não indicaram interventor, até porque Fernandes Távora fora “aclamado pelo Povo para dirigir o Estado e por ser irmão do todo poderoso – Juarez Távora” (MOTA, idem, p. 60). Parente afirma que a Liga Eleitoral Católica do Ceará, com o “apoio também das oligarquias ‘decaídas’ com a revolução de 1930, finda por exercer a hegemonia política. Assim sendo, nem ela, nem o Movimento Tenentista, no Ceará, formaram oposição à política central de Vargas”. (p. 190)

Na eleição indireta para governador de 1935, a LEC elege o governador, um ex-integrante do Circulo Católico de Fortaleza, Menezes Pimentel, que seria mantido como interventor federal após o golpe do Estado Novo, de 1937, e dois senadores, também do mesmo grupo de intelectuais católicos: Edgar de Arruda e Waldemar Falcão. Nas eleições municipais de 1936, a LEC elege o prefeito de Fortaleza e quatro vereadores. A Ação Integralista Brasileira, assumindo seu papel de partido político, elege o prefeito de Pacatuba e vereadores em algumas cidades do interior cearense.

Em toda essa efervescência política, soaria estranho não considerar o rádio como fazendo parte dos planos de determinados segmentos e lideranças para sua utilização com esse viés. Já em 1932, o rádio atua decisivamente na Revolução Constitucionalista, em São Paulo, com César Ladeira ganhando fama nacional como locutor oficial do movimento, através da Rádio Record (VIDAL, 2000, p. 54).

Mas Eduardo Campos (1984, p. 7) tem uma outra versão para o fato ocorrido no Salão de Honra do Club Iracema, em 28 de agosto de 1931. Segundo ele, a fundação teria sido não da Sociedade Rádio Philips do Ceará, mas do próprio Ceará Rádio Clube, sociedade civil integrada por amadores de radiotelefonia. Seriam participantes do Clube: Francisco Aprígio Riquet Nogueira, Clóvis Fontenele, Joaquim da Silveira Marinho, Eusébio Nere Alves de Sousa, Francisco Campello de Alencar Mattos, Diogo Vital de Siqueira, Álvaro de Azevedo e Sá, Sebastião Coelho Filho, César Herbster Dias, Jorge Ottoch, o próprio João Dummar e tantos outros.

Por coincidência, o objetivo da sociedade se aproxima muito do veiculado pela matéria do Correio do Ceará, que seria o de “promover relações entre os amadores de

radiotelefonía por meio de reuniões, irradiações e serviço de publicidade”, assim como “instalar uma estação emissora de onda longa devidamente autorizada pelo Governo” e de cujo estúdio seriam “regularmente irradiados programas de atrações e interesses gerais”. A preocupação com o acesso à tecnologia também era preocupação do Clube, que tencionava “facilitar aos seus associados a aquisição e instalação de aparelhos de radiotelefonía e propagar a radiotelefonía, facilitando ao Governo a irradiação de notícias oficiais” (idem).

Note-se a preocupação do Clube em atender da melhor maneira possível aos interesses do Governo. Ao mesmo tempo, a predisposição de instalar uma emissora ‘devidamente autorizada’, o que levaria a sugerir que poderia ser comum em Fortaleza a montagem de aparelhos transmissores de radiotelefonía à margem das determinações governamentais. Seriam as rádios livres se insinuando já na década de 1930, em Fortaleza? Em contraposição ao acesso à tecnologia apenas dos mais ricos?

Eduardo Campos tem um argumento forte para sustentar sua versão desse fato. É que essas definições do Ceará Rádio Clube estão dispostas em um programa de trabalho, instituído pelo estatuto do Clube, que por sua vez saiu publicado no Diário Oficial do Estado, embora apenas a 15 de janeiro de 1934. Ou, poderíamos argumentar que, a partir desse longo período, entre a fundação e a publicação, poderíamos argumentar que os estatutos do Ceará Rádio Clube teriam ‘saído’ dos estatutos da Sociedade Rádio Philips do Ceará, e que a última realmente existiu?

Fato é que, em 1932, ainda segundo Eduardo Campos, “debaixo das intenções explicitadas no estatuto divulgado dois anos depois”, o Clube obtinha licença, a 16 de agosto, para transmitir sob o prefixo PRAT. E entrava em sintonia com o alastramento do rádio pelo mundo, como demonstra a eloquência de matéria saída no Correio do Ceará, edição de 18/4/1932.

"A admirável invenção que é o rádio invandiu já os mais indiferentes campos de actividade do homem. Vantagens incontáveis trouxe para o conforto e para o progresso da humanidade a espantosa descoberta, cujas effeitos maravilhosos a geração actual aprecia e sente em toda a sua intensidade. Em consequencia do rádio, passan-se hoje , cousas que os artigos suppunham incríveis e irrealisáveis. As difficuldades produzidas pelas distancias enormes desapareceram com a portentoso

invento, dando lugar á communicação rapida e efficiente entre os mais longinquos pontos do globo. Os paízes, hoje em dia, por meio de um simples aparelho, conversam entre si, intensificando e alargando as relações de amizade, commerciaes e culturaes, o que, necessariamente é factor de grande importancia no seu desenvolvimento e grandeza. O emprego do rádio tem proporcionado melhoramentos preciosos em todos os ramos da actividade humana as suas applicações crescem consideralmente, trazendo vantagens e aumentado, de tal sorte, a sua utilidade.”

A emissora foi instalada, “de modo precário”, a 19 de setembro de 1933, aguardando o licenciamento oficial que afinal seria concedido pela portaria 415, de 30 de maio de 1934. A portaria afirmava que

“O Ministro de Estado dos Negócios da República dos Estados Unidos do Brasil, atendendo ao que requerem o Ceará Rádio Clube e tendo em vista os pareceres prestados: RESOLVE aprovar as plantas, orçamento e especificações técnicas que com esta baixam, rubricadas pelo Diretor Geral de Expediente, interino, da Secretaria de Estado deste Ministério, para a instalação de radiodifusão da referida sociedade. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1934. [assinado] José Américo de Almeida” (idem)

O transmissor da emissora, nos primeiros anos, tinha a potência de 500 watts. O Ceará Rádio Clube tinha sua sede e estúdios na Rua Barão do Rio Branco, 1.172, operando o transmissor no bairro Damas, ocupando uma área próxima onde funcionavam as dependências do Iate Clube. Em 1936, os estúdios também foram transferidos para esse local.

Eduardo Campos fala porque não incluiu os fatos antecedentes a 1934 em uma publicação que elaborou para a comemoração do cinquentenário da Ceará Rádio Clube, que passaria depois a operar com o prefixo PRE-9. Ele considera o cinquentenário completado em 1984.

“Quando eu contei a inauguração da Ceará Rádio Clube, eu não contei nem esses antecedentes, que o João Dummar nem participava, essa é que é a verdade. Não, não contei os antecedentes, por exemplo, do ano antes, que, que a estação funcionou em 33, né verdade? Porque não é, não estava oficial, porque eu achei no meu rigor, na minha ótica de, de pesquisador realista, eu, eu, eu, eu utilizei documentos oficiais, foi na hora em que o José Américo de Almeida liberou, firmou, assinou a licença de funcionamento, então eu dei, eu reconheci que a estação estava sendo inaugurada.

Antes não estava sendo inaugurada. Quando é que se inaugura um, um, uma viagem, no trem? O trem já fez, já tem experiência, andou pra lá e pra cá e tal. É no dia em que você tem a, a liberação para a ferrovia, aquele trem, aquela composição funcionar, né verdade? Então essa coisa toda é, me, me, me deu uns pruridos, vamos dizer, de ética, de dizer, ‘não o rádio aqui começou em tanto’ porque isso pode ser questionado. Mas, mas isso nós temos que ver como os outros estão, estão, é, é julgando o início do rádio. Roquette Pinto, por exemplo, em outras estações, a, a, a própria Rádio Clube de Pernambuco, que foi, que, que é, que é emissora nossa [dos Diários Associados, empresa fundada por Assis Chateaubriand, que encampou a Ceará Rádio Clube em 1944], como é que começou, certo? Que é uma das mais antigas do país, como essa é uma das mais antigas do país.”

Ele ainda fala porque considera João Dummar o pioneiro da radiodifusão cearense.

Depois, ele [João Dummar] empalmou, ele, então, tem uma característica toda especial porque ele formatou uma estação de rádio. Por isso é que eu me decidi em tê-lo como um homem, oficialmente o pioneiro, porque ele organizou e fez realmente uma estação de rádio. A outra [em 1924, uma sociedade formada por umas 50 pessoas que faziam experiências com um pequeno transmissor] era talvez uma estação, é, que não fosse nem registrada, né? Uma espécie, como eu disse há pouco, uma espécie de empresa de rádio comunitária, uma coisa mais ou menos assim, né?”

Mas o Ceará Rádio Clube já havia feito sua grande estréia em Fortaleza, como nos conta Aderaldo.

“No dia da inauguração da Coluna [da Hora], 31 de dezembro de 1933, foi realizada nos estúdios da Casa Dummar, futura PRE-9, então nos altos da atual sede da CIMAIPINTO, a primeira transmissão radiofônica no Ceará, para aparelhos receptores fixados no referido monumento do centro da Praça, a não mais de 200 metros de distância... Mas que progresso para a época!” (ADERALDO, p. 44)

Mas outro fato curioso ainda irá marcar a instalação oficial de uma emissora de rádio no Ceará. A edição do dia 6/6/1934 do Correio do Ceará, portanto apenas uma semana após a portaria do Ministério das Comunicações oficializando o funcionamento da Ceará Rádio Clube, dá conta da breve fundação do Rádio Club de Fortaleza.

"Dentro em breve a nossa capital será dotada de uma moderna estação emissora de rádio - o 'Rádio Club de Fortaleza'. Sabemos que nesse sentido vários amadores de rádio, em destaque, entre os quaes os srs. Dr Clóvis Meton, Mr. R W Brown, Francisco Riquet Nogueira, Silveira Marinhos, Armando C. Paiva, Fernando Fiúza, Olavo Falcão Hill Moraes, Oscar Riquet, Alberico A Moura, Sebastião Coelho e outros,

vem empregando a maior actividade e tem recebido franco apoio de quase todos os amadores e pessoas interessadas no desenvolvimento da rádio-difusão entre nós. No próximo dia 7 do corrente, quinta-feira, às 7 1/2 horas da noite, haverá uma importante sessão no Club Iracema, para esse fim cedido por gentileza de sua directoria e na qual será fundado o 'Rádio Club de Fortaleza, eleita a directoria provisória e discutidos assumptos de magno interesse para a nossa sociedade. A esta sessão deverão comparecer grande número de amadores e demais pessoas interessadas na rádio-difusão".

O Correio de 7/6/1934 volta a insistir no assunto.

"Conforme já é do domínio público, terá lugar hoje, no salão nobre do 'Club Iracema', às 7 1/2 da noite, a sessão de fundação do 'Rádio Club de Fortaleza". Encarece-se indistinctamente, o comparecimento de todos os amadores e demais pessoas interessadas, afim de acompanharem e discutirem os assumptos a serem tratados na referida sessão."

Para, afinal, em 20/6/1934, trazer os resultados da reunião.

"Sob a presidência do sr. Francisco Riquet Nogueira e secretariada pelo sr. Ananias Vasconcelos, realizou-se no salão nobre do Club Iracema, mais uma sessão do Rádio Club de Fortaleza, à qual compareceu grande número de amadores. Na mesma sessão foram approvados os Estatutos Sociais da nova sociedade e discutidos importantes assumptos. Foi levado ao conhecimento da assistência já ter sido levantada a metade do capital social, ou seja, mais de 25 contos de réis. O livro de assignaturas das acções encontra-se na Pharmacia Franceza, em poder do sr. Armando C. Paiva, à disposição das pessoas que desejarem se inscreverem como accionistas."

O fato é mais relevante ainda porque, se partirmos do pressuposto que a Sociedade Philips de Rádio do Ceará e o Ceará Rádio Club fazem parte de um mesmo grupo de interessados em instalar uma emissora de rádio no estado, e tomando-se a relação dos que participaram da reunião de fundação do Rádio Club de Fortaleza, nada menos que quatro participantes da lista da reunião de fundação do Rádio Club de Fortaleza ou estão na relação da Sociedade Rádio Philips ou do Ceará Rádio Club. São eles Alberico Moura, Armando Paiva, Francisco Riquet e Sebastião Coelho.

O que realmente teria acontecido? Uma dissidência do grupo inicial? Ou alguns amadores da radiodifusão estariam tão interessados em que as experiências iniciais se tornassem realidade concreta, a partir da instalação de uma emissora, que chegavam a participar de mais de uma sociedade simultaneamente? Essa última hipótese nos parece

pouco provável, a se tirar pela vultosa quantia reunida com as quotas de participação na sociedade, que, segundo a matéria, já teria alcançado o montante de 25 contos de réis! Se a probabilidade da dissidência do grupo inicial cresce, o que teria motivado essa dissidência?

A hipótese da dissidência também resiste a um aspecto cultural que caracteriza o cotidiano do Ceará. Em muitas ocasiões, quando ocorre uma disputa entre grupos, seja de qualquer natureza, pelo domínio de um determinado setor em Fortaleza, em muitas ocasiões a distinção entre a orientação dos grupos adversários se dá pela oposição entre os nomes Ceará e Fortaleza. Um exemplo clássico, e pra ficarmos contextualizados à época, é no próprio futebol, em que os maiores rivais do estado são exatamente os times do Ceará e Fortaleza. Teria acontecido o mesmo entre o Ceará Rádio Club e o Rádio Club de Fortaleza?

Note-se, também, que o Correio do Ceará começa a abandonar o termo radiotelegrafia e a utilizar o termo radiodifusão, em consonância com os avanços técnicos do novo meio de comunicação.

"Ceará Tramway, Light e Power Co.Ltda. Aviso ao público Tráfego de bondes Ceará Tramway, Light e Power Co.Ltda. Na impossibilidade de manter, no momento, um serviço de tráfego extra ordinário, obteve do Sr. Prefeito Municipal a permissão, em caráter provisório, até que desapareça aquela impossibilidade, de viajarem cinco passageiros em cada um dos cinco (5) bancos dos bondes, a partir de 25 do corrente. Quanto aos quatro (4) primeiro bancos so poderão nelles viajar quatro (4) passageiros, não sendo permitido tomarem assento no smesmos pessoas descalças, maltrapilhas e conduzindo volumes que possam incommodar os demais passageiros."

(Correio do Ceará, 18/01/1934)

No mesmo ano da instalação oficial do Ceará Rádio Clube, o presidente Getúlio Vargas revoga a Lei de Imprensa, que permitia a censura aos meios de comunicação. Fato que não passou despercebido pelo Correio do Ceará.

"Rio, 17 (Havas) - O sr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, assignou, hontem, o decreto revogando a lei de Imprensa." "Rio, 17 (Correio) - O Chefe do Governo Provisório, assignou, hontem, o

decreto revogando a malfadada Lei de Imprensa e autorizando o sr. Antunes Maciel, ministro da Justiça, a nomear uma comissão para elaborar o ante projecto que deverá servir de base para a nova lei." "Rio, 17 (Havas) - Os jornaes exaltam o gsto do sr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, revogando a lei da Imprensa". (Edição de 17/1/1934)

Mas a 'liberdade de imprensa' duraria pouco, muito pouco mesmo. O mesmo Correio do Ceará defende, em sua edição de 1/2/1934, a idéia de que o decreto que aboliu a Lei da Imprensa não é positivo. Desta vez, apresenta um fato que comprova bem a tese. O jornal O Globo foi suspenso. A lei foi revogada, mas o governo continuava com o poder de censura, de suspender jornais, e até prender e deportar os que "usam da penna".

"A dictadura é doce como um favo de mel, proclama-se todos os dias. Com effeito, não é ella a mais cruel das que têm empolgado a América Latina. Entretando, força é confessar que para a imprensa tem sido amarga como fel. E que o diga o próprio Macedo Soares, que escapou de ser trucidado no assalto às officinas do do 'Diário Carioca'".

A censura recrudescer. Agora, tendo a Assembléia Nacional Constituinte, de 1934, como ressonância. A orientação do Correio do Ceará se modifica, como demonstra uma matéria da edição de 22/6/1934. A manchete da matéria escancara o posicionamento do jornal. Diz ela: "O dictador está orientando a censura à imprensa", e o texto complementa:

"Moralmente impedido de fazer reformas e testamentos" Na sessão de hontem da Constituinte; o sr Henrique Dodsworth protestou contra a censura descabida que o governo está fazendo à imprensa, chegando ao ponto de censurar a manchete de hontem de 'O Globo', que dizia apenas: "Depois da última resolução da Assembléia, o governo provisório está impedido moral e juridicamente de fazer reformas e testamentos" Sabe-se, por declaração de vários deputados, entre os quaes o sr. Mozart Lago, que o próprio Sr. Getúlio Vargas está orientando a censura. Foi, em seguida, enviado à meza um requerimento pedindo a suspensão da censura"

E não tardaria a censura chegar também ao rádio.

FALA RSC

(samba - José Evangelista - Canta: Aurora Miranda – 1933)

(A maioria das emissoras de rádio na década de 30 era formada por Rádios Clubes e Rádios Sociedades. Essa é a Rádio Sociedade Coração)

Fala RSC atenção
Fala RSC Rádio Sociedade Coração
Fala RSC atenção
Fala RSC Rádio Sociedade Coração

Limpe o seu rádio com jeito
Pra nossa onda pegar
pois esse samba foi feito
com notas de amor pra te dar

Refrão

Teu aparelho é perfeito
Mas eu te peço atenção
Não vai seu rádio no peito
Ligar pra outra estação

2 Outras sociabilidades – a sociedade educadora

A disseminação do novo meio de comunicação é condicionada pelo acesso a um aparelho receptor. Os depoimentos de nossos entrevistados demonstram essa situação. Ao mesmo tempo, evidenciam os distanciamentos entre a programação e o ‘gosto’ da população.

“[qual teria sido seu primeiro contato com o rádio] Isso eu não posso saber não. Apareceu o rádio aqui, eu morava na Rua... Eu morava na Rua D. Isabel. Porque defronte morava uma prima minha que era casada como uma pessoa da família Diogo. O marido dela que era o chefe da Firma Ceará Industrial, que era da família Diogo. Ele era o gerente. E lá eu morava ali perto e apareceu a rádio. Mas eu não tomei interesse não porque a rádio naquele tempo eles gostavam muito era de música clássica e eu não gostava. Eu queria ver era o sambavéi, nera?

[sobre o número de pessoas que tinha rádio] Não, muita gente não. Tinha alguns. Não, não era todo mundo que tinha não. A mesma coisa. Se você vê em qualquer favela dessas é cheia de rádio, televisão e tudo. O rádio do vizinho era muito ...[risos] Isso é verdade. Era muito usado o do vizinho. Muita gente não tinha rádio não. Era o rádio-vizinho!

(...) Você tá perguntando: ‘- Qual o primeiro rádio que você teve?’ Eu digo, um rádio Piloto que eu comprei ao Teophilo Romcy. Eu comprei por um conto e quinhentos, pagando 250 mil réis por mês. Quer dizer que eu levei 6 meses para pagar. Isso em 1936. Eu ouvi, me lembro muito, que eu ouvi um jogo da seleção brasileira com a seleção Argentina como se fosse aqui. Rádio de segunda mão. Rádio Piloto.” (Valdemar Caracas)

Ah, isso foi em 1933, 34 por aí. Foi quando o pai do Demócrito Dummar, pessoal da família Dummar, montou uma emissora que inicialmente funcionava nos altos da casa Volante, lá na Praça do Ferreira. (...) Mas a influência [do rádio] foi pequena, porque os aparelhos eram muito caros, o preço era alto. Então, na minha rua, por exemplo, as pessoas que eram mais jovens, então queriam dominar isso. O primeiro aparelho de rádio, na rua Monsenhor Tabosa, que naquela época se chamava rua do Seminário, né, eles invejaram meu pai, porque meu pai a bordo de um vapor comprou um rádio de origem alemã [em 1936]. Então ele usava esse rádio freqüentemente, digamos todo dia, para ouvir noticiário do exterior. Porque havia aqueles que transmitiam o noticiário na língua portuguesa.

Meu pai, era muito interessado, queria aprender muito, apesar da idade um pouco avançada, procurou tudo aquilo que pudesse enriquecer culturalmente o cearense. Isso foi uma das coisas que fez meu pai um dos primeiros a comprar um rádio.” (Geraldo Nobre)

“Não, em Iguatu não. Aí, Iguatu ainda era na época... Eu me lembro que se ouvia rádio muito pouco, era um rádio que você tinha uma dificuldade enorme. Teve um dia que fizeram lá uma reunião na casa de Otaviano Benevides, pra ouvir uma rádio, para ouvir o rádio e juntou muita gente porque na época era, era uma novidade, o rádio era uma novidade, como depois tornou-se uma novidade a televisão. Mas naquela época não existia rádio, ou... quase sem repercussão. (...) Eu tive [sic] até os dez anos ou doze, dez a doze anos. É, 35, 32, por aí assim, é... 1932, viu? Porque eu nasci em 1918, não é, eu devia ter mais... foi isso foi... na época de 1930, que foi quando realmente veio aquele movimento excelente e tudo. É, 30, 32, por aí assim. Que é a época da seca e tudo.

É. Já tinha rádio aqui [quando chegou em Fortaleza, em 1935], eu me lembro das reportagens do rádio, com aquele movimento de 37 [revolução constitucionalista em São Paulo], se lembra, daquele movimento, não é, do... Era, era realmente o rádio tava começando a engatinhar, começava a aparecer. Eu me lembro bem da rádio Tupi, a rádio Marink Veiga e, e tinha uma outra rádio no, no Rio de Janeiro também, que se eu não estou enganado... não sei se era... a Rádio Record, naquela época... A Rádio Nacional, que era a mestra de todas elas, era a rádio que comandava realmente to, to, todas as emissoras, não é?

Eu tinha a mania que quando chegava do Liceu [fiz o curso de 1935 a 1939] eu ia direto pro rádio, eu dormia no corredor e ficava com o radinho ligado, ouvindo muitas vezes, não só aqui, mas também com muita dificuldade a Rádio Tupi, de São... a Rádio Tupi, a famosa Rádio Tupi, com aquele locutor famoso... Carlos... Tô me esquecendo agora do nome, mas depois eu me lembro do, do... E outro, mas tinha também um, um locutor muito bom também da rádio, Evaristo Veiga, que pra mim foi o maior locutor de todos os tempos daquela época, não é, que, que realmente revolucionou, tinha uma voz muito bonita e que todos nós hoje seguimos quase que a mesma escola dele, não é?” (José Júlio)

“O rádio, na chegada do rádio na minha casa foi uma festa. Não havia rádio não, (...) lá em casa não havia um rádio até que esse rádio chegou e foi um sucesso muito grande principalmente porque era na época que a gente sintonizava... aqui só existia a Ceará Rádio Clube, a PRE-9, que a gente sintonizava com facilidade, é claro, emissora local, mas a gente tinha acesso a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a Rádio Clube Pernambuco, a BBC de Londres e até a rádio do Vaticano, que meu pai ouvia com muita assiduidade.

Era no tempo que na casa, na sala de jantar tinha a mesa as cadeiras o guarda-comida, a cristaleira, não havia geladeira também na minha casa, quando eu era jovem, quando eu era menino na Rua do Imperador, mas o rádio, eu repito, o rádio chegou depois de muito tempo e foi um acontecimento até para os vizinhos para as pessoas que moravam próximos a nós. (...) Devia ser mais ou menos 1938, 39 eu devia ter uns seis ou sete anos de idade.” (Narcélio Limaverde)

“Um rádio? Ah, foi em trinta e cinco. Eu tinha dez anos. Foi em trinta e cinco. É... é... poucos rádios havia no, no... só quem tinha rádio era... família rica, família Gentil... Lá em casa tinha um... rádio, que veio do Rio, presente do meu tio, (...) mandou pra minha tia. Um rádio já... eu não me lembro não, naquela... eles chamavam capelinha, do tipo capelinha. Pegava bem a rádio. Além de pegar a PRE-9 aqui, ele alcançava a Rádio Nacional do Rio, a Rádio... é, é, de Pernambuco, a Rádio Sociedade da Bahia, entendeu? E depois a Rádio Tabajara de João Pessoa, Paraíba...” (Santiago Freitas)

“AAHHHH, o primeiro rádio foi um rádio ‘Zênit’, ‘Zenite’ ou ‘Zênit’, ehhhh, isso foi comprado para nós irmos... era rádio à bateria porque o meu pai gostava muito de ir para a serra, subir a Aratanha e nós não tínhamos ainda propriedade na Aratanha, tô contando coisa de 39, então, 39 para 40, 39 mesmo. Então, nós íamos, o rádio era de bateria. E o rádio também tinha um carregador ‘Electrolux’, o carregador era um catavento que rodava pra carregar as baterias. Isso lá na serra da Aratanha, eu ainda tenho até as bases desse catavento. É... ele ficava girando para carregar as baterias e pra nós ouvirmos o rádio porque ficava muito dispendioso e cansativo, tá a bateria descarregada e o vento, a energia eólica, ela repunha a carga nas baterias.” (Eduardo Campos)

A nova tecnologia chega. E o surgimento da tecnologia reforça os lugares e papéis que estruturavam a sociedade fortalezense da década de 1930. A partir dessa compreensão, as novas tecnologias podem servir de instrumento de solidificação das instâncias de poder, partindo mesmo da estrutura familiar. O lugar do rádio na casa e quem na família podia tocá-lo é um exemplo emblemático desse simbolismo. A própria aquisição do rádio à época, e como acontece com todas as novas tecnologias, que surgem com elevados custos, definia quem sairia na frente no processo de acesso à informação instantânea. Portanto, o acesso ao próprio poder.

Mas, e ao mesmo tempo, a presença do rádio possibilita a instauração de novas sociabilidades. Se não era possível adquirir a caixinha sonora, o rádio do vizinho poderia ser a saída para aqueles que não dispunham de recursos suficientes. Quantos constrangimentos os rádio-vizinhos não terão enfrentado para se aventurar a escutar uma música clássica ou a Ave-Maria!

Novamente recorramos aos depoimentos de nossos entrevistados para tornar mais viva essa discussão.

“Ah, o rádio era guardado como, como se guarda um santo, né? Um santuário. Tinha um pano de linho, bordado. É, é, é crochè, todo enfeitado, branquinho, cobrindo o rádio, pra não deixar entrar poeira, né? Ah, não era todo mundo não [que podia mexer no rádio]. Só... a... minha tia, as minhas tias, a minha mãe... Só os grandes, era. Tinha que botar um banquinho... era, era feito um, um, um chamado caritó. Era uma prateleirinha, assim, no canto da parede, viu? E lá ficava o rádio. Pra ligar o rádio, tinha que botar um banquinho, subir e ligar. Criança não podia não, era proibida. [risos]” (Santiago Freitas)

“[quem mexia no rádio] Somente ele [o pai, Zé Limaverde, radialista da década de 30], ele é quem ligava o rádio, quando ele não estava em casa precisava haver uma licença, primeiramente aprender como é que ligava o rádio que não era fácil, embora tivesse todos os botões como hoje em dia, mas a gente achava difícil e tinha receio de queimar o receptor de rádio, na minha casa de marca Philco, uns que tinham o mostrador, ou dial bem pequenininho que fez, repito, muito sucesso na minha rua.” (Narcélio Limaverde)

“Todo dia era ligado... só não era mais ligado porque o pessoal tinha medo de lidar com ele. Por causa de possíveis choques. Minha mãe não se metia nisso não... Era sempre o meu pai, meu irmão mais velho...” (Geraldo Nobre)

Mas, cresce o interesse pelo meio. Em anúncio do dia 9/10/1934, no Correio do Ceará, o senhor Olavo Falcão coloca à venda seu aparelho receptor Philco, de oito válvulas. O motivo da venda, a aquisição de um novo aparelho, mais moderno, de onze válvulas. Ou seja, um proprietário de um aparelho receptor de Fortaleza já entrava, em 1934, pelo menos, na segunda geração dos aparelhos receptores, e na segunda geração de propriedade. E o senhor Olavo parecia ter pressa em realizar logo o negócio, pois indicava que o preço era ‘convidativo’.

Também começam a aparecer os anúncios de venda de aparelhos receptores novos, oriundos do trabalho das distribuidoras. A edição de 17/11/1934, do Correio do Ceará, trazia um anúncio do aparelho de rádio Zenith.

“Zênith” “O radio de qualidade, beleza e precisão para ondas curtas e largas. Peçam informações, demonstrações e mais detalhes a LORDA & Cia e serão prontamente atendidos em suas casas. Preços excepcionalmente reduzidos. Escritório: Rua Dragão do Mar, 323. Telefone, 306. Caixa Postal, 187. Ceará – Fortaleza.”

“ZENITH”

O RADIO DE QUALIDADE, BELEZA E PRECISAO

Para ondas curtas e largas

Peçam informações, demonstrações e mais detalhes
a LORDA & CIA. e serão prontamente atendidos
em suas casas

Preços excepcionalmente reduzidos

Escritorio: Rua Dragão do Mar, 323

Telefone, 306 Caixa Postal, 187

Ceara'—Fortaleza 2490

(Correio do Ceará, 17/11/1934)

Mas as alternativas foram sendo criadas para a dificuldade de acesso ao aparelho receptor. Era a população de Fortaleza desviando-se de ficar ao largo da nova tecnologia, como nos conta Eduardo Campos.

“Eu não tinha a menos idéia do que fosse rádio, mas logo depois, eu deveria ter uns dez anos ou para onze anos, havia um verdadeiro vezo, uma curiosidade, das pessoas fazerem uma... instalarem... construir, aliás, artesanalmente algo que se denominava “galena”. O que era a galena? Eu não sei se vou descrever corretamente. A galena é construída de uma bobina, essa bobina tem um solenóide, trinta válvulas ou trinta e duas, nós fazíamos amarrando o fio da bobina num cabo de vassoura, depois tirávamos o cabo de vassoura e estava feita a bobina. Então, uma extremidade da bobina ia ligada a uma agulha, nós usávamos um cristal de rocha e a outra passava para um fone. Esse artefato todo instalado numa cartela, num praticavelzim de madeira e funcionava perfeitamente por que nessa época só se ouvia a Ceará Rádio Clube. Ai sim, eu já passava a ouvir a Ceará Rádio Clube.

Eu não fiz só uma galena não, eu fiz várias galenas. Todo menino quase do quarteirão tinha uma galena, umas mais aperfeiçoadas, outras melhores, mas nem precisava, se ouvia perfeitamente. Eu não sei de onde se arranjava, se encontrava, tanto auscultador, essa é que é a verdade. Mas todo mundo tinha uma galena e um auscultador, como se fosse um auscultador de telefone. “

Diante de tamanha novidade, quais teriam sido os impactos, na sociedade, do surgimento da nova tecnologia? Como a sociedade reage? Qual o processo que se estabelece na interação entre tecnologia e sociedade? Estaríamos no limiar da ‘sociedade da informação’?

Tornero (2000) inicia uma análise acerca das transformações que vão acontecendo a partir do que se convencionou chamar sociedade da informação –embora desde que o ser humano se atreveu a viver em interação com outros seres humanos a informação seja o que inaugurou essa aproximação, seja pensando em colaboração, seja pensando em dominação, ou mesmo pensando em dominação a partir da colaboração. Talvez o mais adequado seja entender que quando se qualifica um ambiente de sociedade da informação, queira se chamar atenção para a quantidade de informações que está disponível para se escolher qual seria o melhor método, os melhores instrumentos e prever as possíveis conseqüências de um processo de aproximação, seguindo o mesmo exemplo.

A caracterização como sociedade da informação também depreende uma outra compreensão. Pode significar que a repercussão desse fenômeno é extensa, e não ficaria restrita a determinados enclaves no mundo. Numa visão complexista, poderíamos afirmar que os níveis de pertencimento de determinadas comunidades à sociedade da informação sofre variações, de acordo com a disponibilidade de determinados elementos de constituição estrutural. Mas, de alguma maneira, mesmo distintas sociedades, em distintos níveis de aproximação de uma ambiente da sociedade da informação, de alguma maneira participam desse ambiente. A compreensão sobre esse processo complexo é que vai definir o grau de apropriação do indivíduo e a possibilidade de participar como protagonista nesse contexto.

É essa ‘alfabetização’ que parte da sociedade da informação que nos traz à discussão Martin-Barbero. E novamente situa a relação sobre comunicação e educação preferencialmente num patamar mais amplo. O ambiente informacional, próprio da sociedade da informação, e aí entendemos em qualquer nível, seja no momento do surgimento do rádio, seja no momento da utilização do hipertexto, estaria constituindo novos hábitos de percepção, novas formas de sentir. As transformações amplas e

generalizadas provocam novos deslocamentos de sentido, outras apropriações, novas formas de aprendizagem.

E os meios de comunicação jogam um papel fundamental nessas novas formas de percepção. A leitura do mundo não se daria mais apenas pela disseminação da escrita. E isso é particularmente relacionado à tecnologia rádio. O perceber e o sentir se dão, agora, também por meio do ver, do escutar. Novos suportes se apresentam no processo de aprendizagem. Freire, em 1986 (FREIRE & GUIMARÃES) já propunha, numa atualização de sua própria teoria, que para além de uma leitura do mundo seria necessária, quiçá, uma gravação do mundo, uma escrita do mundo, uma fotografia do mundo, uma escuta do mundo...

A partir dessa compreensão, poderíamos fazer uma relação entre o que representaria o rádio, naquele momento, e o que representa o hipertexto, em nossos dias. Sempre na perspectiva de contextualizar as duas tecnologias, ou suportes de aprendizagem, a partir de seus alcances, utilização e possibilidades interativas. Martin-Barbero (2002) identifica os momentos de hoje como uma passagem. “Estamos pasando de una sociedad com sistema educativo a una sociedad educativa”, afirma ele (p. 12). E prenuncia que essa passagem, essa nova alfabetização, não pode prescindir de sua compreensão política. E se apóia em Freire para anunciar os seus propósitos, quando indaga

“Qué es un analfabeto, y a la que , frente a la respuesta de los manuales –um hombre que no sabe leer ni escribir– Freire propone otra, radicalmente outra: el analfabeto es el hombre impedido de decir su palabra. Y la alfabetización será entonces la praxis educativa que devuelve a los hombre su derecho a decir lo que viven e sueñan, a ser tanto testigos como actores de su vida y su mundo”. (p. 40).

A consciência da situação eminentemente política leva Martin-Barbero ainda a indagar o que seria alfabetização de hoje quando o acesso ao saber passa, de uma forma ou de outra, pelas diversas redes e tramas das imagens e das sonoridades eletrônicas? E o que entender por alfabetização aqui, em países cuja escola, incompleta e atrasada, convive com as interconexões do mundo audiovisual de massa? Em países cujas maiorias, ainda analfabetos da leitura, não têm acesso social nem cultural à própria escrita? E chama atenção, mais ainda, para a complexidade dos novos modos de percepção.

“Em cambio em los protocolos y procesos de lectura (...) no significa, no puede ni debe significar, la substitución de um modo de leer por outro sino la compleja articulación del uno y los otros, de la recíproca inserción de unos em otros, entre libros e comics y vídeos y hipertextos.” (p. 52 e 53)

Mesmo reconhecendo a dificuldade da escola em acompanhar essas transformações da sociedade da informação, Martin-Barbero não desanima em apontá-la como ambiente onde as dimensões, e não somente os efeitos, culturais das tecnologias comunicacionais, devem ser pensadas e assumidas. Seria um projeto educativo que incorporasse como objeto de estudo os relatos e as estéticas audiovisuais que configuram a literatura cotidiana das maiorias. E qualifica mais uma vez a dimensão das transformações, quando afirma

“ya que no estamos solo frente a um ‘hecho tecnológico’ o la dominación de una lógica comercial, sino a profundos câmbios em todas las prácticas culturales, de memoria, de saber, de imaginário y creación, que nos introducen em uma mutación de la sensibilidad’ . (p. 66)

Transformações e mudanças, pugnadas pela tecnologia, que poderiam fazer parte das décadas de 1930 e 1940, mas sempre, insistamos, guardadas as devidas proporções. O papel que antes dessas transformações era desempenhado pela escola, agora é assumido pelos meios de comunicação audiovisuais. Ambiente de socialização, de elaboração e transmissão de valores e formas de comportamento, de padrões de gosto e de estilos de vida, reordenando e desmontando velhas e resistentes formas de intermediação e autoridade que configuravam o estatuto e poder social da escola. E essa percepção de Martin-Barbero quanto ao novo papel dos meios de comunicação inicia exatamente em meados dos anos 30, do século XX. E dentro de um projeto político.

‘ (...) la función que cumplieron los médios en la ‘primera modernidad’ latinoamericana de los años 1930-1950 –que configuraron especialmente los populismos em Brasil, México y Argentina– respondió al proyecto político de constituir estos países em naciones modernas mediante la creación de uma cultura e uma identidad nacionales. Esse proyecto fue em buena medida posible por la comunicación que los médios possibilitaron entre masas urbanas y Estado. Los médios, y especialmente la radio, se convirtieron em voceros de la interpelación que desde el Estado convertia a las masas em pueblo y al pueblo em nación. La radio em todos, y el cine em

algunos países –México, Brasil, Argentina– hicieron la mediación entre las culturas rurales tradicionales con la nueva cultura urbana de la sociedad de masas, introduciendo en esta elementos de la oralidad y la expresividad de aquellas, y possibilitándoles hacer el paso de la racionalidad expresivo-simbólica a la racionalidad informativo-instrumental que organiza la modernidad” (p. 73 e 74)

Considerações fundamentais para qualquer análise das dimensões na relação entre comunicação e educação nesse período. É que começou a abalar as estruturas de um sistema de poder começado a construir ainda em épocas medievais, transformando os modos de produção e circulação do conhecimento. Estruturas de poder exatamente erigidas em torno da centralização territorial do saber. A dispersão e fragmentação do saber atingem em cheio a escola, que perde seu caráter de centralidade. Cada vez mais os educadores são colocados à prova frente à diversidade e amplitude do conhecimento dos estudantes, que mobilizam outros saberes e linguagens.

E essa situação assusta. A compreensão poderia ser outra, defende Martin-Barbero. Ao invés de serem interpretados como uma afronta deliberada, os novos modos de saber e novas linguagens mobilizadas reivindicam a existência da cultura oral ou da cultural visual, o que não significa o desconhecimento da vigência que conserva a cultura letrada, mas começa a desmontar sua pretensão de ser a única cultura digna desse nome em nossa contemporaneidade.

E o que é mais animador, as maiorias latinoamericanas estão, de alguma forma, adentrando a modernidade sem abrir mão de sua cultura oral. Ao adentrar a modernidade, ocorrem transformações no cotidiano dessa maioria, especialmente das novas gerações, cuja leitura já não corresponde à linearidade/verticalidade do livro, mas a uma

“aun confusa pero activa hipertextualidad que, desde alguna parte del comic, del videoclip publicitario o musical, y sobre todo de los videojuegos, conducen la navegación por internet. Como seguir entonces pensando separados memoria popular y modernidad –a no ser que la modernidad se piense aun ilustradamente anclada em el libro– cuando en la América Latina la dinámica de las transformaciones que calan en la cultura cotidiana de las mayorias proviene mayormente de la desterritorialización y las hibridaciones culturales que propician y agencian los medios masivos”. (p. 94)

Frente à resistência da escola, acontece uma confusão de sentidos. Estaríamos ante a um sistema e uma experiência escolar que não somente deixam de ganhar os adolescentes para uma leitura e uma estrutura enriquecedoras de sua experiência, mas que desconhecem a cultura oral enquanto matriz constitutiva da cultura viva e da experiência cotidiana entre os setores populares. Chegando a confundir e reduzir esse fato a uma compreensão de analfabetismo.

A educação, de forma mais ampla, consideradas as mais diversas formas de aprendizagem, e o sistema educativo, de forma específica, deveriam ‘escutar’ essas oralidades e abrir os olhos à visibilidade cultural das visualidades que emergem nos novos regimes da tecnicidade. E Martin-Barbero novamente incorpora o componente político a sua leitura de mundo.

“Si lo próprio de la ciudadanía es el estar asociada al ‘reconocimiento recíproco’, esto pasa decisivamente hoy por el derecho a informar y ser informado, a hablar y ser escuchado, imprescindible para poder participar em lãs decisiones que conciernen a la colectividad. De ahí que uma de lãs formas más flagrantes de exclusión ciudadana se situe justamente ahí, em la desposesión del derecho a ser visto, que equivale al de existir/contar socialmente, tanto em el terreno individual como el coletivo, em el de lãs mayorías como de lãs minorías”. (p. 106)

Certamente uma dimensão ainda inexplorada de análise, e que me desperta bastante interesse, poderia se dar com educadores das décadas de 1930 e 1940. Como eles perceberam o surgimento da tecnologia rádio? Que mudanças eles perceberam nos processos de aprendizagem? E a escola, como a escola reagiu a esse novo contexto? Que repercussões trouxe na relação entre aluno e professor, geralmente uma professora? Certamente a partir da conversa com observadores mais que atentos aos novos processos de aprendizagem, os educadores, essa discussão poderia complementar as relações que estabelecemos a partir de uma análise específica do meio de comunicação rádio.

Mas, por enquanto, nos detenhamos ao que transparece em nossas fontes de pesquisa atuais. Qual teria sido a natureza das primeiras irradiações do Ceará Rádio Clube? Com que orientação os programas iam ao ar? Qual a resposta dos ouvintes a essa programação? E Fortaleza, como se comportava frente à nova tecnologia, agora oficialmente em funcionamento? A emissora teria aplicado seu estatuto, e direcionado

suas irradiações para a ‘democratização da cultura’? E as lições de civismo, literatura, ciências, incentivadas nas intenções iniciais, teriam vingado? São alguns questionamentos que tencionamos aprofundar no capítulo seguinte, quando vamos abordar a orientação dos primeiros programas da Ceará Rádio Clube, ainda na década de 1930.

ESSA CABROCHA

(samba - Portelo Juno/ J. Portela - Canta: Carmem Miranda – 1940)

(Dentro de uma descrição de como é uma cabrocha, fala no convite feito a uma delas para atuar no rádio)

Refrão

Quem não acredita vem ver
Uma cabrocha sambar
Mexendo com as cadeiras
E seu feitiço no olhar
Toda risonha e faceira
No meio da batucada
Se desmanchando e deixando
A turma abafada
Essa cabrocha quando entra para o samba
Não acredita em bamba nem tampouco no azar

Essa cabrocha é a alegria do morro
Quem vai lá fica espantado
E quer a cabrocha rodar

Refrão

Já mandaram proposta
Convidando a cabrocha pra no rádio ir cantar
Abandonar o morro ela tem pena
Pois lá não tem antena
Pois a luz que tem lá é o luar

3 A orientação dos primeiros programas – os princípios da política de comunicação do governo Vargas

Uma constatação, feita a partir de uma matéria da edição de 15/12/1934, do Correio do Ceará, é que as intenções de Edgard Roquette-Pinto, da natureza educativa que o rádio poderia tomar, em consonância com o que estabeleciam os estatutos das sociedades ou clubes de radiotelefonía, ainda causavam repercussão e tinham acolhimento no meio social. O título da matéria é ‘Rádio e Educação’, que é o nome do livro lançado naquele momento em São Paulo, de autoria de Ariosto Espinheira. O lançamento da publicação ganha ainda mais relevo porque prefaciada por Lourenço Filho, que, na década de 1940, iria assumir a Universidade no Ar, palestras transmitidas pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Lourenço Filho guardava a obra em seu arquivo pessoal, o que revela alguma identidade com a temática. Observamos a argumentação da matéria para a relação rádio e educação.

“O século XX, que tem na própria caracterização ordinal do computo romano o fatalismo de duas incógnitas, pode ser chamando-o século da velocidade. “Dir-se-á que a sua senha é a vertigem da rapidez: a eletricidade, com suas tantas ticas e maravilhosas aplicações técnicas, imprimiu em nosso ritmo hodierno a necessidade de dominar o tempo e o espaço. E isso já se obtém pela maravilha do rádio. O planeta viu se diminuindo. O homem dominou o dom da ubiqüidade espiritual. Não existem mais quilômetros. As ondas hertzianas, circulando a terra, levam de pólo as mensagens dos novos deuses. “Estas idéias brotam do cérebro de quem escuta a sonoridade de um rádio a espalhar no ambiente as notas harmoniosas de uma sinfonia. Depois dela ouve-se a palavra de um conferencista que dá uma aula de higiene. “Manhã cedo, o ritmo alegre de um hino convida o homem para a ginástica; mais recentes novidades mundiais; aula de inglês, cotação da bolsa, conferências, musicais regionais e clássicas, a mil gostos, programas de danças, uma variedade para todas as idades e até as histórias da Mãe Pedra... “Fora destes comentários gerais, precisamos dizer que a Companhia Melhoramentos de São Paulo acaba de publicar o seu 23º volume da Biblioteca da Educação, uma ótima coleção de livros úteis, que tem a lhes valorizar o seu próprio mérito os prefácios de professor Lourenço Filho. Seu autor, Ariosto Espinheiro, um técnico no assunto. “Sem ser propriamente um manual técnico, o livro traz uma clara exposição da teoria pela qual se pode explicar os mistérios do ‘sem fio’. “E de outra parte, numa resenha de dados colhidos nos países líderes, lêem-se as recentes inaugurações na radiodifusão como elemento educacional de rápida e econômica presteza. “Os professores, os

intelectuais, mesmo os homens de negócios muito têm de aprender nas páginas deste livro, que também serve de excelente ‘vade-mécum’ para qualquer indivíduo que se disponha a vender aparelhos de rádio, o que não é fácil quando não se tem uma iniciação técnica no assunto. “De resto, mais um bom livro, dentre os mais úteis e modernos, este que nos foi oferecido pelo representante da Companhia Melhoramentos de São Paulo, o sr. Rodolfo Gurgel.”

Ariosto Espinheira ocupou o cargo em comissão na Seção de Museu e Radiodifusão, do Departamento de Educação do Distrito Federal, e foi Secretário da Comissão Rádio-Educativa da Confederação Brasileira de Radiodifusão. No livro, apresenta e descreve aspectos históricos e técnicos relativos à transmissão radiofônica. Em seguida, demonstra as vantagens que pode oferecer a radiodifusão para o ensino dos jovens, num país de tamanho continental, como o Brasil. Assinala que o rádio não pode substituir o professor, mas deve secundar-lhe o próprio trabalho.

Além de apontar a observância de determinadas técnicas para obtenção de melhor qualidade sonora na transmissão, Espinheira apresenta ricas sugestões de trabalho radiofônico em várias disciplinas, inclusive agricultura e horticultura, língua estrangeira, dramatização, música e reportagem educativa. Dedicou também um capítulo especial ao papel da radiodifusão na extensão cultural dos adultos e, finalmente, apresenta registros de atividades radiofônicas realizadas por vários países do mundo, membros da União Internacional de Radiodifusão.

Segundo Dângelo (1998), a percepção de Espinheira é que a dramatização deveria ser o programa mais indicado para ‘impressionar’ os ouvintes nos cursos de história pelo rádio. Essa modalidade seria capaz de atingir a imaginação para integrar o ouvinte ao ambiente histórico simulado nos microfones. Estes efeitos reforçariam a preocupação com hábitos a serem sugestionados, mais que o próprio conteúdo pedagógico, especialmente na busca de uma nacionalidade. O próprio Espinheira caminha nessa perspectiva, acenando com o caráter ‘ilustrativo’ das audições às aulas ministradas pelo professor. A este restaria atrair os alunos para a História com o uso de livros didáticos, mapas e quadros intuitivos devidamente preparados e indicados para a absorção dos mitos, heróis e valores nacionais e aos conferencistas do rádio caberia a criação das cenas, induzindo os alunos ao local e época narrados, conferindo ao técnico a atribuição das montagens e efeitos apropriados.

O recurso ao cotidiano de povos distantes no tempo e no espaço se encarregaria de impregnar na sua memória um ambiente familiar em que as vidas são traçadas em torno de personalidades que ‘fizeram a história e conduziram o povo ao seu destino’. O passado torna-se o exemplo a ser seguido, consagrado e memorizado enquanto senso comum.

Pleiteava-se, para a radiodifusão educativa, a elaboração de cenas de uma multidão civilizada no presente, em contraposição à desorganização de tempos passados. Ficando em casa, os ouvintes, atingidos nacionalmente por uma rede de rádio, juntar-se-iam a essa multidão, recebendo impressões irradiadas das ruas e dos estádios, em comemorações cívicas preparadas para saldar os mitos fundadores da nação, os heróis que realizaram os anseios de liberdade em nome do povo, o 7 de setembro, o 15 de novembro, o 19 de novembro, o 13 de maio e o 1º de maio. Ainda segundo Dângelo, ocorre, portanto, uma articulação dessas celebrações pelo rádio educativo ao ensino de História, bem como à organização dos dispositivos de censura e produção de manifestações cívicas nos anos 1930 e 1940.

Essas experiências na aproximação entre rádio e educação teriam contaminado a programação inicial do Ceará Rádio Clube? Em sua publicação, Eduardo Campos (1984) afirma que não está bem definido quando se iniciaram os programas de rádio da nova emissora, com o intuito de serem veiculados para os ouvintes. Ele indica que o cronista Otacílio Colares rememora de que por volta dos anos iniciais do Ceará Rádio Clube o piano já fazia se ouvir em seus estúdios. Segundo Otacílio, era um tempo quando,

“tirante as sessões ‘colosso’ e ‘gigante’, dos popularíssimos cinemas centrais, Majestic e Moderno, (...) só restava, para encompridar a hora de recolher-se à casa, o recurso dos longos papos às mesas de cafés, que se havia, às dezenas, à roda e nas proximidades da Praça do Ferreira. Nesses cafés, de frequência variada, lá estavam os pequenos rádio-receptores, todos em mogno, geralmente com as caixas em forma ogival, em cantoneiras no geral de mármore ao alcance apenas da sintonia do proprietário, na transmissão das vozes, então máximo, de Vicente Celestino, Sílvio Vieira, Augusto Calheiros, Alberto Perroni, Gastão Fomenti, valsas, canções, cançonetas, foxes bem marcados, sambas de Noel e choros de Pixinguinha e Bendito Lacerda. Isto sem esquecer Carmen e Aurora Miranda que despontavam gloriosamente.

Não sendo de esquecer os programas de música erudita, com apresentações. Se não me engano, redigidas por Audifax Mendes, que música selecionada era passatempo de uma elite social em cujas residências solarengas havia piano como instrumento e não como móvel ornamental”. (idem, p. 9).

Vamos encontrar o primeiro fragmento do que seria uma programação de rádio num registro do Correio do Ceará, edição de 9/1/1935. Seria uma irradiação do ‘Ceará Rádio Philco’. A ortografia da nota foi adaptada à atualidade.

“Sobreira Filho declamará um poema de ‘Luzes da Cidade’. Dado o interesse crescente que vem despertando a nova circulação de ‘Luzes da Cidade’, anunciada para ainda este mês, e correspondendo a atenciosa distinção da Ceará Rádio Philco, em sua audição de hoje se fará ouvir, às 20:30, o poeta Sobreira Filho, que dirá pelo microfone uma das páginas de seu livro.”

Indicamos duas possibilidades para a irradiação. Ou seria a emissão de uma outra sociedade de rádio, que poderia ter se estabelecido em Fortaleza; ou poderia tratar-se de um programa da Ceará Rádio Clube com o nome de ‘Ceará Rádio Philco’, talvez porque patrocinado por uma distribuidora de aparelhos receptores da marca Philco em Fortaleza. Quem sabe a própria Casa Dummar. Essa segunda hipótese nos parece mais plausível, e vem se solidificar quando observamos uma ‘carta do ouvinte’ saída na edição do Correio do Ceará de 22/1/1935. O ouvinte é um vendedor ‘pracista’, autônomo. A ortografia foi adaptada à atualidade

“Ilmo. sr. Redator do ‘Correio do Ceará’. Em experiência vêm os srs. Dummar & Cia., donos da PRE-9, irradiando, diariamente, programas de discos musicais, e com estes fazendo propaganda de artigos em venda no seu estabelecimento, especialmente de rádio. “Nada temos que ver com os programas musicais dos srs. Dummar & Cia., que, de fato, só podem agradar e deleitar os ouvintes, nem tão pouco com a propaganda de seus produtos de comércio. Entretanto, como, na propaganda que esses srs. Fazem no rádio de que são vendedores, se servem da estação PRE-9 para difamar ou caluniar uma classe honesta, a dos pracistas, de que me orgulho de pertencer, era natural, que o humilde subscritor destas linhas não pode ficar calado, e, assim fosse pedir agasalho no vosso conceituado órgão, servindo-se dessa poderosa válvula, a imprensa para expressar algumas verdades e, ao mesmo tempo, contraditar e confundir aqueles que procuram ofender uma classe tão laboriosa e honrada como outras quaisquer que sejam. “Deselegante, desprimorosa e desconhecida, fora da ética das transmissões de rádio, é essa forma esquisita de se servir de uma emissora das ondas hertzianas para deprimir quem quer que seja, procurando levar ao desprezo e ao ridículo público aqueles que caem no

desagrado, embora gratuitamente, dos que mandam e dispõem desta mesma estação. “Que esses senhores façam propaganda de seus rádios com anúncio os mais espalhafatosos e bombásticos é compreensível e permitido, porém, que o façam em regra, jamais entretanto procurando ofender a quem quer que seja que não afine pelo diapasão dos senhores Dummar & Cia. “Aliás, nos sediços e repelidos anúncios de rádios, aqueles srs., além da maneira irritante com que procuram embora impotentemente deprimir os pracistas, vêm tentando diminuir marcas de rádio que se vendem em Fortaleza sem que porém tenham a isenção de animo necessária de dizer qual a qualidade de rádio regenerativo que apita. “Enfim seria melhor que os srs. Dummar & Cia. Esclarecessem de maneira franca qual a espécie regenerativa e quais os nomes dos pracistas de esquina. “Não conhecemos e nem interesse temos de conhecer os lucros obtidos pelos srs. Dummar & Cia. na venda de cada aparelho de rádio e assim avaliarmos se, de fato, o comprador é beneficiado pela pretendida comissão que caberia ao intermediário pracista, Sobre este assunto é-nos vedado a prova. São transações comerciais e, por isso, proibidas de conhecimento dos profanos e unicamente sabidas nas exibições judiciais. “Pela publicação destas linhas muito grato fica. De v. s. Atto crdo. Abrdo. Asthon Guabiraba – pracista.”

O ‘desabafo’ de nosso pracista revela alguns detalhes da atuação do Ceará Rádio Clube, a PRE-9: que a Casa Dummar, de propriedade de João e José Dummar, os mesmos proprietários da PRE-9, utilizava-se da emissora para uma publicidade massiva de seus produtos comercializados na loja; que faziam essa publicidade, a partir de uma ética questionável, atentando sobre a imagem dos demais pracistas, vendedores que revendiam produtos de outras firmas; e que estimulavam a compra direta dos aparelhos receptores, evitando, assim, o pagamento da comissão aos pracistas porventura concorrentes.

Mais o relato revela mais. Revela os perigos do monopólio dos meios de comunicação, na sua mais dura realidade, porquanto a PRE-9 era a única emissora de rádio, pelo menos legalizada, de Fortaleza. Revela a aproximação entre os interesses comerciais e o conteúdo da programação da emissora, predispondo à contradição entre a orientação educativa e a orientação publicitária da radiodifusão, ambas contidas em seus estatutos. Mas também revela que, mesmo sob o julgo do monopólio, existiam vozes dissonantes quanto ao conteúdo da programação. E se existiam vozes dissonantes, é porque havia uma recepção crítica ao que era veiculado –possibilidades de mediação.



(Correio do Ceará, 21/3/1935)

O primeiro registro de uma grade de programação da Ceará Rádio Clube é veiculado pelo Correio do Ceará em suas edições de 12 e 13/3 de 1935, terça e quarta-feira, respectivamente. A grade do dia 12 trazia:

- 19:15 – Anúncio DJA (alemão, português) – canção popular alemã
- 19:20 – Música e Atualidade
- 19:45 – Últimas Notícias (em alemão)
- 20:00 – Do transmissor nacional de Leipzig: uma hora na terra natal
- 21:00 – A indústria alemã e a paisagem: thuringua (fala: Kurt Mattusch)
- 21:15 – Últimas notícias (em português)
- 21:30 – Música de câmara, octeto de Franz Schubert p/ instrumentos de corda e sopro op. 166 Hanz Priegnitz
- 22:15 – Uma hora com livros
- 22:30 – Um concerto à medida do desejo
- 23:00 – Leitura do programa (alemão, português)
- Despedida DJA (alemão, português)

Já a programação do dia 13 era a seguinte:

- 19:15 – Anúncio DJA (alemão, castelhano) – canção popular alemã
- 19:20 – Rádio da Mocidade: sempre seremos solidários
- 19:45 – Últimas Notícias (em alemão)
- 20:00 – ‘Fugindo da Liberdade’, uma seqüência de Fred von Hoerschelmann
- 21:00 – Friedrich RolfAlbes toca sonata para piano em La maior de W.A Mozart com a marcha turca
- 21:15 – Últimas notícias (em castelhano)
- 21:30 – 15 minutos alegres
- 22:15 – O museu alemão de relógios
- 22:30 – Heinz Marten canta composições de Hugo Wolf
- 23:00 – Leitura do programa (alemão, castelhano)
- Despedida DJA (alemão, castelhano)

Algumas observações sobre as programações são inevitáveis. Percebe-se, inicialmente, que a programação da emissora era predominantemente preenchida por produções sintonizadas em estações estrangeiras. Isso remete a uma discussão sobre a debilidade do quadro de profissionais que a emissora dispunha para a produção de programas próprios. Essa realidade parece que ainda persiste por algum tempo, pois a PRE-9 só realizaria seu primeiro concurso para locutor, ou ‘speaker’, somente em 1936, segundo Eduardo Campos. Se havia locutores antes dessa data, ou não foram contratados por concurso ou não faziam parte do quadro de pessoal fixo da emissora.

Outra constatação é a predominância de produções recebidas diretamente da Alemanha. Uma dupla causalidade pode explicar o predomínio alemão nas produções da PRE-9. A primeira, o desenvolvimento técnico da radiodifusão naquele país, impulsionado pela indústria da guerra de Hitler que utilizava o rádio como meio de comunicação político-ideológico para a ascensão do nazismo. Uma segunda causalidade, e essa já ancorada na realidade brasileira, é o fato do governo de Getúlio Vargas, nesse momento, em sua área diplomática, e sob o prenúncio da Segunda Guerra, ainda oscilar entre os acenos dos EUA e das nações européias que iriam compor, juntamente com o Japão, as potências do Eixo, no caso a Itália e a Alemanha.

Confirmando os depoimentos e registros anteriores, a música clássica dava o tom da programação musical –música clássica também alemã. Uma última observação: será que o ‘Rádio da Mocidade: sempre seremos solidários’, programa presente na grade do dia 13, já representaria os esforços do regime varguista na utilização do rádio como meio de propaganda política?

Mas parece que essa programação não encontrava eco em alguns ouvintes. Como demonstra outra carta de ouvinte endereçada à redação do Correio do Ceará, que saiu na edição do dia 25/3/1935. A ortografia foi adaptada à atualidade.

“Na qualidade de ouvinte de rádio, venho comentar aqui o fato, aliás, observado por todos, de que a estação irradiadora, única local, não está desempenhando a sua finalidade regida por lei federal da rádio educadora; restringindo-se as suas transmissões à música de discos e anúncios comerciais. “Registrada oficialmente na Repartição dos Telégrafos para esse fim, outro tem sido o seu programa. “São conhecidos de todos, as estações que sintonizam o mundo inteiro,

intercalam obrigatoriamente nas suas transmissões, curtas palestras educativas, como sejam, higiene geral e individual, combate ao álcool, sífilis, tuberculose etc etc. “Horas dedicadas a petizada, ensinamento às mães sobre alimentação e repouso das crianças e outros assuntos úteis e aproveitáveis a um programa de rádio educativo. Assim fica, senhor redator, o meu ligeiro comentário. Agradeço a publicação. Juventus.”

Embora sem elementos concretos de análise, faz parecer que o autor da missiva de acoberte sob a alcunha de um pseudônimo. Mesmo que esse detalhe não retire a importância de suas preocupações, nos faz pensar sob que pretexto esse pseudônimo teria sido utilizado. O comentário parece partir de alguém que entende bem da legislação que regula a radiodifusão, porque aponta seu protesto a partir desse reconhecimento. E parece ser típico de um representante das camadas médias da população, pois, embora haja uma preocupação com o caráter educativo da programação, essa compreensão parte de uma visão de normalização social, que vê na utilização de uma emissora de rádio o caminho para ‘educar’, mas educar principalmente as camadas populares, retirando-as de hábitos e costumes que poderiam ‘contaminar’ as classes abastadas, em oposição à gente ignara, ao populacho, ao ‘zé povim’. Discurso esse construído historicamente a partir do processo de reformas urbanas que Fortaleza experimentou desde a década de 1850 e, ao que parece, ainda em voga na cidade de 80 anos depois.

Ainda sobre a carta do ouvinte, se o autor entendia a legislação que regia o funcionamento de uma emissora de rádio, e se dava pistas de ser um representante das camadas médias da sociedade, não poderia ser um dos participantes da reunião do salão nobre do Clube Iracema, e que haviam fundado o Rádio Club de Fortaleza, em possível dissidência do Ceará Rádio Club?

«RADIO PHILIPS»

Senhores amadores de rádio, não comprem seus aparelhos sem primeiro ouvir os formidáveis receptores «PHILIPS» da serie «Radioplayers» 1937, a chegar pelo vapor «ITAQUICÉ».

545—A—O NOVO NAVIO DO ETHER. «Classe de Luxo». Para corrente alternada, systema «multi-inductancia» avançada, para ondas curtas e medias, em 3 bandas (de 13,6 a 46 metros; «3» a 162 metros e 160 a 590 metros), com **10 Valvulas**, inclusive a de raios cathodicos para syntonização visual. Circuito de sahida push-pull de grande fidelidade. Novo alto falante com potente liman permanente, de aço especial. Dial com escala calibrada em metros, trazendo impressos os nomes das estações de ondas curtas. Micro syntonizador. Novo estabilizador de frequencia. Engenhoso dispositivo para transformar com facilidade a voltagem do receptor. Chassis flutuante, montado sobre borracha. Ligação para pick up e alto falante suplementar, com interruptor para o alto falante incorporado. Moveel artistico, de fino acabamento, com polimento à mão.

338—U—O PIONEIRO DO AR. Para corrente alternada e continua, circuito super heteródico, systema «multi-inductancia» avançada, para ondas curtas e medias, de 16,5 à 590 metros, **6 valvulas**, dial moderno trazendo impressos os nomes das estações de ondas curtas, syntonizador micrometrico, novo compensador de tonalidade, novo dispositivo para transformar a voltagem do aparelho, push-pull, etapa A. F. protector, assegurando uma preseleção excellente, novo altofalante electro-dynamico, ligação para pick-up e alto falante suplementar. Moveel elegante, especialmente construido para resistir ás variações dos climas tropicaes.

539—U—O DOMINADOR DO ESPAÇO. Para corrente alternada e continua, circuito superheterodino, systema «multi-inductancia» avançada, para ondas curtas e medias, de 15,5 a 590 metros. **Oito valvulas**, dial moderno, trazendo impressos os nomes das estações de ondas curtas, syntonizador visual de grande precisão, estabilizador de frequencia, novo circuito de M. F., chassis flutuante, botão de syntonía para 2 velocidades, transformador de voltagem simplificado, novo alto falante «super-fidelidade», ligação para pick-up e alto falante suplementar, com interruptor para o alto falante incorporado. Moveel de fino gosto, construido especialmente para os climas quentes e para resistir aos choques causados pelo transporte.

Além de todos os privilegios acima descritos, esses receptores serão apresentados em moveels ultra modernos de linhas sobrias, com finissimo acabamento já comum nos aparelhos da marca «PHILIPS».

Peçam preços e demonstrações inteiramente sem compromisso ao—AGENTE AUTORIZADO

JAN GOOSSENS
RUA MAJOR FACUNDO, N. 210
FORTALEZA—CEARÁ

(Correio do Ceará, 7/10/1936)

Em torno de conjecturas sobre dissidências no movimento de radiodifusão cearense, eis que o Correio do Ceará, em sua edição de 4/1/1936, noticia, para breve, a fundação de mais uma sociedade de rádio. Dessa feita, a ‘Sociedade Rádio Cearense’. A ortografia foi adaptada à atualidade.

"Sociedade Civil fundada sob os auspícios dos Exmos Srs. Arcebispo de Fortaleza, Bispos de Sobral e Bispo do Crato. Presidente - capitalista José Diogo Vital de Siqueira; membros do Conselho Fiscal, dr. José Martins Rodrigues, Secretario do Interior, dr. César Cals, presidente da Assembléia Legislativa e banqueiro João da Frota Gentil. Inscrevei-vos como sócio acionista - Ação 100\$000. Brevemente instalará a sua grande estação Rádio-Difusora"

A Sociedade atrairia gente bem situada na sociedade fortalezense. Destaque para o banqueiro João da Frota Gentil. Para efeito comparativo, lembremos que Valdemar Caracas comprou seu primeiro aparelho receptor por um conto e quinhentos mil réis, pagando prestações mensais de 250 mil réis. A cota de acionista da Sociedade Rádio Cearense foi estipulada em cem mil réis. E alguns nomes que participaram da fundação da Sociedade são nosso velhos conhecidos: Diogo Vital de Siqueira e César Cals também aparecem em iniciativas de fundação de outras sociedades de radiodifusão, como descrito anteriormente. Note-se também que a grande ênfase das sociedades deixa de ser a promoção de reuniões de audição e passa a ser, de forma pragmática, a montagem de estações retransmissoras de rádio, talvez já estando mais claros o sentido político da utilização de uma emissora de rádio.

Três meses depois, a edição do Correio do Ceará de 6/10/1936 traz, na seção ‘Ouçam o Rádio’, a programação da Ceará Rádio Clube para o dia.

“Ouçam o Rádio Terça-feira, 6 de out.: Berlim D.J.N. 31,45 M e D.J.Q. 19,63, M horas: 1850 Annuncio IDJN e DJQ (all, port.) 1855 Saudações aos nossos ouvintes 1900 Radio na Juventude Hitleriana canções populares 1915 Boletim de actualidades 1930 Canções de Franz Schubert Johanna Egli 1945 Ultimas noticias (em alemão) Noticias sobre a economia allemã 2000 Medo de adagios Uma hora variada 2115 Ultimas noticias (em portuguez) Noticias sobre a economia allemã 2130 <> Musica e poesia 2215 Echo da Allemanha 2230 Consultas para senhoras 2245 Disco enfeitizado 2300 Ultimas noticias (em allemão) 2315 Musica de camera 2430 Ultimas noticias (em hespanhol) 2445 saudações aos nossos ouvintes despedida DJN DJQ (all., port.).”

Ainda predominam as audições de produções alemãs. Observe-se que a programação traz, inclusive, os prefixos das emissoras de onde as produções são sintonizadas. E essa programação parece solucionar nossa interrogação feita anteriormente, sobre o programa ‘Rádio da Mocidade’. Ao que parece, trata-se de uma produção também alemã, uma feita que a programação desse dia 6/10 traz a produção Rádio na Juventude Hitleriana, numa alusão explícita ao regime nazista. A não ser que as duas produções tenham sido realizadas por simpatizantes brasileiros da causa alemã. Mas, certamente, mesmo em sendo uma produção alemã, teria o beneplácito do regime varguista.

Esse beneplácito encontraria respaldo na movimentação de uma das figuras influentes do regime varguista. Trata-se de Francisco Campos, que ocupa inicialmente a pasta do Ministério da Educação e Saúde e depois a pasta do Ministério da Justiça do governo Vargas. Cumpre-nos salientar que o governo Vargas sobe ao Catete (palácio do governo federal na capital de então, Rio de Janeiro) através da ‘revolução’ de 1930. Governa constitucionalmente até 1937, quando dá o golpe dentro do golpe e instaura o que passaria a ser conhecido como o Estado Novo, que perduraria até 1945.

Um desses movimentos de Francisco Campos é a tentativa de criação de uma Organização Nacional da Juventude, com patrocínio governamental. O projeto, concretamente, surge em 1938, gerado no Ministério da Justiça, de Francisco Campos. Inspirava-se “claramente nos modelos europeus, e tinha por objetivo formar uma organização paramilitar de mobilização” (SCHWARTZMAN et all, 2000, p. 139). O projeto detalha a estruturação da Organização, cabendo à Secretaria Geral “orientar a propaganda e divulgar os fundamentos doutrinários” (idem, p. 141). Daí subentende-se que Francisco Campos também estaria preocupado com a utilização dos meios de comunicação para a propaganda política, o que poderia justificar a produção de programas de rádio relacionando juventude e o sentimento nacional patriótico.

A preocupação de Francisco Campos com os meios de comunicação está inscrita em seu pensamento. Através de palestras, discursos e entrevistas, o Senado Federal compilou as bases principais da orientação de sua trajetória política. Interessa-nos, aqui, destacar as bases que têm repercussão direta na discussão que tentamos desenvolver, qual seja a da percepção das relações entre rádio e propaganda política, sempre com um viés educativo. Tentamos construir uma linha de pensamento de Chico Campos que pudesse evidenciar repercussões possíveis nessa relação na programação da Ceará Rádio Clube, a partir da orientação doutrinária, apoiada na censura, do regime varguista.

As percepções de Chico Campos ganham maior relevo porque desprovidas de um foro mais acadêmico. As compilações de palestras, discursos e entrevistas evidenciam um autor quase sempre em sua primeira pessoa. E sempre convicto das propostas que ajudara a construir. É certo que são passíveis de dúvida as integridades de cada um dos textos, exatamente por conta do controle que existia sobre a imprensa ao mesmo momento em que Chico Campos dava suas entrevistas ou proferia suas palestras e

discursos, que eram editados para depois sair em jornais, esses sempre temerosos de um eventual empastelamento. Mas, sub-repticiamente, alguns elementos críticos podem ser construídos ao longo de sua fala.

Começamos, pois, por explorar as teorias político-conceituais sobre o estado nacional, envolvendo as razões do golpe, os princípios que definem o estado novo e a conjunção de fatores que converge para a aproximação entre Vargas e o povo, que muitos estudiosos enxergam como um dos momentos de maior populismo no Brasil. As transformações estruturais da sociedade da época não passaram despercebidas aos olhos de Chico Campos. A percepção de que uma nova cultura, uma cultura de massa, estava emergindo é uma constante em suas análises.

A conformação que essa nova cultura de massa toma na sociedade e as repercussões frente os destinos do projeto de Estado nacional também fazem parte das observações argutas de Chico Campos. Daí, suas considerações sobre a nova opinião pública, que emerge desse processo, e os reflexos no modelo de comunicação, que incorpora seu pensamento sobre o próprio papel da comunicação social. Explicitando sua verve estrategista, Chico Campos também lança suas idéias sobre a percepção de liberdade e, em decorrência, os procedimentos de censura vinculados à produção da informação. Uma preocupação educativa com o conteúdo da produção da comunicação? É também uma boa discussão.

A compreensão ideológica de Chico Campos acerca do projeto político implantado por Vargas em 1930, antes, e na continuidade de seu exercício, em 1937, com a implantação do Estado Novo, é revelada, emocionalmente, em entrevista concedida à imprensa em 1938.

“Do que ele [Vargas] realizou, o mais importante não é o que os olhos vêem, mas o que o coração sente: com ele o Brasil sentiu pulsar, pela primeira vez, a vocação da sua unidade, tornando, assim, possível substituir, sem oposições nem violências, à política dos estados a política da Nação.” (CAMPOS, 2001, p. 199);

Em torno do sonho do Estado nacional, vê-se que Chico Campo começa a preparar as bases para a aceitação do golpe de Estado de 1937, que institui o Estado Novo. A figura do caudilho salvador da pátria, que pontuou a história política brasileira em outras

ocasiões, é o prenúncio da visão populista de governo que dominaria em grande parte as políticas públicas do governo varguista.

“O novo Estado brasileiro resultou de um imperativo de salvação nacional. Como acentuou o chefe de governo, no manifesto de 10 de novembro [que institui o Estado Novo e outorga a Constituição], quando as exigências do momento histórico e as solicitações do interesse coletivo reclamam imperiosamente a adoção de medidas que afetam os pressupostos e convenções do regime, incumbe ao homem do Estado o dever de tomar uma decisão excepcional, de profundos efeitos na vida do País, acima das deliberações ordinárias da atividade governamental, assumindo as responsabilidades inerentes à lata função que lhe foi delegada pela confiança pública.” (idem, p. 39 e 40)

A compreensão de povo vai se adequando às conveniências do regime. Admirado e protagonista quando aclama as medidas tomadas pelo poder central – “O povo, que o aclamou e por ele combateu, vi-o crescer, dia a dia, na sua confiança e na sua admiração, tornando-se o centro de convergência dos anseios gerais e o intérprete das inspirações cívicas que se reuniam para a reconstrução da República” (idem, p. 40); necessitado de alguém que o orientasse nessa cruzada transformista – “Disputando-se a preferência do eleitorado – desse eleitorado mais ou menos improvisado sobre o que lhe incumbe, e, em todo caso, absolutamente heteróclito quanto à sua formação e aos seus propósitos” (idem, p. 44); e submetido facilmente aos discursos de quem detêm o apelo da oratória:

“(…) os candidatos não prometem apenas os dividendos políticos com que os partidos do século passado costumavam acenar à sua clientela. Nos seus programas, agora, já se multiplicam as promessas lunares do paraíso econômico ou da plenitude gratuita dos bens, contanto que os votos de alguns milhares de homens os apontem como executores de uma hipotética vontade geral, que outra não é, na realidade, senão a vontade particular e concreta de uma reduzida minoria que detém episodicamente ou fortuitamente as chaves da decisão política.” (idem)

E, quais seriam as promessas de Vargas ao povo? Fugiriam da orientação ‘lunar’ dos outros políticos, tão criticados por Chico Campos? Hoje, quando se dá a ascensão de Hugo Chávez, na Venezuela, e de Evo Morales, na Bolívia, ocorre-se a dizer que o populismo está se alastrando pela América Latina. E muitos afirmam que a esse é mais um rótulo para que os que estão mais à direita da sociedade ‘protejam’ o chefe de governo das influências do populacho, resguardando a contaminação do mandatário por idéias que tenha mais a ver com as camadas menos favorecidas da população.

Um exercício interessante seria perceber como essa aproximação entre Vargas e o povo era justificada. Qual a orientação que a interpretação desse fato tomava para que Vargas pudesse se afastar da vala comum, daqueles que apenas fazem promessas ‘lunares’ para alcançar seus objetivos particulares e imediatos. Parece que a diferença estaria na liderança, insofismável de Vargas junto à população. Pelo menos é essa linha de raciocínio que desenvolve Chico Campos na tentativa de resguardar o presidente, oriundo de um golpe de Estado.

“Há uma relação misteriosa entre as coletividades humanas e a personalidade que, em cada época, o destino lhes reserva como chefe. As instituições são, em parte, o homem que as modelou e que as anima do seu espírito e da sua vontade. Pode-se dizer, portanto, que o Estado Novo é o Sr. Getúlio Vargas, e que sem ele, sem o seu temperamento e as suas virtudes, o Estado Novo teria outro sentido e outra expressão.” (ide, p. 206)

Pouca distância separa essa convicção de que certamente num regime monarquista o Rei seria Ele, Getúlio Vargas. Mas haveria mais justificativas para tentar desanuviar essa relação de simbiose entre governante e governados, entre governante e povo? Uma das justificativas seria a própria natureza do Estado que, segundo os argumentos de Chico Campos, estaria envolto pelo campo popular. Democrático, aí o tema poderia render uma boa discussão. Mas o popular era bem vindo.

“Esse traço resulta, aliás, do anterior: somente um Estado que se encarna num chefe pode ser um Estado popular. O Estado sem chefe é uma entidade para juristas, algebristas e especuladores da política, da bolsa, da indústria e da finança, interessados em que o Estado seja amoral, apolítico, neutro, indiferente, uma disponibilidade a ser usada nas combinações ou na concorrência de interesses. O povo, como o Criador, não conhece o Estado desencarnado, reduzido a símbolos e esquemas jurídicos. O Estado popular é o Estado que se torna visível e sensível no seu chefe, o Estado dotado de vontade e de virtudes humanas, o Estado em que corre não a linfa da indiferença e da neutralidade, mas o sangue do poder e da justiça. O povo e o Chefe, eis as duas entidades do regime. O Estado é do povo e para o povo, e, por isto, é um Estado de chefe porque o povo, como todos os criadores, representa, sob a forma humana da pessoa, o poder digno de ser amado e obedecido, o poder animado do espírito de proteção, de justiça e de equidade.” (idem, p. 193)

Ou seja, demarca-se claramente a relação do fluxo de poder. O povo tem o poder. Mas o poder sem o chefe não vale nada. Daí que inutilmente o povo exerceria sua influência se

na chefia de governo não estivesse alguém que compreendesse os anseios do povo. Essa era a tarefa de um chefe ‘popular’. Ao povo, o poder; ao chefe de governo, o poder de entender o povo. A ação protagonista de governar se situa na esfera de atuação do chefe ‘popular’. E não nas eventuais pressões que o povo venha a realizar para fazer valer o seu direito.

As razões para justificar o golpe também já apontam para o processo de centralismo que viria a acontecer e a hipertrofia do poder executivo frente à atuação dos outros poderes da República.

“De resto, a incapacidade do Poder Legislativo para legislar é hoje um dado definitivamente adquirido não só pela ciência política como pela experiência das instituições representativas, em quase todos os países do mundo, inclusive nos de tradição parlamentar. Ora, a legislação é uma das funções essenciais do governo. Se o órgão incumbido de legislar se demitira da sua função, cumpria substituí-lo urgentemente por outro processo capaz e adequado de legislação.” (idem, p. 47)

E a compreensão sobre a desnecessária atuação do poder legislativo se torna mais clara, atuação que resvala para uma compreensão, digamos, melancólica, da ação legislativa. E o ambiente se torna perfeito para a atuação de quem sonha com um Brasil novo. Em que a figura de um chefe ‘popular’ poderia dar o tom das transformações necessárias ao novo País.

“O Brasil estava cansado, o Brasil estava enjoado, o Brasil não acreditava, o Brasil não confiava. O Brasil pedia ordem e, dia a dia, agravava-se o seu estado de desordem. O Brasil queria confiar, e a cada ato de confiança se seguia uma decepção. O Brasil queria paz, e a babel dos partidos só lhe proporcionava intranquilidade e confusão. O Brasil reclamava decisão, e só lhe davam intermináveis discussões sobre princípios em que nenhum dos controversistas acreditava. O verbo dos demagogos não é como o verbo divino: onde este cria, aquele destrói, onde um ilumina e distingue, o outro escurece, mistura e confunde.” (idem, p. 50)

Os prenúncios do que viria em 37 são postulados por Chico Campos já em 35, durante conferência proferida na Escola de Belas-Artes. A caracterização do espaço a ser ocupado pelo povo nos momentos antecedentes, durante e depois da tomada do exercício de governo por um chefe ‘popular’ são explicitadas de forma conceitual. Mas isso não impede uma compreensão clara de como essa relação conceitual se exprimiria

na prática. Ao conhecermos os fatos que se desenrolaram depois de 35, quando a conferência foi realizada, percebe-se a clarividência do pensamento de Chico Campos, seu conhecimento sobre o Brasil e sua influência inequívoca nos destinos do projeto político de Vargas.

E é sobre esse Estado em transformação, esse Estado das massas, que Chico Campos infere os próximos passos desse projeto.

“O estado de massa gera a mentalidade de massa, propaga e intensifica as expressões próprias a essa mentalidade. A moderna teologia política é o resultado de uma cultura de massa, pois que, em cada época, os processos espirituais de integração política só podem ser determinados pela formas expressivas ou dominantes da sua cultura. Já houve uma integração pela fé, nas épocas de religião, e uma fraca integração, ou antes, uma tentativa de integração política por processos intelectuais, ou ao menos de aparência intelectual, quando as massas, em razão do seu volume relativamente reduzido e da deficiência da técnica das comunicações, ou melhor, do contágio, eram antes um elemento passivo, ainda não dotado, como em nosso tempo, de unidade de alma e de ação. Ora, uma integração política, num regime em que se torna possível organizar e mobilizar as massas, só se pode operar mediante forças irracionais, e a sua tradução só é possível na linguagem bergsoniana do mito – não, porém, de um mito qualquer, mas, precisamente, do mito da violência, que é aquele em que se condensam as mais elementares e poderosas emoções da alma humana.” (idem, p. 21)

O mito seria o meio pelo qual se procuraria disciplinar e utilizar essas forças desencadeadas, construindo para elas um mundo simbólico, adequado às suas tendências e desejos. O mito sobre o que se funda o processo de integração política terá “tanto mais força quanto mais nele predominarem os valores irracionais. O mito da nação incorpora grande número desses elementos arcaicos” (idem, p. 22). E o personalismo poderia servir bem à construção desses mitos, já que carregado de simbolismo. As massas encontrariam no mito da personalidade,

“que é constituído de elementos de sua experiência imediata, um poder de expressão simbólica maior do que nos mitos em cuja composição entram elementos abstratos ou obtidos mediante um processo mais ou menos intelectual de inferências e ilações. Daí a antinomia, de aparência irracional, de ser o regime de massas a mais pessoal das políticas, e não ser possível nenhuma participação ativa das massas na política da qual não resulte a aparição de César”. (idem, p. 23)

As massas se encontrariam sob a fascinação da personalidade carismática. Esse seria o processo central da integração política. Quanto mais volumosas e ativas as massas, tanto mais a integração política só se torna possível mediante o ditado de uma vontade pessoal. A partir desses princípios, Chico Campos acaba por concluir, numa sinceridade desconcertante, mas sofisticadamente lógica, que o “regime político das massas é o da ditadura” (idem). Embora a noção de ditadura pudesse ser compreendida pelo regime em que não houvesse possibilidade da abertura de brechas ao relativismo, até por conta da irracionalidade das massas em sua construção simbólica. “A única forma natural de expressão da vontade das massas é o plebiscito, isto é, voto-aclamação, apelo, antes do que escolha.” (idem).

O plebiscito, como forma de expressão concreta das massas, e não o voto democrático, afastaria o perigo de uma expressão relativista e cética de preferência, de simpatia, “do pode ser que sim pode ser que não” (idem), mas a forma unívoca, que não admite alternativas, e que traduz a atitude da vontade “mobilizadora para a guerra” (idem).

Novamente Chico Campos se volta contra o poder legislativo, identificando-o como usurpador do poder de decisão das massas, por instaurar uma outra instância de deliberação que não a direta.

“Eliminando do seu sistema o princípio da liberdade de opção, com a amplitude que o havia formulado o liberalismo, a democracia perde o seu caráter relativista e cético, traço secundário que ela devia à sua fortuita associação com a doutrina liberal, passando a ser um sistema monista de integração política, em que as decisões fundamentais são abertamente subtraídas ao processo dialético da discussão, da propaganda e da publicidade, para serem imputadas a um centro de vontade, de natureza tão irracional como os centros de decisão política dos regimes de ditadura.” (idem, p. 28)

Se por um lado o parlamento deita em berço esplêndido, numa rotina verborrágica alheia ao ritmo de transformações necessárias a um país que adentra a era plena da industrialização, quem poderia assumir as rédeas das decisões em torno dos processos necessários a essa transformação? O povo? As massas? Ou seriam os eleitores, cidadãos privilegiados pelo poder do voto? A compreensão de Chico Campos sobre os eleitores, e os processos eleitorais, não encoraja uma visão mais otimista sobre ter-se encontrado a saída para o dilema.

“A maior parte dos eleitores não se preocupa com a coisa pública. A sua vida privada já lhes dá bastante motivos de preocupação e de trabalho. Passam a maior parte do tempo alheios às questões de política, de administração e de governo. Quando mobilizados para as campanhas eleitorais, todos os problemas se apresentam de uma só vez à sua atenção, quase todos complexos e a maior parte deles ininteligíveis à massa que não se encontra preparada para a compreensão sequer dos seus termos mais simples. Além disso, a apresentação dos problemas faz-se em campanha eleitoral do ponto de vista da propaganda, deformadas as questões pelos interesses partidários em jogo, como, no meio da confusão e do rumor de uma campanha, querer que a massa possa fazer um juízo mais ou menos seguro sobre questões remotas à sua vida habitual e insuscetíveis de se clarearem pela atenção ordinária que o homem da rua costuma dedicar aos assuntos do dia?” (idem, p. 53)

O sufrágio universal se mostraria, assim, um meio impróprio à aferição e à crítica das decisões políticas. Estas se passariam em regiões “remotas ou inacessíveis à competência ordinária do corpo eleitoral”. O problema atual não seria, pois, o de estender o sufrágio, “seja atribuindo o direito de voto a todo mundo, seja submetendo à competência do eleitorado todos os problemas de governo”. Seria o caso de “organizar o sufrágio”, reduzindo-o à sua competência própria, que seria a de “pronunciar-se apenas sobre o menor número de questões, e particularmente sobre as questões mais gerais e mais simples” (idem, p. 60).

E sentencia:

“Quem quiser saber o processo pelo qual se formam efetivamente, hoje em dia, as decisões políticas, contemple a massa alemã, medusada sob a ação carismática do Fuehrer, e em cuja máscara os traços de tensão, de angústia e ansiedade traem o estado de fascinação, de hipnose.” (idem, p. 35)

Mas, como seria possível trazer as massas acomodadas apenas ao espaço definido nesse receituário de instâncias de poder? Chico Campos reconhece esse dilema, quando afirma que no “Estado totalitário, se desaparecem as formas atuais de conflito político, as formas potenciais aumentam, contudo, de intensidade”. Daí a necessidade de trazer as massas em “estado permanente de excitação, de maneira a tornar possível, a todo momento, a sua passagem do estado latente de violência ao emprego efetivo da força contra as tentativas de quebrar a unidade do comando político” (idem, p. 36).

Ora, não é em vão que se libertam, em tão grande escala, as reservas de violência por tanto tempo acumuladas na alma coletiva. Essas reservas, que não podem ser restituídas ao estado de inanição, têm de ser permanentemente utilizadas. É essa compreensão que leva Chico Campos a perceber que o projeto político de estado totalitário não poder restringir-se às fronteiras nacionais. Interessante o fato que a aproximação entre Estado totalitário e Estado nacional começa a ser preparada. Por conta da dimensão das reservas de violência das massas é que o “Estado totalitário ou nacional” tende a “derivar o estado de tensão interna para um estado de tensão internacional, - manobra que torna possível exaltar, ainda mais, os fatores da irracionalidade que operaram e que continuam a garantir a integração totalitária” (idem).

Essa percepção em torno da internacionalização do Estado nacional-totalitário vai ser comprovada a partir da preocupação do governo Vargas com sua projeção no cenário internacional. Constantes relatos são enviados ao governo, por funcionários e amigos do regime, dando conta da repercussão dessa ou daquela medida adotada pelo poder central. O arco dessas preocupações se estendia de vizinhos latino-americanos aos Estados Unidos. Na área da comunicação, ocorre a mesma preocupação. Informes radiofônicos sobre o Brasil são veiculados nos países vizinhos.

E é sob a perspectiva de dominação das massas, da necessidade de um processo de domaçoão de seus potenciais conflitos simbólicos, que Chico Campos começa a se preocupar com a opinião pública, talvez a face mais visível e concreta da força dessas massas. E na formação da opinião pública, os meios de comunicação, de massa, jogam um papel decisivo. E mais uma vez Chico Campos se utiliza de um outro conceito para novamente esvaziar o papel do parlamento, do poder legislativo para a construção desse Estado nacional.

“Com o vertiginoso progresso das técnicas de expressão e de comunicação do pensamento, o Parlamento perdeu a sua importância como fórum da opinião pública, que hoje se manifesta por outros meios mais rápidos, mais volumosos e mais eficazes. A opinião desertou os parlamentos, encontrando novos modos de expressão. Ela não só deixou de exprimir-se pelos parlamentos, como os colocou sob o controle dos meios de formação e de expressão da opinião pública. As salas das assembleias legislativas não comportam a opinião pública de hoje, cujo volume exige espaços mais amplos.” (idem, p. 54)

Os meios de comunicação são identificados como um desses espaços mais amplos, que permitiria a expressão da opinião pública. E mais uma vez a construção de um projeto político de governo vai compreender a necessidade de um controle mais efetivo sobre a opinião pública. E sobrepor-se à lógica democrática do liberalismo. Ao definir essa orientação, Chico Campos antecipa as discussões em torno da produção ideológica da informação pelos meios de comunicação, e que tomaria força com a Escola de Frankfurt, a partir da década de 50. A seu modo, se anteciparia aos apocalípticos, visando à integração nacional.

“Ora, a Imprensa é uma empresa privada, dirigida, como a indústria, no interesse do capital. A publicidade governa a Imprensa, como o rendimento governa a indústria. O instrumento de governo da Imprensa é, porém, a opinião pública, a mesma fonte dos poderes políticos em regime democrático. O instrumento mais poderoso de governo não pode ficar à mercê do interesse privado. Se a Imprensa dispõe da técnica e do poder de formar a opinião pública, não poderá empregar a técnica e exercer o poder senão no interesse público e para fins públicos. O controle da Imprensa, estabelecido na Constituição, não é, portanto, um instrumento autocrático, mas uma exigência decorrente da própria natureza do seu poder e de sua função. Poder público implica função pública, interesse público, responsabilidade pública.” (idem, p. 68 e 69)

Volta-se a aproximar-se do irracional na política, e que domina hoje as preocupações do médico psiquiatra cearense Valton Miranda. Só para lembrar que o pensamento de Chico Campos mantém sua atualidade. O irracional é o instrumento da integração política total, e o mito que é a sua expressão mais adequada, a técnica “intelectualista de utilização do inconsciente coletivo para o controle político da nação”. Assim, as filosofias antiintelectualistas forneciam aos céticos não uma fé ou doutrina política, mas uma “técnica de golpe de Estado”.

Ao serviço dessa técnica espiritual coloca o maravilhoso arsenal, construído pela inteligência humana, de instrumentos de “sugestão, de intensificação, de ampliação, de propagação e de contágio de emoções, e tereis o quadro dessa evocação fáustica dos elementos arcaicos da alma humana”, de cuja substância “nebulosa e indefinida se compõe a medula intelectual da teologia política do momento” (idem, p. 19 e 20). Embora critique os processos de integração desencadeados por Mussolini, construídos em cima do mito, da irracionalidade destituída de verdade, a compreensão desses

processos, e o que aconteceu no Brasil na era Vargas, indica que a crítica carregava também sentimentos de um observador arguto e atento, pronto a apreender e interpretar a realidade a sua volta.

As possibilidades inerentes aos meios de comunicação de massa na vida política seriam mais uma das “antinomias que parecem inerentes à estrutura do espírito humano: a inteligência contribuindo para tornar mais irracional, ou ininteligível, o processo político”. Realmente o homem estava à frente de seu tempo.

“É possível, hoje, com efeito, e é o que acontece, transformar a tranqüila opinião pública do século passado em um estado de delírio ou de alucinação coletiva, mediante os instrumentos de propagação, de intensificação e de contágio de emoções, tornados possíveis, precisamente graças ao progresso que nos deu a imprensa de grande tiragem, a radiodifusão, o cinema, os recentes processos de comunicação que conferem ao homem um dom aproximado ao da ubiqüidade, e, dentro em pouco, a televisão, tornando possível a nossa presença simultânea em diferentes pontos de espaço. Não é necessário o contato físico para que haja multidão. Durante toda a fase de campanha ou de propaganda política, toda a Nação é mobilizada em estado multitudinário. Nessa atmosfera de conturbação emotiva, seria ridículo admitir que os pronunciamentos da opinião possam ter outro caráter que não seja ditado por preferências ou tendências de ordem absolutamente irracional.” (idem, p. 31)

A compreensão sobre o papel dos meios de comunicação de massa deriva da percepção de Chico Campos sobre as transformações em torno do processo político. Ele enxergava nos problemas nos quais se dava a disputa entre os partidos políticos cada vez mais a natureza técnica. As grandes questões que, no século passado, se debatiam no campo da política, eram questões gerais, suscetíveis de interessar ao maior número e quase todas participando da “natureza do dogma político” – a universalização do sufrágio, a extensão de franquias institucionais, as liberdades públicas, questões em que a “emoção tinha maior lugar do que a razão”.

Naquele mundo de hoje, essas grandes questões não se encontrariam mais na “ordem do dia”. As questões econômicas e financeiras, as de organização da economia nacional, as do comércio interno e externo, questões “sobretudo técnicas”, e, por sua natureza, incapazes de despertar emoção, passaram ao primeiro plano, concluía Chico Campos (idem, p. 51). Estavam abertas as razões para se dar o circo ao povo. E os meios de

comunicação de massa teriam um papel central nesse projeto. E novamente ambiente propício às críticas sobre a ação parlamentar.

“Ora, um corpo constituído de acordo com os critérios que presidem a constituição do Parlamento é inapto às novas funções que pretende exercer. Capacidade política não importa capacidade técnica, e a legislação é hoje uma técnica que exige o concurso de vários conhecimentos e de várias técnicas. Da incapacidade do Parlamento para a função legislativa resulta a falta de rendimento do seu trabalho. Não só o Parlamento funciona a maior parte do tempo no vazio, fugindo, assim, à execução de uma tarefa acima das suas forças e que não pode ser realizada mediante os defeituosos processos parlamentares, como, quando aborda a tarefa, o faz, a maior parte das vezes, de pontos de vista estranhos aos verdadeiros interesses em jogo, considerando as questões mais no plano do interesse político ou das exigências eleitorais, do que no seu plano próprio e adequado. Um corpo numeroso, constituído de várias tendências, de grupos e até de matrizes individuais não reúne, evidentemente, os recursos próprios a uma obra legislativa homogênea e consistente. É o que se observa nos mais importantes documentos legislativos, bastando citar, como exemplo expressivo, a própria Constituição de 34, trabalhada, de forma aparente e manifesto, por várias e opostas correntes, que quebraram, assim, o principal caráter de uma lei desse vulto – a sua unidade ideológica e técnica.” (idem, p. 55)

A defesa da unidade “técnica” do legislativo nos remete à idéia que está por trás de todo o ideário do Estado Novo: a constituição da grande nação brasileira. Daí derivam as outras apostas: homogeneização cultural, culto à técnica... A comunicação apareceria, então, como meio de ajustar a opinião pública a esse caminho, e não ouvir a opinião pública sobre que caminho seguir. O mesmo modelo de homogeneização estava a caminho em relação à comunicação: unidirecional, de concentração, de monopólio, de emissão, de desconhecimento do receptor.

Para Chico Campos, a crise do regime representativo e liberal se devia, em grande parte, ao fenômeno da propaganda, justificando sua adesão prematura ao campo dos apocalípticos da área. O Parlamento teria perdido a sua importância como instituição representativa, à medida que os “modernos instrumentos de propaganda se apoderaram da opinião pública”. As instituições públicas, dependentes, pela sua origem e pelo seu funcionamento, da opinião pública, “passaram a depender da propaganda, e, portanto, em primeiro lugar da Imprensa”.

A defesa da formação de um Estado nacional forte lança elementos para se entender a compreensão de Chico Campos sobre a relação entre meios de comunicação de massa e formação da opinião pública. O que o coloca em sintonia com os frankfurtianos.

“Ora, a imprensa, dominada economicamente por interesses privados, coloca-se fatalmente ao serviço desses interesses na sua função de influir sobre a opinião pública, porque o que aqueles interesses têm em vista, através da imprensa, é precisamente, a sua apresentação sob a forma ou a aparência do poder público. Não é que eu atribua à Imprensa ou aos homens de imprensa o propósito deliberado de transfigurar em interesses públicos os interesses particulares que alimentam a publicidade: o fato decorre da natureza econômica da empresa.” (idem, p. 98)

Daí o papel do Estado também na conformação do sistema de funcionamento dos meios de comunicação de massa. Somente o Estado, estaria “em condições de arbitrar ou de exercer um poder justo. Ele representa a nação, e não é o instrumento dos partidos e das organizações privadas”. Nesse caso, o Estado “não suprime nem reprime a liberdade individual: limita-a, para melhor defendê-la, assegurando-a contra o arbítrio das organizações fundadas no interesse de grupos constituídos, à sombra da anarquia geral, sobre a base do interesse privado” (idem, p. 63).

Por fim, se nosso interesse é perceber as relações entre comunicação e educação, entre rádio e educação, suas mediações, qual seria a compreensão de Chico Campos sobre a educação, uma feita que seu pensamento sobre os meios de comunicação de massa faz real o seu papel em torno da construção do projeto político de Vargas? Para ele, a educação teria um papel instrumental no processo. “A educação não tem o fim em si mesma; é um processo destinado a servir certos valores e pressupõe, portanto, a existência de valores sobre alguns dos quais a discussão não pode ser admitida” (idem, p. 66);

A subordinação da educação ao projeto político varguista define sua natureza instrumental. E, por conseguinte, o ensino não fugiria desse propósito.

“O ensino é, assim, um instrumento em ação para garantir a continuidade da Pátria e dos conceitos cívicos e morais que nela se incorporam. Ao mesmo tempo, prepara as novas gerações, pelo treinamento físico, para uma vida sã, e cuida ainda de dar-lhes as possibilidades de prover a essa vida com as aptidões de trabalho,

desenvolvidas pelo ensino profissional, a que corresponde igualmente o propósito de expansão da economia.” (idem, p. 67)

Se as compreensões de Francisco Campos conseguiram se transformar em realidade na utilização dos meios de comunicação no Brasil pelo regime varguista, isso teremos a chance de perceber a partir do acompanhamento sistemático da programação da Ceará Rádio Clube.

LEILÃO DOS CANTÔ DE RÁDIO

(moda da viola - Nhô Fio e Tonico com violas – 1941)

(Cita os cantores da época, dando valores a cada um)

Como o leilão ta na moda
 Pra fazer liquidação
 Este é dos cante de rádio
 Que tem a fama de bão
 O 1º é Sílvio Caldas
 O cantor da voz morena
 O lance é de dois “mi réis”
 Pra ir embora pra Viena

Até Aracy de Almeida
 Coma Carmem Barbosa junto
 “oferecerô” dez tostão
 Dizendo que era muito
 O Sr. Francisco Alves por ser muito afamado
 Chegou a mil e “duzentô”
 Mas foi “mei” arreboçado
 Esses ta de Anjos do Inferno
 Por ser do outro planeta
 Seiscentão pode levar
 Hoje deram de gorjeta

Ô gente marvada!!!

Agora o Carlo Galhardo
 Aproveitem essa vez
 Quem quiser dar 400
 Leva ele e o Mário Reis

Pois a Sinhá Batista
 Não posso deixar de banda
 Tá valendo trezentão
 Junto com Aurora Miranda

Por duzentos nós sapeca
 Também seu Orlando Silva
 Com direito a escolher
 Outra prenda que lhe sirva

A Dona Carmem Miranda
 Que tá lá pro estrangeiro
 Canção pra quem quiser
 Pra ficar só com o cheiro
 (cheiro de alfândega)

E ficou em dez e duzentos
Por conta desse leilão
Quem quiser ficar com o resto
Paga só mais duzentão
O resto que num falemo
Já ta tudo ensacado
Quem quiser levar que fale
Pode arrematar fiado

4 A natureza 'instrutiva' da programação - a política de educação do governo Vargas

Voltando-se à discussão sobre a programação da Ceará Rádio Clube, e ainda observando-se a grade do dia 6/10/1936, um outro detalhe é que a emissora parece ter levado em consideração as críticas feitas pelo ouvinte e leitor do Correio do Ceará, sobre a qualidade de sua programação, exigindo “curtas palestras educativas, como sejam, higiene geral e individual, combate ao álcool, sífilis, tuberculose etc etc.” e “Horas dedicadas a petizada, ensinamento às mães sobre alimentação e repouso das crianças e outros assuntos úteis e aproveitáveis a um programa de rádio educativo”. Nessa mesma grade, aparecem dois programas que espelham uma pretensa autocrítica, a partir das reclamações do ouvinte. São acrescentadas à programação as produções ‘Música e Poesia’ e ‘Consultas para Senhoras’, que dão a entender de serem programas mais voltados à orientação educativa, como desejava o ouvinte.

Essa preocupação da emissora com seu ouvinte é confirmada na programação do dia seguinte, 7/10/1935, com a introdução do programa ‘Rádio Infantil: pequenos contos de todo o mundo’. Mas ainda fica uma indagação: o porquê da PRE-9, se carecia de profissionais para a produção de seus programas, como era evidente, não preferir sintonizar rádios nacionais, algumas já consolidadas?

Para os dias 10 e 11/10/1936, sábado e domingo, respectivamente, a programação sugere produções mais leves, de forma a se adaptar ao clima de final de semana. Algumas novidades são observadas. No sábado, às 21:30, surge ‘Economia dinâmica. Palestra com o Dr. Fritz Nonnembruch, redator do Volkischer Beobachte’; e às 21:45, ‘Radio feminino: mais uma chicara minha comadre!’ Já às 22:30 aparece o ‘Musica de dança’. No domingo, às 22:15, aparece o ‘Echo desportivo’, talvez antevendo uma penetração maior da emissora junto à população.

Ainda a se observar a mudança constante da grade de programação, característica típica de uma emissora sem produções próprias, e que retransmite as programações de outras emissoras. Essa característica com conseqüências imprevisíveis para a audiência, que

difícilmente saberia a programação daquele dia. Daí porque, talvez, a veiculação da programação do dia no jornal impresso, principalmente porque a programação estava concentrada no período noturno. A se destacar, a continuidade do programa ‘Rádio da Juventude Hitleriana’.

Embora pudesse estar ‘sensível’ às observações de seus ouvintes, quando introduz produções voltadas ao público feminino, infantil e palestras educativas, o Ceará Rádio Clube, ao proceder assim, também entra em sintonia com uma outra orientação do projeto nacional de Vargas. Agora, sob a orientação do Ministério da Educação e Saúde, ocupado por Gustavo Capanema. Faz-se necessário, então, um prévio conhecimento sobre o projeto de educação de Vargas para que possamos identificar sua aproximação com a orientação da programação da Ceará Rádio Clube e as possibilidades educativas que poderia trazer.

Esse conhecimento também se faz necessário por conta de que o direcionamento que vai tomar a educação leva em consideração o poder da informação, dos meios de comunicação de massa, para a aplicabilidade de seus dispositivos de orientação ideológica em torno das idéias nacionalistas do movimento estadonovista. A regulamentação da concessão dos meios de comunicação e o papel que a censura vai desempenhar nesse processo são importantes momentos de definição de políticas públicas que podem indicar os caminhos que iriam tomar a relação entre comunicação e educação, entre rádio e educação.

A educação do governo Vargas pode também ser denominada de ‘tempos de Capanema’. O período em que Gustavo Capanema foi titular do Ministério da Educação e Saúde confirma isso. Foram onze anos como ministro do governo Vargas, assumindo em 1934, ainda na fase constitucional, indo até 1945, sobrevivendo aos oito anos do Estado Novo. Durante sua gestão, o Brasil experimentou algumas reformas educacionais. E reformas que, pelo caráter de construção de um Estado nacional, tiveram repercussão no País como um todo.

Interessa-nos, aqui, perceber que princípios orientaram as transformações, ou presunção de transformação, que nortearam essas reformas educacionais. Princípios esses que, no início, ainda sofrem as influências de Francisco Campos, que já ocupara anteriormente a

pasta da Educação. Princípios que vão ser influenciados por setores organizados e com trânsito nos círculos palacianos. Entre eles, a igreja católica e os militares.

O termo sobreviver não é utilizado em vão em relação à permanência de Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde por um período de onze anos. No início de sua gestão, nota-se uma velada disputa de poder entre o que tencionava Capanema e as influências que ainda decorriam da atuação de Francisco Campos no mesmo Ministério. Uma dessas zonas de conflito é encaminhamento que se daria à política pública para a juventude. A orientação que decorria da ação de Chico Campos orientava essa política para a simples tutela do Estado.

No projeto político de construção do Estado Nacional há um lugar de destaque para a ‘pedagogia’ que deveria ter como meta primordial a juventude.

“Ao Estado caberia a responsabilidade de tutelar a juventude, modelando seu pensamento ajustando-a ao novo ambiente político, preparando-a, enfim, para a convivência a ser estimulada no Estado totalitário. Era indispensável, para que este plano fosse bem sucedido, que houvessem símbolos a serem difundidos e cultuados, mitos a serem exaltados e proclamados, rituais a serem cumpridos” (SCHWARTZMAN et all, 2000, p. 85).

A aproximação inicial entre educação e meios de informação, outra influência do pensamento de Chico Campos, já havia registrado seus passos iniciais ainda em 1932, quando Campos ocupava então o Ministério que viria a ser de Capanema. Dois decretos do governo provisório explicitavam que o Ministério da Educação deveria ter um papel de “orientação educacional nos serviços de radiodifusão” e na “sistematização da ação governamental na área do cinema educativo, através de órgão próprio” (idem, p. 104).

Em outro documento, que faz parte do acervo de Capanema, ordenado pelo Centro de Documentação, da Fundação Getúlio Vargas, fala-se sobre o que seria um grande e ambicioso departamento de Propaganda do Ministério da Educação. Segundo o documento, cumpriria ao Ministério

“transpor os limites apertados das instituições existentes, buscando atingir, com a sua influência cultural, a todas as camadas populares. O Departamento de Propaganda, aqui projetado, terá essa finalidade. Ele deverá ser um aparelho vivaz, de grande alcance, dotado de um forte

poder de irradiação e infiltração, tendo por função o esclarecimento, o prelado, a orientação, a edificação, numa palavra, a cultura de massas”.
(idem)

Nada mais evidente da orientação de Chico Campos. Ao assumir o Ministério da Justiça, Campos iria pôr seu plano em prática, através da criação, em 1934, do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. Capanema daria o troco com a implantação, durante a reforma do Ministério da Educação e Saúde, em 1937, do Serviço de Radiodifusão Educativa.

A temática da juventude ainda voltaria a demonstrar o interesse de Chico Campos no direcionamento da educação no Estado Novo. O projeto da criação de uma Organização Nacional da Juventude com patrocínio governamental foi produzido pelo Ministério da Justiça, em 1938. Inspirado nos modelos europeus, de orientação fascista, tinha uma clara orientação de mobilização através de uma organização paramilitar. O documento que explicita a proposta tem o timbre do Ministério da Justiça, e “não traz nenhuma menção à participação do Ministério da Educação e Saúde em um empreendimento que poderia ser entendido como de cunho também educativo” (idem, p. 139).

Dentro do conflito entre Campos e Capanema, entre o Ministério da Justiça e o Ministério da Educação e Saúde, Vargas parece que pendeu para o segundo.

“Retirar de Francisco Campos a liderança do movimento político da juventude e passá-la a Gustavo Capanema era assegurar os limites necessários ao desempenho da política autoritária no país, ou seja, assegurar a desmobilização política considerada ameaçadora. As pretensões do ministro da Educação e Saúde eram mais modestas e muito mais convenientes nesse sentido: atuar junto ao governo federal para receber dele o apoio indispensável à sua atuação como ministro de Estado. Essa pretensão, além de não oferecer riscos, viria ao encontro dos objetivos do governo de consolidar o novo regime.” (idem, p. 156)

Mas os interesses em torno das reformas educacionais não eram apenas internos. Outros setores também se mobilizavam para conseguir do governo federal, a partir da atuação do Ministério da Educação e Saúde, favorecimentos em torno de seus ideais educacionais. Interesses esses que, como todo o direcionamento da política de educação, poderia ter uma influência decisiva na definição da orientação do conteúdo da

informação veiculada pelos meios de comunicação de massa, como suporte à ideologia do regime.

Entre esses setores, a igreja católica e os militares. O que a igreja católica queria? Em palavras bem rápidas, a institucionalização do ensino religioso facultativo nas escolas públicas. E os militares, as forças armadas, com o que almejavam? Ordem, disciplina, a hierarquia e o amor pela Pátria, uma orientação em estreita relação com a doutrina de segurança nacional. O episódio da definição de uma política estadonovista para a família ilustra a forma pela qual se dava e até onde ia o relacionamento entre a igreja católica e o Estado.

“A Igreja ia com facilidade até o Ministério da Educação e Saúde; mas isto não significava que ela conseguisse necessariamente fazer prevalecer seus pontos de vista contra a orientação predominantemente secular e não confessional dos círculos mais próximos à presidência da República.” (idem, p. 139)

Além dos setores que se mobilizavam internamente para influenciar os rumos das reformas educacionais, o ambiente externo também favorecia uma tomada de posição. As experiências e de construção nacional em processo na época, como o nazismo, o fascismo e o comunismo, tratavam a educação como o instrumento “por excelência de fabricação de tipos ideais de homem que assegurassem a construção e a continuidade de tipos também ideais de nações”. Desse modo, a ação educativa era vista como um recurso de poder e, portanto, “ardorosamente disputado; o desacordo quanto às questões educacionais parecia expressar desacordos éticos e filosóficos insuperáveis”. O caráter público das discordâncias dava ao debate educacional uma dimensão política “exacerbada, pelos efeitos que introduzia no jogo político das alianças que se faziam e desfaziam no conturbado processo de solidificação das posições adquiridas em 1930” (idem, p. 192 e 193). Era a época das grandes conferências, em que as teses eram disputadas palmo a palmo.

O sentido das reformas educacionais era menos o de ampliação do sistema de ensino do que o de seu controle e regulamentação. Nesse processo, as tendências “mais vitais” que poderiam dar “conteúdo e força” a um movimento educativo mais dinâmico fenecem. A grande frente ampla, formada, ainda na década de 20, pela Associação Brasileira de Educação, não resiste à “polarização entre católicos e ‘estadonovistas’”, e perde seu

ímpeto”. A centralização política, que se implanta de fato a partir de 1935, “elimina quase que completamente as tentativas de criação de sistemas estaduais de educação mais independentes, com exceção talvez de São Paulo” (idem, p. 279).

A partir dessas condicionantes, o Ministério da Educação e Saúde leva à frente seu processo reformista. A grosso modo, a reforma da educação empreendida por Capanema visava a um ensino público abrangente, padronizado e centralizador, controlado por vasta burocracia. A educação reformada por Capanema, cujos efeitos são sentidos até os dias de hoje, poderia ser sintetizada em alguns princípios fundamentais.

“(…) o sistema educacional do país deve ser unificado, e ministrado em língua portuguesa; o governo organiza e controla a educação em todos os níveis; a lei regula as profissões, estabelecendo monopólios ocupacionais para cada qual; aos diferentes ofícios correspondem tipos diversos de escolas profissionais; o Estado deve financiar a educação pública e subsidiar a privada; os defeitos do sistema são sanáveis por aperfeiçoamentos sucessivos da legislação e da fiscalização.” (idem, p. 14)

A orientação macro da política de educação era evidente. Acreditava-se em seu poder de “moldar a sociedade a partir da formação das mentes e da abertura de novos espaços de mobilidade social e participação” (idem, p. 69). E a modelagem da sociedade passava por uma distinção entre a educação que deveria ser dada ao homem e àquela que caberia à mulher.

“(…) os poderes públicos devem ter em mira que a educação, tendo por finalidade preparar o indivíduo para a vida moral, política e econômica da nação, precisa considerar diversamente o homem e a mulher. Cumpre reconhecer que no mundo moderno um e outro são chamados à mesma quantidade de esforço pela obra comum, pois a mulher mostrou-se capaz de tarefas as mais difíceis e penosas, de diferir na medida em que diferem os destinos que a Providência lhes deu. Assim, se o homem deve ser preparado com têmpera de teor militar para os negócios e as lutas, a orientação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida do lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social e por isso colocada sob a proteção especial do Estado.” (idem, p. 123)

Note-se claramente o recado direcionado à igreja católica e às forças armadas. O projeto do Plano Nacional de Educação, de 1937, previa a existência de um ensino chamado ‘doméstico’, reservado para meninas entre 12 e 18 anos, e que equivaleria a uma forma

de ensino médio feminino. Seu conteúdo era “predominantemente prático e profissionalizante”. Fazia parte, no Plano, do capítulo dedicado ao ensino da “cultura de aplicação imediata à vida prática ou ao preparo das profissões técnicas de artífices”. Era destinado principalmente a mulheres de origem social mais humilde, ainda que pudesse atrair mulheres de origem social mais elevada, que dessa forma poderiam “manter-se em um regime escolar estritamente segregado” (idem, p. 123 e 124).

Mas uma das vertentes básicas que estava presente no sistema educativo moldado pelo regime varguista era, sem dúvida, o sentido de nacionalização. Schwartzman (idem, p. 157 e 158) identifica pelo menos três aspectos que envolviam essa orientação.

- ❑ O primeiro aspecto dava conta do conteúdo nacional que deveria orientar à educação ‘transmitida’ nas escolas e por outros instrumentos educativos. A natureza mais precisa desse ‘conteúdo nacional’ jamais ficou totalmente definida. Mas com certeza não haveria de incorporar a busca às raízes mais profundas da cultura brasileira que faziam parte da ala andradiana do projeto modernista; ao contrário, era visível a preferência aos aspectos modernistas relacionados com o ufanismo verde e amarelo, a história modificada dos heróis e das instituições nacionais e o culto às autoridades. Não faltaria a essa noção de brasilidade, transmitida nas publicações oficiais e nos cursos de educação moral e cívica, a ênfase no catolicismo do brasileiro, em detrimento de outras formas menos ‘legítimas’ de religiosidade. A nacionalidade deveria firmar-se pelo uso assegurado da língua portuguesa de forma uniforme e estável em todo o território nacional. O que, nos meios de comunicação de massa, e principalmente o rádio, pode ter se transformado numa esquizofrenia, tamanhos e tão diferenciados são nossos sotaques, eles mesmos constituidores, a princípio, de nossa nacionalidade. A uniformização da língua terá gerado uma uniformização da linguagem? Se sim, esse fato iria se repetir, por motivos bem menos nobres, e também no rádio, na década de 70, quando com o surgimento das estações de frequências moduladas (FM) surge o modo pasteurizado de uma locução única, de sotaque carioca e jovem, próprio de uma orientação que gostaria de encobrir sob o manto da monotonia a resistência frente ao regime militar de então;
- ❑ Ainda em torno da nacionalidade na educação, o segundo aspecto respondia pela padronização. A existência de uma ‘universidade-padrão’, de escolas-modelo secundárias e técnicas, de currículos mínimos obrigatórios para todos os cursos, de

livros didáticos padronizados, de sistemas federais de controle e fiscalização, tudo isso representando um ideal de homogeneidade e centralização, que permitiria ao ministro, de seu escritório no Rio de Janeiro, saber o que cada aluno estava estudando em cada escola do país em um momento dado –vê-se que não é fantasioso afirma-se que as orientações de Capanema, e do projeto de educação do regime varguista, chegaram, alguns intactos, aos dias de hoje. Basta ver o Projeto Presença, que transmite à esfera federal a responsabilidade de monitorar a presença ou falta do estudante à sala de aula, uma tarefa que, antes, seria impensável se retirar da alçada do professor, e sua caderneta;

- O terceiro aspecto, ainda sobre nacionalidade, se concretizava a partir da erradicação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais que se haviam constituído no Brasil nas últimas décadas fronteiriças ao regime varguista. Sua assimilação se transformaria em uma questão de segurança nacional. Até por conta do período belicista que vivia o mundo, assolado por questões de purismo racial. Esse aspecto, a grosso modo, poderia ser compreendido como um desdobramento dos dois primeiros aspectos, levantados por Schwartzman.

A vertente de nacionalização do ensino demonstra bem o conteúdo do projeto nacionalista brasileiro, principalmente depois da instalação do Estado Novo, após 1937. De feições conservadoras e autoritárias, “foi ele marcado pelo caráter excludente, avesso à convivência pluralista e diversificada” (idem, p. 181). Esse projeto nacionalista valorizava, em suma, “a uniformização, a padronização cultural e a eliminação de quaisquer formas de organização autônoma de sociedade”, que não fosse na forma de corporações “rigorosamente perfiladas com o Estado. Daí seu caráter excludente e, portanto, repressor” (idem, p. 182). A formação do Estado Nacional passaria necessariamente, é bom insistir, pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e, por último, da ideologia, como imenso guarda-chuva de todo o processo de padronização.

Muitos dos representantes do movimento escolanovista apoiavam “enfaticamente as pretensões de centralização e controle governamental da educação”. Embora os motivos apontassem para a possibilidade de democratização do ensino, da cultura e da igualdade social. O pensamento é que a centralização permitiria, “caso mantivessem as posições que haviam conquistado no sistema educacional, levar à frente seus projetos”. Mas a

maior preocupação do Ministério era “montar sua máquina burocrática, que lhe permitiria centralizar, coordenar e controlar a educação em todo o território nacional” (idem, p. 194).

É Capanema que corporifica a orientação da educação, aqui voltada ao ensino secundário.

“Formar a personalidade, adaptar o ser humano às exigências da sociedade, socializa-lo. (...) formar nos adolescentes uma sólida cultura geral, marcada pelo cultivo das humanidades antigas e humanidades modernas e bem assim de neles acentuar e elevar a consciência patriótica e a consciência humanística.” (idem, p. 208 e 209)

A orientação ‘patriótica’ novamente reforça o sentimento nacionalista que passa a dominar a educação brasileira. O modelo de nacionalismo brasileiro “ao contrário do liberal, que entendia a nação como uma coleção de indivíduos – buscava transformar a nação em um todo orgânico, uma entidade moral, política e econômica cujos fins se realizavam no Estado”. O reforço do sentimento de nacionalidade parecia conferir à nação uma “supremacia sobre o Estado, que se transformaria no mais forte instrumento de realização do ideário da nacionalidade” (idem, p. 183). Algo que aproximava o nacionalismo brasileiro do modelo do nacionalismo alemão.

Segundo o sonho nacional varguista, os alemães “possuíam tudo aquilo que os brasileiros [ou os dirigentes brasileiros] gostariam de ter e serviam de fonte de inspiração para o que aqui se pretendia construir” (idem, p. 184 e 185). Ao mesmo tempo que inspirava, a presença de descendentes alemães no Brasil constituía-se numa ameaça à padronização de costumes e da própria língua, apegados e defensores que eram das raízes culturais germânicas. Por estranha ironia, o modelo voltava-se contra quem o admirava.

No projeto nacionalista de educação, pareceria lógico o privilégio de certas disciplinas do currículo. E que reforçaria a orientação da vertente patriótica defendida por Capanema.

“É com a educação moral e cívica que se cerra e se completa o ciclo da educação individual e coletiva e é por ela que se forma o caráter dos

cidadãos, infundindo-lhes não apenas as preciosas virtudes pessoais senão também as grandes virtudes coletivas que formam a têmpera das nacionalidades – a disciplina, o sentimento do dever, a resignação nas adversidades nacionais, a clareza nos produtos, a presteza na ação, a exaltação patriótica.” (idem, p. 209)

Objetivos claros orientavam a escola primária e o ensino secundário. O importante na escola primária seria a transmissão do sentimento patriótico: “por que me ufano do meu país, bandeira, hino etc.”, conforme anotação do próprio punho do ministro. A escola secundária teria outros propósitos, indo mais longe. Ela deveria formar uma “verdadeira consciência patriótica”, própria de “homens portadores das concepções e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habituais entre o povo” (idem, p. 210). Em 1942, com a Lei Orgânica, a defesa do ensino de moral e civismo acaba por não ser incluída como disciplina curricular. Ao invés disso, seu conteúdo deveria ser ministrado nos estudos de história, geografia, bem como naqueles que perpassavam a temática juventude brasileira.

Também é de seu próprio punho uma outra observação, acerca agora do que ele chamava de ‘diretrizes’, a serem incorporadas aos projetos das disciplinas. Sobre os programas, além de dizer que deveriam servir à orientação política do Estado, especificava: “Nas finalidades, deve-se apontar sempre o que a disciplina visa a dar ao aluno de um modo geral, e de modo especial o que ela deve fazer para educá-lo para a pátria. Frisar a nota patriótica em cada programa” (idem, p. 211 e 212).

Na diretriz relativa ao sentido nacionalista e patriótico da educação, a produção cultural representava uma estratégia prioritária. Williams (2000, p. 251) identifica nos arquivos pessoais de Capanema, dispostos no Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, um memorial que ele presume ter sido escrito no final de 1935, que esclarece que “o programa do Ministério, segundo os princípios constitucionais vigentes e o programa geral do governo, pode ser resumido nesta palavra: cultura. Ou melhor: cultura nacional”. A equipe montada por Capanema para compor seu quadro de colaboradores dá uma idéia da concretização dessa observação. Carlos Drummond de Andrade foi um de seus colaboradores mais próximos, como seu Chefe de Gabinete.

Em um decreto-lei de 1938, de nº 526, que instituía o Conselho Nacional de Cultura, Capanema formalmente define o que compreende por desenvolvimento cultural:

“a) a produção filosófica, científica, e literária; b) o cultivo das artes; c) o patrimônio cultura; d) o intercâmbio intelectual; e) a difusão cultural na mídia de massa; f) as causas patrióticas e humanitárias; g) a educação cívica; h) a educação física; e i) a recreação”. (idem, p. 256)

A instituição do Conselho já é resultante de iniciativas anteriores. Em 1937, o Ministério da Educação e Saúde criou a Divisão de Educação Extra-Escolar, com o objetivo de “revitalizar sua atuação no campo da produção cultural como um todo, ou seja, sair dos limites do terreno meramente educativo” (CALABRE, 2003, p. 12). Algumas das questões relativas às áreas de teatro, cinema, radiodifusão, artes plásticas e patrimônio artístico e cultural ficaram ligadas à nova divisão.

A nós nos interessa especificamente o item ‘e’, do decreto de instalação do Conselho, em que aparece a difusão cultural na mídia de massa. Para isso, Capanema institui o Serviço de Radiodifusão Educativa e o Instituto Nacional de Cinema Educativo. A atuação do Ministério da Educação, especificamente dentro do setor de radiodifusão, fortaleceu-se quando, em 1936, Edgard Roquette-Pinto doou, para este ministério, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A doação se fez “sob o compromisso da manutenção de uma programação voltada aos objetivos de ‘elevar o espírito das massas’, promover a educação e propagar a ‘alta cultura’, e da não veiculação de textos comerciais” (idem).

Cabe-nos, agora, depois de estarmos referenciados pelos principais ideais da orientação do projeto de educação do regime varguista, tentar indicar algumas relações que esse projeto estabelece com os meios de comunicação de massa e o processo de produção da informação. Além daqueles previamente relacionados ao pensamento de Francisco Campos e sua estratégia de consolidação do regime através da compreensão do contexto a partir da realidade de uma nova cultura de massas.

Ao se tomar como parâmetro de validação da preocupação de Capanema sobre os meios de comunicação de massa as mudanças burocráticas que produz no Ministério da Educação e Saúde, vê-se que essa preocupação é real. Em 1937 é instituído o Serviço de

Radiodifusão Educativa. Em correspondência de Capanema a Vargas, a princípio suas preocupações com os meios de comunicação iam além de uma visão meramente burocrática.

“(...) a radiodifusão escolar (...) é matéria diferente e separada da radiodifusão, meio de publicidade ou propaganda. (...) É preciso introduzir o hábito em todas as escolas – primárias, secundárias, profissionais, superiores, noturnas e diurnas – e estabelecer através desse poderoso instrumento de difusão uma certa comunhão espiritual entre os estabelecimentos de ensino. O rádio será o único meio de se fazer essa comunhão de espírito, pois (...) tudo concorre a separar e isolar as nossas escolas, que são aqui e ali colméias autônomas, cada qual com uma mentalidade e todas distantes do sentido que nós cá do centro desejamos imprimir-lhes.” (SCHWARTZMAN et al, 2000, p. 106)

Vê-se que, mesmo chamando atenção para a distinção entre o sistema de radiodifusão e um outro, de radiodifusão escolar, o sentido de sua utilização permanece o mesmo: uniformizar, padronizar, a partir de um sistema centralizado e baseado no difusionismo cultural. Daí para a instalação de um complexo sistema de censura, que controlasse as irradiações e o alcance da produção e disseminação da informação, seria uma questão de tempo. É a conclusão a que se chega ao se observar o texto de um decreto, não publicado, que institucionalizaria um Estatuto da Família.

“(...) o Estado impedirá que, pela cátedra, pelo livro, pela imprensa periódica, pelo cinema, pelo teatro e pelo rádio, ou ainda por qualquer meio de divulgação, se faça, direta ou indiretamente, toda e qualquer propaganda contra o instituto da família ou destinada a estabelecer restrições à sua capacidade de proliferação.” (idem, p. 128 e 129)

Fato é que, ao final do Estado Novo, o projeto educacional do Ministério da Educação havia exaurido seu conteúdo ético e mobilizador, deixando em seu lugar a “parafernália de leis, instituições e rotinas que haviam sido montadas nos anos anteriores. Ficou, por assim dizer, sem alma” (idem, p. 280). É possível que uma das principais heranças dos tempos do Estado Novo na área educacional tenha sido um conjunto de noções e pressuposições que desenvolvidas naquele contexto,

“adquiriram o caráter de verdades evidentes para quase todos, independentemente de seu lugar nos debates políticos e ideológicos que a questão educacional tem gerado. Elas incluem a noção de que o sistema educacional do país tem de ser unificado seguindo um mesmo

modelo de Norte a Sul; de que o ensino em línguas maternas que não o português é um mal a ser evitado; de que cabe ao governo federal controlar e fiscalizar a educação em todos os seus níveis; de que todas as profissões devem ser reguladas por lei, com monopólios ocupacionais estabelecidos para cada uma delas; de que para cada profissão deve haver um tipo de escola profissional, e vice-versa; de que ao Estado cabe não só o financiamento da educação pública, como também o subsídio à educação privada; e de que a cura dos problemas de ineficiência, má qualidade de ensino, desperdício de recursos etc., reside sempre e necessariamente em melhores leis, melhor planejamento, mais fiscalização, mais controle” (idem, p. 281).

“A ‘casa Philips’ promoveu, sabado passado, em sua agencia a rua Major facundo n.210, uma exposiçãõ de novos modelos de radio de sua fabricaçãõ. Presentes representantes da imprensa e pessoas gradas do commercio e da sociedade lo caes, foi inaugurada a exposiçãõ com a assistencia do Dr. W Hasenberg, director tecnico da seçãõ Industrial de S/A Philips do Brazil. Enchiam, artisticamente expostos, os salões da agênciã nesta cidade, os mais modernos aparelhos de radio Philips, bycicletas Continental, motocicletas D.K.W, machinas de escrever , pneus Continental e diversos outros artigos de que é esforçado agente em Fortaleza o sr. Jan Goosens. Feitas demonstrações dos modelos de radio - 1937, provando o mais perfeito funcionamento, foram em seguida servidos profusos copos de cerveja, sandwiches etc e batidas dıveras chapas photographicas. O sr. Jan Goosens cumulou a todos de captivantes gentilezas dando ainda, detalhadas explicações sobre os productos expostos das quase ressaltam a excellencia dos mesmos e o motivo da preferênciã com que o público vê os artigos.”

(Correio do Ceará, 15/10/1936)

**CHEGOU a Nova Remessa
de Radios**

**SCHAUB
OCEANIC**




um super de máximos rendimentos para recepção mundial. 8 válvulas, 7 circuitos e 5 gamas de ondas de corrente alternada de qualquer voltagem 110 a 220, 50 a 60 períodos.

17-53m 197-600m 970-2000m

As válvulas são as mais modernas:
AK2, AF5, AB2, AF7, AL1, AZ1

PEÇUM uma demonstração sem compromisso.

Nahum Rabay & Cia.
AGENTES E DISTRIBUIDORES
RUA MAJOR FACUNDO, 503 - 309
FACILITAMOS PAGAMENTO

(Correio do Ceará, 29/10/1936)

«LAFAYETTE»

Traz alegria para a casa. E' o
radio que V. Sa. deve

VER, OUVIR E POSSUIR

PORQUE
E' Bello... E' Bom... E' Barato...

DISTRIBUIDORES:

J. Torquato & Cia.

a. 11478. 28

(Correio do Ceará, 10/11/1936)

Retornando-se à discussão sobre a programação da Ceará Rádio Clube, a efemeridade dos programas não passa despercebida aos ouvintes. É o próprio ouvinte quem faz a reivindicação por programas com horários definidos, definidos também seus temas. Apoiamo-nos em outra carta de ouvinte, endereçada ao Correio do Ceará e publicada em 23/11/1936. Uma iniciativa da recepção que dava conta de um futuro processo de segmentação, e que seria utilizado pelo rádio com fins essencialmente comerciais. Vide os nomes dos programas que tinham a denominação dos próprios produtos que o patrocinavam. Um exemplo clássico viria a ser o ‘Repórter Esso’, em 1942. Vamos à carta do ouvinte.

“De Radio Alec Danilo Enviam-no o seguinte: Agora, que já estamos ouvindo uma possante estação em nossa capital, veiu-nos á lembrança um bom tempo em que nos deliciavamos com programmas optimos. Por exemplo: - o programma Miscellanea. Lauro maia, heitor Pinho, soares, Altair. Lauro no piano. Heitor, uma voz masculina. Soares, no violão. Altair, uma voz feminina. Que é dessa gente? Por que não volta ao microphone? Por que não se organiza esse formidável quarteto? Devemos fazer força para esse fim. Uma cousa também queremos lembrar aos dirigentes da PRE 9: não seria bom ensaiamos um systema de programmas divididos, marcados? Expliquemo-nos. Daríamos um dia da semana, senão o programma todo, pelo menos uma hora dedicada ao <>: os foxes... E nessa hora só se ouviriam foxes Não é o fox verdadeiro rythmo do século XX? Outro dia ou outra hora dedicada às nossas músicas. Uma hora de sambas. Uma hora de marchas carnavalescas. Uma hora de <>... Enfim, os <> tambem teriam sua hora com bons tangos argentinos. E assim por deante. Teríamos um dia somente de musicas sérias. Musicas verdadeiras dos genios. E, a ssim, dedicariamos um dia também para um programma variado, em que se fariam ouvir todos os assumptos. Mas, tudo bem certo. Dia e hora certos. Os gostos variam muito. E, assim, ouviriamos a nossa musica predilecta naquella hora certa. E todos ficariam satisfeitos. Muito embora não saibamos se os dirigentes da PRE9 ficariam gostando da idéia.”

Em meio à tentativa de consolidação da emissora de rádio local, a imprensa escrita sofre a ação direta da censura promovida pelo governo Vargas. Como comprova a notícia de 20/11/1936, do Correio do Ceará. A ortografia foi adaptada à realidade.

“O serviço de censura à imprensa. Recebemos a seguinte comunicação << primeira Delegacia da Capital em 19 de novembro de 1936>> À redação do Correio do Ceará - Nesta. Levo ao vosso conhecimento, para os devidos fins, que conforme portaria n. 1003, datada de 18 do corrente do exm. Sr. Dr. Chefe de Polícia do Estado, fui designado pela mesma

autoridade para fazer serviço de censura á imprensa desta capital. 9a) capitão Porfirio de Lima Filho - 1 delegado de Polícia de Capital.”

MAIS UM EPISÓDIO

(samba choro - Braga Filho/ Pedro Caetano - Joel e Gaúcho – 1943)

(Glosando o sucesso das novelas das emissoras de rádio, chegando a citar o título de algumas)

Refrão

Mais um episódio emocionante
Da novela quilométrica
Eu vou pronunciar
Mais uma tortura pros ouvidos
Do coitado que tem rádio
E não pode variar

Renúncia – alegria
Estão sempre no cartaz

Refrão

A gente quer samba quente
Ou uma bossa bem dolente
Mas não ouvir rádio
(repete)

Lá na minha casa francamente
Todo mundo está doente
De epidemia
A minha tia não faz mais crochê
A Margarida não faz um café
Quando me aborreço
E vou pra rua
Procurando me livrar
Dessa calamidade
Até os gatos me acompanham, coitadinhos
Em busca de felicidade

5 A presença da censura – o controle da informação no governo Vargas

Os registros do Correio do Ceará sobre a programação da Ceará Rádio Clube reaparecem em nossa pesquisa já em 1937. E reaparecem em grande estilo, com o anúncio de uma ‘noitada alegre’. Observe-se já a presença do ‘speaker’ (locutor) Cabral de Araújo comandando a programação.

"Sônia Veiga cantará, sexta-feira, interessantes músicas inéditas de Lauro Maia. A P.R.E 9 terá na noite de sexta-feira próxima, um programa verdadeiramente interessante, organizado pelo nosso incasável speaker Cabal de Araújo. Serão interpretadas duas músicas inéditas de Lauro Maia: o samba "Nosso Cruzeiro" e o côco "Catolé", música reional do Cariri da preta popular Maria Catalé, arranjo daquele compositor. Essas músicas serão interpretadas por Sônia Veiga, em colaboração com o conjunto regional do Liceu. Sônia Veigatomará parte ainda em outros programas, durante um quarto de hora "especialmente seu". O programa geral da noite de sexta-feira intitula-se "Coisas que o tempo levou..." Vamos aguardar, pois, a "noitada alegre" da P.R.E. 9". (15/9/1937)

Em 1938, um anúncio da Rádio Tupi dá a idéia da receptividade e do alcance do rádio no Brasil.

“Aumente suas vendas um anúncio na PRG-3 Rádio Tupi do Rio de Janeiro é ouvida em todo o Brasil. A estação que recebeu 35.000 cartas de vários ouvintes em 730 dias. Procure nossa sucursal a rua Conde D’EU, 529, Fortaleza.” (Correio do Ceará, 13/4/1938)

O ano de 1938 marca a estréia de Valdemar Caracas na Ceará Rádio Clube, comandando um programa esportivo. Era o rádio se aproximando cada vez mais da população. Sua entrada na emissora demonstra claramente a importância que alguns segmentos da sociedade emprestavam à formação da opinião pública através dos meios de comunicação, neles incluído o nascente rádio cearense.

“Eu fui da ADC, Associação Desportiva Cearense [hoje Federação Cearense de Futebol]. Nesse tempo eu botei o Ferroviário lá e o capitão Juremir [presidente da ADC], que eu tenho o retrato dele aqui, depois eu mostro pra vocês, era um gaúcho e que fez muito pelo futebol cearense. Daí a pouco me chamaram, um secretário dele, eram dois

lugares de secretário: primeiro e segundo secretário. O primeiro secretário, que era o Paulo Araújo, me convidou pra eu ocupar o lugar de segundo secretário. Aí eu fiquei segundo secretário. Aí eu me meti no futebol, fiquei me projetando. Fiquei me projetando.

Eu comecei, o Juremir, quando eu fui secretário, então queria que as notícias da Federação... Ele brigou com a imprensa e queria que as notícias da Federação fossem divulgadas. Então, eu fui fazer, eu era secretário, e fui fazer esse negócio: compilava a notícia, escrevia, redigia. Eu redigia direitinho, tá ouvindo? E saía na coisa. Aí daí a pouco me levavam pro estádio. O estádio era ali onde era a Escola Industrial, no Campo do Prado. Eu, então, ali eu passei a ser comentarista. O comentarista que é aquele que assiste ao jogo e analisa o jogo e tem o noticiário que era aquele que compila a notícia e divulga a notícia. Eu era as duas coisas. De maneira que o rádio começou com 15 minutos e depois aumentaram pra mim: meia hora. Aí fiquei sendo radialista.”

Através de um documento do acervo pessoal de Valdemar Caracas, percebemos que a grade de programação da PRE-9, em 1938, traz o seguinte programa: ‘DIP - Mariano Rodrigues Martins’. Era o programa do Departamento de Cultura, Divulgação e Propaganda, órgão do governo federal que controlava as emissões radiofônicas em todo o Brasil e que se transformaria no temido Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939. Através dos Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (DEIPs), o DIP teria atuação nos estados. O programa era produzido por Mariano Rodrigues Martins. É a primeira evidência concreta da atuação da censura do regime varguista, em nossa pesquisa, na programação da Ceará Rádio Clube. E teve o testemunho de Valdemar Caracas, que sofreu as consequências em sua carreira política do Estado Novo, golpe dado por Vargas em 10/11/1937.

“Em 9 de novembro de 37 era o dia do meu aniversário, no dia seguinte eu perdi o mandato [de vereador de Fortaleza, eleito em 1936]. 10 de novembro.”

Assim como também relembra as ações da censura.

“[Agora, olha seu Caracas, tem um programa aqui, às seis e quarenta e cinco da noite, que era do Departamento de Cultura, Divulgação e Propaganda] Isso era programa do governo, de censura, é o Mariano Martins aí, era? [Isso, Mariano Martins. E: Como é que era esse programa seu...] Não, era coisa do...é...que...não... você pensa que o Paulo Oliveira chegava com nome feio no rádio? [Paulo Oliveira é um radialista dos dias de hoje, conhecido pelo seu estilo popular de locução, inclusive com a utilização de ‘nomes feios’ em seus programas] Você é doido, nada. Era tudo controlado, se não obedecesse

ia pro xadrez. [Quem é que controlava, seu Caracas?] A censura, existia a censura. Aliás, eu acho necessário, porque eu nunca fui chamado, pronto. [dona Anete, esposa de seu Caracas, complementa] Engraçado era a sonoplastia, quando havia um beijo, a pessoa dava no próprio braço. Devido à censura.

É, quem organizou [Mariano Rodrigues Martins, colega de Caracas na Viação. Depois foi Secretário de Educação]. O DIP tinha um programa. Eu não tinha o meu programa? O meu programa era noticiário, era todo escrito. O do DIP devia ser escrito também. Às vezes, a gente saía, fora do script, né? Mas, no geral, o programa era escrito. É escrito. Mas DIP não é comigo não. Ele [Marino Rodrigues Martins, que fazia o programa do DIP] não tinha essas culturas não, mas botaram ele. Ele foi secretário. Deve ter aí um grupo, deve ter um grupo, você pode procurar o nome dele, que ele foi secretário de educação. Ele não era essas culturas todas, mas era um rapaz inteligente, escrevia na Gazeta de Notícias, que era um matutino que nós tínhamos aqui. Ele escrevia na Gazeta. E trabalhava na estrada de ferro.”

Estruturado em torno da centralização, a instância federal do governo incorpora os estados-membros como se fora satélites de seu projeto de Estado nacional. Prova disso é a nomeação de interventores para os governos estaduais. Prova também é a criação de órgãos públicos-chaves do governo federal como réplicas nos estados, como é o caso dos departamentos estaduais de Imprensa e Propaganda, evidenciando a preocupação do governo central, a esse período, com a política de informação. Política quase sempre vinculada a preceitos de doutrinação, tamanha era a demarcação de sua orientação.

Perceber quais as bases do controle da informação é essencial para se delimitar as repercussões que ocasionou nos estados da federação. Sabe-se, de antemão, que teve destaque o papel do rádio e que a censura foi uma das estratégias mais usadas para se garantir que a informação produzida não fugisse aos padrões da linha política emanada pelo governo central.

Nesse processo de desvelamento do controle da informação no governo Vargas, definimos por privilegiar o veículo rádio como centro das análises, uma feita que, ao transpormos essa discussão para o Ceará nos anos 1930 a 1940, são as possibilidades de mediação entre rádio e educação que pretendemos discutir. Além disso, o rádio se insinuava como o primeiro meio de comunicação efetivamente de massa, por conta da baixa tiragem dos jornais e a parcela da população que conseguiam alcançar. Se isso era uma realidade nos centros mais desenvolvidos do país, o que não dizer então dos estados mais afastados dos centros de tomada de decisão, dos centros de poder.

O interesse de nossa discussão é como o rádio dava suporte ao projeto político do regime varguista. Daí porque termos insistido em compreender os princípios que davam conta da orientação do regime. Tentaremos estabelecer algumas relações entre o veículo e seu aparelhamento ideológico pelo Estado, na intenção de consolidar um projeto de Estado Nacional. As conseqüências decorrentes dessa apropriação também vão ser analisadas, especialmente as que dizem respeito a um direcionamento pretensamente populista do governo central e à estruturação de um sistema de repressão que fosse capaz de barrar qualquer tentativa da imprensa em contrariar esse direcionamento.

O papel do rádio, no entanto, necessita ser analisado sob o ponto de vista do contexto da época.

“Os anos de 1930 a 1940 foram de grandes transformações em toda a sociedade brasileira, com o aumento da população, o crescimento dos centros urbanos e o desenvolvimento da indústria e dos serviços. No início, a coordenação do setor de divulgação e propaganda esteve afeto ao Ministério da Educação, cujo titular era Gustavo Capanema, que foi ministro de 1934 a 1945. O projeto cultural e educativo, de uma maneira ampla, tinha uma visão nacionalista e buscava a mobilização e participação cívica, assim como as reformas educacionais. “ (Haussen, 1997, p. 25)

Um fato a ser observado é que na década quando o rádio começa a surgir como um meio efetivo de comunicação de massa, nos fins dos anos 1920, não havia uma preponderância do mercado em sua utilização. Como a indústria internacional do lazer ainda não estava organizada para fins de dominação dos mercados dos países menos desenvolvidos, “era aos próprios brasileiros que competia criar respostas culturais para as expectativas do heterogêneo público das novas camadas das cidades”. (idem, p. 6).

Essa característica pode ter contribuído para um processo mais forte de regionalização do rádio. Em torno dessas ‘saídas culturais’, pôde ser estabelecida uma relação mais próxima entre o veículo e a cultura local. Sem deixar de perceber que mesmo a cultura local também era influenciada pelas ‘modas’ estrangeiras, como ocorria em várias capitais dos estados com o processo de ‘afrancesamento’ de moradores, hábitos e costumes. Nas localidades onde o sentimento regional já se fazia presente, como é o

caso dos pampas sulinos, a regionalização da programação do veículo foi ainda mais forte.

Com o advento dos processos de industrialização cultural, a aproximação entre rádio e mercado seria inevitável. Afinal de contas, às grandes empresas, e a época era fértil a presença de grandes multinacionais no Brasil, principalmente norte-americanas, interessava o alcance de novos consumidores que o rádio proporcionava. Em 1944, a Standard Propaganda criou o primeiro departamento de rádio no Brasil, onde foi montado estúdio de gravação para a radiofonização de novelas. Muitas dessas novelas foram patrocinadas pelas multinacionais Colgate-Palmolive e pela Gessy-Lever.

O ‘Birô Interamericano’ também seria instalado no Brasil, em 1941. Organismo criado pelo presidente norte-americano Franklin Roosevelt, em 1940, e instalado no Brasil no ano seguinte, colaborou para a vinda das grandes agências de publicidade para o Brasil, como a McCann-Erickson e a J. W. Thompson, impulsionando o rádio. O objetivo declarado do ‘Birô’ era estreitar os vínculos econômicos e culturais entre os dois países, vendendo o ‘estilo de vida americano’ e introduzindo o consumo de diversos produtos como a Coca-Cola e revistas e filmes como os do Pato Donald.

“E o rádio, naquele momento era o veículo ideal para a divulgação desses produtos. [...] os anunciantes estrangeiros mudaram o curso da programação comercial brasileira: os programas eram criados a partir da relação cada vez mais sólida entre emissoras e anunciantes. Os artistas começam a ser contratados, o cachê pago a cada apresentação torna-se um recurso ultrapassado e o rádio vive a sua fase de ouro – rico e influenciador dos hábitos e costumes de milhões de fascinados ouvintes’.” (idem, p. 42 e 43).

Em 1956, quinze anos após o início da Rádio Nacional, as radionovelas ocupavam 50% do tempo de transmissão da emissora, num total de 14 novelas por dia, demonstrando a relação entre as matrizes culturais do povo brasileiro e sua correlação com o gênero drama da radiofonia.

Quando Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, a radiodifusão ainda estava em sua fase incipiente, de rádio-clubes e rádio-sociedades. A autorização oficial para a veiculação de publicidade (que muitos consideram ter sido o motivador da profissionalização no rádio) só viria em 1932, através do Decreto-Lei 21.111. Também

nessa época, o Brasil adotava o modelo norte-americano de radiodifusão e passava a distribuir concessões de canais a particulares, o que auxiliaria a incrementar a exploração comercial do veículo.

O Decreto 20.047, do ano anterior, 1931, que substituiu o primeiro Decreto de 1924 sobre radiodifusão no país, havia estabelecido que a radiodifusão era de interesse nacional com fins educativos. O Governo promoveria a unificação do serviço numa rede nacional e definiria as concessões de emissoras, renováveis a cada dez anos, a organismos sociais ou privados.

E o governo Vargas não tardaria a perceber que o rádio poderia ser incorporado a seus instrumentos de orientação ideológica. “Só mesmo com revolução / Graças ao rádio e o parabolo / Nós vamos ter transformação / Neste Brasil verde a amarelo... – “Ge-gê. Seu Getúlio”, já cantava Almirante a marcha composta por Lamartine Babo, em 1931. não é à toa que o surgimento da radiodifusão na América Latina, na década de 20, e a sua consolidação, a partir dos anos 30, dá-se quase que paralelamente ao início dos movimentos populistas, como analisam os observadores políticos. Populismo que vai unir dois grandes representantes de governo que utilizaram o rádio como veículo de propaganda ideológica. Vargas no Brasil e Perón na Argentina.

Com o objetivo de mobilizar e controlar a opinião pública foi criado o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1939. Entretanto, anteriormente, já em 1931, havia sido criado o DOP – Departamento Oficial de Propaganda, agregado à Imprensa Nacional, tendo como atividades principais a elaboração de um programa oficial radiofônico, precursor da ‘Hora do Brasil’, retransmitido para todo o país, e o fornecimento de informações oficiais à imprensa.

Em julho de 1934 o DOP foi reorganizado, passando a se chamar de Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural – DNPDC, com a tarefa de estudar a utilização do cinema, da radiotelegrafia e de outros processos técnicos, no sentido de empregá-los como “instrumento de difusão, estimular a produção de filmes educativos e orientar a cultura física” (idem, p. 21). A partir de 1939, o DIP utilizou a imprensa, o rádio e o cinema para “divulgar as propostas do Estado Novo, de integração nacional e de formação da nacionalidade, popularizando a figura do presidente como grande líder

nacional”. Além disso, tinha também “poderes para censurar ou proibir manifestações de crítica ao regime” (idem, p. 53).

É muito claro, portanto, que Getúlio Vargas e seu governo, desde o início, elaboraram um esquema relativo ao uso político do rádio. Os vestígios do interesse de Campos e Capanema pelos meios de comunicação já evidenciam essa apropriação de orientação governamental. Por outro lado, e uma das estratégias garantidoras desse aparelhamento ideológico do rádio pelo regime foi a implantação dos processos de censura. Enquanto os jornais e demais publicações regulares tinham censores em suas redações, o ‘rádio não somente foi censurado, divulgando tudo à feição do poder público, como ainda teve algumas emissoras encampadas’ (idem, p. 26).

No entanto, a influência direta de Capanema sobre a radiodifusão seria muito breve, pois ainda em 1934 Getúlio Vargas criou o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural ligado ao Ministério da Justiça, esvaziando o Ministério da Educação não só da propaganda como também do rádio e do cinema.

“Esta decisão faz parte, sem dúvida, de um esforço de colocar os meios de comunicação de massas a serviço direto do poder executivo, uma iniciativa à qual não faltava a influência do Ministério da Propaganda alemão, recém-criado com a instalação do governo nacional socialista em 1933” (idem, p. 25).

A razão do interesse mais exacerbado do governo pelo rádio, a se tirar pela intensidade da censura que lhe foi atribuída, pode ter algumas explicações. Uma delas já foi comentada, e dava conta do poder de alcance que o rádio tinha em comparação com os meios impressos. Um outro motivo decorre da natureza do público que ambas as mídias alcançavam. Os proprietários das empresas jornalísticas muitos deles eram favoráveis ao governo em exercício, tanto por questões de sobrevivência dos veículos, como pelos favores políticos que amealhavam. Uma outra razão é que, estabelecida desde o século XIX no Brasil, a imprensa impressa já havia consolidado sua imagem perante o público, o que poderia dificultar, em certa medida, a presença de uma censura mais efetiva, dadas as conseqüências que poderia desencadear.

Uma outra identificação entre o rádio e o projeto político do regime varguista foi quanto ao processo de industrialização, e o forte caráter desenvolvimentista de base do

governo. O processo de industrialização influenciou a radiodifusão através da abertura de fábricas e a produção de equipamentos receptores nacionais, o que barateou os custos e permitiu um maior acesso à aquisição dos equipamentos. O aporte da industrialização também favorecia uma maior dinamização do comércio e a elevação potencial do consumo, favorecendo também o consumo da produção cultural massiva, iniciado principalmente depois de 1935.

As “novas tecnologias” de comunicação dessa primeira etapa têm sua relação com a “cultura mediada pelo projeto estatal de modernização”, um projeto “eminente político mas também cultural: não era possível transformar estes países em nações sem criar neles uma cultura nacional” (idem, p. 10). As novas tecnologias de comunicação vão tornar possível, assim, a emergência de uma nova linguagem e de um novo discurso social: o popular-massivo. O projeto nacional, por sua vez, somente é possível mediante a comunicação, o encontro entre massas populares e o Estado.

O rádio poderia ‘entrar’ nos lares, ‘passear’ pelas camarinhas desavisadas, ‘partilhar’ dos segredos das alcovas mais recônditas, apropriando-se da intimidade de seus ouvintes. O rádio vai ser fundamental para a gestação do sentimento nacional, na tradução da idéia de nação em sentimento. É sentimento que passa a fazer parte do cotidiano, do dia a dia do povo. Um sentimento nacional que o veículo naquele momento não destrói: o de sentir-se parte de uma região.

Assim como percebia o poder que detinha o rádio de mobilização das massas, outra orientação política poderia se utilizar da mesma estratégia. Compreendendo essa possibilidade, o governo Vargas, ao mesmo tempo que trabalha para a expansão do veículo, faz acompanhar essa expansão de um controle mais rígido de suas programações. Instalou-se a censura prévia.

“A aprovação tinha de ser nos mínimos detalhes. A emissora elabora previamente o programa e enviava à censura no Rio de Janeiro e na suas representações nos Estados, para o exame e o visto. Daí se tira logo uma ilação: a censura de peças contra o governo era total, tendo desaparecido toda e qualquer oposição. Abrangia todos os casos, dos discursos aos programas de estúdio, como era na época a radionovela, esta ainda no começo.” (idem, p. 28)

A censura também foi responsável por uma mudança técnica de grandes proporções no rádio. Antes baseado no improviso, com a imposição da censura os programas tiveram que se adaptar à nova realidade. Assim surgiram os roteiros, já que todas as falas teriam que passar pelo crivo do censor. A utilização de roteiros estabelece uma nova mediação, uma feita que a oralidade passava a ser mediada pela escrita. O desenvolvimento do radiojornalismo, a partir dos anos 40, vai intensificar essa mediação. As conseqüências são sentidas na linguagem radiofônica.

As conseqüências da censura também se faziam sentir no próprio exercício profissional dos radialistas. A presença tão forte da censura levou, por conseqüência, à auto-censura por parte dos profissionais, obrigando-os a “procedimentos gongóricos para ocultar o conteúdo do censor. Quando este era ‘camarada’, chamava a atenção para o programa da emissora e aconselhava mudanças antes que fosse censurado” (idem, p. 28).

A música sempre teve papel relevante no rádio, desde o seu início. Na fase amadorística, na década de 20, quando havia a grande preocupação com o papel educativo do veículo, muita música clássica, óperas, saraus ao piano foram irradiados. Mas já na segunda metade daquela década começava a música popular brasileira a se fazer presente nas emissoras. Ainda em torno da educação havia uma preocupação com a “a moral e os bons costumes”. Nas novelas, por exemplo, não era permitida a utilização da palavra “amante”, numa norma da própria rádio Nacional.

Ciente de sua abrangência e penetração as emissoras preocupavam-se em “educar o público através das novelas, inculcando no ouvinte bons sentimentos, maneiras corretas de agir em sociedade” (idem, p. 51 e 52). Uma orientação clara quanto a maior emissora da época, a Rádio Nacional. Embora as indicações históricas dêem conta de que Roquette-Pinto sonhasse com um rádio educativo formal, presume-se pela linha de programação que paulatinamente o rádio começou a incorporar, que a vertente não-formal ou informal educativa também ganhou espaços nas programações.

Uma análise que ainda permanece obscura quando do estudo do rádio na era Vargas seria como essa orientação ideológica era percebida pelos ouvintes. Como os materiais produzidos especificamente para a difusão dos valores considerados essenciais à construção do projeto de nação, de consolidação do Estado Nacional eram ‘traduzidos’

pelo público? Que uso a população fazia desses materiais? Uma das linhas editoriais dava conta de materiais produzidos especificamente para as escolas? Esses materiais foram utilizados pelos educadores em sala de aula?

Um aspecto que permanece em toda a discussão da implantação da política de informação do governo Vargas é a dimensão do aparato de censura. O Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, descreve a trajetória histórica da criação do DIP e de sua relação com a política do regime varguista. Nas páginas seguintes, reproduzimos essa compilação realizada pelo CPDOC, compreendendo sua sistematicidade e referenciais históricos que articula.

A criação do DIP foi precedida, no tocante à divulgação das iniciativas governamentais, por três outros órgãos - o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), e o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) -, que se sucederam a partir de 1931. Nenhum deles, no entanto, desfrutou do grau de autonomia e abrangência do DIP, dada a conjuntura especificamente diferente em que atuaram.

Logo após a consolidação, da vitória dos revolucionários de outubro de 1930, que depuseram o presidente Washington Luís e entregaram a chefia do Governo Provisório a Getúlio Vargas, começaram a ser dados os primeiros passos em direção à organização da propaganda política no plano nacional, consubstanciados na criação, em 2 de julho de 1931, do Departamento Oficial de Publicidade. Este órgão, vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, constituía-se numa espécie de apêndice da Agência Nacional e atuava basicamente no setor de radiodifusão. De resto, sua atividade limitava-se ao fornecimento de informações oficiais à imprensa.

A iniciativa da organização de uma forma mais sistemática de propaganda oficial, que abrangesse outros veículos de comunicação de massa, coube ao próprio presidente Getúlio Vargas, que confiou, em abril de 1934, ao diretor da Imprensa Nacional, Francisco Antônio Rodrigues de Sales Filho, o encargo de fazer experimentalmente um serviço dessa natureza. Assim, em 10 de julho do mesmo ano, avaliados os resultados positivos da fase experimental do projeto, Vargas criou o Departamento de Propaganda

e Difusão Cultural, através do Decreto-Lei nº. 24.651, que extinguiu o DOP. O novo órgão continuou subordinado ao Ministério da Justiça e sua direção geral foi entregue a Lourival Fontes, jornalista e escritor sergipano e manifesto admirador do fascismo italiano. O DPDC compreendia, além da Imprensa Nacional - que manteve sua autonomia administrativa - e do setor de radiodifusão, já englobado pelo extinto DOP, os setores de cultura e cinema, tendo estimulado a produção de filmes educativos por meio de prêmios e favores fiscais.

Com o golpe do Estado Novo em 10 de novembro de 1937 e o fechamento do Congresso Nacional, o DPDC passou a ocupar as instalações do palácio Tiradentes, antiga sede da Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro. Por outro lado, a nova Carta constitucional, então outorgada, atribuiu à imprensa a qualidade de serviço de utilidade pública e traçou os limites para a sua atuação através de uma série de restrições. Uma série de atividades não previstas por lei começou então a ser incorporada ao DPDC, que, no início de 1938, foi transformado, por decreto presidencial, no Departamento Nacional de Propaganda, passando a atuar em todos os campos relacionados com o que se denominava "educação nacional" e a exercer a censura e o controle de todos os meios de comunicação. O novo órgão manteve-se vinculado ao Ministério da Justiça e Lourival Fontes permaneceu na direção geral.

O DNP teve como uma de suas principais atividades a promoção do Brasil no exterior, particularmente através do lançamento de jornalistas e escritores nacionais em jornais estrangeiros e da criação do *Boletim de Informações*, editado em quatro idiomas e distribuído em hotéis, consulados, embaixadas, navios etc. No setor de radiodifusão, o DNP foi o responsável pela inauguração da "Hora do Brasil", programa transmitido diariamente por todas as estações de rádio, com duração de uma hora, visando a divulgação dos principais acontecimentos da vida nacional.

No dia 7 de fevereiro de 1938, o DNP proibiu todas as transmissões radiofônicas em língua estrangeira em território brasileiro, bem como a importação e circulação de jornais e revistas publicadas no exterior, que tinham na época um peso significativo no mercado. No final de fevereiro, Vargas assinou o Decreto-Lei nº. 300, que, entre outros pontos, dispunha sobre a isenção de taxas alfandegárias sobre a importação de papel, estabelecendo que os proprietários de jornais e revistas deveriam obter autorização do

Ministério da Justiça, mediante o prévio preenchimento de numerosas exigências, para poder desfrutar da isenção. Através desse recurso, o governo passou a controlar diretamente a imprensa, concedendo os favores fiscais apenas àqueles jornais que seguissem a orientação governamental.

Com o objetivo de aperfeiçoar e ampliar as atividades do DNP, Vargas criou, pelo Decreto nº. 1.915, de 27 de dezembro de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda, extinguindo, através do mesmo decreto, o DNP. A direção geral do novo departamento permaneceu nas mãos de Lourival Fontes.

A partir da criação do DIP, todos os serviços de propaganda e publicidade dos ministérios, departamentos e estabelecimentos da administração pública federal e de entidades autárquicas passaram a ser executados com exclusividade pelo órgão, que também organizava e dirigia as homenagens a Vargas, passando a se constituir no grande instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de sua família e das autoridades em geral. Contando com maior amplitude de ação e maior autonomia que os departamentos que o antecederam, dada sua ligação direta com a Presidência da República, o DIP tornou-se o órgão coercitivo máximo da liberdade de pensamento e expressão durante o Estado Novo e o porta-voz autorizado do regime.

De acordo com o decreto que lhe deu origem, o DIP tinha como principais objetivos centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas; organizar os serviços de turismo, interno e externo; fazer a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política e da imprensa; estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores; colaborar com a imprensa estrangeira para evitar a divulgação de informações nocivas ao país; promover, organizar e patrocinar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, assim como exposições demonstrativas das atividades do governo, e organizar e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo.

Para a execução dessa grande e complexa tarefa, as atividades do DIP distribuíam-se entre cinco divisões específicas. A divisão de divulgação tinha sob sua competência as

atividades de elucidação da opinião nacional sobre as diretrizes doutrinárias do regime e o combate, por todos os meios, à penetração e disseminação de qualquer idéia perturbadora da unidade nacional. Cabia-lhe, também, a promoção dos compositores, cantores, poetas e pensadores brasileiros, tarefa que realizava através da organização periódica de espetáculos musicais, sessões literárias, conferências e congressos. Era ainda a responsável pela edição de folhetos, livros e cartazes do DIP e pela edição anual de uma publicação com todas as informações sobre jornais, revistas e livros publicados no país.

Competia à divisão de rádio, de acordo com regulamento do DIP, levar aos ouvintes radiofônicos nacionais e estrangeiros, por intermédio da radiodifusão oficial, tudo o que lhes pudesse fixar a atenção sobre as atividades brasileiras em todos os domínios, fazer a censura prévia de programas radiofônicos e de letras a serem musicadas e organizar o programa ' "Hora do Brasil" '. À divisão de teatro e cinema cabiam as funções de censurar previamente e autorizar ou interditar todos os filmes e representações teatrais em todo o território nacional; publicar no *Diário Oficial* a relação de peças e filmes censurados, acompanhados de suas características e do resumo do julgamento; incentivar e promover facilidades econômicas às empresas nacionais produtoras e aos distribuidores de filmes em geral, e instituir, permanentemente, um cine-jornal com versões sonoras, filmado em todo o Brasil e com motivos genuinamente brasileiros, o que deu origem ao "Cine-jornal brasileiro" distribuído nos cinemas de todo o país.

Sobre a divisão de imprensa recaía uma tarefa bastante complexa, cabendo-lhe, como principais funções, exercer a censura à imprensa; organizar o serviço de controle da imprensa nacional e estrangeira; organizar um arquivo de jornais, revistas, livros e todo o tipo de publicações nacionais e estrangeiras; manter um serviço de clichês e fotografias para fins de distribuição à imprensa; manter um serviço de *copyright* de artigos de autores brasileiros para os jornais do país e do exterior, e autorizar previamente a circulação de publicações periódicas. A divisão de imprensa era assistida, no exercício de suas atribuições, como nos casos de aplicação de penalidades às empresas jornalísticas, pelo Conselho Nacional de Imprensa, criado logo após o DIP, pelo Decreto-Lei nº. 1.949, de 30 de dezembro de 1939. O conselho era composto por seis membros, sendo três deles nomeados pelo presidente da República e os demais eleitos, como delegados, em assembléias gerais, convocadas para esse fim pela

Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e pelo Sindicato de Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro, A princípio, a presidência do conselho era exercida pelo diretor da divisão de imprensa, tendo, posteriormente, sido atribuída ao diretor-geral do DIP.

Entre as divisões do DIP, havia também uma divisão de turismo, encarregada da divulgação do Brasil no exterior, com a finalidade de incentivar o turismo. Essa divisão editou folhetos em língua estrangeira, com ilustrações do Rio de Janeiro e de Poços de Caldas, e deu início a uma publicação de caráter periódico, *Travel in Brazil*, que teve mais de 25.000 exemplares distribuídos por agências norte-americanas somente nos Estados Unidos. A divisão de turismo organizou também a exposição "Posição do Brasil no mundo", na Feira de Amostras, com 70 painéis e gráficos sobre a economia brasileira em seus diversos aspectos, os quais foram depois entregues ao Ministério do Trabalho para figurar na Feira das Indústrias Brasileiras, em Montevideu e Buenos Aires.

A estrutura do DIP contava, ainda, com 11 serviços auxiliares, seis criados por lei (comunicações, contabilidade e tesouraria, material, filmoteca, discoteca e biblioteca) e cinco por portaria do diretor-geral (garagem, distribuição de propaganda, registro de imprensa e administração do palácio Tiradentes). Contando com uma estrutura tão complexa, a eficácia do DIP na realização de seus fins se fez sentir rapidamente. O culto à personalidade e a construção de imagens idealizadas de Getúlio Vargas veiculadas pelo DIP - como, por exemplo, a de "pai dos pobres" - ajudaram a consolidar em pouco tempo o poder do ditador.

O DIP promoveu concursos de monografias, garantindo às obras premiadas sua publicação e divulgação por todo o país. Inúmeros folhetos explicativos do novo regime e que divulgavam a obra do governo, principalmente no campo da legislação trabalhista, marcaram a atuação doutrinária do órgão. As obras vencedoras desses concursos eram de caráter apologético e seus autores, na sua maioria, figuras desconhecidas do panorama intelectual. O DIP patrocinou, também, concursos de música popular e foi num deles que "Aquarela do Brasil", de autoria de Ari Barroso, recebeu o primeiro lugar. Além disso, cabia ao DIP distribuir a fotografia oficial do presidente Vargas, não só nas repartições públicas, mas também em colégios, clubes, estações ferroviárias, aeroportos, bancos, casas comerciais etc.

Ainda dentro da área de divulgação do ideário estadonovista, o DIP lançou diversas publicações, entre as quais a de maior destaque foi *Cultura Política - Revista Mensal de Estudos Brasileiros*. Sob a direção de Almir de Andrade, a revista tinha como propostas principais a promoção de nova concepção de cultura, unificando a ordem política e social sob a égide do Estado, e o esclarecimento do rumo das transformações políticas e sociais em curso no país. A publicação contava em seu quadro de colaboradores com a presença de nomes expressivos da intelectualidade do período. Além dos principais ideólogos do Estado Novo, como Francisco Campos, Almir de Andrade e Lourival Fontes, recebia a contribuição eventual de intelectuais das mais diversas correntes, como Néelson Werneck Sodré, Graciliano Ramos e Gilberto Freire, que se limitavam a escrever sobre assuntos relacionados às suas respectivas áreas de interesse, no caso história, literatura e folclore.

Além da revista *Cultura Política*; o DIP editou publicação mensal, denominada *Estudos e Conferências*, cujo primeiro número saiu em setembro de 1940. Outra publicação do órgão, *Dos Jornais*, foi lançada em junho de 1941 e se dedicava a transcrever artigos favoráveis ao governo publicados pela imprensa não oficial.

Por outro lado, as relações do DIP com a imprensa caracterizaram-se sempre pela ocorrência de numerosos atritos. Já em março de 1940, registrou-se um dos casos mais notórios de intervenção em jornais, com a invasão pela polícia de *O Estado de São Paulo*. O jornal permaneceu sob intervenção do DIP até o final do Estado Novo. No mesmo ano de 1940, também sofreram intervenção os jornais *A Noite* e *A Manhã*.

Ainda em 1940, através de decreto datado de 4 de setembro, o DIP teve seu poder ampliado com a instalação, em cada estado do país, de um Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), com suas mesmas atribuições. A partir de outubro, o Ministério da Justiça passou a coordenar todos os meios e órgãos de divulgação e publicidade existentes no país, inclusive o DIP. Ainda a partir desse ano, o DIP passou a centralizar as verbas de publicidade do Banco do Brasil e de outras instituições, distribuindo-as entre os jornais de sua preferência. Em dezembro ainda de 1940, numa atitude que demonstrava as simpatias do governo às potências do Eixo, o DIP proibiu que jornais cinematográficos exibissem quaisquer notícias sobre a Inglaterra.

Em 1941, já haviam sido requeridos ao DIP e submetidos à apreciação do Conselho Nacional de Imprensa 2.699 pedidos de registros de jornais, revistas e outros órgãos de publicações, dos quais 412 haviam sido negados e 508 permaneciam em diligência. No mesmo ano foram também solicitados registros de 17 agências telegráficas, 1.200 oficinas gráficas, 35 correspondentes de jornais estrangeiros e 1.256 de jornais nacionais, além de 160 agências de publicidade.

Em janeiro de 1941 o DIP proibiu as críticas aos Estados Unidos, que até então não passavam incólumes pelo crivo da imprensa escrita e falada. Em agosto, todos os jornais editados em línguas estrangeiras - cerca de 60 - e que anteriormente publicavam também a tradução de suas matérias, foram proibidos de circular. A proibição fazia parte da campanha muito difundida, na época, para que o Brasil se tornasse "mais brasileiro".

Estando o governo dividido quanto à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra os países do Eixo, em julho de 1942, Filinto Müller, chefe de polícia do Distrito Federal, tentou impedir a realização de uma passeata organizada por estudantes do Rio de Janeiro, em apoio aos países aliados. A manifestação pôde ser realizada graças à intervenção de Vasco Leitão da Cunha, ministro interino da Justiça durante a ausência do titular Francisco Campos. Essa dissensão veio aguçar a polarização no seio das forças governistas. Lourival Fontes, diretor-geral do DIP, colocou-se ao lado do ministro interino, o mesmo tendo feito Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, Ernâni Amaral Peixoto, interventor no estado do Rio de Janeiro, e o próprio Francisco Campos, enquanto o general Eurico Dutra, ministro da Guerra, aliou-se ao chefe de polícia. Em decorrência da crise, no dia 17 de julho foram demitidos de seus cargos Filinto Müller, Francisco Campos, Leitão da Cunha e Lourival Fontes.

Em agosto, foi nomeado para assumir a direção-geral do DIP o major Antônio José Coelho dos Reis. No mesmo mês, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo. Nova mudança na diretoria do DIP veio ocorrer em abril de 1943, quando o major Coelho dos Reis entregou o cargo ao capitão Amílcar Dutra de Meneses.

A partir de fins de 1944, as sucessivas vitórias dos Aliados no *front* permitiam entrever a proximidade do final da Segunda Guerra, fato que contribuiu sensivelmente para

acelerar a desestabilização do governo Vargas. Refletindo o enfraquecimento do Estado Novo, o DIP, desde o início do movimento pela redemocratização do país, perdeu paulatinamente seus espaços de atuação, dadas as pressões em sentido contrário. Assim, nenhuma atitude foi tomada pelo departamento por ocasião da entrevista concedida por José Américo de Almeida ao repórter Carlos Lacerda, *do Correio da Manhã*, em fevereiro de 1945, na qual o escritor comentava o golpe de 1937 e exigia eleições imediatas.

Em entrevista coletiva à imprensa, no mês seguinte, o próprio Vargas, reconhecendo a decadência do DIP, afirmou que, a partir da normalização da situação internacional, ou seja, do fim da Segunda Guerra Mundial, o órgão passaria a tratar exclusivamente da divulgação da cultura Brasileira.

No dia 23 de maio de 1945, após a concessão de anistia aos presos políticos, o diretor do DIP, Amílcar Dutra, autorizou a irradiação do discurso do líder comunista Luís Carlos Prestes durante o comício que se realizaria naquela data no estádio do Vasco da Gama, no Rio. A resolução foi severamente criticada pelo ministro da Guerra, general Eurico Dutra, o que determinou uma contra-ordem governamental no sentido de que fosse suspensa a transmissão. O fato, que refletia o descompasso entre a orientação do DIP e de outros setores do governo no que se referia ao novo momento político da nação, resultou na imediata exoneração de Amílcar Dutra de Menezes, que foi substituído por Heitor Muniz, o qual permaneceu no cargo apenas dois dias.

Avaliada a inexequibilidade dos objetivos para os quais havia sido criado e a crescente pressão popular pelo fim de todos os órgãos cerceadores de liberdade criados durante a vigência do Estado Novo, o DIP foi extinto em 25 de maio de 1945, pelo Decreto-Lei nº. 7.582. Pelo mesmo decreto, foi criado o Departamento Nacional de Informações (DNI).

José Júlio dá detalhes de como era realizado o trabalho do DIP na censura à programação da Ceará Rádio Clube

“Ah! Havia censura. Na época do Estado Novo, na época de Getúlio, havia sim a censura. Você, você... Outra coisa: a censura então do ponto

de vista de sair qualquer coisa que ofendesse, qualquer nome feio, a rádio era suspensa, saía do ar.

Não, eles controlavam, eles tinham um rádio escuta lá na secretaria de polícia. Se a pessoa caísse na besteira... Na Ceará Rádio Clube teve, era, era ditadura. Naquele tempo era controlado. A programação ia todinha para o Dops [confunde com o aparelho repressor da ditadura de 1964], toda a programação ia diariamente.

Você batia na máquina e tirava três cópias, uma ficava com a rádio, ia outra ia, ia pra não sei aonde e a outra descia para o Dops, toda a programação. Programa que tinha... Uma, uma música de, de, de, de con... conteúdo dúbio era imediatamente tirada de circulação.

Não, quando tivesse alguma coisa de mais séria, telefonava e dizia: “- Olha, essa música não pode sair”. Precisava nem escrever não, bastava telefona... telefonar pra direção da rádio e dizer: “- Essa música não pode sair”.

Não, eu comigo mesmo... na época em que eu fui locutor não teve, porque realmente a, a, a programação toda era, era censurada. E outra coisa: não era o locutor quem ia chamado, quem ia chamado era a direção da emissora.”

Santiago Freitas também lembra fatos relativos à atuação da censura à programação da Ceará Rádio Clube.

“(...) naquela época tinha o DIP, havia o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda. E os diretores das emissoras de rádio, os locutores, tinham muito cuidado com, com, com a, a, as músicas, as paródias, a parte humorística [pausa] Então, ali era um cuidado danado porque o DIP não brincava não, viu. Aquela dupla sertaneja, Alvarenga e Ranchinho, eles faziam, eles faziam uma crítica muito forte e criticavam muito o Getúlio Vargas. Aí quando terminava o programa, eles ‘- Cumpadre, terminou o programa, vamos embora. O carro ta esperando, lá em baixo’. Sabe qual era o carro? A polícia. Aí ele já sabia que ia preso mesmo. Saíam. [risos]”

E um anúncio na edição do dia 8/5/1940 do Correio do Ceará retrata bem a preocupação do governo Vargas com a radiodifusão.

“A Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos do Ceará, a pedido do chefe de linhas e comunicações, prorrogou até o dia 31 de maio o prazo para registro legal dos aparelhos receptores de rádio difusão. As pessoas (“os permissionários”) que não fizerem o registro perderão os aparelhos.”

Mas a propaganda ideológica do governo Vargas só alcançaria conseqüências mais abrangentes se o rádio tivesse realmente o alcance e a penetração que suas possibilidades técnicas faziam possíveis. Qual seria, de fato, a inserção do rádio no contexto da realidade cearense das décadas de 1930 e 1940? Essa inserção predisporia as possibilidades de mediações educativas?

Embora nem sempre a censura na Ceará Rádio Clube tenha vindo de fora. Um acontecimento específico, não se sabe se esporádico, denuncia o controle da informação também por parte da direção da emissora. E isso foi a causa da saída de Valdemar Caracas da PRE-9, em 1939. Ele nos conta como foi.

“Me aborreci, porque eu tenho muita personalidade, me aborreci e saí. Mas o João Dummar era um sujeito fora de série. É. (...) Tinha um deputado estadual [Antônio Barros dos Santos] que era diretor de esporte [da Associação Desportiva Cearense] e nós da Imprensa éramos muito aliados. Muito, como é que se diz. Nós éramos muito... Porque eu tô com a cabeça... Vocês não podem me explorar muito não. Então nós combinamos de botar ele pra fora. Sair. Acontece que o João Dummar, não, que o Paulo Sarasate.... Ele namorava com a Albaniza Sarasate e o João Dummar com a irmã da Albaniza. E então o Paulo era amigo desse camarada e eu comecei a meter o pau nele [no rádio]. Aí o Cabral de Araújo chegou :- Caracas, o João, o João”, era o João Dummar, “mandou pedir pra você poupar fulano” e tal. Mandou pedir. Era o dono do rádio. Lá tinha que pedir nada a ninguém! [por ser dono da Rádio, Caracas entende que João Dummar poderia era mandar e pronto. Mas ele mandou pedir. Daí sua compreensão de que João Dummar era uma boa pessoa]. Aí que eu quero dizer quem era o João Dummar. ‘- Caracas, o João Dummar mandou pedir para você poupar fulano’.

Aí eu poupei, mas depois só tinha outro jeito. Aí nós era toda a imprensa, ne? O Aníbal Benevides escrevia no Unitário no rodapé. Rodapé é embaixo, né? Chama rodapé. Nas casas têm, no jornal tem também. Aí, eu não meti o pau, mas lia o artigo do Bonavides que metia o pau. Era a mesma coisa [risos]. Aí, lá vem o Cabral: ‘- Caracas, o João mandou pedir pra você....’ Deixa esse João aí que eu vou embora! [risos]”

ESTÚDIO AZUL

(samba - César Cruz e Moreira da Silva - Canta: Moreira da Silva – 1944)

(Comparação do céu com uma estação de rádio. O céu azul é o estúdio e alua é o microfone, sendo as estrelas a platéia formada pelas fãs)

Refrão

É o estúdio azul

Lua, microfone e um cantor

Lua me transmite as serenatas

Que eu faço a noite inteira

Em louvor ao meu amor

Cada canção que eu faço

Mais uma estrela aparece

Na platéia da ilusão

Cada estrela que me ouve

Manda dizer que é fã

E dona do meu coração

Repete

6 O alcance do rádio – a interação com os ouvintes

Em 27/1/1940 o Correio do Ceará traz registro especial sobre o aniversário de João Dummar. O jornal identifica Dummar como o grande pioneiro da radiodifusão cearense. A matéria trai uma dúvida.

“Na personalidade de João Dummar, não se sabe o que mais admirar, se o homem de negócios que chefiava, com notável descortínio, a firma Dummar & Cia, ou o dinâmico dirigente da PRE-9, que não vê obstáculos quando se propõe contratar astros famosos para o microfone da queridíssima emissora.”

Ao redator da nota não é dado perceber que as duas características da personalidade de João Dummar poderiam ser complementares. As opiniões de nossos entrevistados sobre a personalidade de João Dummar podem lançar novos elementos à reflexão sobre a real orientação que Dummar emprestava à emissora de rádio.

Valdemar Caracas anuncia a educação, a maneira como João Dummar dirigia a Ceará Rádio Clube e seu tino comercial.

“Pois bem, ele era pracista, chamava pracista, ele vendia outras firmas, revendia o produto delas. Era um homem educado, bonito, mereceu até de minha mãe uma promessa. Pois sim, o Dummar tinha, então, um estabelecimento. Parece que eram três irmãos: João Dummar, José Dummar e tinha outro, Jorge Dummar, parece que... eu só conheci, eu conheci mais o João Dummar.

João Dummar era uma pessoa fora de série. Não, eu não tô dizendo que ele mandava pedir a mim. É porque ele nos ensinou foi a nos irmarmos, não é? Ensinou a gente a trabalhar sem precisar receber ordem. Sabendo o que fazer, o que devia fazer. Foi importantíssimo, pra mim, foi o mais importante do João Dummar é isso. Era um patrão que não era patrão. Porque a mania do patrão é mandar, gritar, né? O João Dummar não, era uma beleza. E o almoço lá foi bom também, lá na casa dele. [risos]

[sobre a ascendência árabe] Nada, o João é nosso. Passou a ser cearense também. O Dummar era como o Capitão Juremir. O Juremir era um gaúcho cearense e o João Dummar era um sírio cearense. Pronto. O João Dummar era nosso, quer lá saber de política nem nada! João Dummar queria era ganhar dinheiro! Ele chegou um dia, perguntou a mim ‘- Caracas, quem é o maior pracista de Fortaleza?’ aí eu não sabia,

era um bestalhão e disse: ‘- Você’, ele disse ‘- Né não, sou eu não, é o Fernando Pinto, eu sou o segundo.’”

Eduardo Campos também chama atenção para o lado comercial de João Dummar. Ao mesmo tempo, sua ligação com a cultura, desde os tempos que participava de encenações teatrais no Crato.

“O advento da radiodifusão no Ceará teve o patrocínio de um homem que gostava de ganhar dinheiro. Era pai do Demócrito [Demócrito Rocha, diretor-presidente das empresas jornalísticas O Povo]. Refiro-me a João Dummar. Comerciante, mas homem altamente ligado à cultura. Tinha descendência libanesa. A casa comercial dele tinha de tudo; a Casa Dummar. Vendia catavento de carregar bateria para os receptores da época, rádios Zenith ou Philco. Ele vendia produtos desse tipo, numa época em que se introduzia o uso do aspirador de pó, de máquina de costura e mais utensílios domésticos. A loja vendia essas coisas e também discos “Columbia” etc.

O Dummar era um homem de conversa franca, comerciante artista. Gostava de arte, e como! Basta dizer que ele deixou uma prole primorosa, gente inteligente, jornalistas, principalmente o Demócrito, o atual diretor do jornal. As filhas, vale registrar, umas grandalhonas, pessoas boas de ver como figura de mulher e todas realmente muito inteligentes.

O João Dummar... Por que essa amizade? O João Dummar, ele tinha uma loja na Barão do Rio Branco. O João Dummar era um homem de literatura. E eu nessa época, eu já escrevia. Quer dizer, eu estava para publicar um livro, que eu publiquei meu primeiro livro em 1943. [pausa] O João Dummar já me conhecia porque eu quando ia à loja [pausa] –para a nossa chegada até às Damas [onde funcionaram os primeiros estúdios da PRE-9], nós tínhamos que passar pela loja, pela ‘Casa Dummar’, que era ali na Barão do Rio Branco, se não me engano, onde depois foi a Cimaipinto, por ali assim. Então, eu entrava, conversava com todo mundo, conversava com ele e tal, e coisa. E ele, e ele ouvia minha voz, ele gostava da minha voz. Ai, nós travávamos amizade e ele se deu a conhecer comigo. (...) Nós fizemos amizade, desde aí que nós somos amigos.

Bom, então, nós pegávamos todo o material, e íamos com o motorista, o motorista ia nos levar lá ao local dos estúdios, que era longe, naquele tempo era longe, uma distância muito grande, quer dizer, não tinha assim um ônibus, um transporte com facilidade. Ia-se de carro, e ele nos trazia de carro. Foi assim que eu fiz amizade com ele.

Depois eu fiquei freqüentando a Casa Dummar. Eu sempre ia a Casa Dummar. Passava por lá pra conversar. Então, quando eu publiquei o livro, então, essa amizade ficou muito mais próxima. E depois quando eu, quando eu ingressei na Ceará Rádio Clube, eu era locutor, todas as tardes eu passava pela Casa Dummar pra conversar. (...) Eu tinha tempo, ia passar lá, e conversava, cinco minutos, dois minutos, ficava

com ele lá. Então, eu aprendi todas as coisas da loja. Eles tinham uma atenção ENORME à minha pessoa.”

Mais um episódio que demonstra um processo interativo entre a Ceará Rádio Clube e seus ouvintes é percebido na edição de 19/3/1940 do Correio do Ceará. Nesse caso, a reclamação parte da diretoria do Ceará Sporting Clube, incomodada com a ‘parcialidade’ das transmissões de Cabral de Araújo durante os jogos em que o time participava. A carta diz que o locutor Cabral de Araújo foi deselegante e descortês, comprometendo a educação esportiva. E, ainda, que a emissora não poderia se transformar em um "instrumento de extravasamento das paixões pessoais de seu locutor".

Na edição do mesmo dia, do Correio do Ceará, já aparece a resposta de Cabral de Araújo.

“(…) um exaltado torcedor do querido vovô [como é conhecido o time do Ceará por seus torcedores] dirigiu-me uma série de insultos e ameaças aos quais não dou resposta, porque o moço é muito ‘valente’. (...) Apenas quero esclarecer o seguinte: Eu faço transmissões para os ouvintes da P.R.E.-9 e não para os torcedores do Ceará. Apresente o campeão invicto de 39, um padrão de jogo bonito e eu serei o primeiro a elogiar, pois não costumo dizer inverdades aos meus ouvintes.”

A esse tempo, 1940, seria importante avaliar com dados mais concretos qual seria o alcance do rádio em Fortaleza, a princípio, e no estado do Ceará, de uma forma mais abrangente, que viesse a possibilitar uma pressão mais sistemática dos ouvintes em relação à atuação da PRE-9, mesmo sabendo-se que a emissora continuava a ser a única estação de radiodifusão oficialmente registrada do estado. Será que a dificuldade no acesso aos aparelhos receptores permanecia? Mesmo com a construção improvisada dos galenas, qual seria a ‘audiência’ da Ceará Rádio Clube a partir de aparelhos receptores saídos das fábricas?

Em 1923, o Brasil dispunha de uma única emissora de radiodifusão, a Sociedade do Rio de Janeiro, de propriedade oficial. Esse número sobre a quatro, em 1925, embora tenha decrescido novamente a uma emissora em 1931, segundo os registros disponibilizados pelo IBGE. Em 1933 começaria um movimento ascendente da instalação de emissoras de rádio, o que, coincidentemente, é um processo contemporâneo da regulamentação da

utilização comercial do rádio, através da legalização da publicidade pelo governo federal em 1932. O país passa de duas emissoras, em 1933, e vai a 13 em 1934, sendo uma oficial e 12 particulares. A aproximação com a nova tecnologia ainda repercute na fixação dos negócios. Em 1937, volta-se ao patamar de dez emissoras no país. Os dados nacionais, aqui explicitados, se referem à publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Estatísticas do Século XX, que trazem um levantamento dos principais indicadores históricos da realidade brasileira.

No âmbito local, o Censo Demográfico sobre População e Habitação de 1940, publicado dez anos depois pelo IBGE (1950), para o Ceará, traz dados reveladores acerca da penetração do rádio. Uma tabela do recenseamento traz informações sobre as unidades prediais e domiciliárias, domicílios particulares ocupados por locatários com declaração de aluguel e respectivas características, e domicílios que dispõem de telefone, ‘rádio-receptor’ e automóvel, segundo a propriedade e a situação. Os dados fazem uma divisão, também, entre o quadro urbano, suburbano e rural, e entre as propriedades particulares e de governo.

Nesse levantamento, o número de aparelhos rádio-receptores, para se manter fiel à denominação da época, é cerca de cinco vezes maior que o número de aparelhos telefônicos. No total, são 3.902 aparelhos rádio-receptores, sendo 3.373 no ambiente urbano, 332 no espaço suburbano e 197 no meio rural. Outro dado que merece análise é a relação entre número de domicílios e aparelhos. Se são 3.902 aparelhos, o censo catalogou apenas 3.862 domicílios, o que resulta na interpretação que, mesmo em 1940, um total de 40 domicílios do Ceará já apresentavam mais de um rádio-receptor instalado.

Mas, qual seria a representatividade desse parque instalado? Se tomarmos a população do município de Fortaleza no mesmo ano de 1940, com 140.901 habitantes, e considerando que os aparelhos rádio-receptores do meio urbano, ou 3.373, estivessem todos instalados em Fortaleza, chegaríamos à conclusão que apenas 2,39% da população total tinham aparelhos rádio-receptores.

Um outro levantamento pode lançar mais dados para uma análise da penetração do rádio no Ceará. O levantamento dá conta de aspectos da cultura intelectual e artística, com

dados sobre a imprensa periódica, segundo a discriminação por tiragem e unidade da federação. Para o Ceará, são declarados 31 jornais. De acordo com a distribuição pelo porte de tiragem habitual de exemplares, 19 jornais circulam com tiragem de até 1.000 exemplares; oito com tiragem entre 1.000 e 5.000 exemplares; e três com tiragem que alcança de 5.000 a 10.000 exemplares. Um jornal não declarou sua tiragem. Tomando-se a média simples das tiragens, teríamos 51.000 pessoas que leriam jornal no estado.

Alguns outros aspectos são importantes na análise comparativa dos dados entre a imprensa periódica e as irradiações radiofônicas, na tentativa de se estabelecer elementos comparativos de recepção e alcance. As faixas de tiragem apresentadas não trazem a informação da periodicidade dos jornais. Embora pertencentes à imprensa periódica, essa periodicidade poderia variar entre diária, semanal, quinzenal ou mesmo mensal, o que em si reduziria sobremaneira o acesso à informação. Outro aspecto a ser levado em consideração seria a capacidade dos meios em aglutinar receptores à sua volta. No caso dos jornais impressos, a perspectiva de que mais de uma pessoa lesse o mesmo exemplar seria reduzida. No caso do rádio, com os círculos de rádio-vizinhos, potencialmente seria mais provável uma multiplicação de ouvintes em volta do mesmo aparelho.

A pender para a imprensa periódica, àquela época com mais de 130 anos de história, uma inegável consolidação e a importância dada à cultura do letramento pelos brasileiros, o que fazia aglutinar em torno dos jornais os formadores de opinião. Ainda em relação a essa 'confrontação', o fato que a evolução da disseminação do acesso aos meios gerou uma situação extremamente desfavorável à imprensa periódica, relativa aos jornais, em comparação com o rádio. se tomarmos como base a situação hoje de Fortaleza, para uma população de 2 milhões e 700 mil habitantes, a tiragem diária conjunta de seus três jornais, e nos finais de semana, não supera 70 mil exemplares. Enquanto que o a presença de aparelhos de rádio nas residências de Fortaleza... Uma série histórica da evolução do número de aparelhos de rádio a partir dos anos 1940 poderia lançar novas possibilidades de interpretação.

Outro aspecto importante a ser considerado na análise da recepção das produções radiofônicas é quanto ao conteúdo da programação. Antes, façamos uma análise do cenário nacional.

Em 1944 já são 106 emissoras de rádio no Brasil, sendo 41 só no estado de São Paulo. Dessas 106 emissoras, 95 eram particulares, nove eram oficiais e duas não declararam sua origem. Cinco emissoras já possuíam transmissores de 50.000 watts –lembrar que o Ceará Rádio Clube é instalado, em 1934, com um transmissor de 500 watts de potência. O número de emissoras passa a 111 em 1945. Um dado representativo, levantado pelo IBGE, é quanto à natureza da programação dessas emissoras. Os programas são classificados em três categorias: música, programas falados e propaganda comercial. Um fato interessante, e que demonstra a orientação, ou os ranços da orientação, ainda elitista da programação das emissoras é a subdivisão dos programas de música, em músicas ‘de classe’ e músicas de ‘interesse popular’.

A programação musical ocupava 57,2 e 57,8% das grades das emissoras, em 1946 e 1947, respectivamente. Em 1946, desse espaço, 11,8% eram ocupados com música ‘de classe’, enquanto que o ‘interesse popular’ manobrava 45,4% da programação musical. A tendência de popularização da programação é confirmada pelos dados do ano de 1947, quando do espaço ocupado pela programação musical (57,8%), apenas 8,8% são ocupados por músicas ‘de classe’, enquanto 49% são ocupados com música de ‘interesse popular’, o que reafirma que seria realmente um ranço essa divisão, pelo menos para os instrumentos de coleta de dados do IBGE.

Sobre os programas falados, uma outra divisão da natureza da programação, eles se classificam em representações teatrais; programas infanto-juvenis; programas humorísticos; programas de ginástica; programas femininos; programas instrutivos ou de divulgação; cursos, conferências e palestras, comentários e transmissões esportivas; comentários e notícias jornalísticas; e outros assuntos. Atentar que, como órgão oficial, do governo federal, o IBGE seguiria à risca as orientações da política de comunicação e educação do governo Vargas, demonstrada pelo instrumental de coleta de informação, que continha as principais temáticas que o regime varguista considerava importantes na concretização da propaganda ideológica de seu projeto de nação.

Sobre os ‘programas falados’, tomemos como referência, para a análise da programação, o ano de 1947, uma feita que os dados disponíveis para 1946 são escassos. Além disso, mesmo os dados disponíveis, quando comprados ao ano seguinte,

revelam variações não tão significativas. Mesmo em relação a 1947, os percentuais dos programas falados sobre a ocupação da grade de programação apresentam uma baixa discrepância entre si. Para se ter uma idéia, os percentuais variam de 0,3%, referente aos programas de ginástica; até 3,7%, dos programas que envolvem comentários e notícias jornalísticas. No total, os programas falados ocupam 19,8% das irradiações das emissoras.

A propaganda comercial, terceira caracterização das irradiações das emissoras, supera os percentuais dos programas falados. Em 1946, um total de 20% do espaço da programação era preenchido por propaganda comercial. No ano seguinte, esse percentual eleva-se a 22,4%. O incremento da publicidade no rádio, ultrapassando o espaço ocupado pelos programas falados, pode ter como uma de suas causas a maior profissionalização do setor, impulsionada, também, pela instalação de grandes multinacionais a partir do processo de industrialização brasileiro, o que aumentava a disponibilidade de recursos financeiros para o setor. Embora não tenhamos dados disponíveis, a ocupação das grades das emissoras por programas falados pode ter sido bem maior durante o período da Segunda Guerra, de 1939 a 1945, pois o momento requeria um esforço maior de cobertura jornalística. Ainda para situar-se nessa evolução, em 1949 o percentual de propaganda comercial no rádio vai chegar a 25,2%.

Os dados locais quanto ao conteúdo da programação são relativos ao ano de 1949, disponibilizados pela publicação Censos Econômicos do IBGE (1956) para o Estado do Ceará. Nesse ano já funcionava a segunda emissora do estado, a Rádio Iracema de Fortaleza. Os dados fazem parte do levantamento sobre os serviços de diversões e radiodifusão, quanto aos programas irradiados pelas estações radiodifusoras, segundo a espécie e a duração dos programas, num total de 11.660 horas de irradiação realizadas no ano. Dessas, 11.300 horas de transmissões e apenas 360 horas de retransmissões, com nenhuma retransmissão de estações estrangeiras, o que atesta a evolução da Ceará Rádio Clube se comparada àquela programação de 1935, predominantemente de origem alemã. A baixa representatividade das retransmissões de estações nacionais nas estações locais é representativa do término do período ditatorial de Vargas, e a redução da influência na programação das emissoras.

No caso cearense, a divisão da natureza dos programas é bem mais detalhada. . são suas categorias: música de classe, música ligeira, música popular e folclórica, representações teatrais, programas infanto-juvenis, programas humorísticos, programas ‘de auditório’, programas de ginástica, programas femininos, programas instrutivos ou de divulgação, transmissões e comentários desportivos, notícias e comentários jornalísticos, cursos, conferências e palestras, solenidades cívicas e religiosas, propaganda política, textos de propaganda comercial e outros assuntos. A sistematização dessas informações, na tabela abaixo, identifica o número de horas de cada tipo de programa (anual) e seu percentual correspondente no total da programação.

Tipo de transmissão	Horas anuais	%
Música de classe	450	3,98
Música ligeira	690	6,11
Música popular e folclórica	2750	24,34
Representações teatrais	520	4,60
Programas infanto-juvenis	130	1,15
Programas humorísticos	210	1,86
Programas ‘de auditório’	430	3,81
Programas de ginástica	30	0,27
Programas femininos	100	0,88
Programas instrutivos ou de divulgação	50	0,44
Transmissões e comentários desportivos	660	5,84
Notícias e comentários jornalísticos	470	4,16
Cursos	50	0,44
Conferências e palestras	60	0,53
Solenidades cívicas e religiosas	90	0,80
Propaganda política	10	0,09
Textos de propaganda comercial	4550	40,27
Outros assuntos	50	0,44
	11300	100,00

Numa análise geral, os dados locais seguem algumas tendências dos dados nacionais. Um exemplo é a tendência crescente de ocupação dos espaços de programação das emissoras pela publicidade, abocanhando, em 1949, quase metade da programação das emissoras cearenses. Outra tendência é a da popularização da programação musical, com o franco declínio da música clássica e a elevação do percentual de música popular –afinal de contas, à essa época, vivia-se a febre das cantoras e cantores do rádio. Já os programas falados, também seguem a tendência nacional.

Outras análises podem ser feitas em relação à categorização desses programas falados, e os percentuais que alcançam. Há uma tendência de queda de algumas categorias, se comparadas aos dados nacionais obtidos em 1947. É o caso das categorias programas de ginástica, programas instrutivos ou de divulgação, conferências e palestras. Por outro lado, ocorre um aumento dos percentuais de representações teatrais, notícias e comentários jornalísticos e programas humorísticos. Não por coincidência, talvez, as categorias em que os percentuais sofreram um decréscimo dizem respeito às temáticas incentivadas pelo regime varguista, consideradas estratégicas em seu projeto de nação. Enquanto as categorias que aumentaram seu percentual de participação nas programações seriam aquelas mais suscetíveis ao processo de censura. O fim do período varguista teria significado uma perda das possibilidades no desenvolvimento da educação pelo rádio, uma feita que cursos, palestras e programas de divulgação reduzem sua participação no conteúdo das programações? Ou não se estaria perdendo grande coisa, face à resposta do público a esses programas? Novamente uma pesquisa de recepção, com os ouvintes, se insinua como necessária para termos respostas mais seguras.

Já na edição de 18/5/1940, do Correio do Ceará, é noticiada a homenagem que a Ceará Rádio Clube iria fazer a Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados e personalidade de grande influência nos meios políticos nacionais, durante uma visita sua a Fortaleza. A historiografia nacional da comunicação dá conta de meios não tão éticos que Chato (como era conhecido) utilizava para manter essas influências. Um desses meios seria a chantagem que estabelecia com políticos, através de matérias

contrárias nos veículos de comunicação de sua propriedade, caso não atendessem às suas reivindicações.

"Reconhecendo no sr. Assis Chateaubriand uma das figuras mais expressivas do Rádio Brasileiro, diretor que é de duas poderosas emissoras do Rio e de São Paulo, a PRG-3, Rádio Tupi do Rio e a PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo, a Ceará Rádio Clube por intermédio de sua emissora a PRE-9 prestará significativa homenagem, oferecendo-lhe um programa especial de músicas genuinamente cearenses."

Talvez não fosse esse o tratamento que João Dummar lhe dispensaria se a visita ocorresse em 1944, ano da venda da Ceará Rádio Clube aos Diários Associados, fato esse que será explorado de forma mais detalhada posteriormente.

Mas outra melhoria estava a caminho da PRE-9, na tentativa de alcançar mais ouvintes. Seria a instalação de seu transmissor de ondas curtas. O anúncio é feito na edição do Correio do Ceará de 4/2/1941.

"Homenagem a João Dummar pela compra do seu novo aparelho transmissor de ondas curtas, fabricado pela companhia Marconi. A PRE-9 estará sendo ouvida em todo o Brasil em breve."

Quem fala sobre a instalação dos novos transmissores é Eduardo Campos (1984, p. 11).

"Em 1941, a 29 de agosto, através da portaria de nº 496, a estação recebeu autorização para mudar os estúdios das Damas (Avenida João Pessoa) para o oitavo e nono andares do Edifício Diogo [no centro de Fortaleza]. O cumprimento dessa providência implicava em melhoria técnica dos equipamentos de transmissão e aperfeiçoamento da programação artística. João Dummar contratou então o radialista Dermival Costalima, que chegou a Fortaleza a tempo ainda de atuar nas Damas e acompanhar de perto os trabalhos de montagem do estúdio no centro da cidade.

A festa se deu a 12 de outubro de 1941, memorável por registrar igualmente a entrega aos ouvintes do transmissor de ondas curtas, conquista técnica que possibilitava a emissora alcançar os pontos mais distantes do Ceará, do Brasil e do exterior.

A atração maior desse acontecimento foi a presença de Orlando Silva, considerado o 'cantor das multidões' e senhor de considerável prestígio popular. Pode-se dizer, sem exagero, que a cidade parou para receber a grande voz romântica do cancionista nacional, cantor que disputava as preferências do público juntamente com Francisco Alves, o 'rei da voz', que antes visitara o Ceará, para atuar ao microfone da PRE-9, em 1938.

(...) Pela primeira vez, em Fortaleza, a polícia teve de tomar medidas especiais para proteger o artista em seu desembarque, tendo bloqueado o acesso ao aeroporto, para onde convergiu incalculável número de curiosos, que começavam a se identificar por ‘fãs’”

Mais uma demonstração da crescente penetração do rádio em Fortaleza. O jornal O Povo faz da inauguração uma manchete daquele dia: “A Voz do Ceará. Inaugurada oficialmente a Emissora de ondas curtas de Fortaleza.” Em seu discurso durante a inauguração, João Dummar anuncia que durante um curto período de experiências de funcionamento do novo transmissor, “a PRE-9 recebeu em quatro dias 600 e tantos telegramas e cartas de ouvintes de todo o Brasil, de Manaus e do Acre a Porto Alegre, de todos os Estados, sem exceção, informando sobre a recepção dos programas experimentais” (DUMMAR FILHO, p. 58).

Com a chegada de Dermival Costalima, as estréias na programação da PRE-9 se sucedem. A orientação dos novos programas já apontava para uma crescente popularização de seus conteúdos.

Está de parabens , mais uma vez, o grande público da PRE-9 após uma série de autenticas sensações que a Ceará Rádio Clube ofereceu meses atrás, aos que sintoniam a sua onda. Tais Orlando Silva, Dorival Cayme e Tito Learde. Será inaugurado nesse poucos dias um desfile de atrações para que seus dirigentes estão enviando seus maiores esforços. Assim é que, além de seções de curiosidades, o que é o que é, e outra, você sabia, além de apresentações de esquetes desconhecidos do público. Vai oferecer a PRE-9 um programa sensacional muito notável nessa nova fase de vida após inauguração de ondas curtas. Movimento- programa de literatura organizada por Antônio Girão Barroso (poeta " alguns poemas". Horário: 22:05 estréia 8 de abril 1942, o que, por sua vez, permitia uma maior interação com o público ouvinte.” (Correio do Ceará, 6/4/1942)

Deu-se com extremo exito a audição de estréia, ontem, ao microfone de PRE-9 , movimento- um programa de literatua- organizado por Antônio Girão Barroso. O programa foi dividido em 3 partes: a primeira- breve esforço da literatura no Brasil. Desde os primordios até os nossos dias. Segunda parte- Leitura de uma das páginas mais marcantes da literatua cearense " O ferreiro da Maldição" do jornalista João Brigido. Terceira parte: Serviço informativo acerca do movimento editorial brasileiro além do estudo da poesia de Augusto Frederico Schmicht que está no seu último livro, " O canto da noite" - " Mar desconhecido" (Correio do Ceará, 9/4/1942)

"Na semana passada os rádio-ouvintes ouviram com interesse o programa"o que é o que é", que com uma apresentaçãoconquistou as

mais francas simpatias do público, fazendo que, no dia seguinte, toda a gente estivesse a comentar sobre a mesma. O programa se caracteriza pelo tom de sadio divertimento, pelo interesse que desperta na rádio-escuta. Trata-se de uma série de testes lançados pelo locutor aos ouvintes do auditório e que deve ser respondido em alguns segundos. Não respondendo ninguém, D. Pedrito, uma personagem sabichona, se dá ao tralhalho de esclarecer. O programa se repetirá amanhã as 19,35, fazendo correr ao auditório da Ceará Rádio Clube uma verdadeira multidão. Amanhã, depois da hora do Brasil, será lançado, "Você sabia?" programa que falará sobre fatos curiosos na vida do mundo, fatos que não tem tido divulgação e que no entanto, podem ilustrar bastante os aficcinados no dial." (Correio do Ceará, 15/4/1942)

"Alvarenga e Bentinho, no próximo dia 23. A dupla caipira que é grande sucesso do rádio carioca irá fazer audição de estréia ao microfone da emissora ceranse. A estação de João Dummar terá uma fase de grande animação no oitavo andar do Edifício Diogo. Os reis do riso vão travar conhecimento com uma das platéias mais fáceis de contagiar. O fortalece sabe avaliar bem o valor de um artista. Que o diga Orlando Silva. Nesses tempos tristonhos, Alvarenga e Bentinho vão ter um sabor de tônico." (Correio do Ceará, 18/4/1942)

Também já havia iniciado a presença dos rádio-teatros na programação da emissora, conforme noticia o Correio do Ceará de 5/4/1941.

“Rádio teatro de PRE-9, hoje às 21 horas. A grande mentira - Alta Comédia de Hermogenes Viana, 3 atos magníficos em impecável radiofonização de Victor Costa. Interpretes: José Júlio Barboza, Laura Santos, Stela Maria, Carlos Tácito, Cabral de Araújo, Iracilda Gondim, Limaverde. Speaker - Paulo Cabral- ensaiador - José Júlio- Supervisão e sonoplastia de Mauro de Vilar - tecnico sonoplasta Ivo Franco - Contraregra - Dante Paraíso.”

13/05/1941.

“Hoje às 21 horas o rádio teatro da PRE-9 de Miguel Picanço Filho em 3 atos caracteristicamente radiofônicos " Felizardo" escrita especialmente para a PRE-9. interpretes: Laura santos, Stela Maria, Cabral de Araújo, Iracilda Gondim, Marilena de Alencar, José Júlio Barboza, Limaverde.”

E 20/5/1941.

“Rádio teatro promove hoje às 21 horas " Assunção" de Goulart de Andrade. 3 atos, numa adaptação de Vitor Costa, uma jóia do teatro Brasileiro. Interpretes Cabral de Araújo, Laura Santos, Limaverde, Carlos Tácito, José Júlio Barbosa, Iracilda Gondim, Stela Mari.

Ensaíador: José Júlio Speaker: Paulo Cabral Supervisor e sonoplasta: Mauro de Vilar Contra Regra: Dante Paraíso.”

Como repercutiu a popularização da programação na interação com o ouvinte da emissora? Qual seria a natureza dessa interação? Essa popularização representava uma demanda da própria sociedade? Que hábitos e costumes da sociedade seriam transpostos à programação? E que hábitos e costumes a sociedade de Fortaleza iria adotar a partir da veiculação de programas de conteúdos mais populares? Afinal, porque mesmo esses programas poderiam ser chamados de ‘populares’?

Seu Caracas é muito franco em seu depoimento quando fala da relação entre a PRE-9, seus profissionais e os ouvintes. E da intencionalidade da emissora em saber a receptividade que obtinha junto à sociedade. Ora, raciocina ele, se só tinha a gente, então eles só podiam ouvir a gente, seja qual fosse a programação. Mas outros fatores podem ter influenciado uma nova tomada de posição em se tratando da audiência pela PRE-9. Um desses fatores recaía sobre a própria popularidade que os profissionais detinham junto ao público, o que configurava uma possível relação de reciprocidade entre eles e os anseios da população. Popularidade que, em alguns casos, reverteu em carreiras políticas, como foi o caso do próprio Paulo Cabral, eleito prefeito da cidade de Fortaleza.

Essa situação começa a se modificar, também, com a disseminação dos aparelhos receptores pela cidade. Sem pensar também que se a popularidade dos profissionais de rádio tinha sua dimensão, o mesmo poderia acontecer com quem estava do outro lado, com o próprio ouvinte. Imagine um conhecido meu me identificando quando da minha participação, ao vivo ou pelo telefone, em um programa da PRE-9? Se o trabalho no rádio dava status, a participação do ouvinte também poderia render momentos esporádicos de glória, mesmo entre os representantes da classe média e alta, que detinham os aparelhos receptores. Ou seja, tudo conspirava para que a interação rádio e ouvinte começasse a ser valorizada, potencializando uma relação educativa.

Isso tudo sem falar, um pouco mais adiante, nos programas de auditório, em que a interação entre profissional e ouvinte era direta.

José Júlio fala desse processo de interação e do reconhecimento que o rádio possibilitava.

“(...) tinha aqueles horários que você vinha correndo (...) pra ouvir as novelas, pra ouvir os noticiários, aqueles noticiários, quantas e quantas vezes o cara fechava o comércio, saía do emprego e vinha direto pra ouvir, né? Isso era o rádio da época, o rádio que, que realmente marcou. A sociedade viveu muita alegria através do rádio, não é, através das promoções, as promoções que o rádio fazia.

Não, eu tenho a impressão que o rádio tinha uma certa influência, o rádio tinha, assim, uma força de comunicação, e as pessoas que ouviam o rádio, e aí entravam todas as categorias, desde do, desde do, do, desde do da classe A a B e a C. As notícias policiais eram muito comentadas nós, nós, nós, nós... eu me lembro de uma pessoa que vivia dentro da rádio, que por sinal foi um dos maiores criminosos do Ceará. Foi Idalino, ele vivia lá dentro da rádio. Todo mundo freqüentava. Você chegava lá na rádio, freqüentava, batia papo e conhecia Deus e o mundo, todo mundo gostava de bater papo com a gente, tinha os programas de auditório não é.

Eu tive no rádio, no rádio, na Ceará Rádio Clube houve o seguinte, porque quando eu fui para o microfone, eu fiquei, vamos dizer, conhecido, foi quando vieram as eleições para prefeito de Fortaleza, à época Acrísio Moreira da Rocha e o pessoal do Partido Republicano e eu já era de esquerda também, ligado ao Partido Comunista, o pessoal perguntou se eu não queria ser, se eu não queria ser vereador, eu fui talvez o primeiro vereador radialista do Ceará, naquela época. Aí eu digo, bom eu vou, eu vou consultar e me empolguei com a história e acabei aceitando a minha candidatura a vereador de Fortaleza.

Quando eu fui, o Paulo Cabral disse: “- Bom, você se afasta da rádio, porque você não poder ser locutor e não pode ser vereador... e candidato a vereador, você fica afastado”. Tá bom, eu me afastei, me candidatei e, realmente, fui o terceiro vereador... o terceiro ou quarto vereador mais votado na época em Fortaleza. O rádio? Foi um fator fundamental. Eu tive dois fatores fundamentais: um a, a minha condição de homem de rádio, o pessoal me conhecia, a minha voz, essa coisa toda; outra, porque eu era irmão do Adail Barreto que era deputado estadual pela UDN. Mas o peso do rádio foi muito importante, porque naquela época, o locutor de rádio, onde ele andava, era bem recebido, todo mundo gostava, essa coisa toda.

É. Eu acho que eu fiquei bem conhecido. Porque eu não tô dizendo que eu tive 1.029 votos numa cidade como Fortaleza naquela época que tinha, o quê, 29 mil eleitores, eu tive 1.029 votos. Foi o rádio que me deu essa projeção, essa é que a verdade, o rádio me ajudou muito. Não só me ajudou nisso como ajudou em muitas outras coisas. Eu devo muitas coisas, a minha vida ao rádio e acho que pra mim foi um instrumento maior de comunicação a que eu tive a honra e o orgulho de servir.”

Eduardo Campos revela como era ser locutor na década de 1940 da Ceará Rádio Clube. Da mesma forma que hoje, os programas eram identificados pelos seus locutores, que se tornavam referências na programação.

“As pessoas telefonavam muito pra... na rua mesmo você saía, as pessoas falavam, ‘oh, vi o seu programa e tal’, né? Os locutores naquele tempo, como eu, eram considerados assim uns ícones da comunicação, né? As pessoas iam atrás pra conversar, né? Eu experimentei esses dias de glória, viu? Por pouco tempo, talvez, por cinco ou seis anos.

Eu conto um episódio interessantíssimo. Veja como é, como a voz da gente marca. E, eu estava, há pouco, há uns 15 anos atrás, eu tava fazendo as compras numa casa assim, numa pequena mercearia e tinha perto de mim uma senhora idosa e de óculos. E eu falando perto dela, é, negociando com o cidadão, quero o isso, presunto, não sei que e tal. (...) ela virou-se pra mim e disse, ‘o senhor é o Manuelito Eduardo, não é?’ Ela é cega, eu não sabia que ela era cega. Eu disse: ‘sou’. Ela disse: ‘eu, eu sou cega, eu lhe reconheci pela voz, eu estava ausente, passei 10 ou tantos anos no Rio de Janeiro, mas eu guardei a sua voz na minha memória e quando o senhor tava falando ai, eu lhe identifiquei’. Veja como é o poder da voz.

Ah, identificavam e ainda tinha o seguinte, e nas novelas faziam papel de galã eram endeusados e quem fazia o papel de bruxa, de mulher alcoviteira, as mulheres queriam dar, era exatamente. A Laura Santos enfrentava problemas. (...)São antipáticas, nojentas, como é que faz isso com fulano, era. (...) Ser locutor de rádio era mesmo que ser hoje, por exemplo, um locutor, um apresentador do programa nacional, do ‘Jornal Nacional’, a mesma coisa, aqui em Fortaleza, tinha uma ressonância muito grande porque todo mundo dava valor ao locutor.

Campanhas se fez muito, isso ai é, isso ai é um capítulo a parte, nós fizemos campanhas que todas as emissoras, todos os jornais do Ceará, reunidos em todos os tempos não chegam a fazer 10% das campanhas que a Ceará Rádio Clube fez. A Ceará Rádio Clube, ao longo do tempo, teve uma notoriedade enorme nas campanhas que fez [se refere às campanhas de arrecadação de doativos para o Abrigo dos Lázarus e de arrecadação de recursos para a Santa Cada de Misericórdia].”

Além de despertas as emoções, alguns programas aguçavam certos processos de sociabilidade, por conta do acesso aos aparelhos receptores e das famílias numerosas que caracterizavam a sociedade de Fortaleza da época. Quem fala sobre isso é Santiago Freitas.

“[se havia reunião para ouvir rádio] Claro! Principalmente no tempo das novelas, né? No tempo das novelas, as novelas, tanto da Rádio Nacional, como as novelas da Tupi. Então, as novelas, é, é, da Rádio Nacional, elas vinham em acetato. Eu não sei o tamanho do acetato,

mas era uma bolacha, era do tamanho de um... não sei.. Eu sei é que ela durava, ela tinha a duração de meia hora, cada lado do acetato. Cada lado vinha, a novela era meia hora, ou era vinte e cinco minutos... era... era... vinte e cinco minutos cada lado. Vinha um lado, uma parte da novela, do outro lado, a segunda parte, né? Isso vinha de avião, vinha pra cá. E ia a pé... a PRE-9 apresentava as novelas da Rádio Nacional, a PRE-9. Depois passou pra rede Diários Associados, Tupi, não é? [pausa]

(...) Mas naquele tempo... seis, oito, dez pessoas numa sala pra esperar a hora, depois da Hora do Brasil era a novela. A agen... a Hora do Brasil, a hora... a agen... O programa da Agência Nacional. Aí vinha a novela.”

Narcélio Limaverde não tem certeza sobre a influência que o rádio tinha na sociedade. Mas relembra um episódio que pode servir de orientação para a compreensão da interação rádio e sociedade daqueles idos de 1940. Foi quando da proclamação da Segunda Guerra, quando o Brasil declarou guerra às potências do Eixo.

“(...) Na guerra talvez essas músicas do rádio, talvez essa maneira de se anunciar a guerra [fala do tom solene com que foi feito o anúncio na PRE-9, entrecortado por músicas patrióticas] tenha influenciado, o povo saiu às ruas e incendiou a loja Pernambucana que pertencia a alemães, era ali no centro da cidade, ali onde hoje em dia tem uma loja de disco, assim na esquina da Major Facundo com Guilherme Rocha, e incendiaram um bazar alemão, talvez até por causa do nome, a loja Veneza que hoje em dia essa loja ainda tem, foi incendiado, na época era ela ao lado onde foi a Assembléia Legislativa e hoje em dia é um museu e invadiram a casa dos Fujitas tudo é vivo só não é vivo a casa dos pai dele hoje em dia, os Fujitas, que hoje em dia são donos de empresas de construção, o povo invadiu e colocou os móveis tudo numa cacimba, ele morava em Otávio Bonfim perto da praça de Nossa Senhora das Dores, colocaram os móveis tudo numa cacimba e saíram nas ruas com os livros. O Edilmar já morreu, um deles, Edilmar Fujita. Os livros de medicina rasgando na rua e passaram na esquina da minha casa eu vi isso, é uma coisa que a gente se lembra, é um acontecimento que a gente não pode esquecer.”

Mas a relação entre ouvinte e emissora não ficava restrito apenas a momentos solenes, ou de grande comoção. Narcélio Limaverde puxa pela memória e descreve outros casos da relação entre os ouvintes da Ceará Rádio Clube e seu pai, radialista Zé Limaverde.

“Meu pai tinha um programa, a Hora da Saudade ou Coisas que o Tempo Levou, ele tinha uma música característica que era uma valsa do Zequinha de Abreu. Ainda hoje essa valsa toca muito aqui e acolá nesses programas de reminiscências e aqui em Fortaleza o programa era de músicas antigas e fatos passados, antigos. Então em Fortaleza quando se reuniam as pessoas e as pessoas começam a contar história que era uma história já conhecida aí a pessoa fazia ‘lálalarará’ que a era

a música Valsa Branca, que significava dizer que aquela história era conhecida e não era mais novidade, tanto era a popularidade do programa no tempo que não tinha Ibope porque se na época tivesse Ibope certamente ele era um campeão de Ibope.

Ele recebia umas cartas aí de uma cidade perto de Maracanaú, uma localidade ou distrito Jasaaná, que ele recebia umas cartas de lá que minha mãe não gostou. Determinado momento achou que estavam elogiando demais o trabalho dele. Enciumada, ela ficou com ciúmes e isso me chamou a atenção. Ele voltava e perguntava se tinham assistido ao programa dele, quando minha mãe dizia não ele não achava bom, ele achava que todo mundo devia assistir e acompanhar e citava outros companheiros: ‘- Olha, hoje no rádio Paulo Cabral apresentou lá uma crônica muito bonita, foi um sucesso muito grande’, e também falava num programa infantil que tinha lá quando começou que era apresentado pelo professor José Cláudio Oliveira, eu nunca mais vi, mas ele está em Fortaleza, ele foi membro do Tribunal de Contas e ele se referia a isso, sempre dizia coisas boas em relação ao que acontecia no rádio.

(...) Naquela época todas as pessoas que tinham rádio eram atingidas por aquele programa, uns não gostavam e desligavam o rádio, mas a maioria, como o rádio, eu falo mais no rádio antes de eu chegar lá, no tempo do meu pai, como o rádio era uma novidade as pessoas ouviam até o ruído, né, até o barulho do rádio antes de entrar no ar gostavam de ouvir.

Era numa época que todo mundo se conhecia, né, em Fortaleza e realmente ele andava. Quando nós saíamos juntos ou quando a gente saía e pegava um trem e ia até Pacatuba, onde morava uma irmã de minha mãe, a gente quando chegava na estação e as pessoas vinham falar com ele: ‘seu Limaverde do rádio, seu Limaverde’, e realmente ele era uma figura popular na cidade, nem tanto como hoje em dia são os homens de televisão e mesmo nós do rádio e eu que faço muito tempo, que estou no rádio havia uma dosagem de popularidade muito aproximada dele e que ele recebia com muita alegria ele gostava ele não se escondia de forma alguma ele a pessoa vinha e ele se aproximava da pessoa.”

Uma passagem singular da história da Ceará Rádio Clube, e que demonstra qual seria a inserção que ela mantinha na década de 1940 junto aos ouvintes, é revivida por Eduardo Campos.

“Olha, o Paulo Cabral uma vez, eu, ele contou que, no tempo da guerra, (...) o final da guerra, essa notícia chegou cedo e o Paulo Cabral estava ao microfone, e, tando escuro assim e ele então começou a transmitir, e, essa coisa é empolgante. E, ele pediu que aquelas pessoas que tivessem ouvindo acendessem as lâmpadas das suas casas e lá do alto do edifício Diogo ele começou a ver a cidade se iluminando porque as pessoas estavam ouvindo.”

“A Polícia de Fortaleza vai acabar com o futebol na rua, corrida de patins e outros hábitos intoleráveis. ‘Vamos acabar com o futebol que vem sendo praticado nas artérias da cidade,’ Cap. Luiz Abner de Souza Moreira. ‘Queremos combater outros vários tais como as rodas de cadeiras nas calçadas, as corridas de patins, os namoros indecorosos e qualquer espécie de jogo praticado nas ruas.’”

(Correio do Ceará, 13/12/1941)

**OS ÚLTIMOS
MODELOS E OS
ÚLTIMOS FABRICADOS!**

Modelo Q-11

Até Abril último, quando se pôs exclusivamente a serviço da Defesa Americana, a RCA Victor pôde produzir os melhores rádios de 1942.

E os fabricou introduzindo-lhes o melhor e o máximo de aperfeiçoamentos, para serem sempre novos enquanto durar a guerra. São estes rádios que, vencendo as dificuldades da navegação marítima, estamos recebendo agora. Entre os

modelos recém-chegados, destaca-se este sensacional Q-11, de ondas curtas, de preço popular, e tão poderoso que o porá em contacto com as emissoras de qualquer continente.

É um grande rádio, com ligação para Toca-Discos, e de preço abaixo de seu enorme valor atual. Ouça-o, conheça sua potência, e verá como é tentador na qualidade e no preço.

RCA Victor

CAIXA POSTAL, 2726 - RIO DE JANEIRO

• Ouça diariamente, exceto aos domingos, às 18.55 horas na Rádio Nacional, "O Correspondente Estrangeiro RCA Victor", com o serviço telegráfico da Associated Press.

DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS RCA VICTOR EM FORTALEZA

CASA VICTOR - IRMÃOS PINTO LTDA. - R. Major Facundo, 364

(Correio do Ceará, 23/11/1942)

RÁDIO-MENSAGEM

(samba – Sereno - Canta: Neusa Maria com Claudionor Cruz – 1945)

(Uso do rádio para recados)

Você saiu pra rua
E eu fiquei pensando
Na realidade crua
E que está, que está nos separando
Entrei na minha tarde
Que tarde tão mesquinha
O que seria de mim
No mundo tão sozinha
Juntei os meus trapinhos
Saí até chorando
E fui pelos caminhos
A todos perguntando
Por onde andaria o meu querido amor
E as lágrimas rolando
Aumentavam a minha dor
Se acaso você vive
Nalgum lugar do mundo
Recebe essa mensagem
Do meu amor profundo
Perdoe quem lhe ama
Tem pensa, tem pena do meus ais
E volte, volte antes
Que seja tarde demais

7 A aproximação com o cotidiano – a guerra, as radionovelas

Com a decisão, afinal, do governo Vargas em se postar ao lado das nações aliadas contra as nações do Eixo, e com a entrada de soldados brasileiros na Segunda Guerra, o interesse pelas notícias das batalhas começa a crescer. E é um ouvinte quem primeiro faz essa observação, na edição do Correio do Ceará de 1/7/1942.

“Para contrabalançar a força da propaganda do eixo não basta para o Ceará as emissões de ondas curtas das estações da Inglaterra e Estados Unidos. E nem mesmo os programas anti-totalitarismo das rádios do Rio e São Paulo. Eu não precisaria recorrer às estatísticas para afirmar que à noite 80% dos radio-ouvintes cearenses sintonizam seus receptores para a emissora local, com porcentagem ainda maior no programa do almoço das 10,30 às 13 horas. Com exceção de programas de interesse nacional como a "Caixa de perguntas", "Kaleidoscópio", "Fantasia", "Jóias Nativas" irradiados pela PRG 3 e alguns outros da Mayrink Veiga e da Rádio Nacional. Falta a PRE 9 um programa destinado a combater a causa totalitária. Sugiro a Paulo Cabral juntamente Otacílio Colares e a Antonis Girão Barroso esse programa.”

O quatro de julho é uma boa oportunidade para que a emissora se volte, pelo menos parcialmente, às reivindicações do ouvinte.

“A querida emissora dos irmãos Dumar prestará sua homenagem ao dia da independência da nação líder do continente. Às 19,30 as possantes ondas da Ceará Rádio Clube transmitirão para todo o continente um programa de estúdio dedicado aos Estados Unidos. José Jatay, as irmãs Gondim, a orquestra brasileira estarão hoje à noite dando sua homenagem ao povo yanke. É digno de elogios esse gosto simpático da querida emissora, sempre pronta a interpretar com fidelidade o pensamento coletivo. Os nossos aplausos à Diretoria da Ceará Rádio Clube.”

A Ceará Rádio Clube sintonizava, assim, o ambiente que Fortaleza vivia à época, com a presença de soldados americanos na cidade, a partir de instalações militares que facilitavam o deslocamento de aviões norte-americanos até a África. E a própria orientação do regime central, em que Vargas, em troca de investimentos, principalmente em torno da indústria siderúrgica, no pólo de Volta Redonda (RJ), apoiava agora os aliados.

Mas a influência norte-americana já se fazia sentir há algum tempo antes, através, principalmente, de sua produção cultural. A partir da década de 1920, os parâmetros que orientam a expansão urbana de Fortaleza começam a tomar um novo direcionamento. Os acenos europeus já não são recebidos com tanto furor. Em seu lugar, a grande pátria norte-americana começa a enviar pequenos recados.

“O Parque da Liberdade, na antiga ‘Lagoa do Garrote’, (...) localizado ao norte do centro urbano de então, recebeu completa reforma em 1922. Realizada pelo europeizado Ildefonso Albano, que substituíra o presidente estadual Justiniano de Serpa (falecido em 23), o Parque veio repartir as opções de lazer com o venerável Passeio Público. O logradouro recebeu cerco de gradil de ferro, muretas de alvenaria de estilo colonial, grande portão de entrada com azulejos portugueses e demais ornamento internos. ‘No alto do portão (da entrada principal), deveria ser implantada uma cópia em vulto pequeno da Estátua da Liberdade, de Nova York, entretanto substituída por um índio que partia os grilhões da submissão colonial.’ (PONTE, p. 57)

Antes do avanço do cinema sonoro – o que ocorre a partir do início dos anos 30 – o Brasil era um país que tinha por modelo a civilização européia, de modo particular França e Inglaterra. Com a crescente penetração das fitas hollywoodianas, começou uma subliminar, inicialmente, reorientação na maneira de viver do povo brasileiro. Astros e estrelas de cinema, deuses de uma nova mitologia, ensinam aos demais povos um comportamento diferente, desde a maneira de vestir, de cortar o cabelo, de comer e beber, até como relacionar-se uns com os outros. Esta maneira de vida sedimentou-se a partir da II Guerra, quando desapareceram os últimos resquícios da influência da Europa, em função do envolvimento de quase todos os seus países no conflito. O ‘império ianque’ não perdeu tempo. Com a guerra, a indústria cinematográfica estadunidense centrou suas câmaras no perfil de bravura do soldado americano, imbatível, transmitindo ao mundo um símbolo universal de valentia, de dignidade e, obviamente, de superioridade.

Aqui em Fortaleza, como em Natal e outros pontos do território do Nordeste, onde os americanos fincaram bases militares naquele período, o processo de transformação cultural fez-se ainda mais agudamente. Já não se gostava mais de samba-canções e valsas dolentes. A juventude dançava o swing; e o cinema e os discos (em cada café havia uma eletrola automática acionada a fichas) nos tornavam íntimos do som de Glenn Miller, de Tommy Dorsey, de Benny Goodman ou Harry James, ou das vozes de Bing Crosby e Frank Sinatra. Os ‘sucessos da semana’ das emissoras tornaram-se ‘hit parade’ e nele permaneciam ‘Moonlight Serenade’, ‘Allways in My Heart’, ‘Star Dust’ e tudo

quanto era música oriunda dos Estados Unidos. Lindas, por sinal.” (B. GIRÃO, p. 164).

O cinema, inclusive, reforçaria a visão contrária da população brasileira a Alemanha, ao exibir uma seqüência de filmes de guerra enfocando as atrocidades nazistas e a valentia dos soldados dos países Aliados, a essa altura reduzidos à Inglaterra e ao que sobrou dos países ocupados. Já àquele tempo, “estávamos impregnados de idéias e emoções anti-fascistas, através da propaganda desenvolvida pelos Estados Unidos e a Inglaterra, principalmente pelo cinema”. Os filmes versavam quase sempre com exclusividade sobre “feitos heróicos das forças democráticas, material de divulgação do desenrolar dos acontecimentos no teatro de operações” (B. GIRÃO, p. 60).

Eduardo Campos sofreu, pessoalmente, esse sentimento anti-fascista, e a aproximação do integralismo brasileiro a esse movimento político. Uma experiência que transparece ter sido dolorosa em sua carreira no rádio.

“Sempre na minha vida tem uma história boa e uma história triste. [pausa] A estação estava se transportando, estava se transferindo para... das Damas, onde funcionou, onde eu passei um mês trabalhando, para o Edifício Diogo, onde se instalou nessa época, acho que, exatamente, em 1942, em outubro de 1942, acho eu. Bom, o que que aconteceu? [respira] Fiz tudo direitinho, mas acontece que era diretor artístico nesse tempo o Dermival Costalima. E o Dermival Costalima era esquerdista, pelo menos eu presumo, não tenho nada [contra] isso, esquerdista. Mas ele era esquerdista e ele, e ele implicou lá, achou, ou disseram a ele, que eu era integralista [contrários a Getúlio Vargas]. E ele, e ele me tomou como fascista. Essa coisa estava muito acesa no Brasil, né? E, e, e [pausa], e o João Dummar me chamou, depois de trinta dias [se sua entrada na PRE-9, através de concurso] me chamou pra me despedir. Eu fiz trinta dias, ele chamou, disse ‘oh’ que lamentava muito, ele, ele se dava comigo o João Dummar, ele gostava muito de mim. Mas olha, ele falou, ‘ - Eu lamento’, e tal, ‘mas o, o, o diretor artístico, o, o seu Dermival, Dermival Costalima acha que você não tem voz para o rádio, você não leva jeito, essa coisa cada um tem a sua profissão, e tudo, e lamentavelmente nós estamos lhe dispensando’. E eu, ‘ - Tá muito bom!’. E eu fiquei triste, né, mas triste mesmo. [tom sério]. Agora, eu gosto de explicar sempre na hora: nem eu era integralista, nem o Artur Eduardo Benevides foi também integralista, nada disso. [lembrar que nas eleições municipais de 1936 Pacatuba, onde cresce Eduardo Campos, elege como prefeito Eduardo Benevides (presume-se o Joaquim), pela Ação Integralista Brasileira (AIB)]. Os irmãos dele é que eram, faziam o Anauê!, a, a, a, a Maria José Benevides, a Ruth Benevides, o Joaquim Eduardo Benevides, que já morreu, o Fernando Benevides, esse pessoal todo fazia parte, vestia aquela roupa verde e tudo, mas nós... eu nunca me meti em nada, eu nunca, eu nunca entrei em partido nenhum, essa é que é a verdade. Nessa fase então, de ser

esquerdista ou direitista, pra mim isso não me interessava. Me interessava era letras, eu gostava de lê, mesmo porque eu tinha, eu tinha lido muito que não era conveniente é, é, é fazer, fazer uma literatura à base de política. E eu sempre procurei me escoimar, tirar inteiramente e-e-e-ssa influência política de tudo que eu fazia. Quer dizer, eu, eu, eu era um homem aclarado, um homem de olhos abertos, tudo que eu escrevi foi em benefício do povo, tudo que eu fiz, as minhas, os meus contos todos, eu só conto coi... eu não conto nada de rico, eu só conto a vida pobre, de gente que se senta em tamborete como eu me sentei. Então, num, num, num tinha nada, eu, eu, eu era um homem do povo, essa é que é a verdade, mas isso não me obrigava a ser, a ser... eu até fiz parte do, do, do partido socialista porque o Joaquim Alves, é, me pediu muito e eu dei número lá com ele para formar, mas, mas, mas não participei de nada porque, mesmo isso também não me agradava, eu, eu queria ser uma pessoa independente politicamente. Político, à minha maneira, mas não político ligado a partido. Eu nunca fui ligado a partido. Também depois eu pa-participei da Arena também porque o Virgílio Távora me pediu para compor etc, também eu fiz isso também só pra satisfazer, mas não que eu quisesse participar e eu levasse isso a sério, de maneira nenhuma.”

Já na Fortaleza dos anos quarenta a referência à ‘praça’ subentendia a Praça do Ferreira. Toda a cidade convergia para lá: os bondes, os ônibus, os carros de aluguel antecessores dos táxis. No seu quadrilátero situavam-se os pontos de maior freqüência popular, como as bancas de jornal, os cinemas Majestic e Moderno, os cafés Central e Sport, os restaurantes Gruta, Cascatinha, a garapeira do Mundico (pega-pinto), as principais farmácias (Pasteur, Osvaldo Cruz e Humanitária), o bar da Brahma, a loja ‘A Cearense’, a garagem do Mazine, o Leão do Sul, o armarinho do Orion. “E gente. Toda a gente ia comprar alguma coisa na ‘praça’ ou na vizinhança, assistir a um filme, beber uma cervejinha, discutir futebol e política” (B. GIRÃO, p. 171).

“Na ‘Praça’, fazendo hora, os boêmios permaneciam até o último ônibus (à meia-noite). Os bondes, desativados em 1947, quando prefeito o médico Leite Maranhão, também não iam além desse horário. E quando a ‘Coluna da Hora’ emitia as doze badaladas, uma vaia corria o logradouro, acompanhada dos gritos de ‘suburbanos! suburbanos!’, saudação àqueles que morando distanciados do centro, dependiam do transporte coletivo. Automóvel particular? quem o possuía? apenas alguns ricos que não pertenciam àquele universo citadino.” (B. GIRÃO, p. 174)

A década de 40, do século XX, traz, junto dela, a guerra cada vez mais próxima do Brasil. Blanchard Girão lembra bem desses momentos.

“Entre nós, o espírito de guerra acentuou-se. A cidade realizava exercícios preparatórios contra possíveis ataques aéreos, que felizmente nunca ocorreram. Mas a gente sentia o conflito cada vez mais perto de nós nas noites dos denominados blecautes. Recordo bem de minha saudosa mãezinha, com as filhas a pregar papéis escuros nas vidraças das janelas, dentro da orientação recebida dos inspetores de quartelão encarregados dos exercícios. De fato, a coisa parecia mesmo com guerra. (...) As patrulhas da PE, tanto do Exército Brasileiro como dos Americanos, vasculhavam as ruas da cidade. Temia-se andar à noite e lá em casa meu pai proibia que fôssemos ao cinema ou a qualquer lugar mais distante, de modo que estivéssemos de volta no máximo às 9 e meia da noite.” (B. GIRÃO, p. 61 e 62)

A vida da cidade tranqüila, com suas rodas de cadeiras nas calçadas, modificou-se. Fortaleza acostuma-se a organizar filas, por conta dos problemas de abastecimento de gêneros alimentício. Alguns, como a carne, eram racionados. Cada família só poderia comprar até um quilo. Mesmo assim, os divertimentos não cessaram. A presença ostensiva dos militares americanos dinamizava a curiosidade pelos nossos novos dominadores. O ponto (ou ‘point’, como se diria hoje) elegante da cidade, em particular de sua juventude, era o ‘Jangadeiro’, ainda na velha Praça do Ferreira.

“O pedido distinto, preferido de mocinhas e rapazolas, era a ‘Cartola’, banana frita na manteiga com cobertura de açúcar e canela. Os mais velhos bebiam ‘Samba em Berlim’, mistura de rum com Coca-Cola. E por falar em Coca-Cola, foi na guerra, com os soldados e marujos ianques, que esse refresco apareceu por aqui. Não era fácil obter uma das garrafinhas, mas sempre havia alguém com acesso aos locais dominados pelos gringos para consegui-las.” (B. GIRÃO, p. 63)

Foi nos anos 40 que, por influência ianque – do cinema, em especial – começou a decadência do paletó e o advento do ‘slack’, o blusão, camisa esportiva hoje praticamente “oficializada como vestimenta aceitável em quase todos os ambientes” (B. GIRÃO, p. 78). A Fortaleza dos anos 40 não possuía bairros autônomos. Todo o seu comércio, seus serviços – escritórios, consultórios médicos e dentários – suas repartições públicas e “até seu meretrício situavam-se em torno na Praça do Ferreira e suas imediações” (B. GIRÃO, p. 133).

Com os americanos, novos hábitos surgiram. Trouxeram novos costumes, vulgarizou-se o estudo do inglês. Engraxates, garçons, motoristas aprendiam a comunicar-se com os soldados de Tio Sam, marinheiros, infantess, tropas do exército, que estavam por toda parte da cidade. Os cigarros em “voga eram o ‘Camel’, o ‘Chesterfield’, o ‘Luck Strike’

e o ‘Pall Mall’, que os gringos popularizaram entre nós. Tempos de ‘Xote e gás’ (Short guy – baixinho), um tipo popular que se aproximou dos americanos e lhes servia de cicerone por todo canto” (B. GIRÃO, p. 60).

Assim como os americanos, as influências da centralização do regime varguista também foram sentidas na Fortaleza dos 40. Aluno do Liceu do Ceará, Blanchard Girão recorda a preocupação da direção do tradicional estabelecimento escolar com a disciplina, própria da orientação militarista do governo Vargas. A figura do bedel tinha local de destaque nesse sistema. Assim como as tentativas de reprodução da vida de caserna em plena escola. O modelo político oficial predominava no ensino e, conseqüentemente, no Liceu, onde a direção, evidentemente por determinação superior, implantou um ‘Batalhão Escolar’, com toda aquela hierarquia e rigidez regimental dos quartéis, bem a gosto da Organização Nacional da Juventude.

“Havia um Comandante, um Sub-Comandante, a Oficialidade, os subalternos (sargentos e cabos) e a tropa. Nunca passei, graças a Deus, de soldado raso. Mesmo assim, na minha concepção infante-juvenil, achava importante e bonito todo aquele espetáculo de ordem-unida, ‘meia volta, volver’ e outros métodos de bitolar o homem a regrinhas de comportamento. O que mais me atraía era a banda de música, com seus tambores, clarins e taróis. Nos ensaios, admirava a destreza do Good Lima, do Antônio Serpa e de outros craques do ritmo cearense daquele pequeno pelotão que iria abrir passagem para o desfile da enorme fileira de liceistas durante as paradas militares.” (B. GIRÃO, p. 57)

A inserção do rádio na vida de Fortaleza parece que também reorganizou alguns hábitos e costumes. Principalmente por força da música, já que os jornais eram certamente os grandes veículos de informação. O rádio, principiante, não reservava maiores espaços a noticiários.

“Para maior glória, a então única emissora local – Ceará Rádio Clube, a PRÉ-9, mudou-se para os últimos andares do edifício [Diogo], o 9º e o 10º, onde um estúdio envidraçado tinha diante dele um pequeno auditório, constantemente apinhado de fãs para aplaudir os principais cantores locais, como Gilberto Milfont, José Jatahy, Mário Alves, Lurí Santiago, Vocalistas Tropicais, Danilo de Vilar e outros, bem assim os astros, convidados para temporadas ao seu microfone. Espetáculos inesquecíveis com intérpretes renomados, exceção de Orlando Silva, que precisava de espaço maior, como o Teatro José de Alencar.” (B. GIRÃO, p. 173)

Fortaleza dormia cedo. As famílias recolhiam-se após a conversa na calçada ou ouvir alguns programas de rádio. Os cantores locais dispunham de seus ‘quartos de hora’,

apresentação de quinze minutos, que era antecedida pela característica musical de cada um. Lury Santiago começava com as alegres notas de ‘Trem’, de Lauro Maia. Gilberto Milfont entrava com os versos da velha valsa ‘Iracema’. E todos os demais. Era o tempo do ‘Bazar do Rádio’, que Lima Verde comandava nas noites domingueiras, “animando casais jovens no aconchego puro da dança dentro de casa, na sala de visitas, sob os olhos atentos de zelosos papais e mães” (B. GIRÃO, p. 19).

A chegada do rádio, com os seus programas dançantes – os ‘bazares’ – seus anúncios “gritados e permanentes, tudo mudou. Acabaram os reisados, congadas e fandangos” (AZEVEDO, p. 64). Entre as afrontas (elite) e as resistências (populacho), as mediações. O rádio também seria palco desse processo, uma feita que também era símbolo dessa nova modernidade, da intromissão nos costumes e hábitos arraigados da população? Ou o rádio também teria servido de estratégia às camadas populares para subverter a ordem estabelecida? Ou serviria de mais um instrumento para a disciplinarização e normalização social que caracterizavam o discurso higienista de nossas elites médica e política? Que afrontas? Que resistências? Que mediações? Que percepções foram se modificando?

“A cidade, agora sim, tomava a senda do modernismo, de momento a momento dona de si mesma. Saía da meia luz dos adorados hábitos e tradições românticas, vendo morrer nalma o lirismo e os encantos de quantas coisas a embalaram suspirosa. Calaram as serenatas, desapareceram os seresteiros, morreram os congos e pastorinhas, os terços do Cruzeiro da Sé, as saídas da missa, os passeios de bonde, as noites de luar macias e sentimentais da Praia de Iracema. Perderam a graça os enforcamentos de bruchos Iscariotes e os serra-velhos das vésperas da Epifania (R. GIRÃO, p. 252).

Mas a cidade também convivía com outros segmentos que viam no rádio uma possibilidade de mobilização social, como demonstra matéria publicada no Correio do Ceará, edição de 19/1/1943, sobre a inauguração de uma ‘amplificadora’ no bairro da ‘Porangaba’.

“Realizou-se domingo ultimo, a inauguração da ‘Amplificadora Popular de Porangaba’. A solenidade teve inicio ás 9,30 horas, comparecendo á mesma grande numero de pessoas. Discursaram por essa ocasião os jovens Odilio Correia, Inacio Filho, locutores da Amplificadora; e o senhor Francisco Fontoura que elogiou o sr. Afonso de Paulo pela feliz

iniciativa de dotar Porongaba de uma amplificadora. Em seguida foi executado excelente programa de 'studio'".

A orientação do governo brasileiro em relação à Segunda Guerra também havia se modificado. E isso repercutia, também, na atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Como denota a nota do Correio do Ceará, edição de 6/10/1942.

“Encerrando o curso de Preparação Anti-Nazista, organizado pelo departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, serão ministradas as ultimas aulas, hoje, sobre o tema <>, nos seguintes estabelecimentos de ensino: Liceu do Ceará às 9, 15:30 e 20:10 horas. Ginásio Americano, às 16 horas. Academia Comercial Parque Champagnat, às 20 horas.”

As conseqüências da Segunda Guerra também são sentidas nas próprias condições técnicas de funcionamento da emissora, ocasionando uma alteração drástica em sua programação.

“Em virtude da escassez de material de radio transmissão, PRE-9 reduzirá os seus programas, a partir de amanhã, passando a irradiar somente nos seguintes horários: De 11 às 13 e de 18 às 22 horas. Também, a partir de amanhã, o Ceará Rádio Clube modificará as suas transmissões de ondas curtas, que passarão a ser feitas do seguinte modo: De 11 às 13 horas, em 6.105 kilociclos (49.14 metros) e de 18 às 22 horas, em 15.165 kilociclos (19.78 metros). PRE-9 solicita dos ouvintes enviarem impressões de seus programas, de acordo com as modificações de horários das suas frequências.” (Correio do Ceará, 14/10/1942)

“O 10 DE NOVEMBRO NO CEARÁ. Preparam-se imponentes solenidades para o aniversário do Estado Novo. Terça-feira próxima, dia 10 de novembro, se realizarão em Fortaleza, expressivas festas patrióticas comemorativas da decorrência do 5º aniversário de instituição do Estado Novo, o regime político que o presidente Getúlio Vargas implantou no Brasil a 10 de novembro de 1937 para a felicidade do nosso país.” O interventor Menezes Pimentel disse que divulgará a programação das festividades cívicas logo que for oportuno.”

(Correio do Ceará, 5/11/1942)

“O Correio do Ceará” publica que o interventor federal Menezes Pimentel fará celebrações no dia 10 de novembro para comemorar o 5º ano do Estado Novo, “em boa hora instituído pelo presidente Getúlio Vargas no Brasil”. A programação constava de: “6:30 – Missa campal celebrada por D. Antonio de Almeida Lustosa. 9:00 – Desfile militar, av. Duque de Caxias “uma demonstração de força das nossas unidades militares, devendo o povo sair às ruas para aplaudir, freneticamente, os soldados do Brasil”. “O INTERVENTOR INTERINO AO MICROFONE DA PRE-9: Discurso oficial que será pronunciado pelo dr. Andrade Furtado, às 12 horas na PRE-9, que então irradiará um programa especial, comemorativo do 5º aniversário do atual regime. Encenando, às 6:30 horas haverá no teatro José de Alencar, uma sessão solene, promovida pelo governo em colaboração com a juventude.”

(Correio do Ceará, 6/11/1942)

E os ‘esforços’ de guerra também são sentidos na programação da Ceará Clube, cada vez mais próxima dos acontecimentos. E do interesse dos ouvintes pelas últimas notícias do conflito.

“Alem de A MARCHA DA GUERRA, cronica diaria do jornalista Barreto Leite Filho a cuja apresentação PRE-9 deu inicio a 1º do corrente, dois novos programas relacionados com a situação internacional, são, agora, anunciados pela emissora cearense. A MARCHA DOS TEMPOS, do qual a estréia, nas ondas curtas e medias do Ceará Radio Clube, terá lugar possivelmente, amanhã, oferecerá uma dramatização de fatos palpitantes, recolhidos nas frentes de batalhas pelos correspondentes yankees. Pelo seu genero, A MARCHA DOS TEMPOS está destinado ao mais completo exito. O ESPIRITO DA VITORIA, outro programa, focalizará em seus detalhes mais interessantes, os crimes do Eixo, o preço que estão pagando aqueles que lutam pela liberdade e a determinação dos Aliados, de prosseguir na campanha de reconstrução do mundo de amanhã. A MARCHA DOS TEMPOS e O ESPIRITO DA VITORIA serão transmitidos, regularmente ás 21,30 das segundas e quintas-feiras.” (Correio do Ceará, 18/3/1943)

A programação do mês de abril de 1943 da PRE-9 demonstra uma tendência à segmentação, a partir dos conteúdos dos programas veiculados, e como havia referido seu ouvinte em carta ao Correio do Ceará. A emissora funciona das 18 às 22 horas.

“SÁBADO 18,00 – Angelus 18,05 – Programa do DEIP 18,20 – Conjuntos Originais 18,30 – Noticiario Internacional 18,45 – Cotações da Praça 18,47 – Musica de Havana 19,00 – Crônica de P. Xisto 19,05 – Orlando Ribeiro 19,15 – Plantões de Farmacias 19,16 – Margarida

Gondim 19,30 – Noticiário Internacional 19,35 – Recital de Hildemar Torres 19,57 – Boletim das Chuvas Registradas no Interior 20,00 – Hora do Brasil 21,00 – Em Tempo de Samba 21,30 – Noticiário Internacional 21,35 – Hora da Inglaterra 22,00 - Resumo do Programa – Bôa Noite.” (Correio do Ceará, 3/4/1943)

A religiosidade ainda está presente, a partir da inserção do Ângelus. Como está presente também a orientação varguista, através do programa do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). Os noticiários também aparecem, indicando o interesse da população de Fortaleza pelo andamento da Segunda Guerra. Na música, a orientação popular vai se consolidando. Já é possível um ‘Em tempo de samba’, mas ao mesmo tempo sobrevive o ‘Recital de Hildemar Torres’.

Mas uma tendência também pode ser percebida ao se fazer a leitura dessa programação. Alguns programas se referenciam, agora, no cotidiano, no dia-a-dia da população. Observa-se claramente essa orientação a partir de um formato radiofônico, como também do jornalismo impresso, que se inspira no cotidiano para ser produzido: a crônica. São nos detalhes da vida comum que o formato crônica encontra a matéria-prima de sua elaboração. Essa perspectiva possibilita um olhar mais apurado sobre a cidade, sua gente, seus hábitos e costumes. O ‘Cotações da Praça’, o ‘Plantões de Farmácias’ e o ‘Boletim das Chuvas Registradas no Interior’ confirmam essa tendência. Com mais um detalhe, o ‘Boletim...’ demonstra uma preocupação com o interior do estado, e faz a ligação entre Fortaleza, a partir da origem de suas famílias, e o ‘histerlan’ cearense.

O Correio do Ceará, a 21/4/1943, noticia o movimento expansionista de Assis Chateaubriand na construção de seu império da comunicação. Movimento que, em breve, irá repercutir nos rumos da Ceará Rádio Clube. Essa matéria divide-se em três informações. São anunciadas três novas emissoras da rede Tupi Guarani; um telegrama vindo do Rio informa a aquisição pelos Diários Associados da Rádio Educadora do Brasil; a contabilização das estações de rádio adquiridas pelos Diários Associados. Alguns trechos da matéria.

“Dentro em breve estarão no ar as novas emissoras da rede Tupi Guarani, ZYC-7, ZYC-8 e ZYC-9, cuja construção já foi ultimada pela Philips. Somos [O Correio do Ceará já era propriedade dos Diários Associados, de Chateaubriand] agora 20 jornais, 4 revistas e 8 estações

de rádio unindo os brasileiros pela palavra escrita e falada. Rio, 21 (M.) – Ontem á tarde, foram ultimados os entendimentos pelos quais os DIARIOS ASSOCIADOS adquiriram a Radio Educadora do Brasil. As demarches iniciadas ha dias chegaram ao ponto definitivo. Assim a P.R.B.-7 incorporou-se á rede Tupi-Guarani. Como representantes dos DIARIOS ASSOCIADOS, compareceram ao ato os srs. Leão Gondim de Oliveira, diretor D.A ., Teofilo de Barros Filho, diretor da Radio Tupi, Martinho Luna Alencar e Jonas Gondim. Nos escritorios da Radio Educadora foram recebidos pelo sr. Alceu Sá Freire e demais diretores acionistas tendo sido feitas transferencias das ações. MAIS 3 EMISSORAS com a compra da Educadora, passam os DIARIOS ASSOCIADOS a possuir mais uma estação de ondas médias e 3 canais de ondas curtas. (...)

“(...)E vou aproveitar para lamentar a nossa falta de interesse pela historia dos becos de Fortaleza, não só dos becos mas também dos suburbios, dos bairros e dos arrabaldes cujos nomes pitorescos, dados pelo proprio povo, vão desaparecendo aos poucos á medida que a civilização das placas da Prefeitura destroi a ingenua poesia dos apelidos. Conhecemos profundamente mal a nossa cidade. Quem me dirá porque aquele suburbio se chama Cambirimbas? De onde vem esse notavel epíteto de Baixa Preta? Por que Urubú? E Morro do Moinho, e Mata Cachorro, e Volta da Jurema, e Grossos e Curral, e Cercado do Zé Padre, e Cocó, e Beco da Meia Volta? Qual a razão do povo preferir dizer Mata Galinha em vez de Parque Olinda? (...)”

(Correio do Ceará, 29/4/1943)

“Recebemos: Sr. Redator. Em nossa capital, existe atualmente um problema que está a merecer providências de quem de direito. Trata-se do sistema adotado pelas nossas empresas de onibus de permitir viajarem em seus veiculos pessoas que, por sua maneira de trajar, não estão em condições de sentar-se ao lado de um cavalheiro ou mesmo de uma senhora. Diariamente, presenciamos em todos os onibus, sem nenhuma exceção, a presença de carregadores sujos, rasgados e até de meia camisa ou então de pessoas outras que se apresentam descalças. Ora, isso não se coaduna absolutamente com os fóros de cidade civilizada de que desfruta a nossa Fortaleza. Seria interessante, sr. redator, que o seu jornal pedisse as vistas do Inspector do Transito sobre esses fatos, pois é bem desagradavel (...) ter que sentar (...) ao lado de um individuo descalço, de roupas sujas e exalando suores fétidos. (...)Agradece pela publicação destas linhas. UM PREJUDICADO.”

(Correio do Ceará, 13/5/1943)

Do Rio de Janeiro, o cronista Genolino Amado escreve uma crônica para o Correio do Ceará, edição de 14/7/1943, sobre a presença do radiodrama nas programações das emissoras. Percebe-se que a onda das radionovelas ainda não havia chegado com toda

sua força à programação da Ceará Rádio Clube. No entanto, no Rio de Janeiro, com as emissoras de rádio consolidadas e com a orientação do regime varguista em impulsionar certos valores nacionais através dos dramas, as radionovelas deviam ser bastante presentes na estrutura da programação das emissoras. É sobre esse, talvez, ‘excessivo’ espaço dado ao gênero radiofônico que fala Genolino. E que talvez não tardasse a ser uma realidade também na Ceará Rádio Clube.

“Na verdade o que significa esse repentino e estranho retorno á sentimentalidade perdida? (...) Por que a poetização da dor quando ela já constitui, no espetáculo da guerra, a nossa realidade cotidiana? [Para ele é um paradoxo o fato de um meio de comunicação tão novo aderir em seus programas a um estilo passado] “E é isso exatamente o que impressiona mais na adesão ostensiva do ‘broadcasting’ ao passadismo romantico. Enquanto as formas antigas de manifestação literaria, como o teatro, o livro, até o suplemento de jornal, servem ás correntes modernas, o mais jovem de todos os elementos de comunicação artistica resolveu prestigiar o que já parecia morto no mundo das letras. (...) Mas o publico adora esses bombons da ficção radiofonica. O publico vibra, estremece, perde o fôlego, sente batidas no coração, tem arrepios nervosos... e chora, Ah! Como chora! Nunca trabalharam tanto as glandulas lacrimais da cidade. Por culpa de Marconi, voltamos a 1930, esquecidos de que nessa época o inventor ainda estava para nascer. (...) Mas, dentro de casa, bem cedo ainda, mal o dia começa, já muita gente sofre com o novo episodio de ‘A Tulipa Negra’ ou ‘A Dama das Camélias’. E daí por diante, até as últimas horas das noites velhas é um padecimento sem conta, um palpitar de peitos ansiosos, uma verdadeira nevrose radiofonica. As praias andam desertas, os cinemas esvaziam-se, ficam solitarios os portões suburbanos dos classicos idilios, dormem os livros abandonados nas estantes. Mas, em cada sala, mesmo em cada botequim, há uma tragedia que vem de longe, dos studios mal-assombrados, onde gemem os fantasmas literários.”

Em outra crônica, essa saída na edição do Correio do Ceará de 16/8/1943, Genolino volta à carga contra o rádio. Dessa feita, uma crítica aos ‘speakers’, aos locutores, a serviço da publicidade.

“Quando o ‘speaker’ de radio acabou de recitar com tremolos de voz e ardores de peroração, o banalissimo anuncio de sabonete, meu primeiro impulso foi o de rir á custa de tanta ênfase derramada á toa, no menos enfatico de todos os assuntos. Mas, quando me lembrei de que esse ‘speaker’ alcança enorme popularidade, exatamente por falar assim, e a mesma eloquencia reclamista é utilizada pelos seus companheiros para obter o favor do grosso publico, então o que me parecera apenas engraçado ou incomodo algumas vezes passou a preocupar-me seriamente, como um grave problema brasileiro. De certo, pouco importa, que os locutores de radio usem ou abusem da oratoria, desde que ainda nos resta o sagrado direito de não escutá-los. (...) Se um ou

outro reclama contra elas, a massa compacta dos ouvintes, isto é, a multidão anônima, contínuos e amanuenses do governo, guarda-livros, caixeiros, artífices e operários de fábrica, mocinhas de escritório, costureiras, cansadas mães de família, gente de bairro pobre e de suburbio, enfim, toda essa grande humanidade formada pelas classes pequeninas, adora os locutores quando soltam o verbo estralante no silêncio da noite. (...) Tanto faz que seja na leitura de atos oficiais, comunicados de guerra, inqueritos do ‘Dasp’ ou propaganda do ‘Dragão’. O que agrada e impressiona é o tom de comício em praça pública. (...) Assim quando o ‘speaker’ larga um dos seus brados retumbantes, o pequeno funcionário vibra, estremece o alfaiate, arrepiase o boticário suburbano, sem mesmo saber por que. Mas a verdade é que o texto declamado repercute na alma dessas pobres criaturas não pelo seu sentido, mas pela tonalidade sonora, que vai acordar, no fundo escuro da memória a impressão adormecida de uma invectiva do velho Rui [Rui Barbosa]. (...) O povo não se encontra no locutor de rádio, mas tem por um momento a ilusão de encontrar Demóstenes ao microfone.”

Algumas passagens da crônica também são dignas de Demóstenes. No entanto, trazem algumas compreensões do cronista que podem ser reveladoras do atual momento do rádio, ainda que no Rio de Janeiro, o que pode significar, pela abertura de Fortaleza às modas que vêm de fora, que não tardaria a aportar em nossa cidade. Uma preocupação do cronista ainda é nossa contemporânea nos dias de hoje: a real participação dos meios de comunicação nos hábitos de consumo. Alguns já falaram até que os meios de comunicação criam necessidades para que se dê vazão à comercialização de determinados produtos. Daí sua reclamação frente aos brados dos locutores na leitura de anúncios.

Mas sem querer, o cronista nos dá uma idéia de como a popularização do rádio avançava, mais uma vez afirmamos, pelo menos no Rio de Janeiro, embora a programação da Ceará Rádio Clube também já desse indícios da nova orientação. Quem seriam os ouvintes do rádio da capital da República? Seriam os “guarda-livros, caixeiros, artífices e operários de fábrica, mocinhas de escritório, costureiras, cansadas mães de família, gente de bairro pobre e de suburbio, enfim, toda essa grande humanidade formada pelas classes pequeninas”. Mais que o público, as reações que o rádio desperta: “(...) o pequeno funcionário vibra, estremece o alfaiate, arrepiase o boticário suburbano”.

A mudança de hábitos e costumes, no Rio de Janeiro, não passa despercebida a Genolino.

“Quando a Cordelia Ferreira soltou o ultimo soluço ao microfone, dando por findo o episódio da novela radiofonica, um novo drama, e esse agora verdadeiro, passou a ser representado na consciencia de muitas familias cariocas. (...) Enquanto o vilão da peça ia dormir tranquilo, após receber na caixa o seu <> honesto, sentiam-se miseraveis aqueles que, na mais tocante inocencia, o tinham escutado com o coração tremulo de revolta. (...) Na verdade, por causa da maldita novela, para não perde-la na sua fase emocionante, a melhor gente do Rio (...) faltava a deveres de amizade, a compromisso de amor, de companheirismo, de compaixão humana, deixando até de ser hospitaleira, piedosa (...), enfim, a gente carioca tal como sempre foi e como continua sendo ainda quando não estão em jogo os seus interesses radiofônicos. Esses interesses, porem, ficam acima de tudo. E só depois de satisfazê-los, com os nervos abalados (...) se lembram das obrigações que não cumpriram (...). A consciencia pesa nas almas e nos lares. Para alivia-lo, formam-se disposições heroicas de abandonar a obsessão romantica, há juras silenciosas, uma afirmação do espirito contra o fascinio entorpecente do radio. (...) A vida social está acabando nas classes medias do Rio por culpa da novela. (...) O mais intimo dos seus compadres não o ouvirá [o leitor], pois tem de escutar o radio-teatro. (...)” (Correio do Ceará, 17/11/1943)

Qual seria o sentido da produção dos radiodramas? Por que eles chegam tão próximos de segmentos populares? Qual a relação entre rádio-teatro e cotidiano? Como esses segmentos incorporam as mensagens das radionovelas? Estariam à mercê do direcionamento dado pelo governo Vargas, utilizando-se do radiodrama para disseminar valores de seu projeto de nação? Até que ponto as radionovelas serviriam de propaganda ideológica?

Martin-Barbero realiza uma discussão sobre esses aspectos que envolvem produção e percepção do radiodrama. Para ele, nem tudo é repressão. Ele introduz a noção de popular pelo consumo, que faz coro ao ‘o consumo serve para pensar’, de Canclini, quando esse compreende o processo de consumo como algo mais complexo, em que

“(...) a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem mediadores como a família, o bairro e o grupo de trabalho. Nessas análises deixou-se também de conceber os vínculos entre aqueles que emitem as mensagens e aqueles que as recebem como relações, unicamente, de dominação. A comunicação não é eficaz se não inclui também interações de colaboração e transação entre uns e outros” (CANCLINI, 1999, p. 76)

Por essa compreensão, determinadas produções culturais destinadas ao povo não seriam apenas puras ideologias. “Ao mesmo tempo em que” abrem às “classes populares o acesso à cultura hegemônica”, lhes dá “a possibilidade de fazer comunicável sua memória e sua experiência” (MARTIN-BARBERO, 1987, p. 110). E assim estabelecer um diálogo construtivo frente ao que inicialmente poderia ser identificado como um processo de violenta aculturação.

É o que acontece com a invenção da imprensa, e sua utilização pelas classes dominantes. As classes populares conseguem apropriar-se dessa nova tecnologia, ao mesmo tempo em que utilizam uma sistemática de produção industrial e constroem um espaço de reconhecimento de sua cultura. É o caso do surgimento da literatura de cordel, na Espanha. Barbero fala que a literatura de cordel se situa entre o oral e o escrito. Embora fosse escrita, sociologicamente estava destinada a ser lida em voz alta, coletivamente.

É claro que a produção industrial de cultura também pode servir, e quase sempre faz isso, à dominação. E, às vezes, não consegue fugir a essa contradição que representa o receptor ativo pelo consumo, embora até mesmo essas contradições sirvam de preparação macabra dessa dominação. Martin-Barbero (1987, p. 152) nos dá um exemplo disso, quando se refere ao folhetim, gênero jornalístico que se separa em vários capítulos, numa certa periodicidade, uma determinada história. “O folhetim agita, denuncia contradições atroz na sociedade, mas no mesmo movimento trata de resolvê-las ‘sem mover o leitor’; a solução responderá ao que ele espera e lhe devolverá a paz”.

Reconhece ainda Martin-Barbero que a escolha dos tipos, utilizados na impressão dos folhetins, maiores que os normalmente utilizados pelos jornais, mais que uma estratégia comercial se ajustava mais a um fator cultural das classes populares, da dificuldade na leitura. No entanto, sabe-se, que a periodicidade de edição dos folhetins se ajustava ao descanso semanal e ao pagamento do salário dos operários, o que, mais que uma estratégia comercial, se ajustava à lógica capitalista, ferrenha adversária da cultura popular.

Martin-Barbero (1987, p. 250) assume a posição de nem apocalíptico, nem integrado. E concretiza essa sua visão ao construir o conceito de ‘matrizes culturais’. A indústria

cultural, além de ideologia, poderia servir aos anseios dos dominados, “uma expressão deformada, funcionalizada, mas capaz (...) de ativar uma memória e de colocá-la em cumplicidade com o imaginário de massa. O que ativa essa memória não é da ordem dos conteúdos nem sequer dos códigos, é da ordem das matrizes culturais”. Palavras geradoras prestes a se revelar.

As matrizes culturais seriam o substrato de constituição dos sujeitos sociais. Substrato situado bem mais além dos contornos objetivos que delimitam o racionalismo instrumental “e das frentes de luta consagrados pelo marxismo”. E o elo entre a cultura de massa e a cultura popular seria conseguido através de mediações, como os meios de comunicação. Quando fala em melodramas e novelas, por exemplo, Martin-Barbero interpreta o gosto do povo por esses gêneros como se pertencesse a matrizes culturais, que serviriam de resistência à dominação.

Martin-Barbero desloca, assim, o sentido educativo da comunicação do emissor para o receptor, ao identificar no último o instrumental necessário à construção de novos sentidos, através de suas matrizes culturais. Um exemplo seria o apego dos latinoamericanos ao gênero melodrama, cristalizado no sucesso das radionovelas cubanas das décadas de 1940 e 1950, antecessoras do faz de conta das telenovelas de exportação brasileiras.

“[o reconhecimento] do filho pelo pai ou da mãe pelo filho, o que move a trama é sempre o desconhecimento de uma identidade e a luta contra os malefícios, as aparências, contra tudo que oculta e disfarça: uma luta por fazer-se reconhecer. Não estaria aí a conexão secreta do melodrama com a história desse subcontinente? Em todo o caso, o desconhecimento do ‘contrato social’ no melodrama fala, e fala bem alto, do peso que tem, para aqueles que nele se reconhecem, essa outra sociabilidade primordial do parentesco, as solidariedades de vizinhança e a amizade. Estará então desprovido de sentido perguntarmos até que ponto o êxito do melodrama nesses países fala do fracasso de umas instituições políticas que se desenvolveram des-conhecendo o peso dessa outra sociabilidade, incapazes de assumir sua densidade cultural?” (MARTIN-BARBERO, 1987, p. 244)

Uma dessas instituições pode ser exatamente a escola. Ao se desenvolver desconhecendo essas matrizes culturais, e ao trabalhar sob uma mediação excludente, a escola se insurge contra essa sociabilidade ‘marginal’, de ‘gentinha’, de ‘povo sem cultura’. Há, na atuação dessas instituições, uma clara vinculação entre suas atividades e

o lado ‘formal’ da vida. No outro lado, tudo que se aproxima do não-formal tende também a se aproximar da sociabilidade excluída, esquecida. Esquecida não pelos excluídos, mas pelos excludentes. Daí que não faz sentido orientar-se por uma visão dicotômica entre o formal e o não-formal. Talvez não haja nem sentido na colocação desses dois conceitos.

Essa forma de análise parece partir do pressuposto de que existe uma dicotomia entre os dois processos, o que na realidade não ocorre. O que ocorre é uma transversalidade entre as duas dimensões –o que pode acontecer é que em determinadas instâncias predomine processos formais, em outras seja comum os não-formais. O que poderia condicionar a participação desses processos, em menor ou maior grau, seria a identificação de mediações que possibilitariam aos excluídos um seu re-conhecimento, um reconhecimento do que não estava formal. Ou seja, mesmo nesse processo há um movimento incessante, de avanços e recuos, de re-conhecimento e des-conhecimento, de derrotas e vitórias, entre o que ‘está’ formal e o que ‘está’ não-formal. O não-formal seria a própria instância do popular no fenômeno da massa.

Martin-Barbero situa os meios de comunicação no âmbito das mediações, quer dizer, num processo de transformação cultural que não parte nem procede deles mas em que a partir de um momento –os anos vinte– eles vão ter um papel importante. O papel decisivo que os meios de comunicação de massa incorporam nesse período “residiu em sua capacidade de fazer-se porta-vozes da interpelação que desde o populismo convertia às massas em povo e ao povo em nação” (MARTIN-BARBERO, 1987, p. 178 e 179).

É essa mesma mediação que perpassa o surgimento e disseminação do radioteatro:

“A novela-folhetim que se faz teatro no circo crioulo continua no rádio sua forte relação com o teatro não só porque a emissão radial difunde uma obra que se representa à vista do público, senão porque as companhias de atores que fazem o radioteatro viajam pelas províncias permitindo à gente ‘ver o que escuta’. O êxito do radioteatro deve bastante menos ao meio rádio que à mediação aí estabelecida com uma tradição cultural.” (MARTIN-BARBERO, 1987, p.184)

Embora as radionovelas não chegassem ainda com tanta ênfase à programação da Ceará Rádio Clube, os programas que eram veiculados já despertavam o vivo interesse de seus

ouvintes. É o que se depreende de uma carta de um ouvinte publicada na edição do Correio do Ceará de 18/12/1943.

“QUEIXAS E RECLAMAÇÕES COM VISTAS AO DIRETOR DOS CORREIOS E TELEGRAFOS Recebemos a seguinte carta: Sr. redator do Correio. Em meu nome e nos das demais famílias residentes no fim da linha de bonde do Joaquim Tavora, venho pedir, por intermedio das colunas desse jornal, que o sr. diretor dos Correios e Telegrafos mande verificar o funcionamento de uma chocadeira elétrica existente naquelas imediações, a qual, com o grande barulho que faz, vem prejudicando todos aqueles que teem radio e desejam ouvir alguns programas de boa musica e outras noticias de interesse geral. (...) Tiburtino Amorim. Joaquim Távora, 2.675.”

UM BAILE NA CHACRINHA

(samba - Benjamin Batista - Marina Batista – 1947)

(O disc-jockey Abelardo Barbosa era conhecido por 'Chacrinha' por ter iniciado na Rádio Clube de Niterói, que funcionava em uma pequena chácara)

Vamos Mariana
Veste essa baiana
Eu tenho a certeza
Você vai ser a rainha
Eu quero, quero, quero
Quero, quero acabar
Lá no baile da chacrinha, Mariana

Repete refrão

Quando eu vir você entrar
O maestro gritar
Salve ele
Salve ela
Não dê ouvidos à vizinha
Vamos brincar na chacrinha

8 A transferência para os Associados – a profissionalização? E a educação?

O início do ano de 1944, segundo Dummar Filho (2004) traz um momento de tristeza para a família Dummar. Ao mesmo tempo, é um marco na radiofonia cearense. Em janeiro se dá a aquisição da Ceará Rádio Clube – PRE-9 por Assis Chateaubriand, dos Diários Associados, à época se consolidando como o grande império dos meios de comunicação de massa no Brasil. Quem dá a notícia é o próprio Correio do Ceará, em edição de 11/1/1944, ele mesmo, juntamente com o Unitário, um veículo pertencente aos Diários Associados. A matéria é iniciada citando outras rádios incorporadas aos Diários e Rádios Associados, como a Farroupilha, de Porto Alegre, e a Baré, de Manaus. Cita os equipamentos ‘possantes’ de que a rádio dispõe.

“Completando o circuito nacional de difusores dos “Diários e Rádios Associados”- A PRE-9 é uma das possantes emissoras de todo o Brasil e é ouvida em quase todo o mundo- História cronológica da estação- A solenidade de incorporação” “Está dentro das nossas cogitações construir em Fortaleza um grande edifício para as três empresas associadas, CORREIO DO CEARÁ, Unitário e PRE-9, onde ficarão centralizadas todas as seções dos nossos jornais e da rádio. Pretendemos, ainda, aumentar a potência dos transmissores, transformando, assim, a nossa capital, no maior centro radiofônico do norte do Brasil. É claro que esses planos estão condicionados a fatores alheios a nossa vontade, dependendo da marcha da guerra”. [É feita uma explanação acerca do histórico da rádio e a matéria encerra com um depoimento do Dr. João Calmon, diretor superintendente da PRE-9 nos Diários e Rádios Associados]. “Como emissora ligada a vinte e quatro jornais diários, a PRE-9 dedicará especial cuidado ao seu serviço informativo, que será fornecido em primeira mão, pelas agências Associated Press, Meridional e Nacional, e por uma reportagem local sempre atenta a todos os acontecimentos”.

Os interesses de Chateaubriand, ao adquirir a PRE-9, eram evidentes: monopolizar a produção da informação no Brasil. Mas, quais os fatores que teriam levado João Dummar a negociar a emissora, agora que o retorno que vinha dos ouvintes dava mostras de sua penetração na sociedade de Fortaleza? Que meios de pressão teriam sido utilizados por Chateaubriand para convencer João Dummar a se desfazer de seu negócio?

Dummar Filho (2004, p. 72 e 73) explicita alguns desses meios de pressão e como foi esse momento na vida de João Dummar.

Na época em que Chateaubriand exercia pressão querendo comprar a PRE-9, circulou um boato em Fortaleza de que o piscar das luzes fluorescentes que ornamentavam o estúdio da emissora no último andar do Edifício Diogo emitia sinais para os submarinos alemães. Para alimentar tal maledicência, apontavam ainda o solavos, instrumento eletrônico que acoplado ao piano emitia ondas de rádio. e reforçando a distorção dos fatos passaram a acusar o maestro italiano Ercole Varetto, que tinha sido contratado há mais de um ano para a orquestra da PRE-9, como suspeito de envolvimento nestes acontecimentos. Injustamente, o maestro teve que ser afastado de suas funções por pressões políticas e da opinião pública.

Diante disso João Dummar procurou Demócrito Rocha que, na qualidade de jornalista contrário ao nazi-fascismo, interveio junto ao embaixador dos EUA, Walter Hoffmann, e a maledicência foi totalmente desmoralizada. Por coincidência ou não, este fato potencializou a viabilização da compra da Ceará Rádio Clube por parte de Assis Chateaubriand. Aliás, ele era conhecido por usar tais expedientes para tingir suas metas no sentido de fortalecer seu império de comunicação tanto que, valendo-se do fato de os irmãos Carlos e Francisco Lamas serem chilenos, apossou-se da Rádio Clube de Natal que a eles pertenciam e que atualmente é conhecida como a Rádio Poty, no Rio Grande do Norte. Esta era uma das formas que ele usava para se apossar de rádios e jornais a preços simbólicos e a suaves prestações mensais, usando o temor como arma para fazer sua organização crescer a qualquer custo, ele que era temido até pelo presidente da República, Getúlio Vargas.

A pressão de Chateaubriand continuou e, em 11 de janeiro de 1944, João Dummar finalmente capitulou. A PRE-9 passou a fazer parte dos Diários Associados. Antes, porém, ele fez circular durante uma semana o cheque de Chateaubriand, pela Praça do Ferreira, como formador de opinião pública de então, através de Antônio Figueiredo, o folclórico Figueiredão, que era muito amigo da família Dummar. E o fez para demonstrar sua contrariedade, pois aquele cheque nada valia para ele, diante dos anos de luta e de trabalho que realizara pela consolidação da PRE-9.”

A mesma pressão que fora feita sobre os irmãos Lamas no Rio Grande do Norte, teria sido feita por Chateaubriand aqui no Ceará, já que João Dummar era sírio ainda não naturalizado brasileiro, condição que o impedia, pela legislação vigente, de ser proprietário de uma emissora de rádio. Quando da incorporação da PRE-9 pelos Diários Associados, o processo de naturalização de João Dummar estava em curso. Alguns acusam a demora na tramitação do pedido como um dos fatores que definam a venda da Ceará Rádio Clube.

Eduardo Campos, que trilhou carreira também como gestor dos Diários e Rádios Associados, e atual diretor da Ceará Rádio Clube, ainda pertencente ao mesmo grupo, interpreta esse momento.

“Olhe, os jovens são muito incoseqüentes, os jovens. Não dá pra, olhe, eu não vou lhe dizer que eu tinha um amadurecimento pra, pra ver esse problema dessa natureza. Ahh, [resmungando desconcertado] eu, é um negócio, eu, eu, eu imaginava que fosse um negócio comum, o homem chegou ofereceu mais dinheiro e comprou. Isso é o que eu, dentro da minha ótica, ah ahah, repassa isso. Eu, eu não podia avaliar o sofrimento dele, a coisa dele, né? Mas eu hoje, eu posso falar.

Eh contam, tem várias versões pra isso. A família de um modo geral, pelo menos aceitou isso nos noticiários dos festejos da comemoração do centenário dele, no, no, no centenário dele, o que houve, o que aconteceu? É que dizem que ele era libanês, né? E, no tempo da guerra as pessoas achavam que era, que era melhor porque podia haver uma perseguição, uma coisa mais ou menos assim. Tem outra versão que é oficiosa. A versão é que o Chateaubriand, depois eu vou dar a oficial nossa, dos Diários Associados, a oficiosa é que o Chateaubriand é, é, vou dizer, chantageou é, é disse ‘- Ou você dá ou tal ou vem... ou, ou, eu quero a estação de qualquer maneira e, e...’

Mas não foi bem assim, a história que eu sei é o seguinte: o Chateaubriand estava no seu expansionismo, estava colocando estações em todo o Brasil e o Ceará, onde ele já tinha dois jornais, tinha o Unitário e o Correio do Ceará, o, o, o tripé para formar essa rede de comunicação seria uma estação de rádio. É óbvio, não tinha nada. Então ele, ele procurou o João Dummar e disse o seguinte ao João Dummar, essa é a versão que eu sei, que ele estava disposto a comprar aquele... dissesse quanto era, que ele pagaria pela estação. Não tinha, não tinha prob... preço não tinha problema. Dissesse quanto era, ele queria a estação. Ai, ele, ele, ‘- Não, mas eu não quero vender e tal’, ai o Chateaubriand disse: ‘- Não, eu, eu, se, se você ou o senhor’, não sei qual foi o tratamento, ‘não me vender, eu estou animado a botar outra estação aqui, não tem problema nenhum’.

E realmente, como depois vieram outras estações, né? ‘- Mas eu vou botar uma estação de rádio, eu preferia comprar a sua (com ênfase) estação de rádio’, ai ele, realmente, não, não, não, não, não quis lutar porque ele não era um homem, ele era, ele era um comerciante, ele não era um homem de carreira radiofônica. Ai o Chateaubriand tava fazendo era uma rede em todo o país. Então ele o, o, o, o, o Chateaubriand vinha pra ser um concorrente, vinha pra ser melhor realmente e trazer outro, outro status, outra maneira técnica, outra maneira artística de fazer rádio, diferente da que ele fazia. Então ele foi obrigado a vender.

As condições foram ótimas, ele vendeu, foi bastante dinheiro, eu não sei quanto. [João Dummar, como parte da venda, recebeu 30 mil anúncios gratuitos da emissora que agora era Diários Associados] Não, eu analiso, eu, eu acho que essa versão do Chateaubriand é a versão correta

mesmo. Porque, olhe, e o, e o, e o, e o Dummar era um homem, o João Dummar era um homem inteligente. O João Dummar percebeu, ele, por que é que ele, comerciante e tal, ele ia ficar com um brinquedo na mão dele? Ele descobriu cedo, acredito eu, esse é meu testemunho, que ele, que ele, que o rádio, o rádio não podia ser apenas um, um, um objeto de amor, de afeição. O rádio, e, cada vez mais, ia se profissionalizar. Como realmente se profissionalizou. Quer dizer, não podia ficar aquela coisa dele.

Porque o rádio antes foi isso, né, no ano antes do, do, do advento, da inauguração oficial da Ceará Rádio Clube funcionava a Ceará Rádio Clube como um, vamos dizer, uma instituição cultural, era um sodalício! As pessoas iam lá, era, era, era o, o, o, o, o pianista da, da, da, o Aluizio Pinto ia tocar, outras pessoas iam declamar, o rádio era dessa base, o rádio não podia se sustentar assim, esse era o rádio do Roquette-Pinto, esse era o rádio idealista, era um rádio romântico. Mas esse rádio foi assassinado pelo rádio profissional, pelo rádio que queria dinheiro, o rádio se tornou mercantilista, né verdade? Então não podia. O outro não, o outro era uma brincadeira. O outro era familiar, era um rádio familiar, essa é que é a verdade.”

Nota-se na interpretação de Eduardo Campos o cuidado em afastar de Chateaubriand quaisquer indícios de pressões com meios escusos para a aquisição da Ceará Rádio Clube. Será que João Dummar, negociante que ‘gostava de ganhar dinheiro’, que ‘vendia discos para quem nem tinha vitrola’, temeria uma concorrência? Ou, antes, a concorrência seria mais um estímulo? E iria enfrentá-la, talvez, com os meios que já havia utilizado para afastar a concorrência de outros vendedores praticistas, quando da instalação da PRE-9 em Fortaleza, a partir dos anúncios dos produtos de sua Casa Dummar?

Para José Júlio, a história é simples.

“Não, a notícia que circulava, ainda hoje a biografia do João Dummar, quem vê a história da biografia do João Dummar sabe perfeitamente que ele não negava que ele só vendeu a rádio porque foi obrigado a fazer isso, porque ele não estava ainda registrado como brasileiro e, na época, não podia ser diretor de rádio a pessoa que não fosse brasileira, ou brasileiro nato ou naturalizado, ele tava com um processo na época e o Chateaubriand tanto bateu, tanto, tanto pressionou que acabou comprando a rádio. E a rádio ficou realmente muitos anos na mão dele. Ainda hoje, ainda hoje, ainda hoje a Ceará Rádio Clube pertence ao grupo dos Associados.”

Mas um movimento dos irmãos Dummar, anterior à aquisição da emissora pelos Diários e Rádios Associados, pode lançar novos elementos nessa discussão. Esse movimento se

deu em março de 1943, e se tornou público a partir da edição do Correio do Ceará do dia 26/3. Numa pequena nota, de apenas oito linhas, à página 1 do periódico, sob a manchete ‘Os irmãos Dummar foram atendidos’, lê-se:

“Rio, 26 (M.) – O ministro da viação despachou os processos de interesse de João e José Dummar, os quais pedem autorização para adquirir, cada um, 66 ações da Ceará Rádio Clube S/ A . A importância total das ações é de Cr\$ 132.000,00.”

A esse tempo, já haveria pressões por parte de Chateaubriand para aquisição da Ceará Rádio Clube? Quais seriam os objetivos dos irmãos Dummar em adquirir mais ações da emissora? Reforçar as suas posições de acionistas, e ‘lucrar’ com o negócio promissor que se avizinhava? Nesse caso, estaria falando mais alto o tino de comerciante de João Dummar? Ou esse movimento significaria fortalecer essas mesmas posições, mas para enfrentar a tentativa de aquisição da PRE-9 por parte dos Diários e Rádios Associados? E continuar com seu intento de promover a ‘democratização da cultura’ no Ceará?

Fato é que João Dummar, ainda segundo Dummar Filho, depois de concretizada a venda da emissora, tinha em mente um novo projeto. Ele continuaria no negócio da radiodifusão, dessa feita com uma rádio educativa, que teria como principal missão “levar educação e arte aos lares cearenses” (idem, p. 73). A morte precoce não o teria deixado concluir tal projeto.

Quais teriam sido as repercussões da transferência da PRE-9 para os Diários e Rádios Associados? Quais as influências em sua programação? Qual o sentido que tomaria, agora, o rádio cearense?

A sagacidade política de Chateaubriand não tardou a aparecer na orientação da programação da Ceará Rádio Clube, emissora agora Associada. Na edição de 13/1/1944, dois dias depois, portanto, da incorporação, o Correio do Ceará chamava os ouvintes da PRE-9 para um importante acontecimento daquela noite. Falaria ao microfone o interventor Menezes Pimentel.

“Hoje, às 19 horas, a palavra do chefe do governo cearense. Atendendo a um convite que lhe formulamos, ocupará, hoje, às 19 horas, o microfone de PRE-9, emissora dos Diários e Rádios Associados, o

interventor Menezes Pimentel, chefe do Executivo do Estado. O ilustre homem público falará a propósito da incorporação da possante emissora ao nosso consórcio jornalístico e radiofônico, dizendo o que isso representa para o desenvolvimento cultural e o progresso econômico do Ceará. A palavra do chefe do Estado está sendo aguardada com vivo interesse pelo povo cearense e, particularmente, pelos que mourejam em todos os vigãos que integram a maior cadeia publicitária da América Latina.”

As modificações na programação já são observadas a partir do dia 17/1/1944, como demonstra matéria do Correio do Ceará.

“Novo programa esportivo em PRE-9- P. Teleco falará todos os dias. Iniciando o novo programa de PRE-9, “Rádio - Esportes -E-9, - uma oferta do CORREIO DO CEARÁ aos seus leitores e aos ouvintes da grande emissora “associada“ de Fortaleza - o cronista esportivo P.Teleco deste vespertino pronunciou, sábado último, as seguintes palavras: Aqui estou, diante deste meu velho conhecido, o microfone de PRE-9. Eu o conheço muito bem. Desde aqueles velhos tempos da primitiva estação da rua Major Facundo, passando, depois, pelas sucessivas etapas da vida ascensional desta emissora, sob a chefia do meu querido amigo João Dummar, até vir encontrá-la, agora, pujante e vitoriosa, sob o comando deste capitão de longo curso, que é João Calmon, e integrada na maior e mais notável cadeia rádio-jornalística da América do Sul, figurando como estrela de primeira grandeza na constelação dos DIÁRIOS E RÁDIOS ASSOCIADOS, que obedecem à direção suprema de Assis Chateaubriand. Aqui estou, ouvintes da PRE-9, para ajudar a gente boa desta casa, para servir ao esporte da minha terra fiel ao programa do “Correio do Ceará”, o vespertino que sempre teve abertas as suas colunas às campanhas em favor do engrandecimento esportivo do Ceará, cooperando desinteressadamente com desportistas, clubes e entidades.”

Note-se que começa a se fazer presente a denominação de Diários e Rádios Associados. O Correio do Ceará patrocina um programa da Ceará Rádio Clube. Em 21/1, é eleita a nova diretoria da emissora. E é lá que vamos encontrar um dos participantes das primeiras sociedades de radiotelefonia de Fortaleza, conforme notícia veiculada no Correio do Ceará.

“Em assembléia geral extraordinária realizada às 14 horas de ontem, no 9º. Andar do Edifício Diogo, foram eleitos para os cargos de diretor-presidente da Ceará Rádio Clube S.A. o Sr. Diogo Vital de Siqueira, e de diretor- secretário o Sr. Orlando Mota”. Diogo V. Siqueira é “um industrial de larga visão, dotado de incomparável espírito público”. Orlando Mota “fez toda a sua carreira jornalística dentro dos Diários Associados, ascendendo do posto de repórter ao de corrigente da redação do CORREIO e do Unitário, é um dos mais expressivos valores da nova geração do Ceará.”

Uma reestruturação de grande fôlego acontece na programação da PRE-9 a partir de julho de 1944. Os horários de veiculação são ampliados. Agora, a emissora volta a transmitir programas também pela manhã. A notícia sai na edição de 2/7/1944, do Correio do Ceará.

“A partir de hoje, a PRE-9 emissora cearense dos DIÁRIOS E RÁDIOS ASSOCIADOS, ampliará o horário das suas transmissões diárias, voltando a funcionar o seu antigo horário, isto é, de 10:30 às 13 horas e de 17:30 às 23 horas. Recentemente integrada na maior cadeia de jornais e emissoras da América Latina, é desejo dos seus dirigentes de tornar a emissora fundada por João Dummar, cada vez mais prestigiosa, projetando-a em todos os recantos para melhor elevar o valor da terra Alencarina. Daí a razão por que estão empenhados os orientadores da PRE-9 em criar novos programas que despertem interesse ao público ouvinte, que certamente colaborará com os mesmos mandando suas opiniões que serão recebidas com o maior interesse. DOIS PROGRAMAS A emissora, que funciona no 8º. Andar do Edifício Diogo, lançará dois novos programas que serão ouvidos a partir de hoje. Murilo Mota, conhecido advogado e jornalista, redator que é dos DIÁRIOS ASSOCIADOS fará um comentário da guerra, diariamente, pelo qual o rádio - escuta poderá acompanhar os principais acontecimentos do atual conflito. Murilo Mota, que se especializou em assuntos internacionais, redigindo, diariamente, o comentário de guerra deste vespertino, poderá oferecer aos ouvintes da emissora associada uma sensata interpretação dos fatos que se passam no cenário da luta. O outro programa foi por alguns tempos irradiados pela PRE-9 e constituía a chave de ouro com que a querida emissora cearense encerrava as suas programações noturnas. BOA NOITE PARA VOCÊ estará novamente no ar na voz simpática de Paulo Cabral e constará de uma crônica suave. Fortaleza será codaquizada todos os dias pelo cronista de “Boa noite para você”, e para os ouvintes da PRE-9, desfilarão em leves palavras os mais diversos acontecimentos de nossa vida mundana.”

Uma observação a ser feita é que, mesmo incorporada, continua a referência constante a João Dummar como seu fundador. Teria sido realmente tranqüilo o processo de transferência, a ponto do periódico associado lançar constantes elogios ao antigo proprietário da emissora? A profissionalização que o rádio experimentava em outros centros começava a se insinuar também por aqui. Uma das estratégias é exatamente a utilização de profissionais do meio impresso numa dobradinha com o microfone, facilitada pelos dois veículos pertencerem ao mesmo grupo. De quebra, uma diminuição dos custos, por não ser necessário a contratação de mais um profissional.

Em março de 1944 o rádio ganha um aliado no processo de interação entre veículo e ouvinte. Embora o suporte para tal interação seja através, ainda, do meio impresso. Nesse dia, o Correio do Ceará inaugura a coluna ‘Rádio’. Sua intenção, dar aos leitores “algumas notícias colhidas nos bastidores, dos nossos artistas de rádio, não só do Ceará como de todo o Brasil”. Mas também esclarecer “o ouvinte de rádio, apontando-lhe os bons programas, orientando-os a manejar o dial de seu rádio”. E, vez por outra, “trazer para o público curiosidades do rádio, cantores, locutores, artistas de teatro, ouvindo suas queixas, seus problemas, enfim, contar alguma coisa de interessante da vida de cada um deles”. Um apelo é feito aos “fãs do rádio para que nos auxiliem mandando-nos seus palpites, objeções, tudo que nos possa ser útil”.

Como uma das primeiras notas da Coluna, o anúncio do primeiro capítulo, naquele dia, de ‘Noturno’, uma “linda história de amor de autoria do festejado intelectual Amaral Gurgel”. ‘Noturno’ é a continuação de ‘Penumbra’, que tanto sucesso havia alcançado em Fortaleza.

"Estamos decepcionados, positivamente decepcionados. Acontece que Ruth Martins, a notável sambista do "broadcasting" brasileiro, ia aparecer, ontem, pela primeira vez, ao microfone de PRL-9. Nós sabíamos disso, todo mundo sabia que a consagrada cantora do Cassino Atlântico ia cantar. Seus fãs, por isso mesmo, aguardavam ansiosos, o momento em que ela aparecesse ao microfone para interpretar os melhores números de seu repertório. Mas ó leitores desse esquecido canto de jornal, ninguém, no entanto, lembrou-se que a Companhia de que fornece energia elétrica à cidade é a pior do mundo, muito pior mesmo, do que a humilde empresa que fornece luz à minha pacatíssima cidade, perdida no interior do Ceará. Pelo menos essa última não dispõe dos gordos capitais da importante e poderosa Companhia inglesa. Portanto, tivemos de ficar às escuras, até muito tarde, pelo simples motivo de ter um trenzinho qualquer se arreventado e, em conseqüência veio a faltar a lenha para as velhíssimas e caducas caldeias da Light. Tivemos, assim, ontem, uma manhã sem rádio e um pedaço de noite também. Resta-nos, pois, ter uma paciênciasinha. Hoje, a jovem sambista estará, certamente, ao microfone da Prenove. Não afirmamos categoricamente, porque pode aparecer uma Light para nos desmentir. Se a poderosa permitir...(é lamentável, mas é a verdade) Ruth Martins fará o seu recital de estréia, na pobre Fortaleza, que tem uma Light para lhe envergonhar e lhe povoar a cabeça de cabelos brancos."

(Correio do Ceará, 29/3/1944)

Novamente a coluna ‘Rádio’ dava repercussão à vida dos artistas do ‘cast’ da Ceará Rádio Clube. Dessa feita é Maria Aquino quem desfila pelas páginas do Correio do Ceará, edição de 22/3/1944.

"Quem ouve sua voz, no rádio, tem a impressão de estar escutando uma mãe preta, muito amiga, muito conselheira e muito meiga. Esse é o seu papel, e que nos evoca os velhos tempos idos em que as mães pretas amigas e dedicadas guiavam as gerações nos árduos caminhos da vida. No entanto, se sua voz pode tornar-se a de uma criatura de cabelos brancos, de rugas nas faces, ela é em verdade muito jovem e não tem ainda os cabelos como neve nem as faces povoadas de rugas. Maria de Aquino é muito nova, ainda, principalmente na arte de interpretar, pois sua carreira artística data de uns três anos passados. Começou quando a PRE-9 funcionava nas Damas, desempenhando pequenos papéis em esquetes e peças radiofônicas. Desde então, ela vem figurando em quase todas as peças irradiadas pela emissora associada. Em "Penumbra", que tanto sucesso alcançou em Fortaleza, ela fez o papel de Gertrudes e sua atuação agradou aos fãs do nosso radio-teatro. Agora, em "Noturno", outro sucesso que PRE-9 vem apresentando, Maria Aquino faz o papel de Isabel a preta conselheira e boa. Maria Aquino, como toda moça, gosta de cinema. Seus artistas prediletos são: Bette Davis e Spency Tracy. No rádio ela admira muito a voz de Francisco Alves. Tem uma boa dicção e possui excelentes qualidades artísticas. Eis as características da que hoje apresentamos no desfile que estamos fazendo de todos que trabalham em "Noturno" de autoria de Amaral Gurgel."

No último trecho da Coluna, o tom é de fofoca. O jornalista envereda pelos 'seus artistas preferidos', se aproximando do que hoje as revistas ditas 'de TV' trazem quando abordam o perfil dos artistas. Já no dia 23/3, o colunista volta a insistir na temática radionovela, agora enfocando a participação de Cabral de Araújo, locutor-chefe da PRE-9, em sua participação em 'Penumbra'. A repetição, dia após dia, de notas sobre a radionovela demonstram, talvez, o interesse da emissora em firmar definitivamente o gênero drama dentro de sua programação. O formato utilizado pelo colunista lembra os atuais lançamentos de novelas na TV, quando as emissoras passam semanas anunciando a estréia, através da descrição do papel de cada personagem na trama. Reparem na linguagem utilizada, no último trecho da Coluna.

"Cabral nasceu a 25 de agosto de 1912 (tá bem velhinho, o seu Cabral...). Andou perto de comandar um dos nossos caça-submarinos. É ainda funcionário da Standard e pode ser encontrado geralmente na rua, com uma bruta pasta debaixo do braço, paletó desabotoando. Gosta de ler muito (nada de leituras fasciscizadas) e é torcedor exaltado do Ferrim. E pronto."

O 'desfile' dos artistas que compõem o elenco de 'Penumbra' continua nos dias 24 e 25/3. E só é interrompido pela Coluna 'Rádio' no dia 27/3 para que o colunista comente um acontecimento da PRE-9 que repercutiu em toda a cidade. Era o prenúncio da

entrada do radiojornalismo com mais força na programação da emissora. Talvez uma influência benéfica de sua associação com o Correio do Ceará, e os novos rumos que a emissora tomava com a incorporação pelos Diários e Rádios Associados, como frisava bem a matéria que noticiou sua venda, em janeiro do mesmo ano. A mobilidade possibilitada pelo rádio se fortalecia através da atuação da Ceará Rádio Clube.

"Abrimos, hoje, um parêntese no desfile que vimos fazendo de todos os artistas que figuram no Núcleo de "Noturno", a peça radiofônica de Amaral Gurgel que PRE-9 vem apresentando sob o patrocínio dos Laboratórios Goulart. Aconteceu que ontem a emissora que funciona no último andar do Edifício Diogo obteve dois belíssimos triunfos e não queríamos que esse fato passasse em brancas nuvens, sem um registro destacado. O primeiro foi a reportagem radiofônica da "Prova Heróica" realizada pela manhã. Podemos avaliar perfeitamente o esforço e o trabalho exigido para a realização de empreendimento dessa natureza. Não é muito facilmente que se transporta um microfone ou mesmo telefone com ligação direta para um local como o Viaduto Moreira da Rocha, tendo em vista ainda mais, que chovia copiosamente em toda cidade. Mas o esforço e dedicação dos rapazes "associados" venceram todos os impecílios. E o que vimos ontem foi positivamente sensacional. Paulo Cabral - o jovem e querido "speaker" da emissora associada- transmitindo diretamente da ponte metálica todos os detalhes, todas as partes do duelo que a mocidade vigorosa da Terra da Luz travou nas águas do Atlântico. Seria preciso portanto ao ouvinte ir ao ponto determinado pela comissão para fim da prova. Ele ouviu de sua casa até mesmo a palavra dos que saíram vencedores. Foi pois um dos maiores triunfos da PRE-9 a transmissão da chegada dos vencedores da prova heróica, a grande competição náutica que os Diários Associado vêm promovendo todos os anos com absoluto sucesso." (Correio do Ceará, 27/3/1944)

E o colunista realmente cumpre sua palavra. Tanto que nos dias 28 e 29/3 volta novamente o desfile dos astros de 'Penumbra', que já haviam interpretado outros papéis em 'Noturno'. No dia 3/4 é noticiada a chegada de Antônio Maria para assumir a direção artística da emissora. Proveniente da Rádio Clube de Pernambuco, e com experiência em outras grandes emissoras do País, Antônio Maria iria dinamizar mais ainda a programação da PRE-9. E cada vez mais o radiodrama iria se firmar como um dos gêneros principais de sua programação. "Éramos tão pobres em matéria de organização de rádio que os diretores artísticos ou diretores de programas, de uma emissora como a Ceará Rádio Clube, vinham importados do Sul do país. Nós não tínhamos capacidade de dirigir as empresas, é a verdade", atesta Eduardo Campos..

É dessa época o retorno de Eduardo Campos à emissora. E ele conta mais uma de suas histórias, que teve a participação direta de Antônio Maria.

Ah, meu retorno à PRE-9 é antológico. Parece que os deuses vingam os inocentes, né? [Essa é uma frase teatral] [risos] Eu, hum, aconteceu, hum, de inaugurar uma loja em Fortaleza, em 1944, uma livraria chamada Livraria Aequitas, em latim, Aequitas [eqüidade], AE, junto, o ditongo, né? E eu, e fizeram um concurso, parece que o concurso endereçado a mim. É, os grandes processos da história, a radiofonização para teatro, ou para rádio. Radiofonização já está dizendo, mas era uma peça de teatro adaptada para o rádio. E eu, me, concorri com o ‘Grande Processo de Maria Antonieta’.

Eu tinha lido, isso é uma, a editora Ponjete publicou vários processos, grandes processos internacionais, inclusive o de Maria Antonieta, que me calou profundamente. Eu fiz, tirei o primeiro lugar. Simultaneamente, como se não bastasse, os deuses deram um outro empurrão. O Correio do Ceará fez um concurso também de reportagem. Onde entra o trem. Eu fiz uma reportagem mostrando a luta, partiam, às vezes, no mesmo horário, um trem suburbano para Caucaia, para Soure, e o outro trem suburbano para Maracanaú, que era o que ia até Mondubim. E as pessoas, ‘- ei, caranguejo, não sei quê’, eles se insultavam, nós nos insultávamos, essa é que é a verdade. Ah, ah, isso era uma beleza, ah, essa viagem de trem. E eu fiz exatamente uma reportagem, ‘o trem’, ‘a viagem do trem’, qualquer coisa assim, e contando o que é que se vendia no trem. O trem tinha tudo. Tinha palhaço, tinha bêbado, tinha, tinha sujeito vendendo, é, quebra-queixo, tudo, tudo, tudo tinha dentro do trem. Eu tirei o primeiro lugar também.

Estava ainda no tempo da guerra, e o prêmio, como sempre, nos Diários Associados, eram livros. Mais uma vez, livro, né? A editora O Cruzeiro ofertava uma coleção de cinco livros para um prêmio e para outro. E eu ganhei 10 livros. E aí, eu fui lá. Um deles era ‘Eu fui piloto’, de Rickenbacker, é um livro de guerra, livros mais ou menos dessa natureza. E eu fui receber os prêmios.

Cheguei lá [pausa], tava lá, nesse tempo já era o Antônio Maria de Araújo! Uma figura esplendente. E eu não sei porque, outro empurrão dos deuses, ele viu o original da radiofonização. [pausa] Debaixo do braço direitinho, feito até é, é, é, com muita dificuldade, em papel almaço, naquele tempo, o papel ainda era pautado, se comprava em bodega. Aí eu levei.

Chegou na hora, entregaram os prêmios, tiraram fotografia, eu tenho fotografia dessa época. Aí, eu muito falastrão, né, falando assim, e o, e o Antônio Maria gostou de mim, né? Quando, quando terminou toda a coisa, tudo, estava lá o João Ramos, o, quem é que tava? O José Júlio Cavalcante estava lá na hora, não sei se o João Calmon tava na hora, que era o superintendente dos Associados aqui. Aí, o pessoal foi embora e eu fui descendo, aí o Antônio: ‘- Rapaz, vamos conversar um pouco aqui e tal e coisa’. ‘- Vamos’, conversar é comigo mesmo. Aí eu, fomos

lá para a sala dele. Não, isso lá na Ceará Rádio Clube, lá no andar onde ele, onde ele tinha a sala da direção da, da, da emissora.

Ai, ele disse: ‘- Como é que foi esse seu interesse, assim, de rádio e tal?’, ai eu [pausa] disse: ‘- É, eu, eu até trouxe aqui, hum, [pausa] eu gostaria até de, de, só pra você, me permitisse que eu lesse aqui’. ‘- Não rapaz, feito bem’. Ele era um gordo simpático e tal. Ele ficou assim na cadeira, sentou no espaldar da cadeira, né? Ai eu, [pausa] fiz a leitura, iniciei a leitura: pa-pa. Eu não li a metade da lauda, da página, e eu vi, é, é, é, eu não tava vendo, enxergando ele né? Eu acho que eu não estava enxergando com medo de que ele desistisse da leitura, né verdade? Ai, eu botei o papel aqui na frente e eu tava, quando eu vi aquela mão gorda, baixar assim. Bom, eu tô, eu tô morto. Baixou. A pergunta dele lá, [pausa] eu vou repetir: ‘- Você quer vir trabalhar aqui?’ Eu disse: ‘- Quero’. ‘- Então, amanhã às 9 horas você esteja aqui. Você começa amanhã às 9 horas.’ Foi assim que eu reingressei na Ceará Rádio Clube.”

Eduardo Campos fala também sobre a introdução dos noticiários na Ceará Rádio Clube, que propiciou novas formas de relação com o ouvinte.

“(...) quando começou o noticiário, o noticiário deu um status muito grande, valorizou muito a notícia, a comunicação, deu uma valorização que isso precisa ser estudado. Porque isso aí deu uma projeção muito grande à importância do rádio. O rádio passou a ter uma importância. Naquele tempo todo mundo corria para ver jornal, quer dizer, não tinha notícia em rádio. Tinha um noticiáriozinho no tempo do Peteleco, do tempo do próprio Waldemar Caracas, que era um noticiário pequeno, mas, mas nada assim que chamasse a atenção.

Então, nós, quando instalados, fizemos o ‘Matutino PRE-9’, que foi o primeiro jornal bem feito no Ceará, ai sim, essa coisa passou a funcionar. As pessoas, as pessoas, olhe, nós tínhamos tanto prestígio que quando outras estações vieram, eu não estou diminuindo a Rádio Iracema nem outra, as pessoas telefonavam, ‘olhe isso é verdade o que a Rádio Iracema está dizendo?’, quer dizer, o nosso, o nosso noticiário teve uma credibilidade tremenda. Depois o Relâmpago, Alfa, Relâmpago, o noticiário ‘Relâmpago da Casa das Máquinas’, então essa coisa passou a ter uma dimensão muito grande. O rádio...”

E em maio de 1944, novo salto na programação da Ceará Rádio Clube. Dessa feita, a emissora preparava-se para iniciar suas transmissões a partir das seis horas da manhã. A notícia, divulgada na mesma coluna ‘Rádio’, também faz uma retrospectiva das transformações que a emissora vinha sofrendo depois da incorporação aos Associados e a capacidade realizadora de seus dirigentes quanto ao compromisso assumido durante a incorporação.

"Prepara-se a PRE-9, Ceará Rádio Clube, para iniciar as suas irradiações diárias, de julho em diante, a partir de 6 horas da manhã. Sempre no afan de satisfazer o público cearense, a emissora 'associada' não para na sua ascensão impressionante, colocando-se soberbamente em posição de destaque na vida radiofônica nacional. Integrando-se na cadeia dos DIÁRIOS E RÁDIOS ASSOCIADOS, PRE-9, pouco tempo decorrido, já demonstrou, categoricamente, a capacidade realizadora de seus novos dirigentes através de empreendimentos marcantes que vieram aumentar o nosso índice radiofônico, e projetar o Ceará, auspiciosamente, no Brasil e nas Américas. DE 6 ÀS 23 HORAS PRE-9 iniciou esta nova fase de vida ampliando as suas programações, criando novas atuações e trazendo para o seu microfone famosos 'azes' do rádio sulino. Agora, uma nova ampliação é anunciada. Às 6 horas da manhã, quando a cidade está acordando, já terá nos seus receptores, em pleno funcionamento, as ondas curtas e largas da emissora 'associada' de Fortaleza, com programas atraentes e originais. Será o seguinte o novo horário de PRE-9, a partir de julho próximo. De 6 às 8; de 10 às 14, e de 17 às 23 horas." (Correio do Ceará, 19/5/1944)

E as novidades se sucedem na programação da PRE-9. Estréiam os programas 'Miscelanea', dedicado ao público feminino, pois era veiculado às nove horas da manhã com "conselhos de beleza, informações, humorismo e entrevistas telefônicas" e 'Os fidalgos da casa mourisca', radionovela de Júlio Diniz, considerado "o maior trabalho radiofônico brasileiro", num oferecimento de 'Saponax'. Entre uma estréia e outra, a incorporação de uma nova emissora ao condomínio dos Diários e Rádios Associados, dessa vez a Rádio Difusora do Estado do Maranhão (PRJ-9) e a realização de uma cobertura jornalística especial sobre Sobral, com transmissões ao vivo diretamente do município durante todo o dia.

Chegava-se a janeiro de 1945, decorrendo um ano da incorporação da Ceará Rádio Clube pelos Diários e Rádios Associados. Que balanço poderia se fazer desse período? Pelas descrições veiculadas no Correio do Ceará, principalmente na coluna 'Rádio', vê-se que a emissora parece tomar um novo ritmo, com estréias sucessivas de novos programas e a incorporação de novos artistas ao seu 'cast'. Dominam as novas estréias os radiodramas, os informes jornalísticos e os programas de auditório. Mas isso não teria sido uma decorrência do próprio momento vivido pelo rádio, no país, ou seria fruto de novas experiências trazidas pelos Associados?

Algumas conseqüências são previsíveis com a mudança. Uma delas é a entrada definitiva da emissora para o lado comercial do rádio. Observa-se isso a partir da citação de produtos e lojas comerciais que passam, com mais intensidade, a patrocinar a

veiculação dos programas. E que influenciam também na programação, nos conta José Júlio.

“À noite, a partir das oito horas, depois da “Hora do Brasil”, é que entravam os programas de estúdio. Muitas vezes, os programas de estúdio eram redigidos pelo Manuelito Eduardo, ô... pelo... é, Manuelito chegou a apresentar, mas, principalmente Otacílio, Otacílio Colares, Dermival Costalima e Antônio Maria. Aí eram programas muito bem, bem, bem, bem combinados. Eles às vezes pegavam um ópera qualquer, aí dissecava a história daquela época e tudo. Eram, eram programas muito, muito, muito selecionados. Havia um público ‘A’, um público classe ‘A’, que era esse público que era, era atingido durante a noite. Geralmente, depois das 10 horas [da noite], e eu muitas vezes fiquei também, eram músicas mais, mais para aquele ouvinte de gosto mais apurado. Durante o dia eram músicas populares, ouvia a apresentação mais de músicas populares, eram músicas... sambas e marchinhas e essa coisa toda. Agora, outra coisa também que eu ainda cheguei a alcançar aqui foram as transmissões de, do carnaval também, muita coisa bonita se viu aqui...

(...) A, a, a tendência natural na época era realmente fazer um programa mais selecionado, isso, às vezes, por exigência dos próprios patrocinadores. A Cearense, que era uma loja de Aprílio, Aprílio Coelho de Araújo, ele tinha um programa muito bonito, muito bem apresentado, mas ele influía, ele chegava e dizia: ‘- Olha não me coloque música que não seja uma música leve, uma música suave’, essa coisa toda, ele não admitia uma música popular na programação dele. E como ele, outros também faziam a mesma coisa. Já outros mostravam... vendiam Sabão Pavão, vendiam outras coisas mais populares, queriam outro tipo de música mais adequada. Eu acho, por exemplo, que a Siqueira Gurgel foi um dos grandes fundadores da era com o Sabão Pavão.”

Os mesmos comerciantes que já tinham uma sagacidade em torno da utilização do rádio como veículo de publicidade. Ou, pelo menos, tinham uma noção exata da relação custo e benefício. Em outra fala de José Júlio.

“Certa vez, eu fui, eu fui convencer a, a um anunciante, a um laboratório desses aí, a que ele fizesse propaganda na rádio. Ora rapaz, você procura a minha rádio, é uma rádio boa, essa coisa toda, tem um bom índice de audiência e tem outra vantagem: ela tá sendo ouvida na Noruega, ela tá sendo ouvida na, nas Filipinas e toda parte. Eu tô aqui, eu tô aqui com as notas, aqui, provar que ela é uma rádio ouvida lá fora. Aí o cara olhou assim pra mim e disse: ‘- Não me interessa que a sua rádio seja ouvida lá no fim do mundo. Eu quero saber se ela é ouvida é aqui, dentro de Fortaleza, porque pra lá nós temos os nossos veículos de divulgação’. E essa lição eu aprendi, e realmente é uma verdade: se o caba não é bem ouvido aqui em Fortaleza, não interessa se ele é ouvido no Japão, na China... Antigamente, por causa das ondas curtas, né, as

emissoras se vangloriavam muito disso, de serem ouvidas, mas o que é importante é que elas sejam ouvidas na sua cidade.”

Outra consequência da incorporação pode ter sido um intercâmbio mais intenso entre a emissora local e outras emissoras dos Associados localizadas em centros mais avançados do país, o que pode ter repercussões diretas em sua programação. A vinda de Antônia Maria, experiente produtor de rádio, com última passagem pela Rádio Clube de Pernambuco, faz crer no impulso que a programação artística da emissora tomou.

Os cuidados técnicos com a produção dos programas também devem ser ressaltados. Aliados à qualidade dos conteúdos. Às vezes, a partir das qualidades individuais dos próprios produtores, como anuncia Narcélio Limaverde.

“(...) pra você ter uma idéia meu pai era músico também. Ele pra fazer esse programa, Hora da Saudade, ele aos domingos, ao invés de ficar passando em repouso, ele ia em casa de pessoas mais velhas do que ele, na época as pessoas cantavam as músicas e ele fazia a pauta porque ele sabia fazer isso, ele era músico e ele também tocava clarinete também. Ele era um autodidata.

Os radialistas no tempo do meu pai eram homens que tinham muito conhecimento, muitos eram formados, muitos eram pessoas com que tinham condições de improvisar qualquer momento, muitos falavam outra língua e, e não era fácil a pessoa ser um locutor de rádio, o concurso do meu pai foi, era um concurso público, viu, transmitido, então as próprias pessoas torciam por aqueles candidatos. Agora (...) um concurso que mobilizou toda a cidade foi quando [1939] o Paulo Cabral venceu. O Paulo Cabral era um homem de um improviso muito fácil, uma voz muito bonita, então esse concurso no qual ele participou, que a gente diz, numa linguagem bem popular, fechou a cidade, porque todo mundo queria tomar conhecimento, dos poucos rádios que existiam acompanharam o momento em que ele se submeteu ao concurso do rádio.”

Outra consequência da incorporação da Ceará Rádio Clube pelos Associados, e essa necessita de uma investigação mais aprofundada, diz respeito à utilização da PRE-9 como barganha política para os interesses dos Associados, característica marcante da atuação profissional de Chateaubriand. Um indício é a enorme força mobilizadora que os Associados poderiam dispor, por conta da articulação simultânea de tantos periódicos e emissoras de rádio, espalhados por todo o Brasil. A possibilidade de transmissão em cadeia é uma realidade. Na incorporação da Rádio Difusora do Estado do Maranhão foi levado ao ar, simultaneamente, um programa produzido especialmente pela Rádio Tupi

para a ocasião através da Rádio Educadora (Natal), Ceará Rádio Clube (Fortaleza) e a própria Rádio Educadora (Maranhão).

Por conta do domínio de Assis Chateaubriand sobre a propriedade dos meios de comunicação, agora verdadeiramente de massa, no Brasil, estava aberto o caminho para a uniformização da informação, reforçada que era pelo trabalho realizado pelas agências de notícias, com os informes internacionais.

Os programas de instrução e os cursos tornam-se esporádicos. Mas em janeiro de 1945 surge uma novidade: aulas de inglês pelo rádio –a influência norte-americana, sobre gostos, hábitos e costumes da sociedade de Fortaleza, repercute também na tomada de decisão quanto ao processo de educação das pessoas. Pelo que noticia o Correio do Ceará, o novo programa da Ceará Rádio Clube surge a partir de uma demanda da própria população. E o rádio é sensível ao apelo agora das massas de potenciais consumidores. A emissora ainda gostaria de contar com a participação dos ouvintes na escolha do melhor horário para a veiculação do programa.

"A emissora cearense dos DIÁRIOS E RÁDIOS ASSOCIADOS, desejando, cada vez mais, melhor servir a seu grande público ouvinte, acaba de tomar uma importante iniciativa de ordem educativa, resolvendo instalar um curso de inglês para todos os rádio-escutas que desejarem aprender a língua de Roosevelt. Constituirá isso, sem dúvida, uma providência do mais alto alcance, que virá satisfazer os desejos de todos os ouvintes, ministrando aos mesmos proveitosos ensinamentos. UMA CONSULTA AOS OUVINTES Antes de instalar o curso em apreço, a direção de PRE-9 faz uma ampla consulta aos ouvintes que sintonizam as suas ondas curtas e médias: a que horas preferem as aulas? Pela manhã, à tarde ou à noite? Todos os interessados devem escrever à direção artística da Ceará Rádio Clube, dizendo a hora em que desejam ouvir o novo programa da querida difusora 'associada', da Terra da Luz. Haverá depois o julgamento numérico da preferência, sendo então marcado o dia do início das aulas. POR INTERMÉDIO DE GRAVAÇÕES As aulas, segundo nos declarou Antonio Maria, serão dadas por intermédio de gravações, apresentando um ambiente tipicamente escolar, com perguntas feitas por alunos e as esclarecedoras respostas do professor. Constituirá isso, sem dúvida, mais uma bela iniciativa de PRE-9, que alcançará, de certo: grande êxito." (Correio do Ceará, 26/1/1945)

O anúncio do programa de aulas de inglês causa boa repercussão na população de Fortaleza. O nome e o horário do programa já haviam sido definidos. Na notícia do Correio do Ceará, aparece o apoio do Comitê de Coordenação dos Assuntos Inter-

Americanos. Que atuação teria o referido Comitê? Seria algum braço da política de intervenção norte-americana? O acontecimento é dado com todo o entusiasmo, como se a cidade tivesse sido tomada por uma grande expectativa.

"Numerosas pessoas dirigem-se à Livraria Aequitas, aplaudindo a iniciativa' É cada vez mais crescente o interesse, entre os 'fãs' de Fortaleza, pelo novo programa de PRE-9 'Vamos aprender inglês', sob o patrocínio da Livraria Aequitas, desta capital, e com preciosa 'colaboração do Comitê de Coordenação dos Assuntos Inter-Americanos. Dia-a-dia chegam à Livraria Aequitas e à emissora 'associada' alencarina dezenas de cartas de parabéns pelo lançamento de mais esse 'cartaz' radiofônico, sem dúvida uma novidade agradabilíssima para o nosso público rádio-ouvinte. Segundo temos noticiado, 'Vamos aprender inglês' será lançado a 1º de agosto próximo, no horário de 21:15 às 21:30 horas, havendo na ocasião brilhante solenidade nos estúdios da emissora cearense dos DIÁRIOS ASSOCIADOS. Sua transmissão será feita duas vezes por semana"

Na mesma semana, ainda, uma extensa matéria do Correio do Ceará (185 linhas) dá mais divulgação ao curso de inglês pelo rádio.

"Fala-nos o dr. Jorge da Rocha sobre o programa 'Vamos aprender inglês' que será iniciado amanhã, em PRE-9, às 21:15- A importância desse curso para a aproximação entre brasileiros e norte-americanos- 'Time is money'- Até os professores gostarão de ouvir os maravilhosos discos do grande sucesso radiofônico que a Livraria Aequitas patrocina com exclusividade.' 'Poucos programas da emissora cearense dos 'Diários e Rádios Associados'- a PRE-9 têm sido tão falados como esse 'Vamos aprender inglês', que será apresentado duas vezes por semana, a partir de amanhã, exatamente às 21:15. É palpável- em cada pessoa com quem a gente fala- o interesse do grande público ouvinte em torno das aulas com que a Ceará Rádio Clube, o Comitê da Coordenação dos Assuntos Inter-Americanos e a Livraria Aequitas pretendem difundir o mais possível o gosto pelo aprendizado do idioma de Lincoln, tão útil, tão necessário nos dias atuais aos povos de todo o mundo, principalmente o povo brasileiro que dia a dia mais se aproxima do norte-americano. Os sólidos laços com que estamos ligados aos Estados Unidos, tanto no terreno como no cultural e político, impelem-nos a procurar conhecer melhor os nossos irmãos da grande pátria de Roosevelt, penetrando-lhe os sentimentos, a índole, a cultura, o extraordinário papel civilizador que eles exercem atualmente no mundo inteiro. As desgraças da guerra nos aproximaram mais uns dos outros. Em nosso solo vivem hoje milhares de cidadãos norte-americanos, trabalhando conosco na edificação de um futuro melhor. Eles têm uma notável curiosidade por tudo o que constitui a nossa vida, as nossas tradições, as nossas esperanças. São amigos, são irmãos, são companheiros de uma jornada gloriosa e sabem que nunca mais essa camaradagem consolidada sob as vicissitudes do conflito desaparecerá dos seus e dos nossos corações. Por outro lado, os Estados Unidos são hoje a grande atração de todos os brasileiros. Levas e levadas de patrícios

nossos, estudantes, escritores, jornalistas, militares e técnicos em todos os ramos do conhecimento humano demandam a Norte- Americana, respiram a atmosfera febricitante das grandes "urbs" estadunienses, adquirem ensinamentos preciosos para toda a vida. E voltam cada vez mais brasileiros, cada vez mais americanos, entusiasmados com o carinho manifestado pelos 'yankees' a respeito do Brasil, de sua terra e de sua gente. Eis porque o estudo do inglês é hoje uma necessidade para todos os brasileiros. Há um imenso futuro à nossa frente, uma longa estrada a percorrer lado a lado com os nossos amigos do norte. Urge que aprendamos a falar como eles falam, assim como eles já começam a procurar falar como nós falamos. A presença dos militares norte-americanos entre nós deu um extraordinário impulso ao gosto popular pelo inglês. Muita gente dedicou-se ao seu estudo e hoje utiliza os seus conhecimentos não apenas para o prazer da leitura das revistas, dos livros, ou de poder ouvir os programas de rádio ou o que dizem os artistas de cinema - mas, sobretudo, para vencer na vida com mais felicidade, utiliza o inglês como arma na luta por um lugar ao sol. As probabilidades de vitória são, assim, cem por cento maiores. O programa 'Vamos aprender inglês', que a PRE-9 começará a irradiar a partir de amanhã duas vezes por semana, exatamente às 21:15, é uma chance de excepcional valor que ninguém deve desprezar. (...) [JORGE DA ROCHA, professor de inglês:] - O rádio é hoje, talvez, o mais poderoso instrumento de cultura dos povos - disse-nos o presidente do Comitê. Não poderia desprezá-lo, portanto, nesta hora em que, com o advento da paz, mais necessitará se torna a amizade 'yankee'- brasileira. Através de folhetos, livros, mapas, filmes de cinema, palestras, conferências, aulas no Instituto Brasil- Estados Unidos, através de um seu número de iniciativas as mais proveitosas, temos contribuído para solidificar a leal fraternidade que existe entre os nossos dois povos. Agora, chegou a vez do rádio. E dele nos utilizaremos apenas para fazer o mais simples e, sem dúvida, o mais eficiente: dar aulas de inglês. Temos uma coleção de discos maravilhosos. Temos uma emissora cuja obra em favor da solidariedade pan-americana sempre foi e continua sendo de notabilíssima importância. Temos um público curioso e inteligente. Vamos aprender inglês, portanto!' (...) 'As aulas de inglês que PRE-9 vai irradiar serão, como já foi esclarecido, para todos. Um jornal, o 'Unitário', publicará de manhã as lições que a emissora irradiará à noite'."

Em 5/3, Paulo Cabral de Araújo assume a direção geral da PRE-9. E, afinal, no dia 2/8, acontece o grande evento: o começo da veiculação do curso de inglês pela Ceará Rádio Clube. Ao mesmo tempo, é preparado um novo lançamento, 'Ilustração', produzido também por Eduardo Campos e que falará sobre literatura em geral. 'Rosa de Sangue', com a participação de Eduardo Campos e José Júlio, faz o deleite dos radionovelistas cearenses. Em 1946, a penetração das radionovelas já se faz sentir com mais vigor na programação da Ceará Rádio Clube. Uma transposição do que havia acontecido alguns anos atrás no Rio de Janeiro, tão bem relatado pelo colunista Genolino. Corroborar para essa afirmação o fato de que o Correio do Ceará traz, em sua edição de 5/7/1946, uma

programação específica dos eventos de rádio-teatro da emissora. Chega-se ao número de sete veiculações dramáticas simultaneamente na programação da PRE-9! Embora o jornal afirme que os programas musicais ainda são os preferidos do público, mesmo com o sucesso do rádio-teatro.

“P.R.E.-9 – Roteiro para o ouvinte de rádio teatro a partir de 2a-feira, dia 8 2as, 4as, 6as: - às 19 horas – ‘Lágrimas de mãe’ - às 20 horas – ‘A Desconhecida’ 3as, 5as e Sábados: - às 20 horas – ‘Serenata de amor’ – a vida amorosa de Schubert - às 21,10 horas – ‘Duas mulheres e um amor’ 4as e Domingos: - às 21,10 e 15 horas, respectivamente – ‘Vida apertada’ – Memórias do dr Gallão. De 2a a 6a feira: - às 12,45 horas – ‘Arsenal Lupin e a Agulha ôca’ 2a, 4as e 6as: - às 9,30 – Rádio-teatro de ‘Miscelanea’.”

BASTA PÔR UM DISCO NA ABERTURA . . . E TOCA

**NOVA E NOTÁVEL INVENÇÃO
PHILCO
TORNA AUTOMÁTICA
A RÁDIO ELETROLA DE UM DISCO!**

Empurre um disco de qualquer tamanho pela abertura, feche a portinhola . . . e toca automaticamente! Nada de agulhas ou colocação de pick-up ou acertos do orifício do disco no pino central da chapa de rotação!

CR\$ 2.850,00

PHILCO 1201. Rádio-eletrola automática de um só disco em linda caixa de madeira vejada.

VENHA! VEJA! EXPERIMENTE!

O preço acima é para pagamento em prestações
Não precisa de trocar a agulha!
DISTRIBUIDORES:
DUMMAR & CIA.
A CASA DOS BONS PRODUTOS
FORTALEZA — CEARÁ

Philco International Ad. No. 206 (Portuguese)

(Correio do Ceará, 20/1/1947)

Em 9/1/1947 é o dia da estréia de um novo programa, 'Divertimentos em Seqüência', comandado por Eduardo Campos. O programa dá conta da versatilidade do rádio e da diversidade que caracterizava os programas de auditório. O programa seria veiculado às 14 horas.

“Amanhã, é o lançamento do mais novo programa da PRE-9, Divertimentos em Seqüência. “A direção da Ceará Rádio Clube resolveu lançar, amanhã, a partir das 14 horas, Divertimentos em Seqüência – um programa que se divide em várias fases, ora no estúdio, ora no auditório, o que vale dizer que será um ‘broadcasting’ bastante movimentado e que agrada integralmente ao público espectador que estará, amanhã, enchendo o oitavo andar do Edifício Diogo”. As

atrações do programa são as seguintes: 'Homem não', com vozes femininas, e 'De palmatória a mão', uma caixa de perguntas. Além desses, a brincadeira 'Sim - porque não' vai voltar ao cartaz. A Orquestra Guarani, de Mário Alves, de Guilherme Neto, Sexteto Tupy e etc farão apresentações. Manuelito Eduardo vai ser o animador do programa que será patrocinado por: Casa Londres, Casa Cristmas, Farmácia Rio de Janeiro, Paraíso das Criações, Relógio Universal, Produtos Costa Pena (charutos)." (Correio do Ceará, 8/1/1947)

O presente que proporcionará
ALEGRIA ao seu lar!



RÁDIO PILOT

Linha completa de modelos onde V. encontrará o seu rádio



PILOT
garante seu prazer

Tradição de garantia, e há mais de 30 anos um símbolo de qualidade — eis o que lhe oferece a marca PILOT. Estatísticas provam que a maioria dos rádios em uso, há mais de 10 anos, são PILOT! Faça dessa preferência o seu guia. Procure um revendedor autorizado: ele aceitará o seu rádio — mesmo que seja um modelo de antes da guerra — por vantajoso preço, dando-lhe em troca um dos novos e soberbos modelos PILOT, à sua escolha. Aprecie, também, esta excepcional oferta: o rádio-fonógrafo de mesa PB-4, um dos mais lindos e aperfeiçoados modelos da grande linha PILOT. E leve para o seu lar o presente que revelará um mundo de prazer sonoro, para alegria de toda a sua família.

PIONEER RADIO S.A.
CAIXA POSTAL 3313 - SÃO PAULO

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO

(Correio do Ceará, 15/12/1947)

O ano de 1948 inicia com um novo destaque para o rádio. É inaugurada, no Correio do Ceará, a coluna ‘Programa’, dedicada exclusivamente à radiodifusão. No dia 26/1, data de estréia, o colunista afirma que a Coluna vai ser “ um espaço livre para falar sobre as coisas do rádio. Será um espaço especial para os fãs do ‘broadcasting’ dos quais serão aceitas sugestões”. E aproveita para fazer sua estréia divulgando o lançamento de mais um rádio-teatro pela emissora, ‘O Grande Amor de uma Rainha’, uma radionovela de 5 capítulos apresentada pelo ‘Teatro em Casa Iofoscal’. Stella Maria, João Ramos, William Alcântara e Laura Santos vão fazer parte do elenco.

Reafirmando o que havíamos dito anteriormente, os programas instrutivos reaparecem de vez em quando na programação da Ceará Rádio Clube. Em janeiro de 1948 é realizado um concurso para os ouvintes do programa ‘Ginástica pelo Rádio’. O anúncio sai no Correio do Ceará de 27/1.

“A partir de hoje, 27, durante dez dias, o serviço de Educação Física Escolar, promoverá interessante concurso, intitulado ‘Ginástica Pelo Rádio’. ‘O referido certame versará em torno de dez perguntas relativas às aulas de ginástica de PRE-9, mantidas por aquele serviço. Poderá participar dele todo e qualquer ouvinte do programa em apreço. ‘Haverá um prêmio para aquele que acertar em maior número de respostas. Em caso de empate será escolhido, para primeiro lugar, aquele que oferecer respostas mais completas e inteligentes. ‘As respostas deverão ser escritas bem legíveis e enviadas ao S.E.F., na Secretaria da Educação e Saúde. ‘A apuração será no dia 7 de fevereiro próximo, às 10 horas, no gabinete do Diretor daquele serviço.’ As perguntas são as seguintes: 1. Em que dia começaram as aulas de ‘Ginástica pelo Rádio’, nesta capital? 2. Houve quantas aulas, até 27/01/1948? 3. Em que momento chega ao máximo a curva de esforço físico? 4. Enumerar duas vantagens das aulas de ‘Ginástica pelo Rádio’. 5. Enumerar as vantagens capitais das aulas de ‘Ginástica pelo Rádio’. 6. Qual seria o resultado se não levássemos em conta os fatores da duração de cada exercício e motivação pela musica? 7. Seria a dança da valsa um exercício completo? 8. Quais as regiões musculares mais atingidas na execução de um exercício abdominal? 9. O aquecimento inicial das massas musculares dá-se no começo, no meio u no final da aula? 10. Por que devemos fazer ginástica durante a infância, adolescência, a idade adulta e a velhice?”

Merece destaque a percepção da Secretaria de Educação e Saúde das possibilidades apresentadas pelo rádio em torno do processo educativo. Teria sido isso uma prática comum nas ações da Secretaria? Ou teria sido esse um momento também esporádico de sua atuação? O fato é que, pelas perguntas que são formuladas no concurso, percebe-se

que o curso de ginástica seguia um conteúdo estruturado. Outra característica é que havia a preocupação de aproximação entre o conteúdo e o meio pelo qual era veiculado. Daí a relação que era feita entre ginástica e música.

Vamos reencontrar uma ação da Secretaria de Educação e Saúde em torno do rádio educativo em notícia do Correio do Ceará de 22/11/1948. E o que é mais interessante, a ação parte do Serviço de Rádio e Cinema da própria Secretaria, o que indica que a estratégia do governo Vargas de implantar nos estados órgãos funcionais semelhantes aos que existiam na estrutura federal havia alcançado alguns resultados. O Serviço de Rádio e Cinema da Secretaria poderia ser o congênere estadual do que era no âmbito federal o Serviço de Radiodifusão Educativa, do Ministério da Educação.

“Até bem pouco tempo o rádio se ressentia da falta de bons programas para os ouvintes mirins. Não que tal programação fosse inédita para os cearenses, pois a Ceará Rádio Clube, por várias vezes ofereceu esses programas. Agora dois programas estão sendo bem recebidos pelo público: o definitivo ‘Clube Papai Noel’, nas tardes de domingo às 14 horas, apresentado por Paulo Cabral e o ‘Hora Infantil’, organizado pelo Serviço de Rádio e Cinema da Secretaria de Educação e Saúde. Há neles o que há de melhor em matéria de divertimentos e atrações para crianças, cursos de canto, histórias, etc.”

Coincidência, na edição do dia 17/2/1948, o Correio do Ceará publica um extenso artigo de Fernando Tude de Sousa intitulado ‘O rádio e a educação do povo’. Tude de Sousa havia ocupado, no governo Vargas, a direção do Serviço de Radiodifusão Educativa, do Ministério da Educação.

“No próximo dia 20 de abril a radiodifusão nacional completa vinte e cinco anos de existência. Naquela data, um grupo de especialistas, tendo à frente as figuras ilustres de Henrique Morie e Edgard Roquette Pinto, fundou a primeira sociedade de ‘broadcasting’ no Brasil. O ato se processou na Academia de Ciências do Brasil. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje transformada na Rádio Ministério da Educação, estação PRA-2, surgiu com uma elevadíssima finalidade: servir à cultura dos que vivem em nossa terra e ao processo do Brasil. (...) Em poucas partes do mundo a radiofonia interessou inicialmente a tanta gente ilustre e capaz. Hoje, passados 25 anos, com um rádio que, material e tecnicamente, pode ser colocado entre os três ou quatro melhores do mundo, o Brasil devia estar aproveitando melhor este potencial maravilhoso para a educação de seu povo. (...) Não me canso de afirmar a opinião que formulei depois de dois anos de experiência no meio rádio-educativo nacional; no rádio está a única solução contra a ignorância completa de grandes grupos da população do Brasil nos

próximos 10 ou 15 anos. Com incapacidade econômica para dar escola, o Brasil, um país que se pode chamar de privilegiado neste meio moderno de comunicação com a massa ainda não está encarando tais possibilidades como devia estar. Continua desperdiçando um veículo maravilhoso para o seu progresso, aceitando iniciativas que muita vez são deseducativas, tolerando o emprego de uma força que é sua, que é concedida a título precário a particulares, justamente contra o exercício de uma das suas funções: a educação do povo. (...) transitou, pela Câmara dos Deputados, um Projeto de Código para a radiodifusão nacional. O deputado Afonso Arinos de Melo Franco achou-o inconstitucional, A coisa parece que morreu. Mas, segundo ele, já é tempo dos representantes do povo tratarem desse assunto. (...) O Brasil precisa de olhar com muito mais cuidado e mais carinho para o seu rádio. Ao se infira dessa afirmativa que desejamos um rádio meramente 'educativo' no sentido errôneo que, via de regra, se empresta à radiodifusão educativa. No Código de Ética do Rádio norte-americano diz que nenhum programa deve deixar de conter elementos morais e educativos. A ONU e a Unesco querem (...) criar uma rede mundial, pois acham que o rádio é "o veículo mais eficiente para atingir tanto a parte culta como a parte 'silenciosa' do mundo".

Tude de Sousa apresenta algumas idéias que parecem bastante atuais. O sentido que deve ter o rádio educativo, por exemplo. Por suas palavras, apreende-se que não seria o ensino formal transposto para o veículo. E sim que cada programa de rádio poderia conter "elementos morais e educativos". Mas aí, deixa transparecer a compreensão deturpada de que ao rádio é dada a tarefa de 'normalização social' da sociedade, tal qual o discurso que permeava as ações de reforma urbana realizadas em Fortaleza desde o século XIX, e que carregavam um estigma de higienização também moral. Sua orientação educativa se mostra questionável, porquanto seria levar a educação, não se sabe formulada por quem, aos 'ignorantes' da sociedade. E mais uma vez passa ao largo da falta de vontade política dos governantes e coloca na falta de recursos financeiros a razão dos problemas educacionais –parece que a história vem de longe.

Aproveitando-se da deixa do articulista nacional, o colunista Orígenes, que retoma a Coluna 'Rádio', no Correio do Ceará, também fala sobre as possibilidades do rádio educativo, na edição de 24/2/1948. Ele afirma que "Precisamos, quanto antes, levar aos ouvintes os programas de literatura, oferecer ao público ouvinte um rádio mais educativo, revivendo momentos literários e informando sobre o que está acontecendo, para que, nas bibliotecas, não se procure apenas os autores velhos e, muitas vezes, fóra de uso".

Orígenes dá sua receita para esse tipo de programa: “Um programa moderno de literatura, para o rádio, deve ter duas faces. A primeira, aquela que relembramos os verdadeiros vultos da intelectualidade. A segunda, puramente informativa, revelando todas as correntes novas e os escritores que marcham para o caminho da glória”.

Qual a percepção que os nossos entrevistados da época tinham sobre essa relação rádio e educação? Eles encontravam na programação da Ceará Rádio Clube elementos que confirmassem uma orientação educativa da emissora?

“(...) essa programação ela era feita em função da, da formação, né, formação cultural daquelas pessoas que tinham é... que demonstravam interesse pela profissão de comunicação social. [como ele era professor, se os alunos dele comentavam a programação de rádio] Comentavam nada! [risos]. Comentavam nada! Não tinham capacidade ainda para isso não.

O que se ouvia mais eram aqueles programas é... que a humildade do povo, digamos assim, é... aceitava aquilo de bom grado, né, achava que estava sendo valorizado, então, eles aceitavam de bom, de bom grado.”
(Geraldo Nobre)

“Ah, isso o rádio era! [educativo] O rádio de bom nível, os programas eram culturais, entendeu? Os programas tinham o sentido cultural. Eu me lembro quando o Otacílio escreveu um programa, ele ia buscar fontes na cultura popular quando ele, ele fazia um programa, ele escreveu um programa sobre música popular. Ele ia às raízes da música popular. Eles iam buscar realmente aquelas figuras mais importantes da história da educação no Brasil. (...) Era um rádio de alto nível, você não se permitia baixaria no rádio.

Na Ceará Rádio Clube, Enquete, que era um programa que se ouvia determinadas figuras do mundo político do Ceará, aí o sujeito fazia a pergunta e ele respondia. Este programa foi conduzido pelo João Jacques, se eu não me engano pelo João Jacques, que foi quem redigiu o programa. Então o programa era muito interessante porque ele despertava uma curiosidade muito grande nas pessoas pra saber quem era o entrevistado. Fazia a entrevista, fazia as perguntas e a pessoa respondia, sempre no sentido cultural.

As festas, 7 de setembro, 15 de novembro sempre elas eram recheadas de, de, de, de entrevistas, de números com o, o, o Sete de Setembro. Por exemplo, o colégio 7 de Setembro, do doutor Edilson Brasil Soares, fazia programas interessantíssimos sobre o Sete de Setembro, sobre a história do Brasil e tudo isso. O 15 de novembro também era bem comemorado, as datas mais importantes do país não eram esquecidas na rádio.

Eu acho que era exatamente esse tipo de coisa de programa, de sentido cultural, em que havia uma participação da, do que tinha de melhor da

intelectualidade cearense, assim. O nome do programa eu não tenho ele gravado, não. Mas eu sei de participação muito intensiva da população nesse programa.” (José Júlio)

“Era um lazer, mas o rádio, na época, era um pouco mais educacional, né? Os locutores daquela época, quando eles iam fazer um teste, eles tinham que saber um pouco de inglês, um pouco de francês, é, é...” (Santiago Freitas)

“Não recordo, assim, não penso que existia isso, não havia um, por exemplo, programas musicais que de certa forma educavam, músicas clássicas, mas não havia um... a não ser um programa educativo que... perai, programa educativo... mas não lembro muito não, mas a programação de uma forma geral não se preocupava com isso não, e se preocupava sem dizer.

Eu tava lembrando nessa época, por exemplo, do meu pai, eu não via isso especificamente, mas havia uma, uma, um, como se diz, um tipo de programação que induzia a que se pensasse que ela estava educando os ouvintes. A parte mais de educação veio nascer no rádio depois dos anos cinquenta, começaram a aparecer é... programas orientando as pessoas, não assim dizendo como é que uma pessoa deve escrever, mas uma cultura de maneira geral quando anunciava, por exemplo, um programa que anunciava, um ia anunciar uma música e dizia, falava, explicava como é que era, havia os chamados programas montados que não eram assim, e agora cultura pra você não era um programa, que era cultura sem dizer que estava fazendo cultura, era isso que acontecia, eram programas escritos.

Havia produtores, havia um produtor aqui chamado Albuquerque Pereira, que hoje em dia ele deve estar no Recife, havia Geraldo Fontenele, pra você ter uma idéia ele depois ele foi membro da Academia e era produtor de rádio, Eduardo Campos era produtor de rádio, então todos os programas que eles escreviam pressupunham uma, um, uma cultura que estava se oferecendo ao povo em termos musicais, em termo de, de música e de até se revivendo histórias. E os programas de auditório a gente vai conversando até que chegam as perguntas, todas eram feitas baseadas em, por exemplo, essa questão de dizer esses problemas que dizem respeito à estrutura do Brasil, à história mundial então havia também uma preocupação nos programas de auditório, os prêmios eram dados em dinheiro, em espécie através de uma resposta de uma pergunta que significava uma cultura.” (Narcélio Limaverde)

A percepção da programação da Ceará Rádio Clube, a partir de nossos entrevistados, encaminha-se para um sentido educativo da programação numa compreensão mais ampla. Um dado importante para essa análise era a formação dos profissionais que faziam o rádio. Muitos intelectuais da época freqüentavam os microfones da emissora, possibilitando um ambiente favorável à troca de conhecimentos com os profissionais do rádio. Como testemunha Eduardo Campos.

Eu tive (...) a sorte de entrar numa empresa em que as pessoas gostavam de letras, literatura, música, de cultura. O Dermival Costa Lima era homem de boa conversa, o Antônio Maria, idem.- para falar nos dois grandes diretores dessa fase do começo dos anos quarenta. Assim, quando eu me iniciava, o rádio estava também bem servido de intelectuais. Informo: tínhamos no rádio, naquela época, o Antônio Girão Barroso, o Aluísio Medeiros e o poeta Otacílio Colares. O Otacílio, redator e sonetista moderno, muito romântico, desses que em casa fazia tocar bolero para dançar com a esposa.“

Um outro aspecto a ser observado é que, como os salários eram relativamente baixos, quase sempre o profissional necessitava de uma outra ocupação, o que o fazia investir em sua formação.

E na Ceará Rádio Clube, mais algumas novidades. Seriam inauguradas as reportagens externas através de transmissores FM, que dispensavam a necessidade de linhas telefônicas, em matéria publicada pelo Correio do Ceará de 7/8/1948, o que reafirma a preocupação da emissora com o radiojornalismo; e estréia, no dia 31/8, os ‘Comandos Musicais’. Outra novidade, o programa era realizado nos bairros de Fortaleza.

“O ‘Comandos Musicais’ iniciam amanhã as suas atividades prometendo aos moradores dos diversos bairros de nossa capital uma visita a cada um deles com a sua equipe de artistas. Durante o programa haverá demonstração da F.M. e ainda o possante serviço de alto-falante na Praça da Escola de Cadetes.”

O ‘Sala de Concertos’, em setembro também era anunciado, um programa de música “fina, como o próprio título indica. No seu roteiro só serão apresentados número de relevo, de autoria de compositores consagrados. (...) A redação do programa, além de fornecer ao ouvinte um rápido resumo da vida do compositor a ser focalizado, dará explicações sobre o gênero da música a ser executada.” Ainda na mesma mês, estreariam ‘Um Show em Sua Casa’ e ‘Mesa Redonda’. ‘Um Show em sua Casa’ era patrocinado pela sorveteria Eldorado e acontecia às 20 horas, quando o apresentador visitava as casas dos ouvintes sorteados. ‘Mesa Redonda’, apresentado por Luciano Carneiro, passava às 21 horas, com debates de assuntos de interesse popular.

Em outubro de 1948, o Correio do Ceará noticia 15 horas e meia de programação ininterrupta da Ceará Rádio Clube.

“A partir do dia 06/10/1948, a Ceará Rádio Clube vai ter programação ininterrupta das 6:30 às 22 horas. O intervalo de 14 às 17 horas vai acabar. Essa nova programação faz parte das comemorações do 7º aniversário da emissora [de ondas curtas]. Será irradiado também um programa para o exterior, das 16 às 18 horas, através da ZYN-7. A Ceará Rádio Clube tem dois transmissores, um de ondas médias (Victor de 10 quilowatts) e outro de ondas curtas (Marconi de 5 quilowatts).” (3/10/1948)

Outras atrações estréiam na programação da PRE-9. ‘Programa dos Comercíarios’, transmitido às 12:30; ‘Melodias da Brodway’, às 21:00; ‘Vesperal das Moças’, um programa para senhoritas. É uma das atrações de maior sucesso da PRE-9, que passa a partir das 15 horas com as seguintes atrações: ‘Boa Tarde’, ‘Clube dos Fans’, ‘Receitas e curiosidades para o seu ‘menu’, ‘Da primeira fila’, ‘Sociais’, ‘Cancioneiros dos namorados’, ‘Consultório Sentimental’ e ‘Música para o seu bom gosto’. O programa ‘No bolso ou no poço’ é animado por Cabral de Araújo às 20 horas, com atrações e prêmios para os ouvintes de casa e do auditório com Valter Machado, o ‘imitador inimitável’. ‘Paisagem Sertaneja’ também é uma das atrações da Ceará Rádio Clube. Esse programa começa às 20:30, é repleto de músicas regionais e bastante escutado no Interior do Estado. ‘Sala de Concertos’, às 21:00, com apresentação da pianista Maria de Lourdes Gondim; ‘Ronda Sentimental’, às 20:30, com apresentação de Guilherme Neto; ‘Programa do Motorista’, patrocinado pela J. Macêdo; ‘Teatro infantil da Casa Zuca Acioli’; ‘Passatempo das nove’, às 21 horas, com Adamir e Juan Fernandez.

Para se ter uma idéia da diversidade da programação, e da efemeridade que tinha cada programa, fizemos uma contagem dos nomes dos programas em vinte dias de programação, no período que vai de 5/2/1948 a 16/12/1948. Retirando-se os títulos que poderiam sugerir apenas edições de um mesmo programa, chegamos à contagem de 96 programas! Que foram veiculados pela Ceará Rádio Clube, dos mais diferentes gêneros e formatos. Se esse levantamento fosse realizado desde o início de suas transmissões...

- 1) A canção lusitana
- 2) A sua voz preferida
- 3) A voz da beleza
- 4) Agência Nacional
- 5) André Kostelanetz e sua orquestra de concerto
- 6) Ângelus
- 7) Aprenda Inglês pelo Rádio
- 8) As Manchetes do Dia
- 9) Audições ‘A Cearense’
- 10) Boa Tarde

- 11) Boletim do Esporte
- 12) Boletim do Palácio da Luz
- 13) Bom Dia Fortaleza (crônica)
- 14) Brasil em tempo de samba
- 15) Caixinha de música' com Irmãos Vocalistas e Hidelberto Torres
- 16) Cancioneiros dos namorados
- 17) Canções Brasileiras
- 18) Cartaz cinematográfico
- 19) Cartazes Associados
- 20) Casino lá-menor
- 21) Chá das Cinco
- 22) Clube dos Fans
- 23) Cocktail para dois
- 24) Cocktail Sonoro
- 25) Coisas que o Tempo Levou
- 26) Comandos Musicais
- 27) Consultório Sentimental
- 28) Convite à Serenata
- 29) Convite ao Tango
- 30) Coros famosos
- 31) Correspondência estrangeira
- 32) Cotações da praça
- 33) Da primeira fila
- 34) Desenho Animado
- 35) Devaneio Musical
- 36) Diário do Legislativo
- 37) Divertimentos em Sequência
- 38) Em tempo de Samba
- 39) Estúdio
- 40) Galeria de Compositores cearenses
- 41) Galeria de Valsas Brasileiras
- 42) Grande show
- 43) Grande Jornal Prenove
- 44) Hora Luterana
- 45) Ilustrações Musicais
- 46) Informações úteis
- 47) Informador Comercial
- 48) Inglês pelo Rádio
- 49) Inspirações Latinas
- 50) Jornal da Cidade
- 51) Melodias da Broadway
- 52) Melodias de Amor
- 53) Melodias queridas
- 54) Mensagens Sonoras
- 55) Milionários do Ritmo
- 56) Música de Jazz
- 57) Música do Tio Sam
- 58) Música para o seu bom gosto
- 59) Noticiário Radiofônico da Agência Nacional
- 60) Notícias da Secretaria do Governo
- 61) Noturno de Fortaleza
- 62) Novidades do repertório nacional
- 63) Organistas Célebres
- 64) Orquestras Famosas
- 65) Os cancioneros dos namorados

- 66) Os grandes mestres do violino
- 67) Páginas Favoritas
- 68) Páginas imortais de Chopin
- 69) Palestra da Semana da Economia
- 70) Parada de conjuntos vocais
- 71) Programa da Casa do Bebê
- 72) Programa do Comerciário
- 73) Programa Ruby
- 74) Provol's Golden Birds
- 75) Rádio Telefone Urodonal
- 76) Rádio-baile Joanino
- 77) Rádio-teatro
- 78) Receitas e Curiosidades para o seu 'menu'
- 79) Ritmo e Romance
- 80) Ritmos das Américas
- 81) Ronda Sentimental
- 82) Saudades de Ontem
- 83) Seleções das Três Américas
- 84) Seleções de discoteca
- 85) Show das Quintas
- 86) Sociais
- 87) Solos de órgão
- 88) Sucessos Musicais do cinema
- 89) Suplemento Radiofônico de 'Unitário'
- 90) Teatro em casa Iofoscal
- 91) Um 'show' em sua casa
- 92) Um cartaz da música popular
- 93) Um poema e uma canção
- 94) Valsas prediletas
- 95) Vespéral das Moças
- 96) Vozes célebres do cinema

A que se deve tanta diversidade? E a efemeridade que cada programa apresenta? Em sua coluna 'Rádio', Orígenes afirma que os programas tinham permanência média de três meses no ar. A curta permanência dos programas estaria vinculada ao 'aprendizado' que ainda faria parte de uma emissora 'nova' de rádio de 14 anos de idade, de um veículo que há 25 anos tinha feito sua estréia no Brasil? E a diversidade? Estaria vinculada, agora, a inserção mais forte da publicidade no patrocínio dos programas, que exigiam exclusividade? Ou tanto a efemeridade como a diversidade dos programas estariam relacionadas à preocupação da emissora em torno do interesse dos ouvintes? Uma espécie de 'tatear' o que esperava o público, e assim potencializar a interação com as produções da emissora?

Fato é que, segundo Lopes (1988, p.110), o Rádio logo se configurou como o primeiro meio de comunicação verdadeiramente de massa. Essa condição pode ser medida pela própria preocupação do Estado, que já em 1931 regulamentava oficialmente seu

funcionamento, liberando seu uso para exploração comercial. E a liberação fez diferença no seu desenvolvimento. O que se descortinava era o poder de mobilização que o rádio começava a demonstrar. E um alcance que extrapolava as tímidas circulações dos jornais impressos. Possibilidades de mediações educativas? Talvez. Mas, antes de tudo, o poder de manipulação da informação. A partir da produção, mas também pela recepção.

“Outro dia, conversa vai, conversa vem, falou-se no poder de penetração do rádio. Sim, o rádio hoje está em toda parte, no botequim, no palacete residencial, na mão da mocinha que vai ao pic-nic, dentro do automóvel, no avião... Em qualquer parte estará o rádio ensinando e instruindo e, quando mal orientado, solapando a educação popular. (...) Mas, digamos e repitamos, o rádio é um grande poder. Mete-se em nossos menores desejos, anuncia-se em nossos sonhos, na vontade que temos de possuir uma casa, de dar um passeio, etc. E vem então a presença do rádio que anuncia uma nova tinta, uma viagem de turismo, os encantos de uma terra distante ou até mesmo do sabonete que dá estrelas... (...) E as donas de casa se movimentam. Improvisam confortáveis assentos para os espectadores dos dramas radiofônicos, embora o chefe de família não esteja de acordo. Mas um dia, ele acaba indo também para o pé do rádio, ouvir a razão do soluço da esposa, dos filhos e das vizinhas. E acabará chorando também, porque o rádio tem um poder terrível e contamina, quando não arrebatá.” (Orígenes, Correio do Ceará, 7/12/1948)

OS ARTISTAS E OS ANÚNCIOS

(crítica - Alvarenga/ Paulo Queiroz - Canta: Ranchinho e Rogério Guimarães -1948)

(Paródia de anúncios divulgados no rádio, substituindo os produtos por artistas de rádio)

Nesse mundo tem muito puxa-puxa
 Que com nós vai ficar aborrecido
 Pois nós vai mexer com os maiorais
 E quem não gostar é mio tapar os ouvidos
 Vicente Celestino quando abre a voz
 Aborrece os ouvidos de todos nós
 Santos de nós, santo de nossos avós

Na sua casa tem Tino Melo, não vou lá
 Na sua casa tem Jorge Veiga, não vou lá
 Peça licença pra mandar
 Pedro Raimundo no meu lugar

Adeus Mariana que eu já vou
 Me embora
 Cadê a Mariana?

Essa é pro fornecedor Carlos Frias
 Aracy cantar com o nariz nunca vi
 Linda Batista canta discretamente, na Glória!
 Emília Borba canta escandalosamente, escandalosa!
 Mas todos param de cantar é quando termina o seu contrato

Seu César Ladeira a ladeira
 Bonitão e soberbo
 Que a Marisa adora
 Fica sai não sai
 Nesse vai não vai
 Nunca chega a hora
 César Ladeira sai da lata
 Pra seu banheiro Lamartine Barbo Vale Quanto Pesa
 Papai! Ô papaizinho! Eu quero Saint Clair
 Sim Zezinho, Saint Clair é uma delícia!
 Ari Barroso, mineiro do rádio fiel
 Ta cheio da gaita, mas gaita em papel
 Use e abuse do Grande Otelo
 Que já vem queimado
 Alencar, Alencar sua “urêia” é de espantar
 Alencar, Alencar sua “urêia” é de espantar

9 Percepções derradeiras

Teria a Ceará Rádio Clube se orientado por um viés educativo quando de sua instalação, em 1934, aqui no Ceará? Seria a PRE-9 uma representante à altura do pensamento de Edgard Roquete-Pinto, que sonhava em um rádio ‘levando’ a educação para segmentos cada vez mais amplos da sociedade? Ou a emissora teria de curvado ao tino comercial de seu fundador, João Dummar, e se transformado num instrumento para a consolidação de sua inserção no mercado consumidor fortalezense, através da Casa Dummar, também de sua propriedade, e que comercializava, inclusive, aparelhos receptores de rádio?

A percepção que transparece quando analisamos os documentos, as programações, ouvimos os relatos dos radialistas e acompanhamos a cobertura do Correio do Ceará sobre a implantação do novo meio de comunicação no Ceará é que a orientação da Ceará Rádio Clube apresenta elementos que a colocam ora junto à orientação educativa, ora próxima da orientação comercial.

Alguns elementos a fazem aproximar-se de uma orientação comercial. A tradição da família Dummar, do ramo do comércio, e de um povo mundialmente conhecido pelas suas habilidades no trato com o mercado, o povo sírio-libanês, fazem crer que os interesses comerciais não poderiam estar ausentes na utilização da Ceará Rádio Clube. A natureza das primeiras irradiações deixa esse aspecto mais nítido, quando enseja protestos de vendedores praticistas que se sentem incomodados com a estratégia agressiva da publicidade radiofônica. Sem falar que essa mesma publicidade já era realidade quando o Ceará Rádio Clube não passava de um simples auto-falante instalado num salão nobre de um clube elegante de Fortaleza.

O desenvolvimento do setor de publicidade, no processo de estruturação da emissora, também revela a preocupação de seu proprietário com os serviços comerciais. José Júlio revela os cuidados com os anúncios.

“As caixetas, as caixetas, eram... é... eram, um albusinho, onde tinham os anúncios, você ouviu? Tinham os anúncios, você lia os anúncios pelas caixetas. (...) tinha que ser lido por escrito, você não improvisava. Só apenas quando se tratava de um programa de auditório é que você

poderia perfeitamente fazer alguma coisa fora do texto, fora do que não estava pedindo, do que não estava escrito, mas o resto era tudo escrito.”

Isso numa época em que os roteiros, ou scripts, ainda não eram uma rotina no sistema de trabalho da emissora. Os locutores, ou ‘speakers’, já nos tempos de Valdemar Caracas (1938-1939), recebiam gratificação pela leitura dos anúncios. Essa estruturação do setor foi também resultado da profissionalização dos comerciantes de Fortaleza, que acompanhavam quantas vezes o anúncio tinha ido ao ar e se aquela quantidade correspondia ao estabelecido, geralmente de forma direta com o próprio João Dummar, que comandava as negociações.

Toda essa estrutura sofreu um aprimoramento quando da incorporação da Ceará Rádio Clube pelo condomínio dos Diários e Rádios Associados, a partir do trabalho de profissionais de outros centros, onde o rádio já se consolidava, e onde os Diários mantinham emissoras. Nesse momento, mais programas passaram a ter patrocinadores próprios, significando, também, uma ‘aposta’ do mercado no poder de penetração que o rádio já detinha junto à população. Os anunciantes chegavam a influir no conteúdo de determinados programas, identificando aquele que melhor se coadunava com o produto em exposição. Alguns programas incorporavam o nome do produto anunciado a seu próprio nome.

Em relação à orientação educativa da PRE-9, os elementos também são evidentes. E alguns desses elementos se relacionam aos mesmos parâmetros que faziam o lado comercial aflorar em determinadas ocasiões. Assim é que a figura de João Dummar também contribuía para que os elementos educativos estivessem presentes na orientação da Ceará Rádio Clube. A sua aproximação com a cultura, a arte e homens de letras o direcionavam para a idéia educativa da emissora. O imaginário social à época, de ‘levar’ a educação para os segmentos ‘ignorantes’ da sociedade era o substrato amplo dessa orientação.

As irradiações iniciais também comprovariam essa orientação. Programas veiculadores de bons costumes, culinária para as senhoras, boas maneiras para as senhoritas, higiene para todos. Sem falar nas palestras econômicas, aulas de ginástica, módulos de inglês. Identificamos, então, duas vertentes desses elementos educativos. Em sua maioria,

resvalam para o sentido de uma educação não-formal, ou informal. Noutros casos, poucos, mas expressivos, ocorre uma nítida tendência de aproximação com a educação formal.

A orientação educativa também estava presente num processo mais amplo. O surgimento de uma nova tecnologia, e sua apropriação pela sociedade, mobiliza uma interação que abre uma perspectiva de adoção de novos hábitos, novos costumes, outras percepções, novas sociabilidades. Embora esse processo interativo que se estabelece entre tecnologia e sociedade não seja uniforme.

“Não se trata, é claro, de retornar às denúncias paranóicas, às concepções conspiratórias da história, que acusavam a modernização da cultura massiva e cotidiana de seu instrumento dos poderosos para explorar mais. A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais ou os contradiz. Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. Há setores sociais com capitais culturais e disposições diversas de apropriação delas, com sentidos diferentes (...)” (CANCLINI, 2003, p. 308)

Assim é que se estabelecem duas instâncias na abordagem educativa da Ceará Rádio Clube. Numa, uma instância mais ampla, macro, compreende-se que a inovação tecnológica, assumida pelo rádio, gera um estranhamento inicial, mobilizador de novas percepções, que podem se configurar em novos hábitos, novos costumes, novas atitudes, outras sociabilidades. Estaríamos, desse modo, frente ao movimento de uma sociedade educadora.

“Solo un interesado malentendido puede estar impidiéndonos reconocer que sociedade multicultural significa em nuestros países no solo la existência de la diversidad étnica, racial o de género, sino también aquella outra heterogeneidad que se configura entre los indígenas de la cultura letrada e los de la cultura oral, la audiovisual y la digital. Culturas em el más fuerte de los sentidos puesto que em ellas emergen y se expresan mui diferentes modos de ver y de oír, de pensar e de sentir, de participar e de gozar.” (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 93)

Complementando o que Barbero evidencia, apenas ressaltamos que a sociedade educadora se faz em torno de dois pólos. Se, por um lado, as percepções mudam, por parte da sociedade, frente à assunção da nova tecnologia, do outro lado a parafernália tecnológica também sofre as conseqüências de uma ‘leitura’ da sociedade a seu

funcionamento. Dessa maneira, a tecnologia também ‘vai’ se adaptando ao processo de interação com a sociedade, quando, por exemplo, a válvula é substituída pelo transistor para dar mobilidade ao rádio, por conta de não ser necessário se postar diante do aparelho para deleitar-se, como é o caso da televisão, estática pela imagem.

A outra instância, na abordagem educativa da Ceará Rádio Clube, é da ordem dos conteúdos, no âmbito de gêneros e formatos, quando novas técnicas de comunicação radiofônica são trabalhadas para possibilitar uma maior efetividade da comunicação. Essa outra ‘adaptação’ pode ser notada em vários momentos de sua programação. Em movimentos mais amplos, quando se aproxima do cotidiano da sociedade, possibilitando uma interação mais efetiva por conta de uma comunicação significativa. Em contextos mais reduzidos, mas não menos importantes, quando coloca à disposição do ouvinte um telefone para que a participação seja efetiva. Ou em movimentos mais sutis, quando estabelece um *Ângelus* às seis horas da tarde, momento em que a cultura sertaneja, que acompanha a origem das famílias de Fortaleza, pára num momento de reflexão. Desse modo, como no âmbito da tecnologia, os gêneros e formatos radiofônicos, e suas linguagens, também sofrem o direcionamento que vem da sociedade.

No entanto, deve-se compreender também que as possibilidades de manipulação, de ambos os lados, não são irrestritas. Essa manipulação sofre várias condicionantes: nível de acesso à informação, contexto em que ela se desenvolve, nível de organização social, apropriação cultural da tecnologia pela sociedade, entre outros fatores. A absolutização dessa relação de manipulação poderia nos levar à compreensão de que essa permeabilidade do rádio (meio) à sociedade chegaria a seu ápice quando da afirmação de que ‘veiculamos o que o povo quer, o que o povo gosta’, tão comum nos debates de hoje sobre a democratização da comunicação.

Mas, como nos lembram Canclini e Barbero, os movimentos de influência podem ter forças desiguais. Veicula-se também o que o proprietário do meio quer, o que ele gostaria que o povo gostasse. Ele também é povo. Mas atua socialmente a partir de um papel definido, de proprietário de um meio de comunicação de massa. É nessa mediação que se insinua o movimento educativo da comunicação, no processo de barganha que se verifica entre produção e recepção da mensagem. O que esse trabalho tenta trazer são

alguns elementos que possibilitem que a balança da permeabilidade pese para o lado do meio, incorporando os anseios da sociedade.

Quando essa mediação se dá a partir dos movimentos sociais organizados, mais profícua será. Porque incorpora o princípio educativo da atuação dos movimentos, fazendo com que essa mediação seja partilhada por uma parcela maior da sociedade, favorecendo seu empoderamento. Esses elementos da mediação, discutidos aqui, podem apontar para uma melhor atuação desses movimentos em seu convívio com os meios de comunicação. Isso considerando que nem os meios, nem a sociedade, tampouco os movimentos sociais, são algo monolítico. Ao contrário, a diversidade é o que os constitui.

Diríamos, então, que no primeiro âmbito, das inovações tecnológicas, estaríamos no ambiente das ‘possibilidades’ educativas; enquanto no outro âmbito, dos conteúdos, levaríamos a crer nas ‘intencionalidades’ educativas. Essas intencionalidades podem se relacionar aos mais diversos campos, incluindo-se aí o campo da moralidade, política, cultura, economia, educativo –formal ou não-formal, e assim por diante. Para que essas intencionalidades seja efetivas é que o rádio lança mão do que poderíamos chamar de ‘didática da comunicação educativa’. Na mediação entre esses dois pólos, que em algumas ocasiões se entrecruzam, a interferência do Estado. Foi assim quando, no âmbito do campo das possibilidades, o governo federal incentivou a instalação de fábricas de aparelhos receptores no Brasil. Foi assim também que, no âmbito do campo das intencionalidades, estruturou-se um aparelho censor de controle da informação e se estabeleceu parâmetros de utilização do rádio para a efetivação de uma política educacional centralizada politicamente e culturalista.

A percepção dos âmbitos da relação comunicação e educação acrescenta alguns elementos à discussão atual sobre a aproximação conceitual dessas áreas. A percepção de uma didática da comunicação educativa abre uma nova perspectiva de aproximar elementos conceituais das duas áreas dessa relação. Entre os âmbitos da relação e a didática da comunicação educativa podem ser visualizadas complementaridades, cujos elementos, embora dispersos, são anunciados em perspectivas anteriores da pesquisa da aproximação comunicação e educação.

O que se percebe é que a análise sobre a relação comunicação e educação tende a manter uma linha de objetivos que faz uma ponte entre as instâncias micro e macro do objeto estudado. Um exemplo, a produção de programas radiofônicos, de orientação educativa, tem o intuito de transformar a situação de opressão dos menos favorecidos. E, assim, se estabelecem sinapses entre os processos de produção da comunicação, do ambiente escolar, da educação para a mídia, dos meios de comunicação, da sala de aula e a transformação social. Vamos perceber, também, que essa tal de relação entre comunicação e educação já avança na idade, embora rejuvenescida pela ação de novos conceitos.

Não por coincidência, esse é o título do capítulo I do “Producción de Programas de Radio: el guión – la realización”, de Mario Kaplún, publicado em 1973, mas produto de sua práxis reflexiva desde a década de 50. E é através de Kaplún que podemos mediar nossa compreensão sobre a proximidade entre rádio e realidade local dando conta da relação comunicação e educação. Nos estudos de Kaplún se insinua a instância micro dessa relação, propícia à urgência da realidade opressora dos governos caudilhescos das nações latino-americanas.

A compreensão sistêmica da realidade é a base do conceito de Kaplún sobre educação radiofônica. Para Kaplún, a educação radiofônica

“(…) será entendida aqui en un sentido amplio: no solo las emisiones especializadas que imparten alfabetización y difusión de conocimientos elementales, (...) sino también todas aquellas que procuran la transmisión de valores, la promoción humana, el desarrollo integral del hombre y de la comunidad; las que se proponen elevar el nivel de conciencia, estimular la reflexión y convertir a cada hombre en agente activo de la transformación de su medio natural, económico y social”.
(p. 21)

Daí propor, apoiado em Bordenave, que a educação que deva estar na base de iniciativas de educação radiofônica seja aquela que tenha como base os processos, que estabelece um estreito vínculo entre educação e realidade. Ou seria educação contextualizada, que descortina uma realidade obscurecida por imaginários? “No se preocupa tanto de la materia a ser comunicada ni de los resultados en términos de comportamiento, sino más bien de la interacción dialéctica entre las personas y su realidad”. (idem, p. 32)

O sentido fundamental dessa concepção de educação radiofônica consiste na transformação de um homem acrítico em um homem crítico; de um homem a quem os condicionamentos do meio lhe impõem uma postura passiva, conformista, fatalista, a um homem que assume seu próprio destino; um homem capaz de superar suas tendências egoístas e individualistas e abrir-se aos valores solidários e comunitários. Compreensão forjada na necessidade da transformação social da América Latina, ainda sob a dominação de chefetes políticos que utilizavam o poder como forma de enriquecimento ilícito.

Ao final, trata-se de uma educação radiofônica problematizadora, em que o aprender a aprender torna-se seu processo básico, como afirma Kaplún, ainda citando Bordenave, e numa clara alusão a Paulo Freire (1975), capaz de superar a compreensão imaginária da realidade:

“la comunicación y la educación tiene por objeto ayudar a la persona a ‘problematizar’ su realidad, tanto física como social. Se busca estimular la inteligencia del hombre, para que ella crezca en el sentido de hacer más compleja su estructura y más rápido y flexible su funcionamiento’ (...) que se haga capaz de razonar por su cuenta de ‘superar las constataciones puramente empíricas e inmediatas de los hechos observados y desarrollar su propia capacidad deductiva’”. (KAPLÚN, 1973, p. 33)

A importância do contexto nos processos de educação radiofônica é reforçada por Kaplún, a partir da compreensão da educação problematizadora. Para ele, um programa de rádio pode constituir-se em um elemento útil e válido de educação popular se parte da “realidad social concreta del grupo humano al que se dirige, ayuda a esse grupo a asumir y tomar conciencia de esa realidad, y se identifica em su acción educativa a los intereses sociales del grupo” (idem, p. 35).

Como um bom guia, Kaplún estabelece as características que devam ter os programas de rádio para se assentar em uma educação radiofônica problematizadora. E nesse momento transparece toda sua preocupação com a instância micro da relação comunicação e educação. Os programas de rádio que queiram ter a chancela de educativos

- Estimulam o desenvolvimento de processos nos ouvintes, mais que simplesmente inculcá-los conhecimentos ou com o intuito de perseguir resultados práticos imediatos;
- Ajudam o ouvinte a tomar consciência da realidade que o rodeia, tanto física como social; a integrar-se a essa realidade; partam de sua própria problemática concreta, de sua situação vivencial;
- Facilitam os elementos necessários à compreensão e problematização dessa realidade. São programas problematizadores;
- Estimulam as inteligências, exercitando o raciocínio; façam pensar, levando a uma reflexão;
- Identificam-se com as necessidades e os interesses da comunidade popular a que se dirigem. Procuram que ela descubra essas necessidades e interesses;
- Estimulam o diálogo e a participação. Em alguns casos devem tomar a forma de programas diretamente participativos, criando as condições pedagógicas para o desenvolvimento de uma prática de participação, acentuando os valores comunitários e solidários, levando a processos de cooperação;
- Estimulam o desenvolvimento da consciência crítica e a tomada de decisão autônoma, madura e responsável;
- Colaboram para que o ouvinte tome consciência da própria dignidade, de seu próprio valor como pessoa.

De Kaplún a outro latinoamericano. A identificação da relação entre comunicação e educação para Paulo é intrínseca à defesa cerrada que Freire faz ao humanismo, no qual o diálogo aparece como uma qualidade própria dos homens do vir a ser, e não dos homens que são coisa. Paulo Freire identifica no diálogo necessário à educação problematizadora o instrumento por onde se revela a comunicação. E estabelece suas relações. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1988, p. 69). Para Freire, “apenas o diálogo comunica realmente” (LIMA, p. 64 e 65).

Freire ainda vai mais longe, ao situar esse diálogo como uma exigência radical da revolução, diálogo que responde ele mesmo a uma outra exigência radical, enquanto elemento constituído do próprio ser humano,

“a dos homens que não podem ser fora da comunicação, pois que são comunicação. Obstaculizar a comunicação é transformá-los em quase ‘coisa’ e isso é tarefa e objetivo dos opressores, não dos revolucionários” (FREIRE, 1975, p. 178).

Saindo de uma concepção interpessoal de comunicação, Freire também pensou os meios de comunicação de massa. E aí as relações entre comunicação e educação tendem ainda mais a se fortalecer, pois que Freire aproxima os meios de comunicação da escola:

“O que a escola teria que fazer era aceitar mudar. Aceitar revolucionar-se, em função da existência crescente de outros instrumentos, que necessariamente não fariam, ou não fazem o trabalho que ela faz, em termos sistemáticos, mas sem os quais a escola prejudica o seu trabalho sistemático (...). Então, para mim, a questão que se colocaria não era o fim da escola, a morte da escola. Para mim, é a demanda de uma escola que estivesse à altura das novas exigências sociais, históricas, que a gente experimenta. Uma escola que não tivesse, inclusive, medo nenhum de dialogar com os chamados meios de comunicação. Uma escola sem medo de conviver com eles, chegando mesmo até, risonhamente, a dizer: ‘Vem cá, televisão, me ajuda! Me ajuda a ensinar, me ajuda a aprender!’” (FREIRE; GUIMARÃES, 1986, p. 24).

Mas é claro que tamanha transformação da escola, com os meios, merece uma dose também considerável de coragem. Freire (idem, p. 31) dá uma pista de como isso poderia acontecer, o que teria repercussões diretamente no cotidiano da sala de aula.

“A primeira coisa que a gente teria que fazer nessa área de experiência era ter a coragem –mas uma coragem que te confesso imensa!–, coragem diante de nós, diante do chamado poder instituído, diante da imprensa, dos pais e dos alunos ... a coragem de dizer: ‘Não faz mal que, no final do ano, não se tenha chegado ao fim do programa. O que é fundamental é que a criançada tenha chegado, feliz, a perceber que pode e que deve conhecer!’”

A dimensão da compreensão de Freire sobre a relação comunicação e educação é reconhecida hoje pelos próprios teóricos da comunicação, que insistiam em tentar caracterizar no pensamento comunicacional latino-americano idéias que pudessem constituir uma expressão autóctone de nossa realidade comunicativa. As orientações européias, convertidas à Escola de Frankfurt, e o pragmatismo de comunicação como efeito dos norte-americanos não davam mais conta da complexa teia de intrincadas mediações que constituíam as sociedades de abaixo-Ecuador.

E o reconhecimento do ineditismo de Freire parte exatamente de um daqueles que tenta desvendar esse emaranhado de mediações latino-americanas. Martin-Barbero identifica nas compreensões de Freire “la primera aportación innovadora desde latinoamerica a la teoria de la comunicación se produjo en e desde el campo de la educación” (2002, p. 19). E identifica no sentido da palavra geradora, da teoria da alfabetização de Freire, o elemento essencial nesse reconhecimento, embora que tardio. A palavra geradora seria considerada aquela que

“a la vez que se activa, despliega el espesor de significaciones sedimentadas em ella por la comunidad de los hablantes se hace posible la generación de nuevos sentidos desde los que reinventar lo presente y construir futuro” (idem, p. 19 e 20).

E insiste:

“es a eso que llamo, sin el menor reato de chauvinismo, da primera teoria latinoamericana de comunicación, ya que no sólo tematizó prácticas y procesos comunicativos de estes países sino que puso a comunicar a América Latina consigo misma e com el resto del mundo” (idem, p. 20 e 21).

A aproximação entre a palavra geradora de Freire e as matrizes culturais de Martin-Barbero faz crer que o reconhecimento, embora que tardio, já tinha ensaiado os passos iniciais há bem mais tempo. A palavra geradora, carregada de sentido, assume a expressão concreta da resistência histórica que identifica as matrizes culturais das comunidades latinoamericanas. E que tende a estabelecer as mediações necessárias à compreensão e reflexão do que é comunicado. Processo educativo em curso no limiar da comunicação? Uma interpretação possível.

Todas essas relações vão permitir que Patrício (1995) tente identificar os elementos que constituem o que ele chamaria de princípio educativo do rádio, retomando uma compreensão mais sistêmica que tenta relacionar todo o processo de comunicação, afastando-se da tentativa de isolacionismo dos elementos educativos no processo comunicacional ora no emissor, ora na mensagem, ora no receptor, ou mesmo no próprio ambiente da comunicação. A idéia é de compreender na sua completude o viés educativo do ecossistema comunicacional.

Se partimos do princípio de que todo receptor é ativo, e mais do que isso, que é pelo consumo que se realizam as mediações desse receptor, aqui no caso através dos meios de comunicação de massa, perceberemos que os meios de comunicação carregam, em si, características que apontam para um princípio educativo de suas mensagens. Princípio educativo entendido aqui como um processo em que uma determinada mensagem é percebida; processo que desloca sentidos, possibilita mediações. Aliás, se formos adiante, nesse esforço de elaboração, poderíamos afirmar que se determinada mensagem é percebida, seja ela de forma pessoal e intimista, interpessoal ou mesmo coletiva, ou seja, através de qualquer meio, e mesmo se pensarmos que o intimista também perpassa o interpessoal e o coletivo, essa mensagem carrega em si potencialidades de princípio educativo, antes de tudo porque percebida.

O simples processo de perceber evidencia um deslocamento de sentidos, o estabelecimento de mediações. Inclui-se, aqui, mesmo a comunicação emocional. Amplia-se, a partir de Freire (1988, p. 70), o sentido que possa ter a comunicação. Para ele, a comunicação “implica na (sic) compreensão pelos sujeitos interlocutores do conteúdo sobre o qual ou o propósito do qual se estabelece a relação comunicativa”. O caráter fundamental da comunicação emocional seria, assim, a acriticidade. Daí que a comunicação emocional poderia realizar-se tanto entre o sujeito “A” e o sujeito “B”, como, em uma multidão, entre esta e um líder carismático. Mesmo assim sua característica principal seria a acriticidade. Mas quando analisamos a caracterização que fizemos do princípio educativo, percebemos que mesmo a comunicação emocional pode deslocar sentidos, estabelecer mediações.

O problema é que, a partir da incorporação da noção de comunicação emocional, estaríamos compartilhando de uma tese behaviorista para o princípio educativo. Por exemplo, se caracterizamos o princípio educativo como um processo de simples deslocamento de sentidos, estabelecimento de mediações, poderíamos também chegar a dizer que um rato, ao ser adestrado com choques elétricos para realizar determinados movimentos, ao receber esses choques e deslocar sentidos, estaria tomado por um princípio educativo? Não teríamos que qualificar esse deslocamento de sentidos e esse estabelecimento de mediações? Sim, e essa qualificação não recairia apenas sobre o conteúdo ou sobre o propósito da comunicação, como poderia sugerir a fala de Freire.

Se relacionarmos princípio educativo ao conteúdo ou ao propósito da comunicação estaremos nos concentrando ou na própria mensagem –conteúdo– ou na ponta da produção da mensagem –seu propósito. E esqueceríamos mais uma vez o papel ativo do receptor dessa mensagem. O princípio educativo poderia ser qualificado pelo uso social que o receptor faz da mensagem, sua apropriação cultural. Deslocar sentidos, estabelecer mediações? Tudo bem! Mas esse deslocamento e esse estabelecimento perpassados pelo uso social e apropriação cultural da mensagem.

Ao confundimos princípio educativo com deslocamento de sentidos, estabelecimento de mediações, e considerando que essas mediações se ligam a matrizes culturais, nada melhor que o rádio, um meio intrinsecamente relacionado às nossas matrizes culturais, uma tecnologia culturalmente apropriada, para dar conta desse princípio educativo. E o rádio, por conta disso, desde o seu começo se vinculou aos processos de educação ditos “não-formais”, “informais” ou “não-escolares”. Uma outra face do processo educativo na comunicação.

Partindo-se desses pressupostos, e apoiados em nossa experiência de 15 anos desenvolvendo projetos que tentam articular comunicação e educação, outras inferências podem ser feitas, agora mais próximas da práxis da comunicação educativa. Mais uma vez ressaltamos que essas inferências partem da compreensão sistêmica do ecossistema comunicativo. As considerações isoladas ora à produção, ora à mensagem, ora à recepção, ora ao contexto são parciais, no sentido de uma caracterização mais didática desses momentos. Uma tentativa de ampliação do conceito de didática da comunicação educativa.

Para se ter um processo que leve o nome de comunicação educativa, há que se levar em consideração, na etapa de produção, a percepção do contexto. É essencial que as matrizes culturais sejam consideradas quando da produção da comunicação. Nesse momento entra em definição a escolha do melhor meio para a veiculação da produção. Deve ocorrer uma sintonia fina entre o contexto, o público com o qual interagem as mensagens produzidas e o meio. Quando mais intrinsecamente pensados, mais favorecidas as possibilidades de mediações, mais provável o deslocamento de sentidos.

Outro aspecto que deva ser considerado na produção de uma comunicação educativa é a qualidade técnica da produção. Muitas vezes, quando a comunicação é produzida para setores da população com níveis escolares baixos, incorre-se na impropriedade de produtos com baixa qualidade técnica. Mesmo com baixos níveis escolares, esses setores desfrutam de um senso de estética. E mesmo que não tivessem, a limpidez da produção de uma comunicação educativa faz o diferencial entre a percepção e a compreensão da mensagem.

Ainda em torno da produção de uma comunicação educativa, a linguagem radiofônica aparece como um capítulo à parte. Que características deve ter essa linguagem para produzir um deslocamento de sentidos? Voltamos a pensar da palavra geradora de Freire. Para ser geradora, a palavra deve estar incorporada ao à experiência vivida de quem a escuta, para que se torne expressiva, significativa. E essa percepção reflete novamente no processo de produção. Quanto mais centralizado, maior a probabilidade de que sua linguagem esteja afastada das experiências vividas por seus ouvintes. Daí a crítica que se fazia ao Mobra, e suas palavras “geradoras” definidas nos estúdios da Rádio MEC, em Brasília.

Outra possibilidade de deslocamento de sentidos pela linguagem radiofônica está relacionada à sua própria estrutura. Uma linguagem que seja excessivamente assertiva, sem deixar brechas ou possibilidades de dúvidas, corre o risco de condicionar o processo de recepção. Em sentido contrário, quando a linguagem radiofônica apela para construções que questionam, que levantam dúvidas, que geram inquietações no momento de percepção, há uma propensão de que possam ocasionar reflexões por parte da recepção. Um formato bastante utilizado para concretizar essa idéia é a linguagem construída por interrogações. A pedagogia da pergunta.

As características técnicas do próprio meio também condicionam a linguagem radiofônica, no caso específico, para o alcance de uma comunicação educativa. Um princípio primário invariavelmente está presente nos princípios da construção dessa linguagem. É o que faz referência à impossibilidade, a princípio, de se ouvir mais de uma vez o que foi irradiado. Diferentemente do jornal impresso, em que o leitor pode caminhar à vontade, e em todas as direções, pelo texto impresso. E voltar a ele sempre assim que o quiser.

A repetição voluntária de trechos na locução faz parte da tentativa da linguagem no rádio ultrapassar esse aparente problema. A utilização de frases curtas e a construção das frases sempre em ordem direta são outras estratégias utilizadas. As marcações de entonação e a interpretação do texto também colaboram para que o processo de escuta seja o mais significativo possível. Do mesmo modo que a linguagem, que a fala, um outro componente que pode induzir o processo de reflexão na recepção é o silêncio. Inimaginável para um veículo de comunicação que se sustenta em sua tagarelice, o silêncio aparece como momento privilegiado de percepção significativa..

Dento do processo de definição do conteúdo de uma comunicação educativa, necessário se faz trabalhar em relação estreita com o cotidiano. A relação com o cotidiano traça uma referência que anima o receptor a pensar a mensagem. É nessa relação com o cotidiano que se insinua a brecha para se trabalhar os estereótipos e preconceitos. Não se pode fugir da realidade de que o dia-a-dia das pessoas é pontuado por esses estereótipos e preconceitos. Esse é o cotidiano. Mas, a partir da discussão crítica desses estereótipos e preconceitos é possível se colocar outros elementos que fogem à percepção rotineira das pessoas.

Acaba-se por criar uma tensão situacional entre momentos de estereótipos e diversidade criadora, que leva o receptor a uma situação dúbia ante o estereótipo anteriormente introjetado, gerando um momento de reflexão. Daí que não seja prudente a aposição de “lições de moral” ao final de mensagens comunicacionais educativas. A lição de moral gera uma acomodação, inibindo o processo de reflexão criativa. Essa relação com o cotidiano também é potencializada a partir da valorização dos saberes socialmente construídos pelo público receptor, o que potencializa a referência a suas matrizes culturais.

Melhor ainda quando se sabe que os saberes socialmente construídos partem de um processo de construção coletiva, o que remete, necessariamente, a linguagens e valores que se transformaram em imaginário de massa.

Ainda sobre o contexto, a compreensão da comunicação é potencializada para bons entendedores. E um dos pontos de partida para bons entendedores é quando os

participantes da comunicação estão sob um mesmo contexto, ou sob uma mesma compreensão de contexto. E o contexto é diverso, daí que um processo de comunicação educativa deve estar aberto à diversidade, seja do contexto, seja das possibilidades de interpretação que venha a suscitar. Abandona-se a compreensão uniformizante da cultura para a compreensão de uma cultura plural, mas que alicerçada em matrizes culturais que mantenham diálogo entre si. E a recepção pode ser potencializada.

Já a definição do formato de uma comunicação educativa parte da aproximação entre produção e conteúdo da comunicação. Daí que sugere algumas especificidades. Quais são as características da produção e do conteúdo de uma comunicação educativa que definem o formato dessa comunicação? Algumas dessas características foram colocadas nas discussões anteriores. Diálogo permanente com o público receptor, na perspectiva da sinceridade da troca de saberes e da possibilidade de continuidade do processo de comunicação; relação com o cotidiano, daí a menção a situações de conflito que muitas vezes embutem resquícios de estereótipos e preconceitos; diversidade de tipos e situações que palmilham esse cotidiano, fugindo-se da estrutura massificante e homogeneizadora de uma comunicação direcionada. E existem formatos, nos diversos meios de comunicação, que se aproximam dessas características. No rádio, por exemplo, o formato que consegue forjar uma comunicação educativa pode ser o radiodrama ou o rádio-fórum.

Foi partindo das iniciativas desenvolvidas em torno das práticas da comunicação educativa que Soares (s.d.) traçou o perfil do profissional que desenvolve ou pesquisa iniciativas de educomunicação, como ele denomina a articulação entre as áreas da comunicação e educação. Ao mesmo tempo, nomina a figura do educador, que seria o profissional responsável por fazer a articulação entre as duas áreas no processo de produção da comunicação.

Para chegar ao perfil desse profissional, foi realizada uma pesquisa pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa foi realizada entre 1997 e 1998. Dela participaram 178 especialistas representando 12 países da América Latina. Os dados partem do Diretório Latino-americano de Pesquisadores e Especialistas em Comunicação e Educação, formado ao longo dos anos 80 e 90, totalizando 1.200 nomes

de produtores culturais, arte-educadores, tecnólogos, professores, pesquisadores e profissionais de comunicação e de educação de toda a América Latina.

A relação desses profissionais com a educomunicação se situa na esfera da produção acadêmica, por seu trabalho como coordenadores de programas e projetos na área da comunicação educativa e por sua participação em congressos voltados ao mesmo assunto. Note-se que o levantamento é parcial, uma feita que, embora a produção acadêmica possa ter articulação com o que é desenvolvido pelos movimentos sociais, é inegável que muitas das experiências que poderiam ser consideradas educomunicativas, sob a ótica de Soares, não têm acesso ao Diretório.

O questionário respondido por 178 especialistas indagava, basicamente, sobre a natureza da inter-relação em estudo, sobre as várias áreas de atividades dela resultantes e sobre o perfil dos trabalhadores a ela dedicados. Do total, 67,61% são brasileiros e 32,29% latino-americanos e espanhóis. Especificamente, 7,95% são da Argentina; 7,39%, da Espanha; 3,41%, do México, além de um número percentualmente menor - ao redor de 1,70% em cada caso - de latino-americanos residentes em países como Venezuela, Uruguai, Cuba, Chile, Bolívia, Peru, Paraguai, Israel, França e Itália.

O que o projeto pretendeu - através da análise dos dados primários extraídos dos questionários, das entrevistas, assim como do conjunto de informações obtidas nos workshops, seminários e congressos promovidos pelo NCE, ao longo de toda a investigação - “foi identificar como se estabelecem, no mundo contemporâneo, os espaços transdisciplinares que aproximam, tanto de forma teórica quanto programática os tradicionais campos da Educação e da Comunicação”. (SOARES, s.d, www.usp.br/nce).

A pesquisa partiu da evidência de que transformações “profundas vêm ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, levando a uma derrubada de fronteiras, de limites, de autonomias e de especificações”. Ao seu final, a investigação concluiu que efetivamente um novo campo do saber mostra indícios de sua existência, e que já pensa a si mesmo, produzindo uma meta-linguagem, elemento essencial para sua identificação como objeto autônomo de conhecimento: o campo da inter-relação Comunicação/Educação.

Alguns resultados da pesquisa (SOARES, s.d., www.usp.br/nce):

- ❑ 50% dos especialistas atuam nas universidades, dedicando-se à pesquisa sobre a inter-relação Comunicação / Educação;
- ❑ 47% atuam em escolas, dedicando-se a trabalhos voltados para um melhor conhecimento do sistema de comunicação, desenvolvendo, junto aos alunos, ou junto a outros segmentos da sociedade, trabalhos na linha da leitura crítica da comunicação ou da educação para a comunicação, quer através de algum projeto específico quer através da prática curricular normal;
- ❑ 30% dos entrevistados declararam que coordenam projetos de uso das tecnologias na educação, destacando-se entre estes usos o emprego do jornal, do vídeo e do computador em sala de aula;
- ❑ 19% atuam em empresas e centros culturais, desenvolvendo atividades voltadas para o planejamento e implementação de projetos, sendo classificados como gestores da comunicação no espaço educativo;
- ❑ 7% do público pesquisado se dedica a atividades voltadas para a área da comunicação cultural com ênfase na utilização das várias linguagens artísticas.

Diversidade presumível quando se relacionam duas áreas distintas do conhecimento, e com propostas epistemológicas que até bem pouco tempo não pareciam propensas à uma aproximação. Mas, esses profissionais se vêem enquanto educadores?

“Quando os entrevistados foram perguntados sobre como definiriam o trabalho do Educador, a maioria o viu como um ‘professor’ em sala de aula, quer desenvolvendo trabalhos de ‘análise crítica dos meios’, quer desenvolvendo ‘projetos tecnológicos na educação’. Isto é, um professor vinculado a uma das subáreas constitutivas do novo campo”. (Idem).

A pesquisa ainda se preocupou em saber quais seriam os valores educativos que dariam sustentação às práticas educacionais desses profissionais. Entre elas (SOARES, idem), a opção por se aprender a trabalhar em equipe, respeitando-se as diferenças; a valorização do erro como parte do processo de aprendizagem; e a alimentação de projetos voltados para a transformação social.

A ação concreta desses profissionais estaria definindo o fortalecimento de quatro áreas de atuação (SOARES, s.d., www.usp.br/nce), que devem ser consideradas enquanto um esforço de sistematização, não sendo as únicas nem as definitivas em torno do processo de construção do campo de estudos da educomunicação.

- ❑ A área da educação para a comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação, assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios (*Educação para a Comunicação*, "*Media Education*" ou "*Media Literacy*"). Existem distintas vertentes na área da educação para a comunicação, o que compreende desde posturas defensivas, de cunho moralista, até projetos que se caracterizam por implementar procedimentos voltados para a apropriação dos meios e das linguagens da comunicação por parte das crianças e jovens. Verifica-se, por outro lado, uma crescente tendência de se buscar sustentação teórica para tais programas nos resultados dos chamados "estudos de recepção". Nesse sentido, ainda que o destino dos estudos das audiências não seja principalmente o uso pedagógico, os educadores o tomam como parte integrante de seu acervo de dados e informações;
- ❑ A área da mediação tecnológica na educação, compreendendo os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação. A área da mediação tecnológica na educação vem ganhando grande exposição devido à rápida expansão dos sistemas de educação, tanto o presencial e quanto o a distância. Sabemos que os recursos tecnológicos clássicos, como o rádio e a televisão, tiveram dificuldade de ser absorvidos pelo campo da educação, especialmente por seu caráter lúdico e mercantil. Tal fato foi o principal responsável pela resistência dos educadores em dialogar com as tecnologias. O computador veio abalar essa dicotomia, pois possui em si mesmo os meios de produção de que o pequeno produtor cultural - o aluno e o professor - necessitam para seu trabalho diário. Devemos lembrar que a grande maioria dos *sites* são produzidos e dirigidos por centros de pesquisas científicas.
- ❑ A área da gestão comunicativa, designando toda ação voltada para o planejamento, execução e avaliação de planos, programas e projetos de intervenção social no espaço da inter-relação Comunicação/Cultura/Educação, criando ecossistemas

comunicativos. O conceito de *Gestão* é aqui empregado para designar toda ação voltada para o planejamento, execução e avaliação de planos, programas e projetos de intervenção social no espaço da inter-relação Comunicação/Cultura/Educação, criando *ecossistemas comunicativos*. A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas, nas editoras e centros produtores de material didático, nas instituições que administram programas de educação a distância, nos centros culturais, entre outros. O que caracteriza a gestão é a costura que alcança produzir, através da ação prática, entre as várias vertentes que aproximam a Comunicação e a Educação. É o componente pragmático do processo explicado teoricamente pela reflexão epistemológica.

- ❑ A área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação como fenômeno cultural emergente, o que, no campo da academia, corresponde ao conjunto dos estudos sobre a natureza do próprio fenômeno constituído pela inter-relação em apreço. Entende-se como pertencente a esta área tanto um projeto de pesquisa voltado para o entendimento e a legitimação do novo campo quanto todos os programas de investigação sobre cada uma das vertentes que compõem a inter-relação em apreço. É, na verdade, a reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que garantirá unidade às práticas da Educomunicação, permitindo que evolua. A própria pesquisa realizada situa-se nesta área, assim como boa parte das reflexões produzidas pelos pensadores de quem nos servimos para a constituição do corpo teórico do trabalho.

As dimensões de atuação levam Soares (idem) a conceituar o novo campo. Educomunicação seria “toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos”. Um detalhamento importante seria qual a compreensão em torno do “espaço educativo”, qual seu alcance e amplitude. Presume-se, pela orientação da linha de pensamento, e pela diversidade de atuação, que Soares se refere ao espaço educativo tanto aqueles perpassados por processos formais, como a escola, ou inseridos em processos não-formais, como a atuação dos movimentos sociais. Comprova-se essa afirmação em outro texto de Soares (Uma educomunicação para a cidadania, s.d., www.usp.br/nce), quando afirma que,

“em decorrência da ação das organizações sociais, à margem da Universidade e do sistema escolar formal, a união estratégica entre os campos da Comunicação e da Educação vem ensejando a emergência de um novo campo de intervenção social [que] não respeita, na verdade, as fronteiras da ‘formalidade’ ou da ‘informalidade’ das situações e dos projetos educativos”.

Partindo dessas premissas, Geneviève Jacquinet, da Universidade Paris 8, elabora as principais características da atuação profissional. O educador seria o profissional

- ❑ Consciente de que uma educação de “massa” e “multicultural” situa-se além da simples aquisição de conhecimentos escolares;
- ❑ Que vê nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos certos, mas também pela maneira em que eles oferecem uma representação do mundo, donde a necessidade de analisar e comparar, visando retificar as ditas representações;
- ❑ Que está convencido que uma emissão não é um ato “passivo”, mas mobiliza uma quantidade de “micro-saberes” acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dá sentido;
- ❑ Que sabe que, quando ele introduz os meios como objeto de estudo, não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do “poder” econômico e ético (político) que os produz, das “montagens do discurso e da cena” que constrói as mensagens e da ausência que lhes dá “sentido”;
- ❑ Que aceita um novo referencial para a relação educador-educando: o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informação ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado);
- ❑ Que aceita que entrem na escola outros universos e outras modalidades de apropriação da realidade: em particular ele pode, a partir das emoções provocadas pela televisão, trabalhar sobre diversas “abordagens do real” e construir progressivamente um pensamento rigoroso.

Ou seja, nada que não estivesse na base dos princípios da educação problematizadora de Freire. Apenas levando em consideração a especificidade da aparição dos meios de comunicação de massa. Mesmo assim, aqui voltados, quase que

exclusivamente, para os espaços formais de aprendizagem, mais especificamente a escola. Nada que uma boa leitura crítica do mundo, através de uma ação mediatizada, nesse caso pelos meios, não contemplasse. E, mais que isso, numa ação concretizada como prática da liberdade, o que dá o tom da abrangência do via a ser da teoria freireana.

Essa possível lacuna nos estudos de Soares, quando prioriza o estudo das práticas educacionais a partir das ações desenvolvidas no âmbito acadêmico, tenta ser recuperada por Peruzzo (s.d., www.usp.br/nce), que trabalha na análise de processos educacionais na espera dos movimentos sociais, populares, organizações não-governamentais e terceiro setor. Âmbito da educação informal,

“quando as pessoas se mobilizam, se organizam ou se envolvem em organizações já existentes para assegurar a observância dos direitos fundamentais da pessoa humana e/ou para tratar de temáticas sociais mais amplas que dizem respeito ao conjunto da sociedade, como, por exemplo, questões relativas à ecologia, à construção da paz e da própria vida no planeta”.

Assim, vincula as práticas educacionais a uma “educação para a cidadania”, cidadania compreendida enquanto a) direitos no campo da liberdade individual: liberdade, igualdade, locomoção e justiça; b) direitos de participação no exercício do poder político: participação política em todos os níveis: eleições, plebiscitos, participação em órgãos de representação, tais como sindicatos, movimentos e associações; c) direitos sociais: direito e igualdade de usufruto de um modo de vida digno, através do acesso ao patrimônio social, ligado ao consumo, ao lazer, condições e leis do trabalho, à moradia, à educação, à saúde, a aposentadoria etc.

Novamente o novo campo de intervenção social se aproxima de uma interpretação sistêmica das relações sociais, de um modelo de sociedade, assim como o fizera Kaplún. Essa relação ampla partiria de uma base concreta dos processos comunicacionais vinculados a uma prática cidadã conseqüente, do que se convencionou chamar na América Latina de comunicação comunitária, alternativa ou popular, desde o aparecimento das rádios mineiras bolivianas até a participação ativa da imprensa operária e sindical nos anos de ditadura do Brasil.

Peruzzo identifica na atuação desses atores políticos (movimentos sociais e populares, organizações não-governamentais e entidades representativas do terceiro setor) formas próprias de comunicação como

“algo engendrado a partir de toda a ação social transformadora, e ao mesmo tempo, como força intrínseca e propulsora deles próprios. Nesse patamar se desenvolve, simultaneamente, todo um processo educativo, no sentido da educação informal, o que o caracteriza como um dos ambientes propícios para efetivação das relações entre comunicação e educação”..

Ao aproximar comunicação e educação no âmbito da educação para a cidadania, Peruzzo se apóia em Kaplún (1999, p. 74), quando esse aborda as múltiplas compreensões do educar-se.

"Educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. O sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e por à disposição dos educandos. Uma Comunicação Educativa concebida a partir dessa matriz pedagógica teria como uma de suas funções capitais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados a promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos. Esse desenvolvimento supõe a geração de vias horizontais de interlocução".

Seria no contexto da ação desses movimentos que

“se desenvolvem experiências de uma comunicação que pode ser denominada de popular ou comunitária, a qual evidencia características próprias, entre elas, o exercício da participação direta. Ali se faz possível que os receptores das mensagens dos meios de comunicação se tornem também produtores das mesmas, se tornem emissores do processo de comunicação”. (Peruzzo, s.d., www.usp.br/nce)

A participação na comunicação seria um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que “possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados”, o que resulta num processo “educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura”. (PERUZZO, idem)

Peruzzo ainda identifica na atuação dos meios de comunicação comunitária duas instâncias educativas. A primeira, estaria situada no âmbito dos processos; a segunda, a partir dos conteúdos de suas mensagens.

Por seus conteúdos podem disseminar o legado do histórico do conhecimento, facilitar a compreensão das relações sociais, dos mecanismos da estrutura do poder (compreender melhor as coisas da política), dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos da pessoa humana e discutir os problemas locais. Podem facilitar a valorização das identidades e raízes culturais. Pelos processos, a participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem protagonistas da comunicação e não somente receptores.

“As relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e de instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem quanto pelo que aprendem através da vivência, da própria prática. Por exemplo, a seleção de notícias a que a pessoa se vê obrigada a fazer na hora de montar o noticiário na rádio comunitária, bem como os demais mecanismos que condicionam o processo de produzir e transmitir mensagens com os quais se depara cotidianamente, lhe tira a ingenuidade sobre as estratégias e as possibilidades de manipulação de mensagens pelos grandes meios de comunicação de massa. Passa a conhecer as possibilidades de seleção das mensagens, os conflitos de interesses que condicionam a informação ou a programação, a dinâmica do mercado publicitário, além da força que tem um veículo de comunicação, tal como o rádio, o jornal, a televisão etc.” (Peruzzo, idem)

Em sua análise, ao identificar na instância da participação uma das possibilidades educativas da comunicação comunitária, Peruzzo restringe a amplitude que esse processo possa ter, por conta de serem ainda restritas, embora significativas e crescentes, as experiências no campo dos movimentos sociais, populares e do terceiro setor que utilizam a comunicação a partir de um projeto de transformação social. Mas ela sinaliza que a dimensão do conteúdo, mesmo que isolada, pode assegurar certo grau de potencialidade educativa ao produto comunicativo, pois, de acordo com sua

orientação, teria o “potencial de contribuir na formação da consciência crítica e ampliação do nível de conhecimento dos emissores e dos receptores”.

As proposições de Peruzzo se situam num ecossistema comunicacional ainda voltado para a presença de experiências de comunicação de alcance restrito. É dada ênfase a participação das comunidades em meios de comunicação circunscritos a bairros ou a certas categorias profissionais que se organizam em associações sindicais. No entanto, o aparecimento das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) colocam um novo desafio à inter-relação comunicação e educação. Ampliado o alcance, ampliadas as possibilidades de participação, como se comportam os conteúdos e os processos interativos num ecossistema comunicacional dominado, agora, pela indefinição da direção dos fluxos de informação? Como se constitui o princípio educativo da comunicação nesse novo ambiente?

Esse período de transição é percebido por Tornero (2000) a partir de uma correlação entre ecossistema comunicativo e sistema educativo, anterior ao advento das novas TICs mas associados a partir da configuração de uma sociedade de massas, dentro do marco de uma economia capitalista industrial. Nessa configuração, haveria uma relação entre as características que aproximavam os meios de comunicação de massa e sua correspondência no sistema educativo formal. Embora excessivamente dualista, no limiar de uma sociedade que insinuava toda uma complexidade, a análise de Tornero (p. 33) pode dar pistas para que as interconexões dessas características possam ser visualizadas.

A partir dessa compreensão, a centralização da informação era a base do ecossistema comunicativo, que correspondia a uma gestão burocrática e centralizada do sistema educativo; a uma rigidez da programação dos meios de comunicação haveria uma correspondência tendo por base a rigidez curricular do sistema formal de ensino; o modelo difusionista dos meios encontrava co-relação no modelo instrucionista da escola; a padronização dos produtos, consequência da rigidez da programação, encontrava, por sua vez, a normalização dos sistemas de aprendizagem como característica do sistema educativo; já a regulação nacional da informação, no ecossistema comunicacional, espelhava o controle nacional do sistema educativo; e, por

último, a passividade do consumidor-receptor da comunicação encontrava no sistema educativo o apreço à memorização dos conteúdos.

A insurgência de processos sociais que caracterizam o que poderia ser chamada de uma sociedade da informação, baseada nas TICs, e nas transformações resultantes de sua inserção, começam a abalar essa convivência quase que pacífica entre ecossistema comunicativo e sistema educativo. Tornero (2000b, p. 45 a 48) explicita como a sociedade da informação estaria impactando o sistema educativo formal.

Inicialmente, a escola deixa de ser a depositária privilegiada do saber, pelo menos do saber considerado socialmente relevante. A sociedade conta hoje com dispositivos de armazenamento, classificação, difusão e circulação muito mais versáteis, disponíveis e individualizados. Desse modo, tampouco as escolas ainda se sustentam como âmbito privilegiado da transmissão da educação, ou do conhecimento sistematizado, segundo suas orientações ideológicas. Se a educação tem a ver com normas, atitudes e valores, os meios de comunicação, as cidades, as modas se converteram nos mais poderosos sistemas educativos do momento.

Outro impacto seria que a escola talvez seja a instituição mais eficaz no processo de aprendizagem do ler e escrever, mas o processo de alfabetização para uma sociedade da informação estaria exigindo mais que a escola tradicional poderia suportar. Essa nova alfabetização exigiria processos relacionados à linguagem audiovisual e da informática. Hoje, as crianças estariam sendo alfabetizadas na linguagem audiovisual e na informática fora da escola, num processo de erros e acertos, aproveitando sua capacidade de exploração e ensaio. E construindo sua autonomia.

Nesse contexto, ainda segundo Tornero, os professores já não são considerados aqueles que atestam todas as habilidades e sabedorias. A reverência e devoção, que eram características na relação entre professor e aluno, estão sendo postas em questão. Os estudantes dispõem de muitas fontes para colocar em prova o saber do professor. Conseqüentemente, a escola já não é mais aquela que dispõe dos únicos instrumentos para a produção e sistematização do saber. Suas bibliotecas são massacradas pela disponibilidade de fontes de informação que são criadas pelo avanço das novas tecnologias.

A escola também já não seria a fonte da racionalidade que fundamenta e explica a ordem social. A organização do mundo, os valores escolares não só podem ser diferentes dos que regem seu entorno, mas, desde a escola, às vezes não é possível explicar mais o sentido dessas transformações. Tornero identificaria como um exemplo dessa compreensão a própria “desorientação e confusão” que estariam vivenciando as mudanças curriculares. Isso repercutiria, também, no caráter pouco prático da escola, em época de transformações tão bruscas. Situada entre a manutenção de um currículo tradicional e as dúvidas acerca da aceitação das transformações de uma nova ordem social, a escola enfrentaria dificuldades para transformar seu ensino em algo a ser utilizado de forma prática pelos estudantes fora da sala de aula.

Por fim, a escola estaria perdendo o poder que lhe havia conferido o sistema social tradicional. A perda do poder prático e de legitimação da escola é produto do pouco valor que os poderes sociais lhe atribuem. Em suma, nos encontramos em “una escuela descentrada de sus funciones tradicionales que dificilmente encuentra su lugar en el mundo moderno del saber” (p. 48).

O papel que até então era desempenhado pela escola, agora é assumido pelos meios de comunicação audiovisuais. Ambiente de socialização, de elaboração e transmissão de valores e formas de comportamento, de padrões de gosto e de estilos de vida, reordenando e desmontando velhas e resistentes formas de intermediação e autoridade que configuravam o estatuto e poder social da escola.

Outras questões

Ao longo do trabalho, algumas questões ainda ficaram em aberto, prontas para aguçar a curiosidade de outros pesquisadores. Fazemos um apanhado dessas questões, concentrando-nos em questões mais gerais. Algumas questões específicas, lançadas também ao longo do trabalho, podem ser respondidas a partir de um retorno às fontes de pesquisa.

Um conjunto dessas questões foi colocado quando o Correio do Ceará anunciava a inauguração de uma amplificadora no bairro da 'Pogangaba'. A essa altura, indagávamos: Seriam as rádios livres se insinuando já na década de 1930, em Fortaleza? Em contraposição ao acesso à tecnologia apenas dos mais ricos? Em outra ocasião o Correio do Ceará publica a carta de um leitor 'incomodado' com o barulho feito por um sistema de auto-falantes próximo de sua casa. Os que têm a comunicação comunitário como linha de pesquisa podem se deliciar com essas novas possibilidades.

Certamente uma dimensão ainda inexplorada de análise, e que me desperta bastante interesse, poderia se dar com educadores das décadas de 1930 e 1940. Como eles perceberam o surgimento da tecnologia rádio? Que mudanças eles perceberam nos processos de aprendizagem? E a escola, como a escola reagiu a esse novo contexto? Que repercussões trouxe na relação entre aluno e professor, geralmente uma professora? Certamente a partir da conversa com observadores mais que atentos aos novos processos de aprendizagem, os educadores, essa discussão poderia complementar as relações que estabelecemos a partir de uma análise específica do meio de comunicação rádio.

Uma pista. Cavalcante (2000b) faz um recenseamento das principais temáticas discutidas aqui, em Fortaleza, em 1934, durante a 6ª Conferência Nacional de Educação, e não encontra nenhuma referência aos meios de comunicação. Embora o Manifesto dos Pioneiros, escolanovista e lançado em 1932, defenda que a “a escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio, com que a ciência, multiplicando-lhe a eficácia, acudiu à obra de educação e cultura e que assumem, em face das condições geográficas e da extensão territorial do país, uma importância capital”. E o Correio do Ceará, edição de 23/11/1946, traga uma matéria sobre a participação de Fernando Tude de Sousa no décimo congresso anual dos educadores americanos que se “dedicam a ensinar através do rádio”. O autor da matéria, o próprio Fernando Tude, apresentou a experiência do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação do Brasil. Ele apresenta, como dado, que o Serviço possui uma emissora de rádio educativo de 25 kw.

Uma análise que ainda permanece obscura quando do estudo do rádio na era Vargas seria como essa orientação ideológica era percebida pelos ouvintes. Como os materiais

produzidos especificamente para a difusão dos valores considerados essenciais à construção do projeto de nação, de consolidação do Estado Nacional eram ‘traduzidos’ pelo público? Que uso a população fazia desses materiais? Uma das linhas editoriais dava conta de materiais produzidos especificamente para as escolas. Esses materiais foram utilizados pelos educadores em sala de aula?

O fim do período varguista teria significado uma perda das possibilidades no desenvolvimento da educação pelo rádio, uma feita que cursos, palestras e programas de divulgação reduzem sua participação no conteúdo das programações? Ou não se estaria perdendo grande coisa, face à resposta do público a esses programas?

Merece destaque a percepção da Secretaria de Educação e Saúde, do Ceará, das possibilidades apresentadas pelo rádio em torno do processo educativo. Alguns programas veiculados pela Ceará Rádio Clube, na década de 1949, são produzidos sob a orientação da Secretaria. Teria sido isso uma prática comum nas ações da Secretaria? Ou teria sido esse um momento também esporádico de sua atuação? A Secretaria também mantinha um Serviço de Cinema e Rádio em sua estrutura, aos moldes do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação.

Muitas dessas indagações nos remetem a uma outra pesquisa, dessa feita de recepção, de conversas com os ouvintes que participaram desses momentos do rádio no Ceará. Que, a partir de suas cadeiras, das reuniões com os vizinhos, dos comentários com os amigos e amigas vivenciaram um dos períodos de maior efervescência da história da comunicação no Ceará. Mas, deixemos essa discussão para uma próxima oportunidade.

Encerramos nosso diálogo. Antes um apelo. Para aqueles e aquelas que ainda acreditam em um rádio comprometido com a transformação. Deixemos que um de nossos radialistas, que nos acompanhou nessa jornada, nos faça representar.

“(...) é que o locutor, que está apresentando o programa de rádio, ele se lembre que o rádio tá em todas as casas, todos os lares, tem gente de todas as idades, tem criança. Às vezes você solta um nome feio, não há necessidade. O rádio pra poder ser ouvido não precisa dizer nome feio, não precisa descer, não precisa baixar a sua qualidade. Eu acho que tem público pra que um rádio bom, um rádio de qualidade é isso. O apelo que

eu faço aqui como um velho radialista que não deixou de acreditar no rádio: não, não usem o rádio para, para determinadas provocações, de matérias que não levam a nada, procurem fazer do rádio um instrumento de cultura de convivência pacífica. E das pessoas se entenderem melhor. Esse é que é o papel do rádio e que era o rádio que eu sonhava e que acredito que um dia volte a ser o que era.” (José Júlio)

10 Causos que o tempo não levou

A história do rádio no Ceará não seria a mesma se não estivesse repleta de ‘causos’ acontecidos nos seus mais diversos momentos. Com a palavra, nossos contadores de histórias. Verídicas!

Eduardo Campos

“Tem até um episódio interessante, que o dr. Paulo Cabral era muito Caxias, era o diretor. Eh, foi alçado à figura de diretor, quando eu entrei ele já era diretor, diretor geral. E ele passava, fazia uma revisão em todas as crônicas porque, pra não comprometer o nome da estação, e ele, era o dia do professor, e ele foi ler a crônica, o Otacílio fez a crônica e ele foi [inaudível]. ‘O professor’, o Paulo Cabral tava lendo lá, ‘o professor é isso, o professor é isso, o professor, parabéns ao professor, o professor é eficiente, o professor, indispensável no ensino, e pei, pei, pei’, ai, o dr. Paulo Cabral achou que, na outra página também tinha essa mesma coisa, ai, chi, visou. No outro dia foi a maior reclamação do mundo. A outra página dizia só isso assim: ‘Tudo isso deveria ser o professor, mas o professor não é, o professor falta, o professor não vai, o professor...’. Foi o maior escândalo na cidade. [risos] Otacílio Colares. Tem esse lado anedótico, anedótico não, verdadeiro do rádio, né?”

Narcélio Limaverde

“(...) ele [Zé Limaverde] apresentava pela manhã era o Matutino PRE-9 que muitas vezes era lido do jornal Unitário. Em determinado momento, ele dizia que não tinha sido ele, não tinha sido outro, ele foi e tava lendo uma notícia do jornal e disse: ‘o senhor fulano de tal, foto ao lado’ (risos), mas ele dizia... ele não admitia que se dissesse que ele tinha dado um fora desses, né.”

(...) mas ouvi algo no rádio na época, e nós da minha casa fomos pegados no dia 1º de abril. Foi o seguinte: disseram na Ceará Rádio Clube: ‘ - Hoje nós vamos fazer a primeira experiência de televisão aqui em Fortaleza e para as pessoas participarem têm

que colocar um lençol atrás do receptor de rádio e isso vai acontecer uma hora da tarde comecem a se preparar tem que ser um lençol branco’. Pois na minha casa nós colocamos esse lençol branco de trás do rádio, o momento era uma hora da tarde e quando foi na hora fizeram um barulho muito grande. Aí disseram: ‘- Hoje é primeiro de abril’, e aí toda a cidade foi pegada com o primeiro de abril.”

Valdemar Caracas

“Pois bem, então ‘Puxa faca’ era goleiro do Ferroviário, Joaquim Alves, Puxa Faca. O João Brega, Francisco José Rocha de Oliveira, era ponta direita do Maguary. Teve um jogo do Maguary e Ferroviário e lá pelas tantas... Naquele tempo a gente chamava futebol. Bola é bola não é? Mas teve um tempo, chamavam o ‘couro’, O ‘couro’ tá lá, fulano de tal chutou o ‘couro’, vamos dizer assim, aí negócio de cearense besta tá ouvindo. Então, lá pelas tantas o Brega foi dá uma cabeçada na bola aqui e o Puxa Faca pulou e agarrou a bola. E o Cabral transmitiu como “Puxa Faca arranca o couro da cabeça de João Brega”. Já pensou rapaz? Foi um escândalo, uma coisa... “Puxa Faca arranca o couro da cabeça de João Brega”. [risos] Às vezes contam essa história, mas mal contada, eu conto porque vi. Eu tô lá... “arranca o couro da cabeça de João Brega”.

[No programa A Hora do Calouro. O gongo era o Santana, que tocava um pistão quando o calouro era ruim. O Cabral de Araújo que comandava o programa. Se fosse uma participação importante, tinha a comissão examinadora] Teve uma vez que a comissão examinadora examinou um camarada, era um, era negócio de contar anedota e anedota tem muita com pornografia, né? E o camarada antes de contar, era tão bem feito, antes de contar a anedota no microfone, ele contava na comissão, a comissão examinadora, pois o sujeito contou uma história na comissão examinadora e quando foi contar no microfone, contou outra história pornográfica. Menino, aí foi... aí o Cabral pegou o microfone e disse: “- Como é seu nome”? Ainda me lembro do nome do sujeito. Ele disse: José Vieira Caúla, José Vieira, ele disse e eu decorei ainda hoje, não tem nada escrito não mas eu sei. José Vieira Caúla. “- Olhe, distinto público, a nossa emissora foi enganada por esse indivíduo que contou essa anedota imoral aqui no nosso microfone, contra a nossa vontade, sem nós sabermos, pedimos desculpas ao distinto público, pa, pa, pa”, José Vieira Caúla. [risos]

Quando ele acabava [o programa, dona Anete fala], eu botava cuscuz no fogo, viu, que eu sabia que ele ia comer. Eu ficava de junto do rádio. Quando ele dizia boa noite eu corria na cozinha fazer o cuscuz. Com quinze minutos ele tava em casa.”

José Júlio

Aí você, você tem que fazer a coisa corretamente dentro do programa, o que você não pode fazer é a barbeiragem, o que é... você sabe o que é a barbeiragem no rádio? É quando o cara faz a besteira [ri], a besteira circula. Uma vez, por exemplo, eu tava fazendo um programa e... e era uma radiofonização, não é, dum... duma solenidade de aniversário de inauguração da rádio, da Ceará Rádio Clube. Então a solenidade era lá nos transmissores. O, o narrador veio, que era eu que fazia a narração: “- E agora senhoras e senhores, vamos ter a alegria e a satisfação de assistir à inauguração dos transmissores da Ceará Rádio Clube”. Aí, aí aquela coisa. [José Júlio continua falando como se estivesse narrando o evento] “- Vamos nesse momento ter a alegria, a imensa satisfação de ter a palavra de Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo de Fortaleza, que vai fazer a bênção dos transmissores”. Aí, o dom Manuel fazia as bênçãos, aí eu fazia imitando o dom Manuel: “- Em nome do padre, do filho e do espírito santo, estão inaugurados os transmissores da Ceará Rádio Clube”. O controlista, era uma faixa que tinha muito grande com todos os efeitos sonoros, em vez de colocar palmas, colocou a vaia. [risos] Ôh! Foi uma confusão. O Paulo Cabral veio e disse: “- Seu maluco, seu nego, isso é coisa que você faça, você trocou aqui a coisa.” “-Doutor, eu me atrapalhei.” “- Que atrapalhou coisa nenhuma.” O microfone tem... tem essas coisas, né?

Uma vez, por exemplo, foi o menino, o Lisboa... Você conhece o Lisboa. Zé Lisboa, né, tava fazendo um programa com um outro locutor, ele tava fazendo uma, uma dobradinha num noticiário... Era na Rádio Assunção. E lá na época... eu não sei se foi na Ceará Rádio Clube? Porque esse rapaz trabalhou lá. Eu não me lembro bem qual foi a emissora, eu sei que ele tava lendo o noticiário e ele dizia: - “- De Londres” [dizia um dos locutores]. Aí completava: “- O rei, o rei Jorge V acaba de inaugurar não sei quê, não sei quê.”[dizia o outro locutor, Zé Lisboa] “- De Paris.” Aí vinha: “- O general Charles de Gaulle essa coisa toda.” Aí vinha: “- De, de, de Moscou.” “- O primeiro e tal.” E lá pelas tantas o, o, o, ele disse: “- Lisboa.” Aí o locutor, esqueceu que era... “-

Fala, macho.” [risos]. Pronto, parou assim tudo. “- Fala, macho.” Pois é, isso era o microfone. Era um microfone... era, era uma rádio alegre.

“A cidade está cheia de bocas bonitas, as bocas bonitas da cidade usam batom Gami!”. [risos] O Paulo Cabral me chamava: ‘Que é que há, batom Gami’ [risos]. E, e os meninos brincavam muito comigo o Aécio, o Adécio, o Mozart Marinho, os outros todos. Eu fiquei conhecido como batom... porque eu dava uma força danada ao anúncio: “Batom Gami!”.

Agora também tem os trocadilhos, tinha, por exemplo, a, a Violeta, que era uma colega nossa, quando lia o anúncio, por exemplo, do Peptol. O anúncio dizia isso: “Tenha sobre o seu vidro uma mesa”, não, “Tenha sobre sua mesa um vidro de Peptol”, aí ela foi e leu o anúncio assim: “Tenha sobre o seu vidro uma mesa de Peptol”, trocou o negócio. [risos]

Ela foi ler um anúncio do Licor de Cacau Xavier, aí ela dizia: “Licau de Cocô Xavier”. [risos] Tem muitas boas coisas do rádio.

Eu tenho um episódio comigo, não na época da Ceará Rádio Clube, da época que eu era diretor da, da rádio Verdes Mares. Eu estava na casa de um amigo meu, Adalberto Mota, que é, é, era sogro do, do Assis Machado. Eu estava na casa dele, quando o, o, o, o meu locutor telefona lá pra, lá pra casa do Adalberto Mota, “- Seu José Júlio, tá chegando aqui um ofício do, do, do, da chefatura de polícia...”, ou do Comando da Região, “...dizendo que qualquer notícia que o senhor... que sair no seu jornal tem que ser antes colocado o visto da censura, o visto do departamento... que é que eu faço?” [Júlio suspira]. Aí eu digo: “- Olha, pega um papel aí e anote o que é que eu vou escrever pra você ler no microfone e depois você suspen... baixa, baixa, deixa em, em, em música...” [BG] É. “... e depois você sobe”. Aí eu fiz. “A direção da rede Verdes Mares, sentindo-se impossibilitada de manter o mesmo padrão que vinha dando aos seus jornais, de independência e de liberdade, comunica aos seus ouvintes que a partir desta data a emissora vai deixar de apresentar esse programa. Assina a direção”. Eu digo: “- Faça isso e baixe tudo”. Mas eu tinha um locutor, meio... que ainda hoje é meio alvoroçado, chama-se Cid Carvalho. Cid Carvalho foi quem tava no microfone, quando Cid Carvalho acabou de ler o negócio, ele disse: “- Amigos ouvintes isso é a ditadura, é

o fascismo, nós somos solidários com o nosso diretor...”, e não sei o quê. Eu disse: “- Cid, pelo amor de Deus, Cid. Você vai meter todos nós na cadeia!” [Júlio gesticula, batendo as palmas da mão]. “- Não, não tem importância não”. Aí, ainda bem que era o Murilo Borges, que era um democrata, era uma figura muito boa e tudo, não, não deu muito bola pra, pro, para o que o Cid... Mas era uma provocação. [ri] E assim...

Eu me lembro de um episódio com o Silva Filho. O Silva Filho era um locutor que nós tínhamos lá. Elias de Oliveira Filho. E o Elias era, era assim meio estabonado e um dia o Elias pediu três dias de licença, porque tava com a garganta ruim. Aí o Paulo deu autorização, “- Tá certo, vá, vá tirar suas férias, tá doente da garganta”. Aí, quando foi de tardezinha, o Aderson Braz pegou, viu o Elias entrando no cinema Diogo, que no Diogo tinha uma vespéral que todos nós gostávamos de ir à tarde. Aí o Silva Filho não teve conversa, ô o Elias, ô o Aderson Braz, pegou foi direto no Paulo Cabral. “- Doutor Paulo, o senhor dá uma ordem, dá uma licença para tratamento de saúde do, do Silva Filho e, no entanto, tá o Silva Filho lá dentro assistindo o filme”. “- É possível?” “- É, ta lá assistindo.” Aí, quando o Silva Filho foi entrando, o Paulo Cabral chamou e disse: “- Silva Filho que história é essa, você, você tá... você pede licença aqui e quando acabar você tá assistindo cinema.” Aí, ele disse: “- Doutor Paulo, eu assisto filme é com os olhos, não é com a garganta não.” [risos] Aí o Paulo perdeu a... caiu na gargalhada.

O Peteleco era um grande animador de programa pra auditório. Peteleco era o nome. Ele era irmão do doutor Jurandir Picanço. (...) Veio do Rio e montou um programa aqui, e ele fazia uns programas de auditório muito interessantes. E uma hora lá ele fez uma pergunta ao auditório: qual é o país que se partindo ao meio se come? Aí um gaiato gritou: “- Cuba!” [risos]. Era Japão [risos].

Referências bibliográficas

- ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza: Edições UFC / Casa José de Alencar, 1993;
- AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza descalça: reminiscências*. 2. ed. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 1992;
- BARBERO, Jesús Martín. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987;
- _____, Jesús Martín. *La educación desde la comunicación*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002;
- CALABRE, Lia. Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque. In: *Estudos Históricos*, Mídia. CPDOC/FGV, n. 31, 2003/1;
- CAMPOS, Eduardo. *50 anos de Ceará Rádio Clube: 1934-1984*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará (IOCE), [s.d.];
- CAMPOS, Francisco. *O Estado nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001;
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999;
- _____. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003;
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *João Hippolyto de Azevedo e Sá: o espírito da Reforma Educacional de 1922 no Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2000a;
- _____. Algumas indagações sobre o silêncio em torno da 6ª Conferência Nacional de Educação. In: *História da Educação*. Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação. Pelotas, n. 8, setembro 2000b;
- DÂNGELO, Newton. Ouvindo o Brasil: O Ensino de História pelo Rádio - décadas de 1930/40. In: *Revista Brasileira de História*. vol. 18, n. 36. São Paulo, 1998;
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976;
- FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação (diálogos)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986;
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988;
- _____. *Medo e ousadia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992;
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1975;
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992;

- _____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993;
- GIRÃO, Blanchard. *O Liceu e o bonde na paisagem sentimental de Fortaleza-Província*. Fortaleza: ABC, 1997;
- GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. 2. ed. Fortaleza: BNB, 1979;
- GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978;
- HAUSSEN, Dóris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porte Alegre: Edipucrs, 1997;
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Anuário Estatístico do Brasil*. Ano VIII - 1947. Rio de Janeiro, 1948. Rio de Janeiro, 1948;
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico: população e habitação*. Volume II, Tomo XIV (Ceará). Rio de Janeiro, 1950;
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censos Econômicos: Estado do Ceará*. Rio de Janeiro, 1956;
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estatísticas do século XX*. Rio de Janeiro, 2000;
- KAPLÚN, Mário. *Producción de Programas de Radio: el guión – la realización*, 1973;
- _____. *Processos educativos e canais de comunicação*. Revista Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna/Eca-Usp, jan./abr.de 1999. p. 68-75;
- LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984;
- LOPES, Alice Riberiro Casimiro. “Reflexões sobre o currículo: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar”. *Em Aberto*. Brasília, ano 12, nº 55, abr./jun. 1993a;
- MOTA, Aroldo. *História política do Ceará – 1930 – 1945*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1989;
- NEUMANN, Laurício. *Educação e comunicação alternativa*. Petrópolis: Vozes, 1990;
- NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974;
- NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. *A prática pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2001;
- PARENTE, Josênio C. *Anauê - os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1999;

- PATRÍCIO, Edgard. *Confiança e Credibilidade: encurtando as distâncias na educação pelo Rádio*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação (mimeo.). Fortaleza, 1999;
- PIOVESAN, Ângelo. “Rádio-educativo: avaliando as experiências das décadas 60/70”. In: *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986;
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860 – 1930)*. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001;
- SALGADO, Plínio. O integralismo na vida brasileira. In: *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1958;
- SCHWARTZMAN, Simon et all. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra/FGV, 2000);
- TORNERO, José Manuel Pérez. *Comunicación y educación en la sociedad de la información – nuevos lenguajes y conciencia crítica*. Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, 2000;
- VIDAL, Márcia. *Rádio e política: do microfone ao palanque – os radialistas políticos em Fortaleza (1982 – 1996)*. São Paulo: Anablume, 2000;
- WILLIAMS, Daryle. Gustavo Capanema, ministro da Cultura. In: *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.